

O PRETÉRITO EM ESPANHOL

USOS E VALORES DO
PERFECTO COMPUESTO NAS REGIÕES
DIALETAIS ARGENTINAS

LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO

O PRETÉRITO EM ESPANHOL

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Alessandra Del Ré
Anise de A. G. D'Orange Ferreira
Cristina Martins Fargetti
Renata Coelho Marchezan
Rosane de Andrade Berlinck

LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO

**O PRETÉRITO EM
ESPAÑHOL**

USOS E VALORES DO
PERFECTO COMPUESTO NAS
REGIÕES DIALETAIS
ARGENTINAS

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

© 2013 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – BRASIL CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A69p

Araujo, Leandro Silveira de

O pretérito em espanhol: usos e valores do *perfecto compuesto* nas regiões dialetais argentinas / Leandro Silveira de Araujo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

Recurso digital

Formato: ePDF

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-457-8 (recurso eletrônico)

1. Língua espanhola – Estudo e ensino. 2. Língua espanhola – Instrução e estudo. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

13-07317

CDD: 468

CDU: 811.134.2

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*A meus pais e irmãos, pelo ritmo;
à professora Rosane,
pela magistral regência;
aos amigos, pela letra;
a Yahweh, por mais essa canção.*

*“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo...*

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo...*

*Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo...*

*[...]
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo...*

*Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo tempo tempo tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo tempo tempo tempo...*

(Caetano Veloso, 1979)

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução	13
1 O homem e a língua: uma coexistência em permanente construção	19
2 A dialetologia hispânica: o âmbito espacial da variação linguística	35
3 Temporalidade e aspectualidade: um olhar atento ao sistema da língua espanhola	75
4 O <i>pretérito perfecto compuesto</i> e a Argentina: margeando o fenômeno	121
5 Os valores atribuídos ao <i>pretérito perfecto compuesto</i> nas regiões dialetais da Argentina	207
Considerações finais	245
Referências bibliográficas	251

PREFÁCIO

Rousseau (2008, p.143), em sua clássica obra *Ensaio sobre a origem das línguas*, já em 1759, atribuía às causas físicas mais gerais a diferença entre as línguas. São palavras do autor: “As do sul devem ter sido vivas, sonoras, acentuadas, eloquentes e frequentemente obscuras, devido à energia; as do norte devem ter sido surdas, rudes, articuladas, penetrantes, monótonas, claras, devido mais às palavras do que a uma boa construção. As línguas modernas, cem vezes misturadas e refundidas, conservam ainda algo dessas diferenças”.

Passado muito tempo, venho apresentar este livro, *O pretérito em espanhol: usos e valores do perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas*, de Leandro Silveira Araújo, publicado no Programa de Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduandos da Unesp. O livro trata da diferença em um tópico que tem sido muito produtivo para a comparação entre línguas: o *pretérito perfecto*, ou “pretérito perfeito composto”, em português do Brasil (doravante PB), ou *present perfect* no inglês, ou ainda, *passé composé* no francês. Inicialmente, encerrando uma noção aspectual e temporal, nas diferentes línguas, essa dupla marcação vem se modificando. Em francês, por exemplo, o *passé composé* perdeu sua noção aspectual e hoje mantém apenas a noção de tempo passado. No PB, esse tempo verbal, embora em contextos restritos, ainda mantém o valor de anterioridade em relação ao agora.

Este livro traz uma versão da dissertação de mestrado defendida pelo autor e muitos são seus méritos e os de sua pesquisa. O primeiro deles é de tratar esse tópico linguístico com rigor teórico e metodológico. Além disso, seu estudo revela as subvariedades regionais do espanhol falado na Argentina ao adotar a classificação em sete regiões dialetais proposta por Fontanella de Weinberg (2004). É digna de menção também sua iniciativa de organizar ele mesmo seu *corpus*, recolhendo entrevistas radiofônicas (disponíveis na rede mundial de computadores) de uma grande cidade de cada região dialetal da Argentina. Os números vão além do que se poderia esperar de uma dissertação de mestrado: 33 entrevistas radiofônicas, mais de 57 mil palavras, sendo, em média, mais de oito mil a quantidade de palavras provenientes de cada região.

Não posso deixar de mencionar que, mesmo quando trata de oferecer ao seu leitor dados dos quais poderia ter-se ocupado com menos rigor, o autor mantém seu cuidado. É o que acontece quando, no Capítulo 4, ao detalhar a elaboração do seu *corpus*, trata dos gêneros discursivos e a entrevista radiofônica, o gênero escolhido para compor o seu *corpus*. Uma seção com cara de capítulo, sem dúvida! O mesmo acontece na seção dedicada a tratar da actualidade linguística e da língua espanhola que reúne importantes informações sobre a noção de aspecto que poucas vezes vi descrita com tamanho cuidado.

A obra traz uma importante contribuição para os estudos sobre o *pretérito perfecto* ao oferecer um detalhamento da forma e de sua distribuição nas regiões da Argentina. Portanto, atende não só os interessados pelos estudos descritivos do espanhol, mas também os professores de espanhol língua estrangeira que encontrarão amostras de língua em uso que poderão usar para o tratamento da variação em suas aulas.

Mercedes Sebold
Professora de Língua Espanhola da
Faculdade de Letras da UFRJ

INTRODUÇÃO

O livro folheado pelo leitor resulta de uma adaptação da dissertação intitulada *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto nas regiões dialetais da Argentina*. Trabalho defendido em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Araraquara, sob orientação da professora Rosane de Andrade Berlinck e com fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O objetivo fundamental do estudo foi a análise mais apurada da realização do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina, procurando descrever seu comportamento e os valores que lhe são atribuídos nas regiões dialetais do país. Isso se deve a que, apesar da existência de uma bibliografia significativa que sistematize o uso do *pretérito perfecto compuesto* (PPC), verificamos uma tendência à descrição de uso da forma verbal tal como ocorre em variedades peninsulares (Araújo, 2009). Quando mais atentas à língua espanhola falada na América, essas descrições tornam-se ainda mais breves e tendem a generalizar o valor do pretérito a todas as variedades linguísticas, como se seu uso fosse o mesmo ou estivesse muito próximo. Essa é a postura assumida por Moreno de Alba (2000) e Cartagena (1999) – para citarmos apenas dois autores.

Voltando-nos especificamente ao caso da Argentina, verificamos que as análises do *perfecto compuesto* seguem duas tendências. A primeira, de *generalização*, pode ser verificada nas seguintes asseverações:

[...] apesar de que a segunda forma [PPC] tenda a desaparecer em benefício da primeira [PPS], especialmente em falantes de algumas regiões hispanoamericanas, como *na Argentina*. (Lamiquiz Ibañez, 1969, p.261, grifo nosso) (Lamiquiz Ibañez, 1969, p.261, tradução e grifo nossos)¹

[...] na Argentina há maior disparidade entre o uso das duas formas verbais. Neste país, a forma *he visto* corresponde a 4,7% das 235 ocorrências do pretérito perfecto, e *vi* corresponde a 95,3%. (Oliveira, 2007, p.63, sublinhados nossos)

Como se observa, as informações apresentadas sobre o PPC são assumidas como comuns a todo o território argentino. Não obstante, faz-se necessário destacar que ao menos o trabalho de Oliveira (2007) fundamenta sua conclusão a partir da observação da variedade *bonaerense*, somente.

A segunda postura, de *dicotomização*, é defendida, entre outros, por Gutiérrez Araus (2001) e Jara (2009). Nessa perspectiva, restringe-se fundamentalmente o uso da forma composta a dois blocos opositivos: o da variedade encontrada em Buenos Aires e o de uma variedade “mais ao norte do país”, passando-nos a impressão de que o uso dessa forma verbal demonstra somente dois comportamentos. Salientamos que tanto a postura de *generalização* como a de *dicotomização* inserem-se em um contexto de escassez de pesquisas dedicadas efetivamente à descrição dos valores atribuídos ao PPC – haja vista que grande parte delas restringe-se a informações impressionistas e pouco esclarecedoras.

Diante da ausência de uma descrição um pouco mais aprofundada do uso efetivo do PPC na Argentina, este estudo justifica-se por intentar avaliar com quais valores o emprego da forma composta dá-se

1 “[...] a pesar de que la segunda forma [PPC] tienda a desaparecer en beneficio de la primera [PPS], especialmente en hablantes de algunas regiones hispanoamericanas, como en Argentina.”

nas diferentes regiões dialetais do país; esclarecendo, desse modo, as aparentes variações no uso do *perfecto compuesto* e verificando até que ponto podem-se generalizar diatopicamente esses valores no país em questão. A fim de obter essas informações, analisamos entrevistas radiofônicas (disponíveis na rede mundial de computadores) de uma grande cidade de cada região dialetal da Argentina, pois acreditamos que esse gênero discursivo pode nos fornecer uma situação propícia para o uso dessa forma verbal, além, é claro, de resgatar uma fala menos monitorada. Toda a reflexão investigativa foi orientada por princípios da *Sociolinguística* e da *Dialetologia*, além de haver considerado conceitos sobre *gêneros discursivos*, temporalidade linguística (*tempus, aspecto, modo de ação*), entre outros.

Finalmente, destacamos que os resultados deste estudo auxiliarão na divulgação de conteúdos linguísticos sobre as variedades do espanhol usado em parte do cone sul-americano – região que é alvo de grande interesse político-econômico e por isso detentora de especial atenção – e, fundamentalmente, contribuirão para a descrição mais clara de uma construção linguística que muitas vezes é vista como dificultosa na aprendizagem de língua espanhola por brasileiros.

Por nossa parte, julgamos que essa dificuldade está especialmente relacionada ao mau tratamento que o *pretérito perfecto compuesto* vem recebendo em salas de aula e materiais didáticos (Araujo, 2009; Ponte, 2010); o que, somado ao seu caráter naturalmente variável e polissêmico – com cujos valores os luso-falantes não estão familiarizados – cria a falsa impressão de uma forma verbal embaraçosa, assistemática e contraditória.

Uma breve análise de materiais didáticos é suficiente para nos indicar a restrição do tratamento do PPC a orações desvinculadas a qualquer texto efetivamente enunciado e, portanto, sem nenhuma relação com o uso. Quando mais atentos, esses manuais *prescrevem* – sob a ordem binária: “se usa” ou “não se usa” – um uso generalizado a muitos países e a algumas situações de interação discursiva. Por seu turno, observamos professores que, quando não reproduzem o discurso prescritivo dos manuais, valem-se de um discurso pautado por impressões de uso adquiridas na experiência com a língua espa-

nhola. Em comum, todos os casos sonegam ao aluno a oportunidade de conhecer a língua mediante a observação do uso natural que os falantes fazem dela – marcado por questões sociais, dialetais, históricas e discursivas. É, dessa maneira, portanto, que se instaura diante do estudante uma forma verbal cujo funcionamento é tão simplista como o que se lê nos manuais e tão antagônico quanto as impressões que têm os diferentes professores.

Uma vez que nosso trabalho parte do respeito à complexidade linguística que o espanhol possui, nossa contribuição estará também preocupada com a condução do leitor à observação da língua em sua situação real de uso e, a partir dessa manifestação em interação com seu entorno sociodiscursivo, à compreensão de como o falante se vale do *pretérito perfecto compuesto* para expressar uma realidade específica. Assim, graças à análise da prática linguística, conseguiremos inferir e entender os valores associados ao PPC e como seu uso é determinado pelo entorno linguístico e extralinguístico.

Em relação à organização deste livro, antecipamos que o leitor deverá, de início, deparar com o Capítulo 1 intitulado “O homem e a língua: uma coexistência em permanente construção”. Nesse espaço, procuraremos compreender, a partir da observação da relação traçada entre o homem (sociedade) e língua, conceitos como variação linguística, mudança linguística, variável e variante, norma linguística, entre outros. No Capítulo 2, intitulado “A dialetologia hispânica: o âmbito espacial da variação linguística”, passaremos a avaliar, efetivamente, qual é a relevância do *espacio* para o estudo da língua. Para tanto, iremos nos ater a uma reflexão sobre o termo *dialeto*, a uma apresentação da disciplina Dialetologia e, finalmente, a um esboço das propostas de divisão dialetal hispano-americana – nas quais verificaremos o encaixamento da Argentina nos respectivos postulados – e das propostas de divisão dialetal específicas à Argentina.

No Capítulo 3, “Temporalidade e aspectualidade: um olhar atento ao sistema da língua espanhola”, direcionaremos nossa atenção ao estudo e sistematização das categorias verbais do *tempus* e *aspecto* nas línguas naturais, dedicando especial atenção ao sistema castelhano. Dessa maneira, serão apresentados os conceitos de tempo físico, tempo

cronológico, tempo linguístico, *tempus*, aspecto flexional, modo de ação, bem como alguns modelos teóricos que abordam cada uma dessas categorias. No Capítulo 4, “O *pretérito perfecto compuesto* e a Argentina: margeando o fenômeno”, resgataremos a descrição de valores atribuídos ao PPC conforme os principais autores que se dedicaram ao assunto e apresentaremos nossos procedimentos metodológicos, isto é, exporemos, justificaremos e descreveremos o processo de compilação do *corpus*, relataremos os *softwares* que estiveram presentes no processo de pesquisa e, finalmente, explicaremos os critérios de seleção das cidades representantes das variedades dialetais. Aproveitaremos esse momento para relatar o estado da arte dos estudos destinados ao *pretérito perfecto*, com especial atenção ao caso da Argentina.

Por fim, com o Capítulo 5, “Os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais da Argentina”, visamos alcançar, de fato, os objetivos fundamentais traçados para este trabalho. Em outras palavras, observaremos o uso do *pretérito perfecto compuesto* nos enunciados retirados do *corpus* de cada uma das regiões dialetais argentinas a fim de descrever quais valores se atribuem à forma verbal nos respectivos espaços. As discussões suscitadas previamente sobre temporalidade e aspectualidade irão nos auxiliar na descrição dos valores encontrados. Por sua vez, a apresentação do estado da arte das pesquisas do PPC poderão, nesse momento, corroborar nossos dados e, ao mesmo tempo, ser (re)avaliadas pelo estudo que realizaremos. Por fim, cotejaremos os resultados obtidos com este trabalho aos postulados de divisão dialetológica da Argentina, a fim de identificarmos uma proposta que melhor se adapte ao comportamento da forma verbal no país.

Esperamos que com a conclusão deste estudo possamos não só contribuir para a descrição da forma verbal na Argentina, mas também lançar as bases para futuros trabalhos que poderão ampliar o cenário investigativo que iniciamos.

1

O HOMEM E A LÍNGUA: UMA COEXISTÊNCIA EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

*“Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo
[...]
Cambia el rumbo el caminante
Aunque esto le cause daño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
[...]
Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana
[...]
Cambia todo cambia”*

(Mercedes Sosa, 1995)

Sejam quais forem os interesses que possam impulsionar uma aproximação analítica da linguagem verbal, parece que sempre haverá um implícito comum entre eles: “as línguas não existem sem as pessoas que as falam” (Calvet, 2002, p.12). De fato, é na viabilização da

expressão do pensamento individual e da comunicação em sociedade que a língua lança mão de uma imbricada relação com o homem; tanto é assim que afirma Hjelmslev (1975, p.1):

[...] a linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções [...]. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso [...].

A descrição do linguista dinamarquês mostra-nos como o homem e a linguagem traçam uma relação simbiótica, na qual a linguagem não é uma ferramenta criada simplesmente para suprir a necessidade humana de dar forma a seus pensamentos e de se comunicar com o outro. Indo muito além disso, a linguagem se instauraria de forma ativa em toda experiência vivenciada pelo sujeito, refletindo traços que compõem as características de cada um de seus falantes. É nessa interação vívida existente entre homem e linguagem que devemos compreender o comportamento desse complexo organismo que é a língua. Isso porque, uma vez inseparáveis, homem e língua passam a percorrer o mesmo trajeto de vida, apresentando reações e comportamentos que seguem em uma mesma direção.

Assim sendo, atentemo-nos à canção “*Todo cambia*” (Sosa, 1995), cujo fragmento foi epigrafado no início deste capítulo. É muito provável que, ao compô-la, Julio Numhauser não visualizava na língua a figura do eu-lírico. No entanto, se dermos voz à língua, atribuindo-lhe supostamente as palavras de “*todo cambia*”, vislumbraremos a defesa de um organismo vivo que, contra qualquer tentativa de inibição de sua sobrevivência, grita justificando seu comportamento. Assim, do mesmo modo que continuamente muda o indivíduo (“*caminante*”) e seu entorno social (“*todo en ese mundo*”) não é estranho que também mude quem o acompanha: a língua. Em síntese, tal como o homem em convívio social, a língua mostra-se também em um “fazer perma-

nente” que é regido pelas necessidades linguísticas da comunidade da qual é mãe (Coseriu, 1979).

É inserida nessa relação viva que se pode compreender a concepção de língua como uma estrutura heterogênea, isto é, múltipla, variável e em constante construção. Isso porque a heterogeneidade linguística nada mais é do que uma resposta à diversidade observável nas interações sociais. Concordando com esse posicionamento, Callou et al. (2006) também ressaltam a inevitável concepção heterogênea da língua. Segundo os autores,

Anomalia seria não haver diversidade, uma vez que uma língua se define como língua na medida em que seus usuários se comunicam através dela para conviverem socialmente, e os contatos sociais são, por sua vez, de natureza plural. A variação das línguas resulta, principalmente, da flexibilidade inerente ao próprio código linguístico e da multiplicidade de usuários que se servem. (ibidem, p.260)

Em acréscimo, Mollica (2003b) explica-nos que, em sociedades complexas, como se verificam em países lusófonos e hispano falantes, são muitos os indicadores sociais que operam na diversidade da língua. Nessa direção, Chambers (2003) esboça-nos um cenário de como nossas relações sociais propiciam a formação da nossa(s) variedade(s) de uso da língua. É importante observarmos que não se trata de uma imposição linguística estanque, mas sim de uma construção sócio-histórica com relativa mobilidade.

A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes. [...] Em tudo isso, é claro, há alguma latitude, e, em sociedades relativamente livres, alguma mobilidade.¹ (Chambers, 2003, p.7)

1 “The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate

Como apresentado no início de nossa discussão, tratar a língua como um fato social é praticamente um senso comum – afinal, como concebê-la sem seus falantes? Esse pressuposto não é diferente dentro da ciência que se ocupa especificamente da linguagem: a linguística. Por outro lado, conforme explica-nos Córdova Abundis (2002), diferencia-se, nas muitas etapas da história da linguística, o modo de entender e proceder ao estudo da relação existente entre a sociedade e sua língua.

Nesse sentido, por mais contraditório que possa parecer, ao delimitar as bases da ciência da linguagem, Ferdinand Saussure fomentou, talvez por questões metodológicas, a criação de uma disciplina que legasse ao segundo plano tudo que fosse exterior à língua. Desse modo, excluiu-se, entre outros, o âmbito histórico, social e cognitivo da linguagem. Segundo Chagas (2002, p.148),

Saussure quis estabelecer a linguística interna como uma disciplina científica, relegando para segundo plano a linguística externa – que se ocupa da relação existente entre a língua e a história, as instituições e estruturas da sociedade. A linguística externa é vista por ele como algo secundário. O essencial seria, então, estudar os elementos da língua e como eles se relacionam entre si.

Ainda conforme o autor, algo semelhante se deu também no Gerativismo. Dentro dessa perspectiva, passa-se a pressupor um falante ideal para uma comunidade também ideal, ao passo que se exclui, por conseguinte, tudo que advém das interações sociais. Weinreich et al. (2006) já haviam assinalado que os sucessores de Saussure “continuarão a postular mais e mais a sistematicidade na língua, [ficando] ainda mais profundamente comprometidos com uma concepção simplista do idioleto homogêneo”.

most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships. [...] In all of this, of course, there is some latitude and, in relatively free societies, some mobility” (Quando não indicada a autoria, a tradução será sempre nossa).

Finalmente, com o desenvolvimento de análises empíricas que consideravam em seus procedimentos metodológicos o âmbito social da linguagem, foi possível consolidar uma disciplina que tratasse a língua em situação real de uso e apresentasse a relevância de relacioná-la a seu entorno Sociodiscursivo. Graças à Sociolinguística, a variação e a mudança linguísticas tornam-se os objetos centrais de estudo linguístico e passam a ser relacionadas a alguns dos “aspectos que Saussure e Chomsky quiseram manter fora da análise da língua: a estrutura da sociedade e sua história” (Chagas, 2002, p.149). Assim, a heterogeneidade linguística deixa de ser uma questão marginal e secundária para tornar-se “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (Mollica, 2003a, p.10).

Isso é assim porque se pressupõe também que “o funcionamento de uma língua não pode ser entendido no vácuo”, isto é, fatores sociais de ordem extralinguística, também gerenciam seu funcionamento. Assim sendo, “se quisermos explicar quais forças agem na língua, podemos e devemos incluir o modo como a língua está inserida na sociedade” (Chagas, 2002, p.149). Sintetizando esse pensamento, Lavandera (1984) afirma que a grande contribuição da Sociolinguística foi comprovar que a linguagem é uma manifestação da conduta humana – a qual tenta organizar os indivíduos em grupos sociais. Em suas palavras,

A meta da descrição sociolinguística vai mais além da descrição da forma do código (gramatical estrutural) ou da análise das intuições do falante nativo e sua capacidade para gerar um número infinito de orações (gramática gerativa). Aponta ao desenvolvimento de uma teoria da linguagem que define seu objeto de estudo como o recurso mais rico e mais complexo para a comunicação humana, acumulado e usado pela mente humana a fim de conseguir as formas de organização social e cultural que existem nas sociedades humanas.² (Lavandera, 1984, p.156)

2 “La meta de la descripción sociolingüística va más allá de la descripción de la forma del código (gramática estructural) o del análisis de las intuiciones del hablante nativo y su capacidad para generar un número infinito de oraciones (gramática generativa). Apunta a desarrollar una teoría del lenguaje que define su objeto de estudio como el recurso más rico y más complejo para la comunicación humana, acumulado y

Uma vez que a língua, tal qual a sociedade, está em um eterno “fazimento”, eventualmente se poderia pensar em um “caos” linguístico, isto é, em uma heterogeneidade desordenada. No entanto, a Sociolinguística mostra-nos que a língua é “um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas”, trata-se, portanto, de “um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (Weinreich et al., 2006, p.99). Por isso é possível pensarmos em um modelo de heterogeneidade ordenada, na qual uma variável linguística é controlada não só por padrões intrínsecos à língua, mas também por fatores de caráter extralinguístico.

A noção de “variável linguística” é também muito cara a essa disciplina e deve nos auxiliar na compreensão de como a Sociolinguística trata a linguagem. Segundo Calvet (2002, p.103), “temos [uma] *variável linguística* quando duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social”. Segundo Weinreich et al. (2006, p.97), as formas coexistentes compartilham algumas propriedades:

(1) Oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*.

(2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante.

manejado por la mente humana para utilizarlo con el propósito de lograr las formas de organización social y cultural que existen en las sociedades humanas.”

Observemos que, apesar da existência de mais de uma forma cujo referente é o mesmo (variável), o indivíduo não faz uso livre e indeterminado delas, mas aprende – no contato sociodiscursivo com outros falantes de sua comunidade – que as variantes linguísticas utilizadas “devem corresponder às expectativas sociais convencionais”. Caso não atenda essas convenções, o falante pode até mesmo receber um tipo de “punição” que lhe indica o uso desapropriado da língua (Alkmim, 2001, p.37).

Beline (2007) reafirma a importância de considerarmos a variação linguística no âmbito da comunidade de fala,³ isso porque é nesse contexto que ela adquire um valor de uso e o indivíduo, em interação com outros falantes da mesma comunidade, pode encontrar os limites de sua utilização. Assim sendo, podemos concluir que nossa aquisição da língua se dá na convivência, já que é devido a essa interação com o outro que “aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro”. Dessa maneira, vamos adquirindo naturalmente as “*competências comunicativas e sociolinguísticas*, com respeito ao uso apropriado da língua” (Alkmim, 2001, p.37, grifo nosso).

Sobre o processo de construção de novas formas variantes, Labov (2008) acusa a existência de uma grande quantidade de variações que a todo instante surge no uso da língua, mas que se extinguem tão rápido quanto aparecem. Não obstante, o autor explica-nos que algumas dessas variantes são mais recorrentes e, num segundo momento, podem “ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir” (ibidem, p.20).

Por sua vez, esse processo de criação e difusão (ou apagamento) das formas variantes parece ser resultante da pressão que sofre todo sistema linguístico por duas forças potencialmente conflitantes, cujas origens se dão em sociedade. Trata-se de uma tendência mais inovadora e uma mais conservadora. Coseriu (1990) chama essas forças de universais linguísticos básicos de criatividade e alteridade, respectivamente.

3 Segundo Labov (2008, p.287), “parece plausível definir uma comunidade de fala como um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua”.

Enquanto a primeira se responsabilizaria pela variação e a renovação da língua, a segunda se ocuparia da uniformidade no idioma. Assim, na existência das línguas, “a criatividade manifesta-se como renovação das tradições e a alteridade como constância, firmeza e amplitude das tradições idiomáticas”.⁴

Uma vez que nenhuma alteração na língua acontece no vácuo, mas num tempo e lugar específicos (Labov, 2008, p.20), percebemos que as variações se relacionam com fatores de diferentes ordens, tais como origem geográfica, idade, sexo, origem étnica, profissão, classe social, grau de instrução, situação de enunciação, entre outros. Classificando esses parâmetros, Beline (2007) explica-nos que eles podem ser observados a partir de cinco eixos:

1. Da variação *diatópica*: verificada na comparação de modos de falar de diferentes lugares.
2. Da variação *diafásica*: verificada na comparação dos usos que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento.
3. Da variação *diastrática*: verificada na comparação de modos de falar das diferentes classes sociais.
4. Da variação *diamésica*: verificada na comparação entre as modalidades falada e escrita da língua.
5. Da variação *diacrônica*: verificada na comparação das diferentes etapas da história da língua.

Dando sequência à essa discussão, sabe-se que uma das possíveis consequências da variação é a mudança na língua. Para alcançar esse estágio, as formas que em dado momento estavam em variação (que compunham uma variável linguística) vão recebendo diferentes tratamentos pela sociedade, e assim, paulatinamente, uma das formas vai

4 “*La creatividad se manifiesta como renovación de las tradiciones y la alteridad, como constancia, firmeza y amplitud de las tradiciones idiomáticas*” (Coseriu, 1990, p.55). A partir deste momento, estabeleceremos o padrão de traduzir para o português todas as citações em língua estrangeira menores de três linhas e, por isso, inseridas no corpo do texto. Os originais serão expostos em nota de rodapé. Assumimos a responsabilidade por todas as traduções feitas dentro desse padrão.

ganhando maior espaço em detrimento do gradual desuso de outra. É nesse sentido que podemos pensar que toda mudança linguística pressupõe uma variação.

Segundo Weinreich et al. (2006), uma mudança pode ser despertada tanto por fatores internos à língua – tendo em vista a estrutura e o funcionamento do idioma – como por fatores que lhe são externos – em razão do contato com outras línguas ou outras variedades. De modo mais prático, os autores explicam que

[...] uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social – simbolizando os valores sociais associados àquele grupo. (Weinreich et al., 2006, p.124)

Ainda segundo os autores, a mudança completa se daria quando a variante inovadora deixasse de expressar qualquer valor social que antes possuía para se tornar constante no uso da comunidade de fala. A seguir, resgataremos de Coseriu (1962) e de outros autores a noção de norma linguística a fim de avaliar em que medida ela pode auxiliar na compreensão de como a heterogeneidade se associa à língua.

A norma linguística

Múgica (2007) explica que o estudo da norma linguística envolve um campo bastante complexo por lidar com (1) muitos trabalhos que, a partir de diferentes perspectivas, dedicaram-se a discuti-la e defini-la de diferentes maneiras; (2) por tratar-se de um fenômeno da linguagem – que, como sabemos, é muito complexa, já que está em constante construção – e, finalmente, (3) por ser um fenômeno relativo.

Segundo Coseriu (1962, p.98), norma linguística é:

[...] um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e que varia conforme a comunidade. Dentro da mesma comuni-

dade linguística nacional e dentro do mesmo sistema funcional podem se comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem elevada, linguagem vulgar, etcetera) [...].⁵

Antes de nos atermos mais profundamente ao conceito, cabe-nos destacar que não estamos pensando no sentido corrente de norma – como algo “estabelecido ou imposto segundo critérios de correção e valoração subjetiva” (ibidem, p.90),⁶ que impõe um modelo de como se deve falar para se ter aprovação do grupo. A norma linguística a que nos referimos é a aquela que contém “o que no falar concreto é repetição de *modelos anteriores*” (ibidem, p.90),⁷ isto é, que elimina tudo aquilo que é “totalmente inédito, variante individual, ocasional ou momentâneo” e conserva “somente os aspectos comuns que se comprovam nos atos considerados” (ibidem, p.90).⁸ Dessa maneira, atribui-se à norma linguística aquilo que é praticado por todos na comunidade de fala.

Nessa medida, pode-se pensar que as normas alteram-se “conforme os limites e as “índoles da comunidade considerada (ibidem, p.92)⁹ e que “na passagem de uma para outra, há um momento no qual a norma é incerta” (ibidem, p.77).¹⁰ Ainda conforme explica Coseriu (1962), a tentativa de definir a norma de uma língua deve nos levar à constatação de várias normas sociais e regionais. As quais, por sua vez, nada mais são do que o reflexo da relação que guarda a linguagem com o homem e sua comunidade de fala.

5 “[...] un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera) [...]”

6 “[...] establecida o impuesta según criterios de corrección y de valoración subjetiva [...]”

7 “[...] lo que en el hablar concreto es repetición de modelos anteriores.”

8 “[...] totalmente inédito, variante individual, ocasional o momentáneo, conservándose sólo los aspectos comunes que se comprueban en los actos considerados [...]”

9 “[...] según los límites y las índoles de la comunidad considera.”

10 “[...] en el paso de una norma a otra, hay un momento en el que la norma es incierta [...]”

Ao se colocar diante de situações inusitadas, o indivíduo pode alterar a norma linguística fazendo uso de possibilidades até então não aceitas pela norma de uso de sua comunidade. Não obstante, para que de fato ocorra uma modificação na norma é imprescindível que haja um acolhimento social do novo uso. Explicando-nos como uma mudança se dá no nível semântico, Coseriu (1962, p.107) diz que:

[...] é norma fundamental que o novo significado que uma palavra assume tenha estado presente, como secundário, no emprego anterior da mesma palavra. Ou seja, em dado momento, um determinado significado é o normal e outros significados são “laterais”, latentes, possíveis desde o ponto de vista do sistema. Mas o mesmo ocorre com todas as demais mudanças linguísticas, além de uma norma estabelecida, existem sempre as possibilidades do sistema.¹¹

Essa concepção de norma linguística proposta por Coseriu (1962) origina-se do rearranjo da dicotomia saussuriana *língua vs. fala*, a qual passa a ser redefinida como *sistema vs. norma vs. fala*. “Nesta tríade, a fala continua na ordem do individual, mas o conceito de língua é modificado. Coseriu chama de língua o sistema articulado com suas normas, ou seja, com suas variantes linguísticas” (Pietroforte, 2002, p.92). Dessa maneira, a noção de língua passa a envolver o sistema – domínio de todos os falantes de uma mesma língua – e as normas – variedades de domínio de grupos sociais e regionais.

Na tentativa de descrever a norma com apoio da antropologia, Aléong (2011, p.145) caracteriza-a como uma noção variável e relativa por se definir na heterogeneidade da sociedade:

11 “[...] es norma fundamental que el nuevo significado que una palabra asume haya estado presente, como secundario, en el empleo precedente de la misma palabra. Es decir que, en cada momento, un determinado significado es el normal y otros significados son ‘laterales’, latentes, posibles desde el punto de vista del sistema. Pero lo mismo ocurre con todos los demás cambios lingüísticos, más allá de la norma establecida, existen siempre las posibilidades del sistema [...]”

Nesta concepção de sociedade [heterogênea], as normas sociais ou regras do comportamento são *variadas e relativas*. *Variadas* porque os agrupamentos constitutivos da sociedade também são variados, e *relativas* porque os juízos de valor só tem significação em relação ao grupo ou ao conjunto de referência no qual se situam os indivíduos. (ibidem, grifos nossos)

Uma vez que se considera que todo o comportamento social é regulado por normas, a norma linguística será entendida como “o produto de uma hierarquização das múltiplas formas variantes” (ibidem, p.148) e como referência para “os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em uma sociedade imediata” (ibidem, p.149). É importante observarmos que não se trata de considerar um comportamento certo e os demais errados; pois, sob essa óptica, o uso efetivo da linguagem, por mais diversificado que possa ser, responde, na verdade, às coerções sociais e discursivas observáveis.

Concomitante a essa norma linguística que apresentamos, há também aquela norma tida como padrão ou exemplar. Conforme Aléong (2011), essa norma apresenta um caráter normativo, idealizado e definido por juízos de valor. Ainda segundo a autora,

Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de se impor como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido ou monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública. (Aléong, 2011, p.149)

Aléong (2011) observa a existência de três características compondo a norma exemplar: (1) um discurso da norma que categoriza o uso da língua como certo, errado, bom, mau, puro, etc.; (2) um aparelho de referência que apresenta exemplos de uso (gramáticas, dicionários, academias e outros órgãos públicos); e (3) a difusão e a imposição constantes graças ao “papel hegemônico de referência legítima em lugares estratégicos como a escola, a imprensa escrita, etc.” (ibidem, p.160).

Segundo Bagno (2007), a norma padrão também visa extinguir a diversidade linguística e favorecer, por meio de seu uso, uma variedade homogênea e idealmente compartilhada por todos. No entanto, origina-se um problema sociocultural quando se começa a tratar a língua apresentada pelas gramáticas e dicionários como uma verdade eterna de uso, acreditando, por isso, na existência de uma única possibilidade de uso da língua: o da norma padrão.

Combatendo esse pensamento, Alkmim (2001) é categórica ao afirmar que “nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea” e que, portanto, toda língua deve ser representada por um conjunto de variedades. Desse modo, o que chamamos de “língua espanhola”, na prática, envolve as diferentes maneiras de falar usadas pelos falantes argentinos, mexicanos, peruanos, equatorianos, colombianos, espanhóis, chilenos, entre outros. Foi por isso que Weinreich et al. (2006, p.125) já observaram que

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Assim, a heterogeneidade linguística não é só ordenada, como vimos, mas também conta com o conhecimento e relativo desempenho por parte do falante, que é sempre mais ou menos plurilíngue em sua própria língua, haja vista que controla “um leque de competências que se estendem entre formas vernaculares e formas veiculares” (Calvet, 2002, p.114).

Inserida nesse contexto, a escola tem o papel fundamental de romper com o mito da existência, tanto na língua materna como na língua estrangeira, de uma única forma certa de falar. Caberá ainda a essa instituição a formação do conhecimento plurilinguístico, que envolve o reconhecimento das formas mais vernaculares e o ensino das institucionalizadas como modelo.

A relevância do espaço na abordagem social da linguagem

Caravedo (2004) mostra-nos que costumeiramente se deixou de lado a observação do aspecto geográfico da variação linguística. Para o autor, a atitude de desprezo deve ser reavaliada porque a variação espacial é tida como um dos aspectos mais evidentes da heterogeneidade na língua. Nem mesmo dentro dos procedimentos da Sociolinguística o espaço é tomado como um fator condicionante da variação, mas somente como um localizador dos fenômenos analisados.

A evidência com que se dá a variação no âmbito geográfico pode ser alcançada *grosso modo* pela maneira como os próprios falantes da língua a percebem. Nesse sentido, Caravedo (2004, p.1122) explica-nos que

[...] os falantes de uma língua têm uma percepção mais ampla do espaço (seja do tipo suprarregional, nacional ou até mesmo transnacional), e que a variação diatópica aparece como imediatamente reconhecível por todos. Os indivíduos desenvolvem, em geral, uma percepção muito refinada do próprio e do distante [...].¹²

É por isso que, mesmo dentro de um território nacional, as regiões geográficas adquirem um valor simbólico, que não é determinado somente pelas características geográficas, climáticas, vegetais, entre outras, que possui o espaço, mas também por uma conceptualização estereotipada dos habitantes locais (Caravedo, 2004).

Para o autor, o espaço pode ser visto também a partir da perspectiva social, uma vez que “remete principalmente a uma sociedade (ou a várias) que habitam dentro de determinados limites geográficos”.¹³ Desse modo, ele não será somente um mero instrumento de localiza-

12 “[...] los hablantes de una lengua tienen una percepción más amplia del espacio (sea de tipo suprarregional, nacional o incluso transnacional), y que la variación diatópica aparece como inmediatamente reconocible por todos. Los individuos desarrollan en general una percepción muy refinada de lo propio y de lo ajeno [...]].”

13 “[...] remete principalmente a una sociedad (o a varias) que habitan dentro de determinados límites geográficos.”

ção de fenômenos, mas “se entenderá como uma variável dependente do social”.¹⁴

Nesse sentido, na observação da variação diatópica, a mobilidade dos habitantes e a capacidade de se relacionar com membros de outros espaços são comportamentos que devem ser considerados atentamente, pois viabilizarão a transformação interna dos espaços. Sobre as consequências advindas desse contato inter-regional, Camacho (2001, p.58, grifo nosso) afirma:

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a *variação geográfica*.

Uma vez que o espaço pode ser também considerado um fator *social* que opera na heterogeneidade das línguas, passemos a observá-lo mais cuidadosamente no capítulo que segue. Com esse fim, conheceremos como ele tem sido considerado na linguística e como podemos utilizá-lo para a compreensão do *pretérito perfecto compuesto*.

14 “[...] se entenderá como una variable dependiente de lo social [...]”

2

A DIALETOLOGIA HISPÂNICA: O ÂMBITO ESPACIAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“El dialecto es lo que uno es, el registro es lo que uno hace”

(Leonor Acuña)

Com essas palavras em epígrafe a catedrática da Universidad de Buenos Aires levava a cabo o 14º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro. Proveniente de uma discussão sobre o ensino da heterogeneidade linguística do espanhol, o fragmento citado apresenta-nos a preocupação da conferencista em assinalar como proceder ao estudo da língua tendo em vista uma escala de especificação que vai desde um nível de observação mais genérico e abstrato – encontrado, por exemplo, no conceito de língua histórica –,¹ avançando, de maneira mais específica, pelo nível do dialeto e, finalmente, culminando no registro, isto é, no uso efetivo e individual que fazemos da linguagem.

Desse modo, parece que, para Leonor Acuña, o âmbito dialetal, apesar de mais específico, ainda envolve algum tipo de abstração que

1 Ver definição dada por Coseriu (1982) para *língua histórica* nos parágrafos seguintes.

permite identificar e associar um enunciador a uma comunidade de fala. Por sua vez, essa identificação partiria do registro, isto é, do uso que cada um faz da língua e no qual se verificam traços linguísticos compartilhados por uma variedade espacial de dada língua histórica. A compreensão do dialetal deveria partir, portanto, da observação do registro.

De encontro às palavras de Leonor Acuña, Lope Blanch (1998) não comenta se o âmbito dialetal envolve algum grau de abstração, mas verifica nele um alto grau de concretude, isso porque se trataria do próprio uso efetivo que cada falante faz da língua (sistema). Tanto é assim que equipara o conceito de dialeto ao conceito de fala (registro) e, em seguida, diferencia-os de língua:

[...] dialeto ou fala é a maneira pela qual o indivíduo ou a sociedade realiza – fazem uso real – (d) o sistema. Ou seja que a língua, o sistema linguístico abstrato, materializa-se e vive através de seus dialetos. Todo ato de fala, de comunicação linguística, será um fato dialetal.² (Lope Blanch, 1998, p.45)

Apesar de um tanto particulares, ambas as posturas compartilham a definição de dialeto a partir do confronto do termo com o conceito de língua. Esse procedimento, recorrente dentro dos estudos dialetológicos, é também realizado por Coseriu (1982) em seu clássico trabalho *Sentido y tareas de la dialectología*. Nessa obra, observa-se que uma *língua histórica* “não é um modo de falar único, mas sim uma ‘família’ histórica de modos de falar afins e interdependentes” (ibidem, p.12);³ por sua vez, “os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior” (ibidem, p.12).⁴ Em poucas palavras, a ideia de língua histórica parece pressupor fundamentalmente a existência de uma língua comum que recobre um conjunto

2 “[...] dialeto o habla es la manera en que el individuo o la sociedad realiza – hacen uso real – (d) el sistema. Es decir que la lengua, el sistema lingüístico en abstracto, se materializa y vive a través de sus dialectos. Todo acto de habla, de comunicación lingüística, será un hecho dialectal.”

3 “[Una lengua histórica] no es un modo de hablar único, sino una ‘familia’ histórica de modos de hablar afines e interdependientes.”

4 “[...] los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor.”

de dialetos que, como concretização da língua histórica, mostra-nos alguns dos traços previstos no sistema abstrato maior. Tanto é assim que Weinreich et al. (2006, p.100) comentam que a língua pode ser vista “como um ‘diassistema’ composto de dialetos-membros”.

Coseriu (1982) lembra-nos ainda que uma língua histórica realiza-se somente por meio de suas variedades – tidas como microssistemas autossuficientes – e que, portanto, não falamos o “espanhol” ou o “português”,⁵ mas fazemos uso de uma parte específica dessas línguas, isto é, de suas variedades. Há de observar, no entanto, que a variedade geográfica – também chamada de variedade “horizontal” – não é a única variação que ocorre nas línguas históricas, isso porque, como observam, entre outros, Chambers e Trudgill (1994), Coseriu (1982), Ferreira e Cardoso (1994), junto às variações espaciais (diatópicas), observam-se diferenças de nível sociocultural (diastráticas), de gerações (diacrônicas), de estilo⁶ (diafásicas), entre outras. Atentos a esses diferentes âmbitos de variação, Chambers e Trudgill (1994, p.82) concluem que “todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, posto que todos os falantes têm um entorno social da mesma maneira que uma localização espacial”.⁷

Visando, no entanto, melhor apurar a percepção de que tanto os aspectos socioculturais como os espaciais podem confluir no termo dialeto, Coseriu (1982, p.24) alerta-nos que “os dialetos ‘espaciais’ [...] são geralmente sistemas ‘completos’ sob o ponto de vista fônico, gramatical e léxico”,⁸ possuindo, inclusive, variações sociais e estilísticas próprias. É diante dessa relativa complexidade verificável nas variedades espaciais que o autor categoricamente atribui a observação das diferenças geográficas ao termo dialeto, sendo as variações

5 Entendidos como línguas históricas que envolvem todos os usos feitos nos diferentes continentes em que se verificam suas presenças.

6 Isto é, de tipos de modalidade expressiva, cujas orientações são dadas pelas circunstâncias nas quais se encontram o falante.

7 “*Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial.*”

8 “[...] *los dialectos ‘espaciales’ [...] suelen ser sistemas ‘completos’ desde el punto de vista fónico, gramatical y léxico [...].*”

estilísticas e sociais compreendidas dentro desse microssistema. Nesse sentido, o dialeto passa a ser entendido, segundo Coseriu (1982, p.20), como uma língua funcional, pois, “dentro de uma língua histórica, é um sistema autossuficiente mínimo”,⁹ no qual os fatos linguísticos “funcionam precisamente em oposições funcionais internas”.¹⁰ Do mesmo modo, nós, orientados pelo referencial apregoado pela disciplina, conceberemos dialeto como um sistema funcional de caráter mais concreto que, por sua vez, se encaixa em um sistema maior e mais abstrato que é a própria língua histórica. Assumindo essa postura, afastamo-nos da concepção de dialeto frequentemente difundida pelo senso comum, segundo a qual se atribui uma carga negativa ao termo, tratando-o como uma alusão a uma língua menor, que, de tão desprestigiada socialmente, sequer desfrutaria do *status* de língua histórica.

Ainda sobre a atenção dada à variação geográfica nos estudos do dialeto, Caravedo (1998) explica-nos que a relação existente entre língua e espaço pode ser compreendida de maneira abrangente (*lato*) ou específica (*stricto*). A primeira mostra-nos que as línguas, graças a seu caráter social, estão localizadas em espaços determinados tais quais seus falantes, de modo que “não há forma de se referir à manifestação social de uma língua se não for em relação a seu assentamento geográfico” (Caravedo, 1998, p.78).¹¹ Por outro lado, em uma perspectiva mais restrita (*stricto*), a partir da análise de fenômenos linguísticos específicos, podemos averiguar que “o espacial pode se converter em um fator de variação da mesma maneira que o social” (ibidem).¹² É inserido nessa perspectiva que se associa, por exemplo, o fone fricativo dental surdo [θ], nos grafemas “z” e “c” das palavras “zapato” e “cebolla”, a variedades peninsulares do espanhol e

9 “[...] dentro de una lengua histórica, es un sistema autosuficiente mínimo”.

10 “[...] los hechos lingüísticos [...] funcionan precisamente en oposiciones funcionales internas [...]”

11 “No hay forma de referirse a la manifestación social de una lengua sino respecto de su asentamiento geográfico.”

12 “[...] lo espacial puede convertirse en un factor de variación de la misma manera que lo social.”

o fone fricativo alveolar [s], nos mesmos contextos fonológicos, a variedades americanas. Em outras palavras, sob uma perspectiva restrita, determina-se o fone variante da variável [θ] e [s] conforme a observação da variedade espacial.¹³

Assim, a partir da compreensão favorecida pela análise abrangente (*lato*) – de que os espaços em que se manifestam as línguas são entendidos como espaços geossociais, isto é, que se desenvolvem em entornos sócio-historicamente determinados –, podemos entender porque, em uma perspectiva mais restrita (*stritus*), “as línguas podem variar tendo como fatores condicionantes, além de outros, o espacial, como diferenças de zonas ou regiões, ou o social, como diferenças de grupo” (ibidem, p.79).¹⁴ É importante enfatizar que a percepção estrita só pode ser compreendida se estiver pressuposta a ideia de espaço geossocial; isso se deve a que as relações espaciais observadas no sentido restrito “não são concebidas como relações determinantes por si mesmas, mas como relações condicionadas política, social e culturalmente” (Coseriu, 1977, p.106).¹⁵

Uma das evidências de que o social media a relação entre o espaço e a língua pode ser encontrada no modo como se difundem os fenômenos linguísticos no espaço. Assim, conforme conferimos na asseveração que segue, a relação de interação linguística instaurada entre indivíduos constitui uma condição inicialmente satisfatória para que se propague uma forma linguística por diferentes zonas.

[...] as formas não “viajam” por si só, mas se introduzem no acervo de um indivíduo através da fala de outro indivíduo mediante contatos que não implicam uma continuidade de áreas, porque os indivíduos se

13 Esse é o caso também da distribuição do pronome pessoal no espanhol e no português. Se pensamos novamente no espanhol, o pronome pessoal de segunda pessoal do plural “*vosotros*” está limitado espacialmente a variedades do espanhol peninsular.

14 “[...] *las lenguas pueden variar teniendo como factores condicionantes, además de otros, el espacial, como diferencias de zonas o regiones, o el social, como diferencias de grupo [...].*”

15 “[...] *no se conciben como relaciones por sí determinantes, sino como relaciones condicionadas política, social y culturalmente.*”

trasladam de uma área a outra com todos seus hábitos linguísticos, e também através de contatos indiretos.¹⁶ (ibidem, p.157)

Não obstante, outros fatores podem se somar à relação intersujeitos quando o assunto é a difusão espacial de fenômenos linguísticos; esse é o caso, por exemplo, da avaliação que se tem do outro e de sua variedade. Assim, regiões de maior importância social, política e econômica tendem a ser alvo de maior prestígio, favorecendo, por isso, a disseminação dos traços linguísticos que lhes são característicos. Por outro lado, regiões menos relevantes no contexto socioeconômico de um povo tendem a ter seu comportamento linguístico marcado por um estigma que inibe a veiculação de suas características linguísticas a outras áreas.¹⁷ Tanto é assim que Coseriu (1977, p.106) afirma que “os centros de irradiação [...] não são os centros geométricos dos territórios estudados, mas os centros políticos, administrativos, culturais e religiosos, os centros comerciais e de comunicação”.¹⁸

Uma breve revisão do que já tratamos neste capítulo mostra-nos que, implícita ou explicitamente, dialeto caracteriza-se pela subordinação de um sistema linguístico a outro sistema maior, compreendido como a própria língua histórica. Essa característica pode também ser observada na definição dada por Dubois (1978) para o termo. Segundo o autor, “*dialeto* é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente *mais restrito* que a própria língua” (Dubois, 1978, p.184, grifo nosso).

16 “[...] *las formas no ‘viajan’ de por sí, sino que se introducen en el acervo de un individuo a través del habla de otro individuo mediante contactos que no implican una continuidad de áreas, porque los individuos se trasladan de un área a otra con todos sus hábitos lingüísticos, y también a través de contactos indirectos.*”

17 Não podemos, no entanto, cair no equívoco de pensar que somente o prestígio determina padrões linguísticos, tanto é assim que Labov (2008) mostra-nos que nem sempre é a variedade de maior prestígio a responsável pela propagação de novos traços linguísticos. Segundo o autor, classes econômicas mais baixas e estigmatizadas, por exemplo, podem ser agentes nesse processo também.

18 “[...] *los “centros de irradiación” [...] no son los centros geométricos de los territorios estudiados, sino, los centros políticos, administrativos, culturales y religiosos, los centros comerciales y de comunicación [...].*”

Observemos que ao dizer “mais restrito” o autor insere o microssistema dialetal no macrossistema da língua à qual se subordina. É nesse sentido que Montes Giraldo (1987) afirma que o caráter dialetal de um sistema linguístico decorre fundamentalmente de sua subordinação a um sistema maior. O autor também nos explica que se trata de uma subordinação normativa e funcional que se pode dar em diferentes níveis. Assim, se pensarmos nos diferentes níveis de variação idiomática, teríamos, entre língua e registro, três níveis dialetais:

1. nível do superdialeto: reúne, em um conjunto mais ou menos extenso, variedades que compartilham alguns traços ou normas.
2. nível do dialeto: variedade incluída dentro de um superdialeto.
3. nível do subdialeto: divisão do dialeto.

Não obstante, Montes Giraldo (1987, p.60) adverte-nos de que “esta divisão é sempre subjetiva ou, ainda, dependente das necessidades do objeto de estudo”¹⁹ e que caberá a cada pesquisador determinar as divisões que convêm estabelecer para o procedimento do fenômeno estudado.

Finalmente, o estudo etimológico do termo dialeto feito por Co-seriu (1982)²⁰ mostra-nos que desde o grego clássico atribuem-se à palavra três significados: “modo de falar”, “subordinação a uma língua histórica” e “delimitação no espaço”. Não obstante, o autor faz-nos a ressalva de que desde então o terceiro valor já era mais recorrente e restrito aos domínios da dialetologia. A fim de melhor conhecermos essa disciplina e suas ocupações, seguimos, nos parágrafos adiante, uma exploração epistemológica.

Com esse fim, verificamos, em Cardoso (2010), que o interesse pelo estudo sistemático dos usos linguísticos e a preocupação com a observação das variedades geográficas sempre estiveram presentes na história dos povos, seja por simples constatação, seja como um instrumento político ou, ainda, como um mecanismo de descrição das línguas. No entanto, é somente a partir do século XIX que esses estu-

19 “[...] esta división es siempre subjetiva o, más bien, dependiente de las necesidades del objeto de estudio.”

20 E que também pode ser verificado em Houaiss (2000).

dos sistematizam-se, demonstrando objetivos próprios e metodologia definida por meio da dialetologia – disciplina que “assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer os limites” (Dubois, 1978, p.185).

Coseriu (1982) diz haver dois interesses fundamentais para a disciplina. Enquanto o primeiro visa ao “estudo da distribuição espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais”, o segundo fundamenta-se em “comparações léxico-gramaticais (gramática comparada) entre as variedades”. Percebamos que com o primeiro objetivo a disciplina busca estabelecer a extensão das variedades espaciais e, por conseguinte, os limites da realização dos fatos linguísticos observados. Por sua vez, o segundo interesse da dialetologia conduz à observação e ao registro de fenômenos linguísticos espacialmente comparáveis.²¹ Também definindo os interesses maiores da disciplina, Cardoso (2010, p.25) destaca dois objetivos: a) “o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete” e b) “o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas” nos diferentes “espaços e realidades prefixadas”.

Em síntese, tanto para Coseriu (1982) como para Cardoso (2010), estão no âmago da disciplina a descrição da diversidade espacial e o cotejamento da realidade linguística nas diferentes zonas. São essas características que fazem da dialetologia “a ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização” (Cardoso, 2010, p.45).

Ainda conforme a autora, os dados levantados por uma abordagem dialetológica devem possibilitar, acima de tudo, a afirmação de que dado fenômeno linguístico é verificável, ou não, em uma região dialetal observada, sem, contudo, ter o compromisso primordial de “definir sua

21 O autor alerta-nos que para não correr o risco de interpretações equivocadas no cotejamento diatópico de fenômenos linguísticos, deve-se manter o controle das variáveis sociais e estilísticas em uma abordagem como a prevista por essa tarefa da dialetologia.

natureza – variação estável ou mudança em curso –, de quantificar seu uso [...] ou de quantificar os fatos segundo o tipo de usuário, levando em conta variáveis sociais [...]” (ibidem, p.92). Em outras palavras, enfatiza-se mais uma vez o interesse essencialmente comparativo léxico-gramatical vinculado à disciplina desde seus primórdios.

Como, no entanto, se presume das palavras da autora, apesar de não ser a intenção primeira da disciplina, o aprofundamento no estudo da natureza do fenômeno pode também ocorrer dentro da pesquisa dialetológica, isso porque há o pressuposto de que:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (ibidem, p.15)

Dessa maneira, mais que a identificação, descrição e localização dos diferentes usos de uma língua, visamos a uma abordagem dialetológica que não se desaperceba completamente da interferência que têm os demais fatores extralinguísticos na língua – uma vez que “o falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido” (ibidem, p.63), sendo agente, portanto, da constituição histórica de sua comunidade e de seu idioma.

O estudo atento dos objetivos e procedimentos da dialetologia deve ainda trazer à tona a característica interdisciplinar que possui. Nesse sentido, Coseriu (1982) observa na dialetologia uma aproximação da gramática – isto é, do estudo das relações internas de um sistema. No entanto, a abordagem gramatical dentro da dialetologia só terá sentido à medida que fundamente e viabilize o cotejamento das variedades dialetais, mostrando peculiaridades e semelhanças entre os dialetos.

Por outro lado, considerando que “os dialetos são acervos preciosos onde se encontram estados da evolução”²² linguística (Montes Giraldo,

22 “[...]los dialectos son acervos preciosos en donde se encuentran estadios de la evolución [...]”

1987, p.81), Cardoso (2010) observa também a relação existente entre a dialetologia e a linguística histórica. Para tanto, parte da possibilidade de relacionar a realidade linguística atual com uma anterior a partir da observação de um conjunto de mudanças e transformações que ocorrem de modo próprio em cada um dos dialetos. Aparentemente, está pressuposta nessa relação o fato de que “os grupos mais próximos ao centro são os que geralmente se mostram mais móveis” (Chambers; Trudgill, 1994, p.212)²³ e inovadores, ao passo que “os que se encontram mais próximos a qualquer dos extremos tendem a ser os mais estáveis e conservadores” (ibidem, p.212).²⁴

Uma terceira disciplina que recorrentemente se associa à dialetologia é a sociolinguística; isso se deve a que os dialetos são, em essência, espaços “geossociais”. Dessa maneira, os microssistemas inseridos na língua histórica tornam-se constructos sociais que se orientam pelas necessidades de seus falantes e que se espalham no espaço físico conforme se espalham seus usuários. É tendo em vista esse vínculo que Bustos Gisbert (2004, p.47) afirma:

[...] a dialetologia não pode prescindir da utilização de parâmetros sociolinguísticos se quer descrever de forma adequada a variação geográfica, tanto no que tangencia a seleção de informantes, como a interpretação das fronteiras dialetais ou dos próprios processos de variação e mudança linguística.²⁵

De alguma maneira, a aproximação à sociolinguística deveu-se ao aprimoramento da geografia linguística,²⁶ considerada um método da dialetologia (Cardoso, 2010; Coseriu, 1977; Dubois, 1978):

23 “[...] los grupos más cercanos al centro son los que generalmente resultan ser más móviles.”

24 “[...] los que se encuentran más cerca de cualquiera de los extremos tienden a ser los más estables y conservadores.”

25 “[...] la dialectología no puede prescindir de la utilización de parámetros sociolinguísticos si quiere describir de forma adecuada la variación geográfica, tanto en lo que atañe a la selección de informantes, como a la interpretación de las fronteras dialectales o de los propios procesos de variación y cambio lingüístico.”

26 Também conhecida por geolinguística.

[...] a “geografía lingüística” designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe um registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, léxicas ou gramaticais) [...], considera a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua [...].²⁷ (Cosieru, 1977, p.103)

Antes, porém, de observar mais atentamente os procedimentos – isoglossa e atlas linguísticos – adotados pela geografia linguística para estabelecer a distribuição espacial das formas linguísticas, competemos melhor avaliar como esse método se estrutura e em que medida estabelece laços com a dialetologia e com a sociolinguística. Com esse fim, Hernández Campoy (1999, p.71) lembra-nos que a geolinguística envolve um estudo multidisciplinar que integra a análise “da linguagem em seu contexto geográfico, além do social e cultural”,²⁸ fundamentando-se, por isso, em princípios da dialetologia, e da sociolinguística. Dessa maneira,

[...] se considerar quem fala com quem, quando, como, o que e com que fim é um questionamento importante na pesquisa sociolinguística, do mesmo modo, considerar onde se leva a cabo essa operação, a partir de um macro nível, onde se localiza fisicamente uma comunidade linguística, sua interação com outras, e, por sua vez, sua inter-relação com o comportamento de outras comunidades em outros núcleos de povoações é de grande importância para os estudos geolinguísticos.²⁹ (ibidem, p.71)

27 “[...] la ‘geografía lingüística’ designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo [...] que presupone un registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) [...], tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua [...].”

28 “[...] del lenguaje en su contexto geográfico, además del social y cultural [...]”.

29 “[...] si considerar quién habla con quién, cuándo, cómo, qué y con qué fin resulta un planteamiento importante en la investigación sociolingüística, del mismo modo, considerar dónde se lleva a cabo esa operación desde un macronivel, dónde se localiza físicamente una comunidad lingüística, su interacción con otras y, a la vez, su interrelación con el comportamiento de otras comunidades en otros núcleos de población resulta de gran importancia para los estudios geolingüísticos.”

Em outras palavras, a geografia linguística recupera e se orienta, de alguma maneira, pela preocupação com o caráter social da linguagem, buscando estabelecer um vínculo entre o espaço e o social. Assim, apesar de centrada na variação diatópica, atenta-se também ao controle de outras variáveis que interferem no uso da língua – idade, gênero, escolarização, etc. – “sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados reais” (Cardoso, 2010, p.67).

Uma vez que a atenção dada pela geolinguística aos traços extralinguísticos de ordem social firmou a aproximação da dialetologia à sociolinguística, o que antes via a dimensão espacial de forma mais estática – limitada “à representação cartográfica da distribuição geográfica das formas linguísticas” (Hernández Campoy, 1999, p.78) –,³⁰ a partir do século XX, com o avanço da geolinguística, passa a reconhecer a importância de considerar mais atentamente as variáveis sociais na análise da variedade espacial, atribuindo, por consequência, uma maior dinamicidade à variação horizontal. Dessa maneira, a geografia linguística corrige os erros da teorização desligada da realidade e oferece um quadro muito mais vívido e verdadeiro da vida efetiva da linguagem (Montes Giraldo, 1987).

Voltando-nos aos procedimentos mais adotados pela geolinguística e, portanto, pela dialetologia no cumprimento de suas tarefas, encontramos nas isoglossas³¹ a base para a delimitação territorial dos dialetos, isso porque se trata de “linhas virtuais que marcam o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (Ferreira; Cardoso, 1994, p.12) ou, ainda, que sinalizam, na representação gráfica, a área ou domínio de vigência de uma determinada norma (Montes Giraldo, 1987, p.55). Tanto é assim que Lázaro Carreter (1968, p.140) define dialeto a partir da delimitação de isoglossas ao asseverar que por dialeto entende-se uma “modalidade adotada por uma língua em certo

30 “[...] a la representación cartográfica de la distribución geográfica de las formas lingüísticas [...]”

31 Segundo Chambers e Trudgill (1994), *isoglossa* significa literalmente língua igual (iso = igual; *glossa* = língua).

território, dentro do qual está limitada por uma série de isoglossas. A abundância destas determina uma maior individualidade do dialeto”.³²

Ou seja, o feixe de isoglossas que define o dialeto corresponde a um conjunto de características que correm juntas, somando-se e mostrando uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística. Quando em contraste com isoglossas de mesma ordem, torna possível delinear contrastes e semelhanças entre espaços geográficos. Chambers e Trudgill (1994) explicam-nos, ainda, que a cada isoglossa corresponde um único traço linguístico e que haveria sete tipos de isoglossas, sendo a primeira classificada como mais superficial/concreta enquanto a sétima, mais profunda/abstrata:

1. isoglossas léxicas;
2. isoglossas de pronúncia;
3. isoglossas fonéticas;
4. isoglossas fonêmicas;
5. isoglossas morfológicas;
6. isoglossas sintáticas;
7. isoglossas semânticas.³³

A elaboração dos mapas linguísticos, segundo procedimento metodológico muito caro à dialetologia, orienta-se pelas já conhecidas isoglossas. Diferentemente dos atlas geográficos, os linguísticos não apresentam mapas de vários territórios, mas um conjunto de mapas que aborda individualmente a manifestação de muitos aspectos linguísticos (isoglossas) em um mesmo espaço. Dessa maneira, viabiliza-se a contemplação clara e evidente da interação dos fenômenos linguísticos e da variação horizontal da língua.

Sobre os mapas linguísticos, Coseriu (1977, p.144) diz nos possibilitarem a reflexão sobre o funcionamento da linguagem como

32 “[...] modalidad adoptada por una lengua en cierto territorio, dentro del cual está limitada por una serie de isoglosas. La abundancia de éstas determina una mayor individualidad del dialecto.”

33 Tendo em vista nosso objetivo de estudar os valores atribuídos ao PPC nas diferentes regiões dialetais argentinas, este estudo levará em conta, fundamentalmente, a isoglossa semântica, tida como mais abstrata.

meio de intercomunicação social, isso porque nos revelam a relação existente entre o comportamento histórico da língua e fatores de ordem geopolítica:

Os mapas linguísticos [...] permitem comprovar que as inovações nas línguas procedem de certos centros e que sua difusão se detém em certos limites constituídos por rios, montanhas, fronteiras políticas, administrativas ou eclesiásticas (assim, as zonas “ilhadas”, “laterais”, distantes dos centros de inovação, conservam, geralmente, formas linguísticas mais antigas). Isso é, na distribuição espacial dos fatos linguísticos, reflete-se, de algum modo, sua cronologia relativa.³⁴ (Coseriu, 1977, p.114)

Dessa maneira, por meio da observação dos fenômenos nos atlas linguísticos, podem-se induzir, entre outros, quais são os centros de inovação e os de resistência em um território, quais mecanismos viabilizam a difusão de uma inovação, até onde alcança o raio de difusão linguística de dado centro, quais são os limites e obstáculos na propagação de um traço linguístico (Coseriu, 1977).

Por fim, retomando a classificação dos atlas linguísticos feita por Cardoso (2010), sabemos que, conforme o fenômeno observado, os atlas podem apresentar cartasonomasiológica, isto é, que fornecem um conjunto de formas que identificam um mesmo conceito selecionado, ou cartassemasiológicas, ou seja, que reúnem diferentes conceitos para uma única forma – salientamos, de antemão, que o estudo dos valores atribuídos à forma do *pretérito perfecto compuesto* envolve esse último tipo de cartas. Por sua vez, tendo em vista o espaço avaliado nos estudos, os atlas podem ser classificados como (a) regionais, (b) nacionais, (c) continentais e (d) de grupos lingüís-

34 “Los mapas lingüísticos [...] permiten comprobar que las innovaciones en las ‘lenguas’ proceden de ciertos centros y que su difusión se detiene en ciertos límites constituídos por ríos, montañas, fronteras políticas, administrativas o eclesiásticas (así, las zonas ‘aisladas’ y ‘laterales’, alejadas de los centros de innovación, suelen conservar formas lingüísticas más antiguas). Es decir, que en la distribución espacial de los hechos lingüísticos, se refleja de algún modo su cronología relativa.”

ticos, sendo os três primeiros definidos pelos respectivos espaços geopolíticos que recobrem e o quarto, pela identificação linguística que têm os falantes de determinadas línguas; alcançando, portanto, um domínio que vai além das fronteiras políticas e assumindo uma conformação espacial própria.³⁵ Atentando-nos aos objetivos deste livro, encontramos nossa análise dentro do âmbito apresentado pelos atlas nacionais e regionais.

Para concluirmos, uma abordagem dialetológica como a que buscamos apresentar deve nos conduzir a uma visão de língua dinâmica; não mais como um organismo autônomo, cuja vida independe dos falantes, mas como um sistema histórico e social regido pelas necessidades sociodiscursivas de seus usuários. Partindo desse princípio, entenderemos que as formas não viajam por si só, mas trafegam pela dimensão espacial graças aos contatos traçados entre indivíduos – seja de modo direto ou indireto, como pelos meios de comunicação que levam uma variedade de maior prestígio às áreas mais longínquas de uma comunidade linguística.

O prestígio atribuído a uma variedade será, portanto, um fator bastante relevante no “transporte” de fenômenos linguísticos, sendo esse agente oriundo de diferentes motivos extralinguísticos, tais como econômicos, políticos, administrativos, culturais, religiosos, entre outros. Nesse sentido, a variedade detentora de maior prestígio irá formar um centro de irradiação, o qual não será necessariamente único, haja vista que mais de uma localidade pode apresentar dada forma prestigiada.

Tal como ressaltam Chambers e Trudgill (1994), os efeitos de uma variedade prestigiada sobre as variedades que a circunscrevem podem ser diferenciados conforme a distância guardada entre o centro e as demais zonas periféricas. Dessa maneira, quanto mais próximo ao centro, maior é a tendência à inovação, ao passo que quanto mais

35 Cardoso (2010, p.76) salienta-nos ainda que os atlas regionais “não interferem na realização de atlas nacionais”, mas “funcionam como instrumentos que aprofundam o conhecimento de cada região, atingindo grau de informação e de pormenorização que estudos de natureza mais ampla, como os que caracterizam os atlas nacionais, não chegam a alcançar”.

distante, mais estabilidade e conservadorismo se encontram nas variedades. Em poucas palavras, espera-se encontrar formas mais antigas em zonas mais afastadas do centro linguístico. Finalmente, tal como nos adverte Coseriu (1977), não podemos nos prender unicamente à observação da heterogeneidade da língua, isto é, dos comportamentos linguísticos que variam entre os subsistemas, mas também é fundamental nos atermos aos traços que se repetem entre os dialetos de uma língua histórica.

A fim de direcionarmos nossas atenções aos objetivos deste estudo, esboçaremos, a seguir, um rápido panorama de como a falsa ideia de homogeneidade linguística foi se constituindo na sociedade hispânica e como a Argentina se colocou diante dessa uniformização. Em seguida, comprovaremos, a partir da dialetologia hispano-americana, que a concepção de língua como um fato homogêneo é insustentável e que, portanto, deve ser corrigida, por exemplo, a partir da observação e do cotejamento do uso linguístico em diferentes zonas onde a língua espanhola é falada. Ao procedermos desse modo, esperamos perceber a inquestionável existência de subsistemas funcionais do espanhol (dialetos) que, uma vez possuidores de características particulares, constituem, juntos, uma língua transnacional heterogênea.

Além de combater a visão da língua espanhola como um fato homogêneo, a apresentação das regiões dialetais deverá também fundar as bases que possibilitarão um confronto, mais adiante, dos usos do *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais argentinas. Assim, aliado à discussão sobre a dialetologia e sua concepção de dialeto, o estudo das propostas de divisão dialetal poderá nos auxiliar no estudo do PPC à medida que nos favoreça o traçado de uma isoglossa que possa, eventualmente, corroborar ou reavaliar os postulados de divisão dialetal do espanhol na Argentina.

Assim sendo, passemos à discussão sobre a construção da falsa ideia de norma homogênea do espanhol e como a dialetologia hispano-americana se opõe a esse cenário, preocupando-nos, fundamentalmente, com o tratamento dado à Argentina.

A visão homogênea do espanhol e a dialetologia hispano-americana: o caso da Argentina

Como língua de uma sociedade complexa e diversificada culturalmente, o espanhol concebeu uma norma padrão que envolveu os traços linguísticos julgados mais aceitos e prestigiados socialmente. Atribuiu-se a essa norma exemplar a função de se instaurar sobre as variedades sociais e dialetais, inerentes a tamanha heterogeneidade sociocultural, viabilizando, desse modo, um sistema homogêneo para a grande comunidade de fala castelhana.

Mesmo sem ter como ambição fundamental a concepção de uma norma padrão do espanhol, coube à figura de Elio Antonio de Nebrija – respeitado filólogo espanhol do *siglo de oro*³⁶ dar os primeiros passos na construção dessa norma e, conseqüentemente, de um falso imaginário de língua homogênea. Assim é que, em 1492, Nebrija elabora a primeira gramática da língua espanhola, e três anos depois, o primeiro dicionário da língua. Séculos mais tarde, no ano 1713, organiza-se uma instituição pública cuja responsabilidade fosse a manutenção e a promoção da língua espanhola. Criou-se, então, a Real Academia Española (RAE), cujos propósitos, conforme se leem ainda hoje no próprio site da instituição, visavam

[...] “fixar as vozes e vocábulos da língua castelhana na sua maior propriedade, elegância e pureza”. Representou-se tal finalidade com um emblema formado por um crisol no fogo com a legenda *limpa, fixa e dá esplendor*, obediente ao propósito enunciado de combater tudo que altere a elegância, pureza do idioma, e de o fixar no estado de plenitude alcançado no século de XVI.³⁷ (RAE, s. p.)

36 Por *Siglo de Oro* (Século de Ouro) entendemos o período que vai do Renascimento (século XVI) ao Barroco (século XVII) espanhol e “no qual as letras, as artes, a política, etc, conheceram seu máximo esplendor e seu maior desenvolvimento” no país (“*en el que las letras, las artes, la política, etc, han conocido su máximo esplendor y su mayor desarrollo*”) (Bennassar, 2004, p.6).

37 “[...] ‘*fixar las voces y vocablos de la lengua castellana en su mayor propiedad, elegancia y pureza*’. Se representó tal finalidad con un emblema formado por un crisol en el fuego con la leyenda *Limpia, fija y da esplendor*, obediente al propósito

Um olhar mais cauteloso sobre o lema “*limpia, fija y da esplendor*” pode nos levar a pensar que com o surgimento da RAE se previa, inutilmente, eliminar (limpar), a custo de fogo (*crisol*), tudo aquilo que fosse diferente do ideal instituído de língua, fixar *ad aeternum* essa norma e lhe atribuir um prestígio (esplendor) que ofuscasse toda variação que inevitavelmente ocorreria em paralelo à norma exemplar. Notemos que tal intento seguia exatamente na contramão do comportamento natural da linguagem que, como vimos, é heterogênea e em contínua feitura, portanto histórica.

Uma postura contemporânea, por sua vez, não nega a relevância de uma norma padrão para as interações oficiais entre os muitos países de fala castelhana, nem que seu ensino seja um meio de também promover a ascensão social dos cidadãos e a integração entre as nações. No entanto, não se deve associar a essa norma a falsa ideia de uma língua homogênea, desprovida de variedades espaciais, sociais, temporais e estilísticas. É nesse sentido que Sánchez Lobato (2004, p.1652) explica-nos que uma normatização do espanhol deve considerar “a estratificação linguística da complexa sociedade hispânica”³⁸ e permitir “as diferenças apontadas para transmitir e expressar todo o acervo cultural dos povos hispanofalantes” (ibidem, p.1652).³⁹

Segundo o mesmo autor, a formação de uma norma padrão mais próxima da realidade linguística de cada comunidade hispânica tem sido alcançada graças à nivelação da língua a partir da identidade língua-nação. Nesse sentido, Callou et al. (2006, p.261) afirmam que, na América Latina,

Cada país, cada cidade possui sua própria norma culta, sua própria linguagem comum, que não coincide totalmente com a norma literária, ideal, que funcionaria apenas como ponto de referência e como força unificadora e conservadora.

enunciado de combatir cuanto alterara la elegancia y pureza del idioma, y de fijarlo en el estado de plenitud alcanzado en el siglo XVI.”

38 “[...] la estratificación lingüística de la compleja sociedad hispana [...]].”

39 “[...] las diferencias apuntadas para transmitir y expresar todo el acervo cultural de los pueblos hispanohablantes.”

Caso nos dediquemos a observar o papel que têm os meios de comunicação na promoção da língua espanhola, perceberemos que esses meios viabilizam uma intercomunicação linguística e cultural entre os povos de fala hispânica. Essa interação, por sua vez, evidencia o quanto há de semelhança e o quanto há de particularidades no que corresponde ao comportamento, entre outros, linguístico, social, político, cultural, da vasta comunidade hispânica.

Por seu turno, Borrego Nieto (2004) questiona a criação de uma norma padrão distante daquilo que o falante reconhece como sua língua, e em seu lugar defende uma postura de adequação mais natural. Isso porque, conforme nos demonstra o autor, frequentemente o falante de espanhol se vê na necessidade de se locomover entre um eixo de maior diversidade linguística – no qual se localiza a variedade vernacular e dialetal que adquiriu – e um eixo de maior unidade linguística – no qual se opta por um uso comum do castelhano, isto é, sem traços considerados unicamente dialetais. Dessa forma, o falante não se orientaria mais por uma única norma padrão idealizada e pan-hispânica, mas, procurando se aproximar da variedade do outro, desfavorece o uso daquilo que é caracterizado como dialetal. Uma vez que acolhemos essa atitude de convergência em direção à cooperação com o outro, podemos aceitar facilmente a existência de mais de uma norma linguística para o espanhol.

Conduzindo a discussão para o contexto argentino, os dados apresentados por Rojas Mayer (2001) mostram que os argentinos possuem uma preferência pela norma ditada pela Academia Argentina de Letras, deixando, para segundo plano, a norma padrão promovida pela RAE. Segundo essa autora, a preocupação com uma norma nacional começa com a geração de 37 (1837), cuja ideologia previa a constituição de uma identidade legitimamente argentina. É essa “a época em que tem lugar o conflito linguístico-cultural entre o espanhol peninsular e as diferentes modalidades hispano-americanas, em que a Argentina defende os usos de sua comunidade e questiona a autoridade da Espanha sobre o idioma” (ibidem, s. p.).⁴⁰ A ideologia nacionalista da

40 “*Es la época en que tiene lugar el conflicto lingüístico-cultural entre el español penin-*

época era tão forte que motivou a marcação das diferenças linguísticas entre o país e a península.

Foi no século XX, no entanto, que a norma padrão argentina começa a se instituir concretamente, considerando sempre a situação multi-língua e dialetal proveniente da forte imigração presente no país. É a partir de 1930, com a diminuição do número de imigrantes espanhóis, que se define o sentimento de uma norma padrão local diferente da norma padrão hispânica. Desde então, “o falante argentino acrescenta seu orgulho de se considerar dono da palavra surgida ou adaptada a seu contexto” (Rojas Mayer, 2001, s. p.).⁴¹

O forte desejo de manter a autonomia da nação continua se refletindo ainda hoje na língua. No entanto, esse processo não implica uma recusa à identidade hispânica, mas a criação do que é próprio ao país dentro do que é considerado unidade linguística do espanhol (ibidem). Dessa maneira, antes de buscar uma unificação com a norma padrão hispânica, valorizou-se primeiramente a observação das normas regionais e como elas poderiam compor uma norma nacional. Parece que nesse processo de normatização, a variedade da capital federal, Bueno Aires, foi recorrentemente tomada como exemplar graças ao prestígio de que desfruta.

Contribuições da dialetologia hispano-americana para a compreensão da heterogeneidade na língua espanhola

Numa postura mais atenta ao uso da língua, Pedro Henríquez Ureña (1976, p.2) afirma que “qualquer estudo sobre o castelhano da América deve começar abandonando, pelo menos temporalmente, as afirmações muito gerais; toda a generalização corre o risco de ser falsa”.⁴² De fato, não foi somente o dialetólogo dominicano Pedro

sular y las distintas modalidades hispanoamericanas, en la que la Argentina defiende los usos de su comunidad y cuestiona la autoridad de España sobre el idioma.”

41 “[...] el hablante argentino acrecienta su orgullo de considerarse dueño de la palabra surgida o adaptada a su contexto.”

42 “En cualquier estudio sobre el castellano de América debe comenzarse por abandonar,

Henríquez Ureña (1976) quem se ateuve à necessidade de observar a heterogeneidade da língua espanhola na tão plural América e de abandonar, por isso, qualquer tentativa de generalização linguística. Peculiar a cada um dos estudiosos, no entanto, são as opções metodológicas, a base teórica e os fenômenos de análise – conjunto de fatores que os conduziu a diferentes conclusões sobre o(s) estado(s) da língua utilizada no novo mundo.

A fim de esboçarmos como a dialetologia observou, no decorrer dos anos, a diversidade linguístico-espacial do espanhol na América, decidimos expor as principais propostas de divisão dialetal da língua no continente. Dessa maneira, esperamos vislumbrar, ainda que superficialmente, a complexidade que envolve a análise da variação linguística do espanhol no que tange às peculiaridades regionais americanas. Em especial, procurando vincular essa exposição ao propósito maior deste estudo, acompanharemos como a Argentina se insere em cada uma das perspectivas retratadas. Próximos ao fim, observaremos propostas cujo objetivo único seja a delimitação e a descrição das regiões dialetais argentinas; isso para que percebamos que a aparente problemática em generalizar territorialmente o uso da língua também pode ser aplicada ao país.

Uma abordagem como a que propomos deve começar pela consciência de que “não houve na geografia linguística hispano-americana avanços precisamente espetaculares” (Moreno de Alba, 2000, p.117),⁴³ e que “quase todos os atlas linguísticos que se desenvolveram estão limitados regionalmente por países” (Fontanella de Weinberg, 1992, p.128).⁴⁴ Acresce-se a esse cenário o constante questionamento sobre a confiabilidade dos postulados já constituídos. Passemos à análise das cinco propostas de divisão dialetal para o continente, assim como a inserção da Argentina em cada uma delas.

siquiera temporalmente, las afirmaciones muy generales; toda generalización corre peligro de ser falsa.”

43 “[...] no ha habido en la geografía lingüística hispanoamericana avances precisamente espectaculares [...].”

44 “[...] casi todos los atlas lingüísticos que se han emprendido están limitados regionalmente por países.”

Henríquez Ureña (1976): um estudo inaugurador e provisório da dialetologia hispano-americana

O olhar atento à proposta de divisão dialetal feita por Henríquez Ureña (1976) mostra-nos duas características que devem ser consideradas antes de qualquer análise crítica do postulado tido como inaugural. A primeira deve-se à consciência que tinha o autor do caráter provisório de seu estudo (“*provisoriamente me arriesco* em distinguir na América espanhola [...]”) (Henríquez Ureña, 1976, p.5);⁴⁵ já a segunda relaciona-se a um baixo grau de rigor científico no momento de definir o perímetro das zonas dialetais (o que pode ser evidenciado por expressões como “me arriesco”, “provavelmente”, “talvez”).⁴⁶ Juntos, os dois traços, revelam-nos que o postulado de Henríquez Ureña (1976) visava, fundamentalmente, impulsionar o desenvolvimento da disciplina no continente, dando-lhe, posteriormente, um caráter mais empírico à medida que se somassem a ele novos estudos.

Aprofundando-nos efetivamente na proposta, vejamos, nas palavras do próprio autor, como se dividiria dialetalmente a América hispânica:

Provisionalmente, arriesco-me a distinguir na América espanhola cinco zonas principais: primeira, a que compreende as regiões bilingües do sul e sudoeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central; segunda, as três Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico e a República Dominicana, a antiga parte espanhola de Santo Domingo), a costa e as planícies da Venezuela e *provavelmente* a porção setentrional da Colômbia; terceira, a região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, o Equador, o Peru, a maior parte da Bolívia e *talvez* o norte do Chile; quarta, a maior parte do Chile; quinta, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e *talvez* parte do Sudeste da Bolívia.⁴⁷ (Henríquez Ureña, 1976, p.5)

45 “*Provisionalmente me arriesgo a distinguir en la América española [...]*”

46 Tal como podemos observar, grifado, na citação que segue.

47 “*Provisionalmente me arriesgo a distinguir en la América española cinco zonas principales: primera, la que comprende las regiones bilingües del Sur y Sudoeste de los Estados Unidos, México y las Repúblicas de la América Central; segunda, las tres Antillas españolas (Cuba, Puerto Rico y la República Dominicana, la antigua parte española de Santo Domingo), la costa y los llanos de Venezuela y probablemente la*

De modo ilustrativo, Moreno Fernández (2000) organiza as cinco zonas esboçadas no mapa da América Latina, como observamos no Mapa 1.

Mapa 1 – Das principais zonas dialetais da América segundo Henríquez Ureña



Fonte: Moreno Fernández (2000, p.48)

porción septentrional de Colombia; tercera, la región andina de Venezuela, el interior y la costa occidental de Colombia, el Ecuador, el Perú, la mayor parte de Bolivia y tal vez el Norte de Chile; cuarta, la mayor parte de Chile; quinta, la Argentina, el Uruguay, el Paraguay y tal vez parte del Sudeste de Bolivia.”

Henríquez Ureña (1976) alerta-nos ainda que cada uma das cinco zonas tidas como principais apresentam subdivisões. Assim, tal como propõe o próprio autor, a primeira região poderia ser refragmentada em pelo menos seis subzonas: 1 território hispânico dos Estados Unidos; 2 norte do México; 3 antepianície do centro; 4 Tierras Calientes da costa oriental; 5 península de Yucatán; e 6 América Central. Não obstante, esse tipo de análise mais apurada não é estendido às demais regiões, fazendo que, naquele momento, pouca coisa se soubesse sobre as outras quatro zonas ditas principais.

Um dos pontos mais questionados dessa divisão dialetal é a preferência dada pelo autor a critérios extralinguísticos no processo de fragmentação dialetal. Tanto é assim, que afirma:

O caráter de cada uma das cinco zonas deve-se à proximidade geográfica das regiões que as compõem, os laços políticos e culturais que as uniram durante a dominação espanhola e o contato com um língua indígena principal (1, náhuatl; 2, lucayo; 3, quéchua; 4, araucano; 5, guaraní).⁴⁸ (Henríquez Ureña, 1976, p.5)

Além das características geográficas, políticas e culturais observadas em cada uma das regiões, o substrato⁴⁹ indígena foi um critério considerado de grande relevância na elaboração desse postulado. Por isso, a cada uma das cinco zonas associa-se um substrato.

48 “*El carácter de cada una de las cinco zonas se debe a la proximidad geográfica de las regiones que las componen, los lazos políticos y culturales que las unieron durante la dominación española y el contacto con una lengua indígena principal (1, náhuatl; 2, lucayo; 3, quechua; 4, araucano; 5, guaraní).*”

49 Dubois (1978, p.573) define substrato como “toda língua falada que, numa região determinada, por várias razões, foi substituída por outra língua, cumprindo tomar em consideração a influência que a língua anterior pôde ter sobre a língua que a sucedeu”.

Quadro 1 – Da relação dos substratos com as zonas dialetais propostas por Henríquez Ureñas (1976)

	Zona	Substrato
1	Regiões bilíngues do sul e sudeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central.	Náhuatl
2	Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico e a República Dominicana, a antiga parte espanhola de Santo Domingo), a costa e as planícies da Venezuela e provavelmente a porção setentrional da Colômbia.	Lucayo
3	Região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, o Equador, o Peru, a maior parte da Bolívia e talvez o norte do Chile	Quéchua
4	A maior parte do Chile	Araucano
5	A Argentina, o Uruguai, o Paraguai e talvez parte do sudeste da Bolívia	Guarani

Finalmente, cabe-nos destacar em que região dialetal Henríquez Ureña (1976) posiciona a Argentina. Assim, tal como observado no Mapa 1, considera-se que o país possui uma variedade linguística aparentemente homogênea e compartilhada com os países vizinhos – Uruguai, Paraguai e sudeste da Bolívia.

Rona (1964): uma proposta imanentemente linguística

Apesar de reconhecer o caráter preconizador que teve a proposta de Henríquez Ureña (1976), Rona (1964) critica severamente sua postura metodológica. O desacordo decorre justamente da escolha dos critérios utilizados para definir as regiões dialetais, isso porque, enquanto na primeira perspectiva observavam-se fundamentalmente características extralinguísticas, a proposta de divisão dialetal de Rona (1964) fundamenta-se essencialmente em critérios linguísticos, para somente depois relacioná-los a fatores extralinguísticos.

Melhor amparado pelo desenvolvimento da descrição do espanhol na América e tendo em vista que a dialetologia orienta-se pelo princípio de que se deve definir um dialeto por isoglossas, Rona (1964, p.220)

observa, em seu momento, a existência de somente quatro fenômenos linguísticos cujas isoglossas eram suficientemente conhecidas a ponto de serem utilizadas com a função de delimitação dialetal. O primeiro deles, o *yeísmo*, é entendido, pelo autor, como “a desfonologização da oposição dos fonemas espanhóis /j/ e /ʎ/, sem importar qual possa ser sua realização material” (ibidem, p.221).⁵⁰ Dessa maneira, já não se diferenciaria a pronúncia dos grafemas “y” e “ll” das palavras: “*yegua*” e “*llegar*”, por exemplo.

Ao segundo fenômeno observado, o *žeísmo*, corresponde “a realização de qualquer um destes fonemas⁵¹ ou de ambos, como fones fricativos ou africados, sonoros ou surdos” (ibidem, p.221).⁵² A ocorrência do *voseo*, isto é, “o uso do pronome *vos* com valor de segunda pessoa do singular” (ibidem, p.221)⁵³ é o terceiro fenômeno considerado. Finalmente, observa-se a conjugação verbal *voseante*, que pode apresentar, segundo Rona (1964, p.221), quatro tipos de desinências:

Tipo A:	-áis,	-éis,	-ís;
Tipo B:	-áis;	-is;	-is;
Tipo C:	-ás,	-és,	-ís;
Tipo D:	-as,	-es,	-is;

A partir da observação conjunta dos quatro fenômenos – correspondentes, respectivamente, aos níveis fonológico, fonético, sintático e morfológico – Rona (1964) nega a existência de somente cinco regiões dialetais hispano-americanas, mostrando-nos, por sua vez, que na realidade a língua espanhola falada no continente deveria ser dividida em 23 zonas dialetais. As quais expomos no Quadro 2.

50 “[entendemos por *yeísmo*] la desfonologización de la oposición entre los fonemas españoles /y/ y /ll/, no importa cuál pueda ser su realización material.”

51 Isto é, /j/ e /ʎ/.

52 “[...] la realización de cualquiera de estos fonemas o de ambos, como fones fricativos o africados palatales, sonoros o sordos.”

53 “[...] el uso del pronombre *vos* con valor de segunda persona del singular.”

Quadro 2 – Das 23 regiões dialetais propostas por Rona (1964)

ZONA	YEÍSMO	ŽEÍSMO	VOSEO	FORMA
1. México (exceto os Estados de Chiapas, Tabasco, Yucatán e Quintana Roo), Antilhas, a costa atlântica da Venezuela e Colômbia, metade oriental do Panamá.	Sim	Não	Não	–
2. Os estados mexicanos citados, com América Central, incluída a metade ocidental do Panamá	Sim	Não	Não	–
3. Costa pacífica da Colômbia e o interior da Venezuela	Sim	Não	Sim	C
4. Zona andina da Colômbia	Não	Não	Sim	C
5. Zona costeira do Equador	Sim	Sim	Sim	C
6. Zona serrana do Equador	Não	Sim	Sim	B
7. Zona costeira do Peru, exceto o Sul	Sim	Não	Não	–
8. Zona andina do Peru	Não	Não	Não	–
9. Zona meridional do Peru	Sim	Não	Sim	
10. Norte do Chile, noroeste da Argentina e os departamentos bolivianos de Oruro e Potosí	Não	Não	Sim	B
11. Restante da Bolívia	Não	Não	Sim	C
12. Paraguai (exceto a zona de Concepción) e as províncias argentinas de Misiones, Corrientes e Formosa	Não	Sim	Sim	C
13. O centro do Chile	Sim	Não	Sim	B
14. O sul do Chile e uma pequena porção da patagônia argentina	Não	Não	Sim	B
15. As províncias «gauchas» da Argentina (aproximadamente Buenos Aires, Entre Ríos, Santa Fe, La Pampa, Río Negro, Chubut até a Tierra del Fuego) e o Uruguai (exceto a zona ultraserrana e a de fronteira)	Sim	Sim	Sim	C
16. Zona ultraserrana do Uruguai (departamentos de Rocha e Maldonado e parte de Lavalleja e Treinta e Tres)	Sim	Sim	Não	–

continua

ZONA	YEÍSMO	ŽEÍSMO	VOSEO	FORMA
17. Nuevo Méjico e outras zonas estadounidenses onde ainda se fala espanol.	Sim	Não	Não	–
18. Cuba e Porto Rico (mesmo que exista resquícios de um voseo do tipo A no oriente de Cuba);	Sim	Não	Não	–
19. Zona de fronteira no Uruguai exceto a variedade “tacuareboense”.	Sim	Sim	Sim	C
20. Zona de fronteira no Uruguai, variedade “tacuareboense”.	Sim	Sim	Não	–
21. Zona de Concepción, no Paraguai	Não	Sim	Não	–
22. “Caingusino”, na provincia argentina de Misiones	Não	Sim	Sim	C
23. Provincia de Santiago del Estero (ou parte dela), na república Argentina.	Não	Não	Sim	D

Fonte: Rona (1964, p.223-5)

Voltando-nos ao posicionamento da Argentina, observamos que na proposta de Pedro Rona (1964) o país aparece em seis das 23 regiões propostas (10, 12, 14, 15, 22 e 23). No entanto, há de observar que, apesar da maior especificidade, aparentemente importantes províncias do país não são inseridas em nenhuma das zonas; esse é o caso, por exemplo, de Córdoba e Mendoza. Outro aspecto bastante intrigante relaciona-se ao tamanho das regiões: em 14, 22 e 23 verificamos zonas de perímetro muito atomizado, ao passo que em 10, 12 e 15, nota-se uma dimensão espacial mais extensa.

Por fim, tanto pelo maior rigor científico, como pelos dados conclusivos, parece notável a maior credibilidade dada a essa proposta de divisão dialetal. No entanto, encontramos nas palavras de Fontanella de Weinberg (1992, p.125) uma postura que relativiza a confiabilidade da proposta dialetal de Pedro Rona (1964), isso porque, até então, os dados utilizados pelo linguista não eram tão seguros ou suficientemente amplos para assegurar as afirmações feitas por ele:

Apesar de ser muito certa e totalmente compatível a intenção de se basear em dados estritamente linguísticos para realizar uma classificação dialetal, nem os traços em que se baseou Rona, nem os critérios com que realizou sua classificação foram adequados. [...] é necessário contar com dados mais amplos e mais seguros que os que contava Rona.⁵⁴ (Fontanella de Weinberg, 1992, p.125)

Cahuzac (1980): uma proposta de base lexical.

Moreno de Alba (2000) comenta que Cahuzac (1980) parte do princípio de que existe uma relação muito próxima entre os fenômenos culturais e os fenômenos linguísticos e, por isso, propõe uma divisão dialetal do espanhol na América fundamentada em critérios léxico-semânticos, na qual observa as diferentes palavras que fazem referência ao homem que vive no campo (camponês). No Quadro 3, expomos as sete regiões dialetais resultantes deste estudo, assim como as palavras utilizadas nas respectivas regiões.

Quadro 3 – Das regiões dialetais segundo Cahuzac (1980)

Zona	Camponês
1. México e sul dos Estados Unidos	Charro
2. América Central e o Caribe	Cimarronero, Concho, Campiruso
3. Antilhas	Guajiro, Campuno
4. Venezuela e Colômbia	Llanero, Sabanero;
5. Equador, Peru, Bolívia	Chacarero, Montubio;
6. Rio de la Plata	Gaucho, Campero;
7. Chile	Huaso;

54 “Si bien resulta muy acertado y totalmente compartible la intención de basarse en datos estrictamente lingüísticos para realizar una clasificación dialetal, ni los rasgos en que se basó Rona ni los criterios con que realizó su clasificación fueron adecuados. [...] resulta necesario contar con datos más amplios y más seguros que los que contaba Rona.”

Observemos que, tal como na proposta de Henríquez Ureña (1976), Cahuzac (1980) considera que, juntamente com o Uruguai e o Paraguai, a Argentina conforma a região dialetal do Río de la Plata, fazendo-nos pensar que a variedade linguística do espanhol falada nesse extenso território é homogênea.

Não obstante, é relevante considerarmos as críticas feitas por Moreno de Alba (2000) a essa proposta de divisão dialetal, isso porque (1) a observação da variedade rural não é suficiente para se definir uma região dialetal; (2) as isoglossas lexicais são menos precisas na delimitação das regiões; (3) uma proposta fundamentada na observação de um único fenômeno deve ser melhor avaliada; e, finalmente, (4) os dicionários de americanismos e regionalismos contemporâneos a Cahuzac (1980) – os quais serviram de base para sua proposta – possuíam pouca confiabilidade. Em síntese, parece que a precisão das conclusões alcançadas por Cahuzac (1980) é muito pequena.

Zamora e Guitart (1988)

A proposta de divisão dialetal de Zamora e Guitart considera três fatores estritamente linguísticos. O primeiro deve-se à realização do fone [s] no contexto de fim de sílaba, o qual, segundo os autores, pode ser conservado, aspirado ou perdido. O segundo fenômeno linguístico relaciona-se ao fonema fricativo velar /x/, que pode ter como alofone o fone fricativo glotal [h].⁵⁵ Finalmente, observa-se também a variação entre *tuteo* e o *voseo* pronominal.⁵⁶ A partir da análise dos três fenômenos, chega-se ao Quadro 4, com nove regiões dialetais.

55 Esses são os sons dos grafemas “j” e “g” – este, quando diante das vogais “e” e “i”.

56 *Tuteo* e *voseo* dizem respeito ao uso dos pronomes *tú* ou *vos*, respectivamente, com valor de segunda pessoa do singular.

Quadro 4 – Das nove regiões dialetais propostas por Zamora e Guitart

Zonas	[s]	[x]	Voseo Pronominal
1. Antilhas, costa oriental do México, metade oriental do Panamá, costa norte da Colômbia, Venezuela (exceto a cordilheira).	Perda	Glotal	Tuteo
2. México (sem costa oriental e fronteira com Guatemala)	Conservação	Velar	Tuteo
3. América Central e fronteiras com o México	Aspiração ou Perda	Glotal	Voseo
4. Colômbia (exceto a costa), cordilheira da Venezuela	Conservação	Glotal	Voseo
5. Colômbia (costa pacífica) e o Equador	Aspiração ou Perda	Glotal	Tuteo e voseo
6. Peru (costa, exceto extremo sul)	Aspiração ou Perda	Glotal	Tuteo
7. Equador e Peru (exceto o indicado em 6), noroeste da Argentina, centro da Bolívia	Conservação	Velar	Tuteo e voseo
8. Chile	Aspiração ou Perda	Velar	Tuteo e voseo
9. Río de la Plata, oriente da Bolívia e Argentina (exceto noroeste)	Aspiração ou Perda	Velar	Voseo

Fonte: Hernández Montoya (2001)

Notemos que, nesse cenário, a Argentina é dividida em duas zonas (7 e 9), levando-nos a entender que a língua espanhola falada no país divide-se dicotomicamente entre uma variedade a noroeste (7) e outra que conforma o centro, o norte e o sul do país (9). Como verificaremos no avançar de nossas reflexões, essa dicotomia, também considerada generalizadora, vai se repetir em diversos estudos sobre o espanhol da Argentina.

Montes Giraldo (1987): a bipartição dialetal do espanhol

Considerando não só fenômenos linguísticos, mas também fatores sócio-históricos, Montes Giraldo (1987) verifica que, tanto na América como na Península, a língua espanhola pode ser agrupada em duas macrorregiões dialetais – os chamados superdialetos. Além disso, o

autor mostra-nos em sua proposta de bipartição dialetal a existência de uma relação direta entre o novo e o antigo mundo.

Desse modo, o superdialeto A recebe o nome de espanhol serra-no, central, ou ainda interiorano, já que se localiza no centro-norte da Espanha e nas terras altas e interiores da América. Segundo o autor, essa região dialetal caracteriza-se, entre outros, “pela conservação da -s (sibilante) como implosiva” e da “identidade fonológica de [r] e [l]”.⁵⁷ Por outro lado, o superdialeto B, conhecido como espanhol meridional, atlântico, costeiro ou ainda como o das terras baixas, predomina na parte meridional da Espanha e nas Ilhas Canárias. Na América, por sua vez, é a variedade observada no Caribe, no litoral e, eventualmente, em comunidades ribeirinhas. Fundamentalmente, esse superdialeto se caracteriza pela aspiração ou apagamento do fonema /s/ no contexto pós-silábico, e neutralização parcial de [r] e [l] (Montes Giraldo, 1987, p.214 e 215). Segundo Saralegui (1997, p.30), “[...] o que se desprende desta classificação, de modo evidente, é a distinção entre um espanhol de características conservadoras (o superdialeto A) e um espanhol de características inovadoras (o superdialeto B), sem separar, para estes efeitos, Espanha da América”.⁵⁸

Foi Fontanella de Weinberg (2004) quem aplicou a proposta de Montes Giraldo (1987) à Argentina. Segundo a autora, o superdialeto A seria equivalente à macrorregião mediterrânea, composta pelas regiões noroeste, central e de Cuyo. Ao superdialeto B, por outro lado, equivaleria a macrorregião litorânea, conformada pelas regiões bonaerense, litorânea e patagônica. Fundamentalmente, essas macrorregiões diferem-se pelo tipo de *voseo*, pelo tipo de *yeísmo* e pela realização do fonema [r], de modo que o Quadro 5 sintetiza como esses fenômenos diferenciam-se entre as regiões.

57 “[...] por el mantenimiento de la -s (implosiva) como sibilante, el mantenimiento de la identidad fonológica de /R/ y /L/ [...]” (Montes Giraldo, 1987, p.214).

58 “[...] lo que se desprende de esta clasificación, de modo evidente, es la distinción entre un español de características conservadoras (el superdialecto A) y un español de características innovadoras (el superdialecto B); sin separar, a estos efectos, España de América.”

Quadro 5 – Das diferenciações linguísticas na macrorregião mediterrânea e litorânea

Fenômeno	Macrorregião mediterrânea (superdialeto A)	Macrorregião litorânea (superdialeto A)
<i>Voseo</i>	Paradigma único	Alternância de paradigma
<i>Yeísmo</i>	Quase exclusivamente “ <i>rehilado</i> ”.	Com variantes não “ <i>rehiladas</i> ”
/r/	Vibrante	Assibilada

Fontanella de Weinberg (2004) faz-nos ainda uma ressalva sobre a Região Nordeste da Argentina; para a autora, essa área não pode ser associada a nenhuma das duas macrorregiões anteriores por possuir muitas características peculiares.

Por fim, a síntese da análise das principais propostas de divisão dialetal do espanhol na América mostra-nos, por um lado, que a dialetologia hispano-americana sempre esteve na contramão de uma proposta homogeneizadora da língua. Por outro lado, a mesma análise mostra-nos como esse campo de estudos tem tido avanços comedidos no continente. Parte dessa situação se deve à adoção de procedimentos restritos ora à realidade estritamente extralinguística, ora à realidade estritamente linguística do espanhol nas regiões. Uma vez que reconhecemos que a língua é um sistema ordenado que está em direta relação com o homem e sua comunidade, julgamos que uma melhor abordagem da realidade dialetal do espanhol na América deve considerar os dois âmbitos de análise: tanto o linguístico, como o extralinguístico. Somam-se ao conjunto de deficiência dos postulados apresentados a incompatibilidade das propostas – no que tange à quantidade e à extensão das regiões dialetais – e o fato de muitas vezes considerar-se, como isoglossas, fenômenos cujos comportamentos ainda não eram suficientemente conhecidos. Diante desse cenário é que Moreno de Alba (2000, p.126) afirma:

É provável que nenhuma divisão dialetal seja plenamente satisfatória. Qualquer uma tem, a meu ver, seus defeitos e seus acertos. Sempre será particularmente discutível a validade dos traços que foram escolhidos para a determinação das zonas.⁵⁹

59 “*Es probable que ninguna división dialectal resulte plenamente satisfactoria. Cual-*

Sobre a análise dialetal do espanhol na Argentina, com exceção da proposta de Rona (1964), verificamos que a língua espanhola usada no país ou é, *grosso modo*, generalizada e igualada aos países vizinhos ou, quando muito, dividida em duas variedades. Para verificarmos a confiabilidade dos cinco postulados apresentados e assentarmos as bases para a análise diatópica que pretendemos para a Argentina, propomos analisar, a seguir, os dois principais estudos dialetais para o país.

Vidal de Battini (1964): a inauguração da dialetologia argentina

No trabalho precursor sobre a dialetologia argentina, Vidal de Battini (1964) observa que, apesar da extensão territorial, a língua espanhola alcançou, no país, uma significativa unidade. No entanto, a pesquisadora mostra-nos que, mesmo diante dessa relativa coesão, é possível observar peculiaridades linguísticas regionais, as quais possibilitam uma delimitação das regiões dialetais da Argentina. Com esse objetivo, Vidal de Battini lança mão de um minucioso e atento processo de coleta de dados, que envolveu conversas, listas de palavras, questionários, entre outros procedimentos.

A sistematização das informações obtidas passou por três diferentes níveis linguísticos de análise: fonético, morfológico e sintático, nos quais se analisaram, entre outros, a realização do paradigma vocálico e consonantal, da entoação, da expressão de gênero e número, do artigo, do verbo, do advérbio, das interjeições, dos pronomes e das preposições em todo o território do país. A essa atenta descrição, somam-se também dados de ordem extralinguística, haja vista que são apresentados fatos sociais, históricos, políticos e geográficos que se relacionam ao desenvolvimento da língua espanhola na Argentina. Dessa maneira, sem negligenciar aspectos linguísticos e extralinguísticos, Vidal de Battini (1964) considera a existência de cinco regiões linguísticas no país: litoral, guaranítica, noroeste, Cuyo e central. O Quadro 6

quiera tiene, a mi ver, sus defectos y sus aciertos. Siempre será particularmente discutible la validez de los rasgos que se elijan para la determinación de las zonas."

apresenta-nos sucintamente o território pertencente a cada umas das regiões dialetais, bem como as principais características linguísticas observadas nelas por Vidal de Battini (1964).

Quadro 6 – Da área de abrangência e as características linguísticas das regiões dialetais da Argentina segundo Vidal de Battini (1964)

Região Dialectal	Território	Características
1. Litoral	- <i>Buenos Aires</i> , quase totalidade de <i>Santa Fe</i> ; zonas de <i>Entre Ríos</i> ; <i>La Pampa</i> e <i>Patagônia</i> . - <i>Uruguai</i> .	- Região mais extensa e mais europeizada; - Sob forte influencia de <i>Buenos Aires</i> ; - Características linguísticas: Entoação e pronúncia portenha ou do litoral; <i>Yeísmo rehilado</i> ; -rr- vibrante; -s bem pronunciada pelas classes cultas, com tendência à aspiração no final de sílaba e perda muito acentuada no uso mais vulgar; Características fonéticas, morfológicas e lexicais muito diversas: alternância de formas tradicionais do espanhol e de formas incorporadas, em processo ativo de acomodação.
2. Guaranítica	<i>Corrientes</i> , <i>Misiones</i> , oeste de <i>Formosa</i> , <i>Chaco</i> , nordeste de <i>Santa Fe</i> , zona de projeção de <i>Entre Ríos</i> .	- Existência de população bilingue (guarani) - Características linguísticas: Entoação guaranítica ou correntina; -ll- castelhana; -y- africada e <i>rehilada</i> ; -s final de sílaba aspirada e perda quase constante de -s em final de palavras; -rr- fricativa assibilada; Queda frequente da -r no final dos vocábulos verbais de infinitivo; Pronúncia das vogais em hiato; <i>Leísmo</i> em alternância com <i>loísmo</i> ; Uso de preposições influenciado pelo guarani.

continua

Região Dialetal	Território	Características
3. Noroeste	- <i>Jujuy, Salta, Tucumán, Catamarca, La Rioja</i> , norte de <i>San Juan</i> , norte de <i>San Luís</i> e noroeste de <i>Córdoba</i> . - Sub-regiões: <i>Puna y Stgo. del Estero</i>	- Região de mais antiga colonização: - Características linguísticas: Entoação do noroeste; -rr- fricativa assibilada; -s aspirada; Três zonas de <i>yeismorehilado</i> (<i>Tucumán, Jujuy e Salta</i>) e uma de conservação de <i>ll</i> castelhana (norte de <i>San Juan</i> e oeste de <i>La Rioja e Catamarca</i>); Arcaísmos e quechuísmos.
4. de Cuyo	- Mendoza, San Juan e parte de Neuquén.	- Características linguísticas: Entoação mendocina e sanjuanina; Yeísmo; -rr- fricativa assibilada; -s final de palavra e de sílaba aspirada; Semelhança atenuada com Chile em algumas características fonéticas, morfológicas e lexicais, devido à antiga dependência colonial e aproximação territorial.
5. Central	- Córdoba e San Luís. - Uma grande zona de limites abertos, de transição, entre o noroeste, a região de Cuyo e do litoral.	- Características linguísticas: Entoação cordobesa; Yeísmo; -s aspirada no final de palavra e sílaba; -rr- fricativa assibilada; Quechuísmos.

Mais adiante, quando analisada a proposta feita por Fontanella de Weinberg (2004), poderemos melhor visualizar como essas regiões dividem-se no espaço físico do país.

Fontanella de Weinberg (2004): a reavaliação da proposta de Vidal de Battini

Somente após quarenta anos do lançamento da obra *El español de Argentina* (Vidal de Battini, 1964), surge uma nova proposta de divisão

dialetal específica ao espanhol no país. Foi Fontanella de Weinberg (2004) quem reconheceu a necessidade de reavaliar os fundamentos do trabalho de sua antecessora, já que no decorrer dos anos muito se havia avançado sobre o conhecimento da língua castelhana empregada nas diversas zonas da Argentina.

Apesar do desenvolvimento nos estudos linguístico-descritivos, Fontanella de Weinberg (2004) deparavam ainda com a carência de um atlas linguístico constituído por isoglossas seguras que possibilitassem uma divisão linguística precisa do território argentino. Em razão dessa deficiência, a pesquisadora escolheu partir da delimitação já realizada por Vidal de Battini (1964), observando que nela “há vários pontos discutíveis, entre os que se destaca o fato de considerar como uma única região o extenso território que inclui desde as províncias de Santa Fe e Entre Ríos até a Tierra del Fuego”.⁶⁰

Como solução a essa generalização, propõe-se dividir a ampla região do litoral em três zonas menores: região bonaerense, região do litoral e região patagônica, as quais, juntamente às regiões já apresentadas por Vital de Battini (1964) (guaranítica, noroeste, central e de Cuyo) conformam as sete regiões dialetais da Argentina segundo o postulado de Fontanella de Weinberg (2004).

Buscando razões que justifiquem a redistribuição da primitiva região litorânea em três zonas menores, Fontanella de Weinberg (2004) explica-nos que, apesar de apresentar traços comuns com a fala bonaerense em setores mais cultos, quando observados níveis socioeducacionais mais baixos, a variedade patagônica exhibe traços totalmente ausentes na região vizinha. Em relação à diferença existente entre as variedades da região bonaerense e da nova região litorânea, “os estudos realizados até o momento mostram que a frequência com que se dão determinados fenômenos (o apagamento da /s/ final, por exemplo) difere entre ambas”.⁶¹

60 “[...] hay varios puntos discutibles, entre los que se destaca el considerar como una región única todo el extenso territorio que incluye desde las provincias de Santa Fe y Entre Ríos hasta Tierra del Fuego.” (Fontanella de Weinberg, 2004, p.42).

61 “[...] los estudios realizados hasta el presente muestran que la frecuencia con que se dan determinados fenómenos (la caída de /-s/ final, por ejemplo) difiere entre ambas.” (Fontanella de Weinberg, 2004, p.42).

Dessa maneira, a partir da proposta de Vidal de Battini (1964), o postulado de Fontanella de Weinberg (2004) prevê a existência das seguintes regiões dialetais na Argentina:

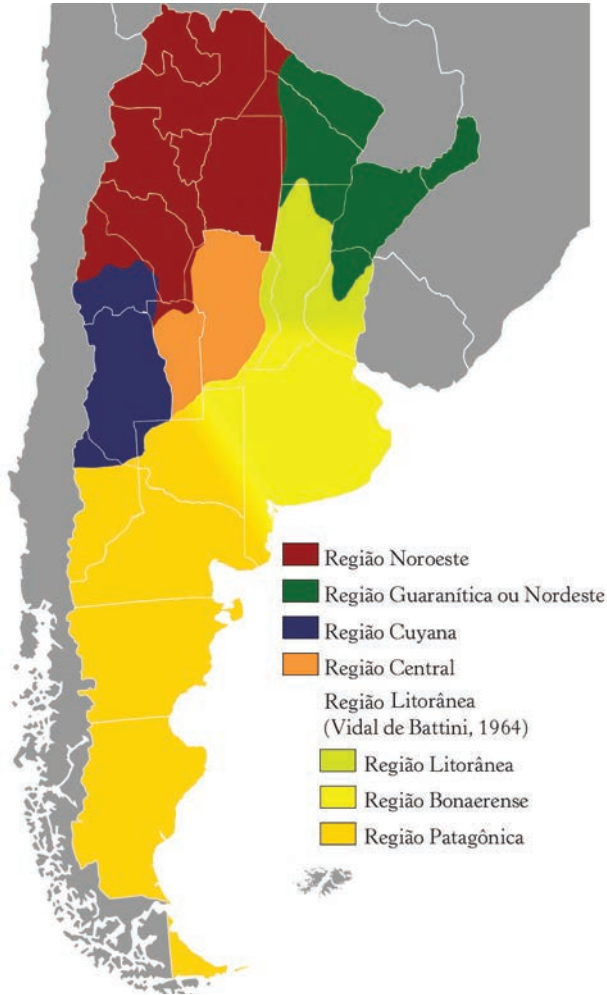
1. Bonaerense;
2. Litorânea;
3. Patagônica;
4. Guaranítica ou Nordeste;
5. Noroeste;
6. Cuyana;
7. Central.

No mapa 2, podemos visualizar melhor como essas regiões dividem-se no espaço físico do país. Observe que a grande região bonaerense postulada por Vidal de Battini (1964) é dividida em três menores.

Por fim, diante das diferentes propostas de divisão dialetal apresentadas neste capítulo, observamos que a compreensão da diversidade linguística perpassa o conhecimento do uso efetivo da língua e sua relação com aspectos extralinguísticos. Desse modo, procurando nos afastar de qualquer “generalização que corra o risco de ser falsa”, com o conhecimento das propostas de divisão dialetal da língua espanhola na Argentina, conseguimos estruturar a base do estudo que possibilitará a descoberta dos valores atribuídos ao *Pretérito Perfecto Compuesto* (PPC) no país. Isso porque encontramos nesses postulados guias que nos direcionam à localidade de onde poderemos retirar os dados de análise. Finalmente, com as conclusões provenientes do estudo do PPC, esperamos contribuir para o traçado de mais uma isoglossa que poderá auxiliar na definição das regiões dialetais da Argentina; isso é assim porque “somente um maior avanço nos estudos regionais permitirá localizar os limites dialetais com maior precisão” (Fontanella de Weinberg, 1992, p.127).⁶²

62 “[...] sólo un mayor avance en los estudios regionales permitirá ubicar los límites dialectales con más precisión [...]”

Mapa 2 – Das cinco regiões dialetais da Argentina



Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dialectos_del_idioma_español_en_Argentina.png>

3

TEMPORALIDADE E ASPECTUALIDADE: UM OLHAR ATENTO AO SISTEMA DA LÍNGUA ESPANHOLA

“[...] como o tempo pode ser, se o passado não é mais, o futuro não é ainda e o presente não é sempre? Por outro lado, falamos em tempo longo e tempo curto. No entanto, como se pode medir aquilo que não é?”

(Fiorin, 1996, p.130)

O interesse em proceder à análise do(s) valor(es) atribuídos a uma forma verbal de uma língua natural qualquer deve, antes de tudo, munir-se de uma reflexão teórica sobre as principais categorias que se associam ao verbo. Assim sendo, a fim de sustentarmos uma discussão posterior sobre o *pretérito perfecto compuesto* espanhol, dedicaremos, neste momento, especial atenção à temporalidade e à aspectualidade nas línguas naturais, atentando-nos, com maior afinco, à sistematização dessas categorias na língua espanhola.

A temporalidade linguística e a língua espanhola

As palavras de Fiorin (1996), epigrafadas no início deste capítulo, retomam o questionamento tido por Santo Agostinho sobre o tempo e sintetizam um incômodo que, de alguma maneira, acompanhou a

humanidade por séculos. Motivado pelo interesse de desvendar os mistérios provenientes da observação do tempo – sua concepção, estado, duração, direção, entre outros – o homem valeu-se de diferentes saberes, como os advindos, por exemplo, da filosofia, da teologia, da poética, da física, da psicologia, da linguística. Foi por meio deles que se fez possível a compreensão dessa dimensão sob diferentes perspectivas, resultando em um conhecimento que alivia nossa inquietação diante da intangível instância do tempo.

Ainda segundo Fiorin (1996, p.130), foi na linguagem que o filósofo eclesiástico encontrou o “guia seguro” para o estudo do tempo, isso porque “dizemos a respeito do passado que foi longo e do futuro que será longo”. Ou seja, a língua disponibiliza estruturas referenciais que nos possibilitam expressar “aquilo que é”, “aquilo que não é mais” e “aquilo que não é ainda”: o tempo. Nesse sentido, a compreensão de como sistematizamos o tempo nas línguas naturais e dos recursos linguísticos que se relacionam à expressão da temporalidade conduz-nos ao entendimento dessa instância que há muito tem sido perseguida pelos olhares da humanidade.

Ora, se as línguas apreendem o tempo, sistematizando-o por meio de um conjunto de elementos linguísticos, poderíamos pensar em pelo menos dois âmbitos de percepção da temporalidade. O primeiro, do tempo físico, corresponderia ao tempo que, de alguma maneira, sentimos, vivenciamos e no qual se dão os acontecimentos. Por sua vez, o tempo linguístico, no segundo âmbito, corresponderia à representação, nas línguas naturais, da concepção física do tempo.

De fato, coube a Benveniste (2006) uma melhor apreciação dos diversos modos de perceber a temporalidade. Para o autor, existem quatro noções de tempo: uma física, uma psíquica, uma crônica e, finalmente, uma linguística. Sobre o tempo físico, diz ser o tempo do mundo, o qual assume uma forma “contínua, uniforme, infinita, linear e segmentável” (ibidem, p.71). Por sua vez, essa concepção temporal teria um correlato mental, no qual o tempo passa a ser visto como detentor de uma “duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (ibidem, p.71). A essa apreensão chamamos tempo psíquico.

Sobre o tempo crônico, sabe-se “que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida” (ibidem, p.71). É esse tempo que permeia “nossa visão do mundo” e “nossa existência pessoal”, possibilitando, por meio de uma referência¹ preestabelecida, localizar e distinguir algo que é anterior ou posterior a esse marco referencial. A importância dada ao ponto de referência deve-se ao fato de nos informar “a posição objetiva dos acontecimentos” e de determinar nossa situação em relação a eles (ibidem, p.73).

Benveniste (2006) também observa o esforço que o homem dedica para objetivar a terceira concepção do tempo; isso ocorreria porque se vê no tempo crônico uma condição necessária para a sobrevivência da sociedade – daqui decorre o caráter social que adquire essa percepção temporal. Um grande exemplo da objetivação do tempo crônico é o calendário, o qual assume um importante evento sócio-histórico – nascimento de Cristo, por exemplo – como referência e, a partir dele, organizam-se os eventos menores e mais individualizados na linha do tempo.

Antes de introduzir a última perspectiva temporal, isto é, a do tempo linguístico, Benveniste (2006, p.74) lembra-nos que “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico”. Salienta-se, desse modo, a dependência que temos da língua para vivenciarmos o tempo, na sua concepção tanto crônica como física. Assim, mais que mera representação referencial desses, o tempo da língua facultam-nos a percepção, a apreensão e a compreensão deles à medida que os estrutura no sistema linguístico. Nesse processo de sistematização, o tempo na língua assume características peculiares que o transformarão no tempo da língua.

Guillermo Rojo (1974) acredita ter encontrado na desatenção ao aspecto mensurativo a principal diferença entre o tempo da língua e o tempo cronológico. Isso porque, enquanto este último assume como informação fundamental a especificação da distância existente entre momentos

1 Que pode ser definida individualmente ou coletivamente, haja vista que podemos assumir um evento de relevância pessoal ou ainda adotar uma convenção social como referência.

anteriores/posteriores² a uma referência socialmente constituída, o tempo linguístico considera fundamental apenas a marcação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade de momentos, não se importando, portanto, com a medição precisa das distâncias existentes entre eles.

Por seu turno, para Benveniste (2006, p.74), na definição do tempo linguístico deve-se observar “o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Em outras palavras, diferentemente do tempo crônico, que determina sua referência socialmente e que segue a contínua linearidade do tempo físico, o tempo linguístico, arbitrariamente, “tem seu centro na instância da fala”. Um centro que é “ao mesmo tempo gerador e axial”, isto é, que lhe é origem e referência (ibidem). Logo, ao enunciar construímos implicitamente o tempo linguístico, o presente, que “será reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo” (ibidem, p.75).

A partir desse presente, que se desloca acompanhando o ato discursivo, constrói-se uma referência que:

[...] constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção. (ibidem)

Em poucas palavras, tal qual o presente, também o passado e o futuro da língua dependem do ato de fala e da referência instaurada nele. Desse modo, o primeiro (presente) caracteriza a concomitância à enunciação, enquanto os outros dois (passado e futuro), a não concomitância, que se articula em anterioridade e posterioridade, respectivamente (Fiorin, 1996, p.142).

Em síntese, diante dessa cena temporal construída pela língua,

2 Para a especificação temporal do tempo cronológico, a língua vale-se de unidades linguísticas que se relacionam diretamente a ele. Esse é o caso, por exemplo, das datas, que, aliadas a informações do tempo linguístico, podem nos oferecer, com maior exatidão, a identificação plena do tempo cronológico.

Chega-se [...] à constatação [...] de que o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e que este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais; estas são necessariamente explicitadas em um significante e em retorno fazem aparecer o presente e o que vai sê-lo. Estas duas referências não se relacionam ao tempo, mas às visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente. (Benveniste, 2006, p.75)

Em relação às observações de Benveniste (2006) sobre as quatro noções de tempo, cabe-nos destacar, por fim, como as concepções psíquica, crônica e linguística demonstram diferentes maneiras de o homem relacionar-se com o tempo físico, internalizando-o por meio de uma intervenção mental, sócio-objetivadora e linguística, respectivamente.

Santos (1974, p.56) também observa que “a palavra tempo tem muitos sentidos”; no entanto, é mais restrito ao fragmentá-la em três concepções somente: tempo cronológico, tempo psicológico e tempo gramatical. Sobre o cronológico, diz ser independente à atividade interna do homem e possuir um contínuo, uniforme, constante e irreversível deslocamento em direção ao futuro, podendo, por isso, receber uma unidade de medição (horas, dias, anos, entre outros). Essa concepção parece unir a visão de tempo físico e crônico tida por Benveniste (2006).

Em relação à concepção psicológica do tempo, Santos (1974, p.56) afirma que ela existe “em função do mundo interno do indivíduo” e, por isso, “não tem uma duração constante, uniforme”, impossibilitando a produção de uma unidade de medição universal. Por último, o tempo gramatical será visto como um signo linguístico que se sistematiza binariamente pela oposição presente *vs.* não presente.

A esse autor pertence ainda uma distinção metodológica que consideramos pertinente para este trabalho. Conforme observa, há em algumas línguas a diferenciação lexical entre o conceito de tempo não linguístico – isto é, o tempo cronológico, físico e psicológico – e a expressão do tempo linguístico por meios gramaticais.³ A fim de

3 Por exemplo, o autor cita o caso do alemão que apresenta, respectivamente, as formas *zeit* e *tempus* e do inglês que, igualmente, possui *time* e *tense* para expressar os respectivos valores.

reproduzir essa distinção neste trabalho, usaremos, respectivamente, tempo e a forma latina *tempus* (com o plural *tempora*). Notemos que desse modo evitamos a ambiguidade decorrente da polissemia existente na palavra tempo.

No Quadro 7, expomos as características de cada uma das percepções do tempo, bem como a relação existente entre a proposta de Benveniste (2006) e Santos (1974).

Quadro 7 – Das concepções de tempo por Benveniste (2006) e Santos (1974).

Concepções de tempo em Benveniste (2006)			
Tempo Físico (TFs)	Tempo Crônico (TCr)	Tempo Psíquico (TPs)	Tempo Linguístico (TLg)
<ul style="list-style-type: none"> - Tempo do mundo; - Forma contínua, uniforme, infinita, linear e segmentável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo dos acontecimentos; - Engloba a vida; - Permeia nossa visão do mundo; - Assume uma referência preestabelecida pela sociedade ou pelo indivíduo (Ex. calendário); - A partir dessa referência, localiza evento no tempo, assim como nossa posição em relação a ele; - De caráter social; - Condição de sobrevivência das sociedades; 	<ul style="list-style-type: none"> - Constructo mental do TFs; - Duração variável medida pelo grau de emoções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Representação do TFs e TCr na língua; - Permite que vivenciemos os demais tempos; - Define-se e se organiza em função do ato enunciativo; - Referência e relações temporais dão-se a partir do ato de fala. - Concomitância (presente) <i>vs.</i> Não Concomitância (de anterioridade – passado – e de posterioridade – futuro); - O único tempo inerente à língua é o <i>Presente</i> axial do discurso.

continua

Concepções de tempo em Santos (1974)		
Tempo Cronológico	Tempo Psicológico	Tempo Gramatical
<ul style="list-style-type: none"> - Independente da atividade interna do homem; - Contínuo, uniforme, constante e irreversível deslocamento em direção ao futuro; - Pode receber uma unidade de medição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Surge em função do mundo interno do indivíduo; - Não tem uma duração constante, uniforme; - Ausência de uma unidade de medição universal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Signo linguístico; - Sistematiza-se binariamente: presente vs. não presente.

Como é de esperar, será a perspectiva de tempo linguístico/gramatical a que fundamentalmente observaremos neste livro, uma vez que nossos estudos envolvem a análise de um tempo verbal da língua espanhola. A seguir, desenvolveremos uma reflexão mais apurada sobre a expressão linguística do tempo.

Tempus: dêixis temporal

Do mesmo modo que Benveniste (2006), outros autores evidenciam que a relação inerente entre o *tempus* e o ato de fala/momento de enunciação⁴ é a característica fundamental dessa concepção temporal. Esse é o caso, por exemplo, de Santos (1974), Reichenbach (2004), Fiorin (2008) e Riemer (2010), os quais afirmam, respectivamente, que:

Tempus indica uma relação [...] binária, entre o *momento de fala* e o momento da realização indicada pelo verbo. (Santos, 1974, p.58, grifo nosso)

Os *tempora* determinam o tempo em relação ao momento do *ato de fala*.⁵ (Reichenbach, 2004, p.526, grifo nosso)

O tempo deve, pois, ser definido, como a categoria gramatical que permite situar os acontecimentos como presentes, pretéritos ou futuros, em relação a um marco referencial presente, pretérito ou futuro, estabelecido a partir do *momento da enunciação*. (Fiorin, 2008, p.11, grifo nosso)

4 *Act speech/ time of utterance.*

5 *"The tenses determine time with reference to the time point of the act of speech."*

O *momento de enunciação* constitui o ponto de referência, o qual estrutura o sistema de *tempora* da língua.⁶ (Riemer, 2010, p.316-17, grifo nosso)

De maneira semelhante, ao explicar -nos por que o *tempus* depende do momento de enunciação para se constituir, Rojo e Veiga (1999) mostram-nos que o tempo da língua fundamenta-se no estabelecimento de um ponto zero, que, por sua vez, coincide com o momento de enunciação. Desse modo, “cada ato linguístico converte-se em seu próprio centro de referência temporal, com respeito ao qual os acontecimentos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores”.⁷ Em outras palavras, as relações temporais no *tempus* dão-se a partir de uma referência implícita (ponto zero) que é criada e ancorada arbitrariamente no ato de fala, por isso a localização temporal de um evento dependerá de sua relação com o momento de enunciação. Daí decorre o caráter dêitico⁸ que se atribui ao *tempus*, uma categoria linguística que se constrói e se organiza a partir da enunciação.

Mas como essa categorização temporal se materializa nas diferentes línguas naturais? A seguir, arrazoaremos um pouco sobre a questão.

Tempus e o verbo

A partir da observação da temporalidade em diferentes línguas, Comrie (1993b, p.3) conclui que a conceitualização linguística do

6 “*The time of utterance forms the point of reference which structures a language’s tense system.*”

7 “*Cada acto lingüístico se convierte, así, en su propio centro de referencia temporal, con respecto al cual los acontecimientos pueden ser anteriores, simultáneos o posteriores.*” (Rojo; Veiga, 1999, p.2873).

8 Conforme Dubois (1978, p.167), é dêitico “todo elemento linguístico que, num enunciado, faz referência: (1) à situação em que esse enunciado é produzido; (2) ao momento do enunciado [...]”. Houaiss (2000), por seu turno, alega ser dêitico “cada um dos elementos indiciais da linguagem, que figuram lado a lado com as designações simbólicas ou conceituais; referem-se à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso”. Dêitico deriva do grego *deiktikos*, que quer dizer “que mostra ou demonstra”.

tempo pode mudar radicalmente de uma sociedade para outra. Consciente dessa heterogeneidade e visando a uma teoria que envolva, se não todas, ao menos a maior parte das línguas naturais, Comrie (1993b) identifica modos comuns de expressar o tempo por meio de estruturas linguísticas e os agrupa em três conjuntos.

No primeiro, de expressões lexicais fixas, encaixam-se os signos linguísticos de uso coletivo que variam conforme mudamos a língua observada. Esse é o caso, por exemplo, dos advérbios de tempo ontem, hoje, amanhã, antes, depois. O segundo grupo, que envolve construções lexicais mais específicas, relaciona-se a sintagmas construídos com o objetivo de indicar, com maior precisão, em que momento dada informação acontece. Essas construções se valem, muitas vezes, de outros acontecimentos do mundo do indivíduo e até mesmo de estruturas do primeiro grupo. São exemplos desse conjunto: “a semana antes do aniversário da minha mãe” ou “5 minutos depois de João sair”. Por suas características, essas expressões adquirem um uso mais particularizado e são potencialmente infinitas (Comrie, 1993b, p.8). Rojo e Veiga (1999) fazem-nos saber que são as construções do primeiro e do segundo grupos as que mais se relacionam com o tempo crônico, por conseguirem especificar quando, no passado ou no futuro, determinada situação ocorreu.

Ainda relacionando língua e falantes, Comrie (1993b, p.7) observa que o contato com tecnologias cada vez mais avançadas pode fomentar expressões temporais cada vez mais específicas (nanossegundos, por exemplo). Desse modo, espera-se que comunidades mais distantes desse universo tecnológico tendam a perceber o tempo de maneira diferente. Seria o caso, por exemplo, da cultura *Yidiny*, cuja língua não apresenta expressão lexical que distinga “hoje” de “agora”, diferenciação necessária nas línguas portuguesa, espanhola (*hoy, ahora*), inglesa (*today, now*), entre tantas outras.

Finalmente, o terceiro agrupamento constitui-se por categorias gramaticais, dentre as quais se destaca o tempo verbal. Sabe-se que a observação dessa categoria pressupõe o estudo do verbo, uma vez que entendemos este como uma “classe de palavras cujo significado é capaz de indicar, por processos morfológicos, modificações de voz, modo, tempo, aspecto, pessoa e número” (Santos, 1974, p.56, grifo nosso).

Tendo em mente que o modo de expressão dessa categoria junto ao verbo pode se modificar conforme as línguas (Comrie, 1993b), verificamos, a título de exemplo, que no português e no espanhol tal valor temporal é difundido por meio de Sufixos Flexionais (SF) que se unem à base verbal:

(a). Cant	a	va	Ø
(b). Cant	a	ba	Ø
(raiz)	(vt)*	(SF de <i>tempo</i> /aspecto)	(SF de número/pessoa)
(base)			

* Vogal temática

Notemos que são os Sufixos Flexionais (SF) de tempo que “situa a ação, estado, evento ou processo [do verbo] na sua *relação temporal* com a enunciação e o falante/ouvinte” (Corôa, 2005, p.34, grifo nosso). Como já comentado anteriormente, é atribuída ao *tempus* a característica de relacionar temporalmente os acontecimentos ao momento da enunciação, de onde inferimos que é na relação do verbo com seus elementos flexionais que identificamos a categoria do *tempus*. De fato, ao entendermos o sufixo flexional de tempo como o morfema que nos dá as coordenadas do *tempus*, entramos em acordo com Riemer (2010, p.310), quem afirma que “*tempus* é o nome da classe das marcas gramaticais usadas para sinalizar a localização de situações no tempo”.⁹

O mesmo autor observa, ainda, que a sistematização do *tempus* pode se mostrar diferente conforme a língua em análise. Desse modo, encontram-se tanto línguas que seguem uma organização de (1) base tripartida (Pretérito ⇔ Presente ⇔ Futuro), como línguas de organização de base bipartida, na qual se encontram dois subgrupos: o das (2) línguas que opõem as formas do presente às formas do passado e o das (3) línguas que apresentam oposição entre forma marcada e não marcada (passado *vs.* não passado ou futuro *vs.* não futuro). As línguas de sistemas bipartidos possuem outros instrumentos de especificação

9 “[...] *tense* is the name of the class of grammatical markers used to signal the location of situations in time.”

temporal, tais como os verificados no primeiro e segundo grupos das formas linguísticas de expressão do tempo.

A estruturação tripartida, verificada nas línguas românicas, por exemplo, possibilita, a partir do momento de enunciação, organizar os *tempora* em três âmbitos: correspondentes ao que já aconteceu (passado), o que está acontecendo (presente) e o que acontecerá (futuro). É evidente que as línguas poderão fragmentar essa divisão básica, construindo âmbitos menores que guardam direta relação com o valor do âmbito maior, resultando, por isso, um sistema temporal que abriga mais de três *tempora*.

Para melhor entendermos como os *tempora* estruturam-se nas línguas, recorreremos, em seguida, ao postulado lógico-temporal de Reichenbach (2004) e à teoria temporal de Rojo (1990) e Rojo e Veiga (1999). Não obstante, cumpre-nos ressaltar de antemão que, apesar da maior atenção dada ao *tempus*, os autores não desprezam outras categorias verbais que operam conjuntamente a ele (como o aspecto, por exemplo). Tendo em vista esse posicionamento, com a análise mais atenta do *tempus* e, mais adiante, do aspecto, não vimos à concepção de duas categorias estanques e autônomas, mas à compreensão do valor que aporta cada uma no funcionamento conjunto ao uso verbal – como deveremos observar na análise do *pretérito perfecto compuesto*.

O sistema reichenbachiano

A compreensão do sistema temporal de Reichenbach (2004) pressupõe um diálogo direto com a Teoria da Relatividade Especial (TRE), desenvolvida fundamentalmente por Einstein (Corôa, 2005; Barbosa, 2008). Para o físico, a concepção de um tempo absoluto,¹⁰ na qual o

10 Segundo Corôa (2005, p.26), a conceitualização de tempo absoluto foi desenvolvida por Newton e Galileu, os quais postularam a concepção de um tempo ontológico, isto é, que existe por si só, fora dos eventos. Deste modo, o tempo fluiria sem relação com qualquer coisa que lhe fosse externa e “os momentos presente, passado e futuro [...] seriam entidades [também] com existências próprias, independentes de eventos” (Barbosa, 2008, p.54).

tempo tem uma existência ontológica, era incabível. Pelo contrário, o tempo deveria possuir uma conceitualização mais individualizada por ser “relativo a um único observador” (Barbosa, 2008, p.54). Assim, somente a partir do posicionamento desse observador, conseguiríamos determinar a simultaneidade, a anterioridade ou a posterioridade dos eventos no tempo.

Focalizando-se no tempo da língua, Corôa (2005, p.30) alerta-nos que a figura do “observador” passa a ser vista, por questões de generalização teórica,¹¹ “como um sistema fixo de referência dentro do qual o conjunto temporal se encontra”. No sistema reichenbachiano, o observador culmina no que é considerado inovador para os estudos do *tempus*: o Momento de Referência (MR).¹² Instância que, na descrição dos *tempora*, deverá ser somada aos já então conhecidos Momentos do Evento (ME) e da Fala (MF).¹³

Antes de explorarmos as relações lógico-temporais possíveis por meio da permuta do posicionamento dos três momentos, cabe-nos explicar um pouco mais em que consiste cada um deles. O primeiro, Momento do Evento, possui a manifestação mais concreta dentre os três, “por ter um referente definido e captar mais objetivamente o intervalo de tempo em que ocorre o processo, evento, ação ou estado descrito” (Corôa, 2005, p.38). Logo, podemos considerá-lo como o “tempo da predicação”, isto é, de quando sucede, de fato, a situação apresentada.

Por sua vez, o Momento da Fala mostra-nos o caráter dêitico que tem o *tempus*, visto que se relaciona diretamente com ato locutório e com a pessoa do discurso que enuncia. Em outras palavras, trata-se

11 Essa generalização se deve à necessidade que possuem as línguas de estruturar um sistema que seja minimamente comum a seus falantes e, deste modo, garantir a eficiência comunicativa entre eles. Não fosse assim, seria impossível a expressão de *tempora* compreensíveis por todos os falantes, uma vez que poderia haver tantos sistemas de *tempora* quanto a quantidade de usuários de dado idioma.

12 No inglês, *point of reference* (R) e no espanhol, também *momento de referencia* (MR).

13 No inglês, *Point of the Event* (E) e *Point of Speech* (S), respectivamente. No espanhol, *Momento del Evento* (ME) e *Momento de Habla* (MH)

do “momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação)” (ibidem, p.41). Por último, o Momento de Referência, considerado o mais complexo dentre os três, é visto como um “sistema de inércia que serve de referencial fixo para uma definição de tempo em uma TRE”¹⁴ (ibidem, p.39); desse modo, definirá as perspectivas de retrospectividade, simultaneidade e posterioridade ao MF. É também avaliado como o “tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte para a contemplação do ME” (ibidem, p.11).

Para nos explicar a necessidade do MR no estudo do *tempus*, bem como o modo como esse se relaciona com os demais momentos, Reichenbach (2004, p.527) apresenta-nos o exemplo:

1. *In 1678 the whole face of things had changed.*

Nele, verificamos o *momento de referência* fixado no ano 1678 e, por isso, passado em relação ao *momento de fala*. Por sua vez, o *momento do evento* (*had changed*) estabelece uma relação de anterioridade ao MR. Assim, inferimos que a forma “*had changed*” expressa o *tempus* passado anterior (*anterior past*), o que na representação lógica de Reichenbach (2004) é descrito como ME-MR-MF.¹⁵

Segundo o autor, o momento de referência pode ser inferido também do próprio contexto de enunciação e até mesmo da relação com outros eventos; são esses os casos verificados no micro conto “El miedo”, de Eduardo Galeano (2003, p.99, sublinhados e negrito nossos):

Una mañana, nos regalaron un conejo de Indias. Llegó a casa enjaulado. Al mediodía, le abrió la puerta de la jaula.

*Volví a casa al anochecer y lo encontré tal como lo **había dejado**: jaula adentro, pegado a los barrotes, temblando del susto de la libertad.*

14 Como vimos, Teoria da Relatividade Especial.

15 Na notação de Reichenbach (2004), entende-se travessão (–) como retrospectividade ou prospectividade e vírgula (,) como simultaneidade. Ou seja, que, no caso específico de ME-MR-MF, verifica-se um evento (ME) anterior ao momento de referência (MR), o qual, por sua vez, também guarda uma relação de anterioridade à enunciação (MF).

Percebamos que as formas simples sublinhadas não possuem, no texto, um marcador temporal que lhes sirva como referência explícita, tal como encontramos no exemplo (1). De modo que o MR deverá ser constituído pelo contexto de enunciação, o qual nos levará a inferir que “*una mañana*” ou “*al anochecer*” não são concomitantes ao MF, mas passado em relação a ele. Notemos, também, que os *momentos do evento* das formas sublinhadas são concomitantes a “*una mañana*” ou a “*al anochecer*”, levando-nos a concluir que as formas verbais sublinhadas expressam o passado simples (*simple past*), descrito por Reichenbach como ME, MR-MF.

Atendo-nos ao sentido da forma composta, em negrito, verificamos que seu momento de referência não mais se constitui por meio de um marcador temporal explícito, mas por meio do *tempus* existente nas formas sublinhadas, as quais, como vimos, expressam o *passado simples*. Assim, o que verificamos em “*lo encontré tal como lo **había dejado***” é um *momento de referência* (“*encontré*”) que é *passado* ao MF, mas que é posterior ao ME (“*había dejado*”), em poucas palavras, novamente o passado anterior (ME-MR-MF). Não obstante, devemos ter consciência que, por se tratar de um ponto abstrato, o *momento de referência* nem sempre pode ser identificado como um elemento frasal concreto – tal qual fizemos.

Até agora verificamos dois *tempora* previstos no postulado reichenbachiano; no entanto, se fizéssemos, tal como Reichenbach (2004), as permutas posicionais entre os três momentos – considerando a concomitância ou não concomitância (de anterioridade ou de posterioridade) entre dois ou três deles – chegaríamos ao quadro de relações lógico-temporais com treze possíveis *tempus*, tal como observamos no Quadro 8.

Não obstante, há de considerar a existência de conjuntos de relações que, em essência, expressam o mesmo sentido. Esse é o caso de MR-ME-MF, MR-MF,ME, MR-MF-ME, cujo sentido comum é de passado posterior (*posterior past*), isto é, de uma *referência* anterior ao *momento de fala* e ao *momento do evento*, e de MF-ME-MR, MF,ME-MR, ME-MF-MR, as quais expressam o valor do futuro anterior (*anterior future*), ou seja, de uma *referência* posterior ao *momento de fala* e ao *momento do evento*. Conferimos no Quadro 8 as treze rela-

ções possíveis, a nomenclatura proposta por Reichenbach (2004) e o respectivo nome na tradição gramatical da língua inglesa.¹⁶

Quadro 8 – Das relações lógico-temporais de Reichenbach (2004, p.531)

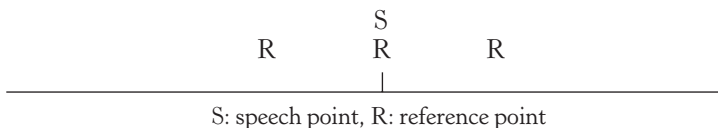
Structure	New Name	Traditional Name
E-R-S	Anterior Past (I had eaten...)	Past Perfect
E,R-S	Simple Past (I ate...)	Simple Past
R-E-S	Posterior past	–
R-S,E		
R-S-E		
E-S,R	Anterior present (I have eaten...)	Present perfect
S,R,E	Simple Present (I eat...)	Present
S,R-E	Posterior present (I am going to eat)	Simple Future
S-E-R	Anterior Future (I will have eaten)	Future perfect
S,E-R		
E-S-R		
S-R, E	Simple future (I will eat)	Simple future
S-R-E	Posterior future	–

Fonte: Reichenbach (2004, p.531)

Notemos que as relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre MR e MF são indicadas, respectivamente, pelos termos passado, futuro e presente. Por outro lado, a posição de ME em relação a MR é rotulada por anterior, simples e posterior, sendo simples equivalente à concomitância entre MR e ME (Reichenbach, 2004, p.531).

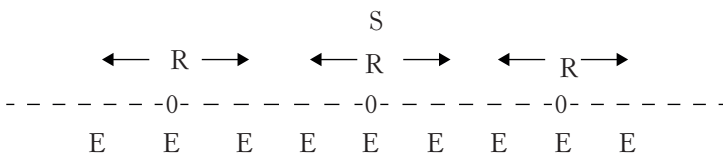
A compreensão dessas relações pode se tornar mais clara se nos orientamos pelo raciocínio de Vet (2007, p.8), que verifica os três momentos de referência (R) fixados arbitrariamente em relação ao momento de fala (S), conforme observamos na Figura 1.

¹⁶ Como já comentado, E, R, e S referem-se, respectivamente, a momento do evento (ME), momento de referência (MR) e momento da fala (MF).

Figura 1 – Da relação *R* e *S* segundo Vet (2007)

Fonte: Vet (2007)

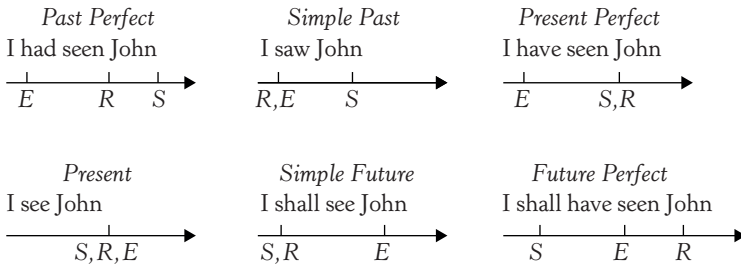
O autor prevê ainda a refragmentação dessa tripartição tendo em vista a relação estabelecida entre os momentos do evento (E) e os momentos de referência (R), chegando, dessa maneira, às nove possíveis relações:¹⁷

Figura 2 – Da relação *E* e *R* segundo Vet (2007)

Fonte: Vet (2007)

Como vemos, diferentemente da permuta feita por Reichenbach (2004), na qual primeiramente se chega à quantidade de treze possíveis relações lógico-temporais, para só depois reduzi-la aos nove *tempora* efetivamente funcionais, no diagrama de Vet (2007) somos conduzidos diretamente às nove relações significativas. É evidente que os nove *tempora* respondem a uma teoria que visa à descrição de qualquer língua e, portanto, prevê valores não necessariamente realizáveis em todos os idiomas. O inglês, por exemplo, dispõe de seis *tempora* em seu sistema, os quais têm a relação dos momentos ilustrada pelo próprio autor.

17 Nelson Cartagena (1999) chama cada uma dessas fragmentações de âmbitos. Sendo considerados primários os presentes nas relações estabelecidas entre o S e o R (Figura 1) e secundários os provenientes do acréscimo do E (Figura 2).

Figura 3 – Dos *tempora* da língua inglesa

Fonte: Reichenbach (2004, p.527)

Diante desse esboço, parece não haver, nessa língua, formas destinadas à expressão dos valores de passado posterior (*posterior past*) e futuro posterior (*posterior future*). Característica que evidencia que nem todos os *tempora* previstos pela teoria de Reichenbach (2004) se realizam em todos os idiomas.

Em suma, a peculiaridade no postulado teórico de Reichenbach (2004) se deve à existência de um sistema de referência comum aos falantes da língua ou de suas variedades. Só então, a partir da referência compartilhada entre um grupo de falantes, seria possível observar as relações existentes entre acontecimentos e, logo, a localização temporal deles. Sobre isso comenta Corôa (2005, p.87),

Como todos nós ocupamos aproximadamente o mesmo sistema de referência, nossas determinações temporais, em uma situação normal de comunicação, concordam. Ou seja, somos observadores em repouso um em relação ao outro e podemos verificar que nossos presentes, a qualquer instante, são idênticos.

O sistema verbal da língua espanhola pela óptica reichenbachiana

Devemos fundamentalmente a Acero (1990) e a Carrasco Gutiérrez (1994) a análise que aqui expomos dos *tempora* da língua espanhola sob a óptica reichenbachiana. Em comum, os dois autores destacam

alguma dificuldade na acomodação dessa proposta teórica ao sistema do espanhol. Isso porque dentro dessa teoria não se poderia acomodar a forma *habría trabajado*, e seria necessária uma reflexão sobre o aspecto verbal a fim de auxiliar, por exemplo, na diferenciação de algumas formas do pretérito. Além do mais, sob a óptica desse postulado, a cada forma se associariam valores fixos, sem perspectiva de alteração no uso.

O Quadro 9, de Carrasco Gutiérrez (1994, p.70), ilustra como se dá a relação entre a teoria temporal de Reichenbach (2004) e a língua espanhola:

Quadro 9 – Dos *tempora* da língua espanhola sob a óptica reichenbachiana

Estrutura	Novo nome	Nome tradicional	Forma verbal
E-R-H*	Pasado anterior	Pretérito pluscuamperfecto	había trabajado
E,R-H	Pasado simple	Pretérito perfecto simple Pretérito imperfecto	trabajé trabajaba
R-E-H R-H,E R-H-E	Pasado posterior	Condicional	Trabajaría
E-H,R	Pasado anterior	Pretérito perfecto compuesto	he trabajado
H,R,E	Presente simple	Presente	Trabajo
H,R-E	Presente posterior	Futuro	trabajaré (agora)
H-E-R H,E-R E-H-R	Futuro anterior	Futuro perfecto	Habré trabajado
H-R,E	Futuro simple	Futuro	Trabajaré (amanhã)
H-R-E	Futuro posterior	–	–

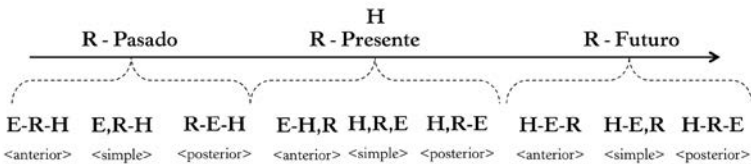
* H decorre de *Habla*, que em espanhol quer dizer fala

Fonte: Carrasco Gutiérrez (1994, p.70).

É pertinente destacar que para os autores tanto o *pretérito perfecto simple* (*trabajé*) como o *pretérito imperfecto* (*trabajaba*) expressam o valor de passado simples (E,R-H), sendo a diferença entre eles de caráter

aspectual.¹⁸ Por sua vez, a forma do *futuro* (*trabajaré*) veicularia dois dos valores presentes na proposta reichenbachiana: o *presente posterior* (H,R-E), envolto pelo âmbito primário de coexistência a H (*ahora*), e o *futuro simples* (H-R,E), no âmbito de posterioridade a H (*mañana*). Finalmente, segundo os autores, não haveria uma forma na língua espanhola destinada fundamentalmente à expressão do *futuro posterior* (H-R-E). A Figura 4, de nossa autoria, considera a organização de Vet (2007) e, assim, localiza, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao momento de fala (H):

Figura 4 – Da organização dos *tempora* da língua na linha do tempo



A teoria temporal de Guillermo Rojo

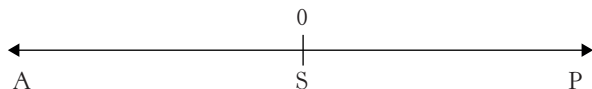
Os trabalhos de Rojo (1974, 1990; Rojo; Veiga, 1999) caracterizam-se pela negação, logo de início, da percepção de tempo linguístico tida pela gramática tradicional. Isso porque, “na concepção tradicional os fatores temporais que atuam no verbo estavam excessivamente vinculados às noções extralinguísticas de presente, passado e futuro”,¹⁹ esquecendo-se, portanto, que o tempo da língua tem sua origem e sua referência construídas no ato de enunciação.

18 Como veremos na discussão sobre aspecto verbal, o *pretérito perfecto simple* possui aspecto *perfectivo*, retratando, portanto, os limites do evento, o *pretérito imperfecto*, por outro lado, possui aspecto *imperfectivo*, o que lhe faz se ater ao desenvolvimento do evento, propiciando, por isso, a construção de um sentido durativo, que frequentemente se associa ao *pretérito imperfecto*. Em comum, ambos os *tempora* são passados.

19 “En la concepción tradicional, los factores temporales que actúan en el verbo eran vinculados en exceso a las nociones extralingüísticas de presente, pasado y futuro.” (Rojo, 1990, p.24).

O autor nomeia a referência fundamental do *tempus* de ponto central ou ponto zero (0), e em relação a ela verifica a possibilidade de orientarmos os eventos como anteriores (A), simultâneos (S) ou posteriores (P):

Figura 5 – Das possíveis orientações dos acontecimentos em relação ao ponto zero



Fonte: Rojo (1974, p.78)

Essas três coordenadas, por sua vez, recebem o nome de vetores (V) e serão representadas, tendo em vista os acontecimentos (A), da seguinte maneira:

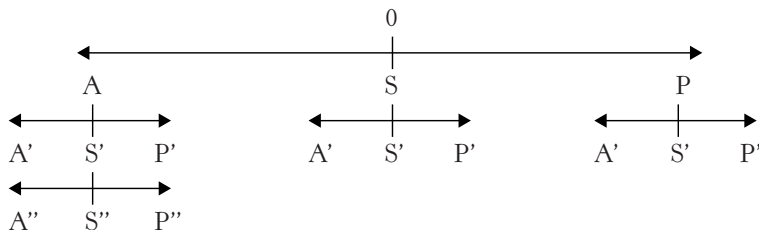
$A(0 - V)$ – *Ayer fuimos al parque* / *Ontem fomos ao parque*;

$A(0 o V)$ – *Hoy estamos en vacaciones* / *Hoje estamos de férias*;

$A(0 + V)$ – *Mañana comeré en la playa* / *Amanhã comeremos na praia*.

De onde inferimos que $-V$ significa anterioridade, oV simultaneidade e $+V$ posterioridade ao ponto zero (0). Pertinente nessa proposta é a possibilidade de mostrar, de modo claro, como um acontecimento (A) pode se orientar também em relação a outros eventos, os quais, por sua vez, guardam uma relação mais estreita com a origem, tal como se verifica na Figura 6.

Figura 6 – Das possíveis orientações dos acontecimentos em relação a outros acontecimentos



Fonte: Rojo (1974, p.79)

O aumento dos níveis de relações temporais acarretará o acréscimo de mais um vetor na notação proposta por Rojo. De modo que encontraremos, no segundo eixo, a fórmula $A [(0 - V) + V]$,²⁰ que representa um acontecimento posterior (+V) a um evento anterior (-V) ao ponto zero (0). Por sua vez, $[((0 - V) - V) \circ V]$,²¹ no terceiro eixo, expressa um acontecimento simultâneo (oV) a um evento anterior (-V) a outro evento que também é anterior (-V) ao ponto zero (0).²² Aparentemente, poderíamos pensar que essas relações tendem a se estenderem em direção ao infinito, no entanto Rojo (1974) adverte-nos de que provavelmente não existam línguas com formas verbais que indicam relações mais complexas que as expressas no gráfico acima, com até três níveis de relações temporais. Essa construção de extrema complexidade seria encontrada no espanhol por meio da forma composta da sentença 2, a qual, na formalização de Rojo (1990, p.27), seria representada por $A [(((0 - V) + V) - V)]$ ²³ – expressão de um acontecimento (*habría terminado*) anterior a uma situação posterior (*llegáramos*) a outro acontecimento (*dijo*), o qual, por sua vez, encontra-se em uma relação de anterioridade ao ponto zero (0).

2. *Nos dijo que ya habría terminado cuando llegáramos.*

Assim, atendo-se à relação existente entre os acontecimentos e o ponto central (0), Rojo e Veiga (1999) propõem que os *tempora* sejam classificados em absolutos – isto é, que guardam relação direta com a origem – ou em relativos – isto é, que têm sua relação com o ponto central mediada por uma ou mais referências secundárias; ou seja, com outros acontecimentos (A).

Para exemplificarmos melhor o funcionamento desse postulado teórico e entendermos como se dá o funcionamento do sistema de *tempora* no espanhol, comentamos, adiante, a aplicação da teoria de Guillermo Rojo à língua espanhola.

20 Verificável no ponto P' à esquerda da Figura 6.

21 Verificável no ponto S' da Figura 6.

22 Observemos que a leitura da notação de Guillermo Rojo deve ser feita da direita para a esquerda.

23 Relação temporal sequer prevista no postulado de Reichenbach.

O sistema verbal da língua espanhola pela óptica de Guillermo Rojo

É o próprio Guillermo Rojo quem aplica sua teoria ao sistema verbal espanhol. Com esse objetivo, destaca que cada um dos *tempora* compõe-se necessariamente de um vetor primário,²⁴ cujo papel fundamental é a (1) expressão da relação temporal primária dos tempos absolutos; ou a (2) especificação de um ponto de referência dos tempos relativos. Nesse postulado, portanto, a relação temporal primária ocupará sempre o vetor (V) ao extremo direito da notação, ao passo que todo o restante, à esquerda, irá se destinar à expressão do ponto de referência, que, nas palavras de Rojo e Veiga (1999, p.2882), “pode ser a origem ou mesmo um ponto situado em relação a ela, é o que estabelece a situação no eixo temporal do momento em relação ao qual as formas expressam a relação primária”.²⁵

A título de exemplo, em A[(((0oV)-V)], que, conforme o Quadro 10, informa o *tempus* da forma *he cantado*, podemos diferenciar o vetor de relação temporal primária (-V) do ponto de referência (0oV). Em outras palavras, o valor temporal da forma composta *he cantado* consiste em expressar um acontecimento anterior a uma referência simultânea à origem. Tendo explicado como esses dois constituintes trabalham juntos para expressar o valor dos *tempora*, torna-se mais fácil a compreensão do quadro que esboça os *tempora* do modo indicativo da língua espanhola.

24 Entende-se por vetor primário as três coordenadas estabelecidas diretamente em relação ao ponto central (0): de anterioridade (-V), de simultaneidade (oV) e de posterioridade (+V).

25 “[...] puede ser el origen o bien un punto situado con relación a él, es el que establece la situación en el eje temporal del momento con respecto al cual las formas expresan la relación primaria.”

Quadro 10 – Dos *tempora* do modo indicativo da língua espanhola pela óptica de Rojo

PUNTO DE REFERENCIA	RELACIÓN TEMPORAL PRIMARIA		
	-V	oV	+V
0	<i>Canté</i>	<i>Canto</i>	<i>Cantaré</i>
(0-V)	<i>Había cantado</i>	<i>Cantaba</i>	<i>Cantaría</i>
(0oV)	<i>He cantado</i>		
(0+V)	<i>Habré cantado</i>		
((0-V)+V)	<i>habría cantado</i>		

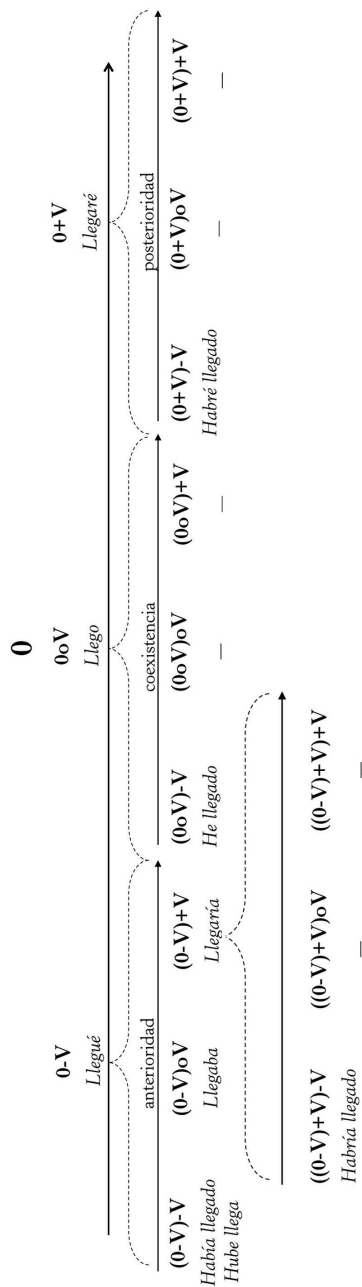
Fonte: Rojo e Veiga (1999, p.2884)

A observação das formas dentro desse esboço possibilita-nos perceber, entre outros, a preponderância, no espanhol, de *tempora* de relação temporal primária de anterioridade (-V). Isso posto, a seguir encontramos a descrição temporal de cada um dos *tempora* do espanhol contemporâneo bem como seus nomes e formas, respectivamente:

0-V	Pretérito	<i>Canté</i>
0oV	Presente	<i>Canto</i>
0+V	Futuro	<i>Cantaré</i>
(0-V) -V	Antepretérito	<i>Había cantado</i>
(0-V) 0v	Co-pretérito	<i>Cantaba</i>
(0-V) +V	Pos-pretérito	<i>Cantaría</i>
(0oV) -V	Antepresente	<i>He cantado</i>
(0+V) -V	Ante-futuro	<i>Habré cantado</i>
((0-V) +V) -V	Ante-pos-futuro	<i>Habría cantado</i>

A figura seguinte considera o postulado de Guillermo Rojo (1974) e, assim, localiza, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao ponto zero (0):

Figura 7 – Da aplicação da proposta de Guillermo Rojo ao sistema espanhol



Em síntese, a proposta de Rojo tem, sobre o postulado reichenbachiano, a vantagem de definir claramente o lugar que ocupam todos os *tempora* no sistema da língua espanhola. Há de notar ainda que Guillermo Rojo considera os valores aqui apresentados como fundamentais, sem negar, portanto, a possibilidade de variação do sentido difundido pelas formas.

A aspectualidade linguística e a língua espanhola

No tópico anterior, verificamos que o *tempus* possui um comportamento dêitico por organizar os acontecimentos temporalmente a partir do ato de enunciação. Interessa-nos, agora, entender de que modo a aspectualidade linguística estrutura-se, avaliando seus valores e em que medida ela se diferencia de outras categorias temporais da língua, como o já estudado *tempus*.

Nesse sentido, Corôa (2005) e García Fernández (2008), entre outros autores, concordam em atribuir à categoria aspectual, em oposição ao *tempus*, um caráter não dêitico, mostrando-se, portanto, independente “da situação concreta comunicativa para sua interpretação semântica plena”.²⁶ Riemer (2010), por seu turno, chama atenção às diferentes maneiras que as duas categorias temporais – *tempus* e *aspecto* – possuem para sistematizar, na língua, a temporalidade dos acontecimentos. Nesse sentido, afirma que:

Tempora diferentes mostram diferentes localizações do evento no tempo, diferentes aspectos mostram diferentes formas de apresentar o tempo dentro do próprio evento: como fluido ou como estático. [...] O sistema aspectual, portanto, mostra como a constituição temporal de um evento é vista.²⁷ (Riemer, 2010, p.315)

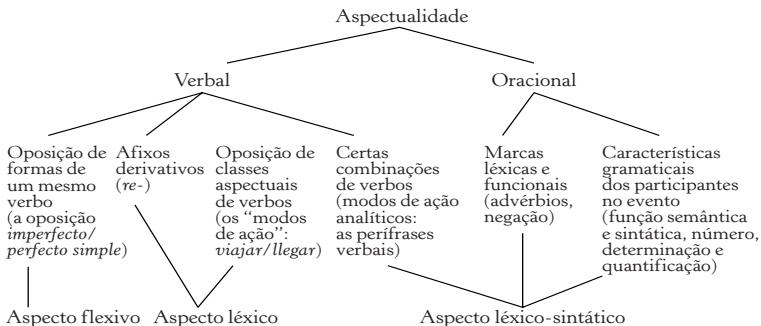
26 “[...] de la situación concreta comunicativa para su plena interpretación semántica” (García Fernández, 2008, p.15).

27 “Different tenses show different locations of the event in time; different aspects show different ways of presenting time within the event itself: as flowing, or as stationary. [...] The aspectual system, then, is about how the temporal constituency of an event is viewed.”

Ou seja, enquanto os *tempora* preocupam-se em direcionar e localizar os acontecimentos na linha do tempo – tendo em vista o ato de fala, o aspecto volta-se fundamentalmente à retratação do desenvolvimento temporal do próprio evento. Em outras palavras, o aspecto atém-se ao tempo interno dos eventos, sistematizando os diversos estágios do processo verbal, isto é, seu início, meio, fim, entre outros.

Elena de Miguel (1999), tendo em vista a perspectiva da composicionalidade aspectual (Smith, 1997), adverte-nos de que a aspectualidade na língua não é instaurada somente pelo acréscimo de morfemas flexivos à base verbal, mas que uma língua pode se valer da integração de diferentes estruturas na expressão da aspectualidade. Verificando essa diversidade no espanhol, a autora informa-nos que são elementos que aportam informação aspectual: a raiz verbal (*saber vs. construir, nacer vs. andar, llegar vs. dormir*) os afixos derivativos (*revalorar, sobrevolar*), os pronomes delimitadores (*Juan se comió una tortilla él sólo*), os complementos verbais (*escribir vs. escribir una novela*), advérbios e locuções adverbiais (*El secretario leyó el informe durante/en una hora*), o sujeito da oração (*el batallón entró en la ciudad {durante horas} vs. la mosca entró en la habitación {*durante horas}*), verbos modais (*Juan pudo construir su casa vs. Juan construyó su casa*), entre outros. A Figura 8 resume os constituintes do sistema linguístico espanhol que operam na construção do sentido aspectual:

Figura 8 – Da aspectualidade no espanhol



Sem querer desprezar os demais elementos que operam na composição do valor aspectual dos enunciados, passemos ao estudo mais atento de algumas das categorias que desempenham papel singular na construção do sentido aspectual.

Aspecto flexivo: contemplação subjetiva das fases do processo verbal

Sobre o aspecto gramatical ou flexivo, como se infere do próprio nome, sabe-se que sua expressão nas línguas românicas dá-se de modo muito semelhante ao do *tempus*, isto é, por meio de estruturas gramaticais. Assim, como já verificado, no português e no espanhol, essa informação estará presente no morfema flexional adjunto à base verbal, o qual traz os valores de aspecto flexivo e *tempus* amalgamados. Uma melhor compreensão do aspecto gramatical pode ocorrer pela diferenciação do seguinte par de orações:

3. *El año pasado estuvo en Nueva York.*

4. *El año pasado estaba en Nueva York.*

Conforme analisa García Fernández (2008, p.11), enquanto a oração (3) descreve uma estada que começa e acaba no “*ano pasado*”, a oração (4) retrata uma estada que possivelmente teve início no “*ano pasado*” e que não sabemos ao certo se já está terminada quando enunciada. Em outras palavras, verificamos, na primeira sentença, um tipo de distanciamento que viabiliza a compreensão da temporalidade global da situação, sem diferenciar/focalizar uma de suas partes. Por outro lado, em (4), sentimos uma espécie de aproximação do acontecimento, que nos leva a ver a ação em seu desenvolvimento interno, sem se ater, por isso, ao momento quando iniciou ou quando chegará a seu fim.

Paralelamente, observando o âmbito da expressão, comprovamos que no espanhol – tal como no português – o aspecto flexivo²⁸ “é uma

28 Recordamos que o aspecto flexivo não é a única manifestação aspectual da língua, mas que, conforme observaremos ao tratar o modo de ação, a aspectualidade é uma categoria que envolve uma complexidade maior.

categoria essencialmente gramatical que atinge todos os verbos” (Corôa, 2005, p.71). Isso é assim porque o que diferenciamos no confronto das duas sentenças é somente o uso dos morfemas flexionais *-vo* e *-ba*, respectivamente. Serão eles, portanto, as partículas responsáveis por nos dizer as diferenças verificadas no modo de retratação temporal da situação descrita em (3) e (4).

Poderíamos, talvez, indagar-nos se o tipo de informações verificadas nos exemplos acima não seria fornecido, em princípio, pelo *tempus*. No entanto, ao observarmos a proposta de Reichenbach (2004) e aplicá-la ao sistema temporal do espanhol, tal como fizeram Acero (1990) e Carrasco Gutiérrez (1994), verificamos que tanto a forma do *pretérito perfecto simple* (3) quanto a do *pretérito imperfecto* (4) possuem o mesmo *tempus* (ME, MR-MF), isto é, a concomitância à uma referência passada (“*el año pasado*”), deixando, portanto, escapar a diferenciação temporal expressa pelo aspecto.²⁹ Até mesmo Guillermo Rojo (1974, 1990; Rojo; Veiga, 1999), que consegue diferenciar os valores das duas formas em sua descrição do *tempus*, não se atém propriamente ao valor aspectual desses pretéritos. Isso porque a atribuição de um valor de anterioridade (-V) ao ponto zero (0) ou de uma concomitância primária (oV) a um ponto de referência anterior (0-V)³⁰ deve-se, fundamentalmente, à localização temporal de dado evento em relação ao momento de fala (*dêixis*), de modo que também se verifica uma desatenção ao desenvolvimento temporal interno da ação (não dêitico). Assim, mesmo em Rojo, não sabemos que fase do evento está sendo retratada.

Tendo examinado que, de fato, as categorias do aspecto e do *tempus* aportam valores particulares e visando à descrição do aspecto nas línguas naturais, interessa-nos saber como essa categoria estrutura os “diferentes modos de contemplar a constituição temporal interna de uma situação”.³¹ Com esse objetivo, valemo-nos do princípio de que o “as-

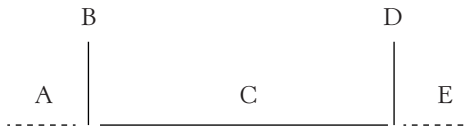
29 Recordemo-nos que Reichenbach (2004) não se preocupou com a sistematização da aspectualidade, mas se preocupou, fundamentalmente, com as relações temporais orientadas pelo momento de referência e pelo momento de fala.

30 Valores presentes nas orações (3) e (4), respectivamente.

31 “[...] *different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*” (Comrie, 1993a, p.3).

pecto será a quantificação de subeventos de um evento” (Corôa, 2005, 73). Em outras palavras, o aspecto avaliará como os acontecimentos se “caracterizam por progredirem de um estado inicial a um estado final” (ibidem) passando por alguns subeventos (fases), os quais, segundo Santos (1974), são comuns a todas as situações. O mesmo autor ilustra a relação das fases nos eventos por meio da Figura 9, na qual “A” é a fase pré-processual; “B”, “C” e “D” são as fases processuais, respectivamente, de partida, de processo e de término da ação; e “E” corresponde à fase pós-processual, na qual vigora o resultado do evento conclusivo.

Figura 9 – Das fases do evento



Fonte: Santos, 1974

Acrescentamos a essa ferramenta de observação do aspecto, os conceitos de Tempo da Situação (TS) e Tempo de Foco (TF), desenvolvidos por García Fernández (1995). Para o autor, TS é o tempo no qual um processo designado por um verbo acontece, ao passo que TF será o período de validade de tal processo. Desse modo, esses dois tempos podem se articular estabelecendo quatro relações, isto é, quatro classes de aspecto (Cartagena, 1999, p.2940),³² nas quais:

- (a) TF está incluído em TS (*José estaba comiendo*);
- (b) TF inclui o fim de TS e o início do tempo seguinte a TS (*Juan llegó a las tres*) ou coincide exatamente com TS (*Juan estuvo enfermo dos meses*);
- (c) TF é posterior a TS (*Cuando llegaste el ministro ya había firmado los papeles*).
- (d) TF é anterior a TS (*El ministro firmará mañana*).

32 Com verificaremos, essas relações, segundo García Fernández (1995), referem-se respectivamente, aos aspectos *imperfectivo*, *oristo/perfectivo*, *perfeito* e *prospectivo*.

Tendo em vista o princípio dos subeventos e a noção de Tempo da Situação (TS) e Tempo de Foco (TF), propomos a análise dos três tipos de *aspecto* descritos por Comrie (1993a), ou seja, o *perfectivo*, também chamado de *oristo*, o *imperfectivo* e, finalmente, o *perfeito*.³³ *A fim de esclarecer como a temporalidade dos acontecimentos é representada em cada um desses aspectos gramaticais, partimos da metáfora da lente, proposta por García Fernández (2008, p.12):*

Poderíamos imaginar o aspecto como uma lente ou telescópio que nos permite contemplar de modo diferente uma situação. [...] o que faz o aspecto é nos proporcionar uma determinada visão dessa situação. Se a lente permite-nos ver toda situação, do princípio ao fim, falamos de aspecto *Perfectivo* ou *Aoristo*. Se a lente, por outro lado, só nos permite ver uma parte interna da situação e não o princípio e o fim, falamos de aspecto *Imperfectivo*. Se o que a lente mostra-nos são os resultados de um evento, então nos encontramos diante do aspecto *Perfeito*.³⁴ (García Fernández, 2008, p.12)

Notemos que a “lente” ou “telescópio” cumprem, nessa metáfora, o papel do tempo de foco, o qual se voltará para o tempo de situação de três maneiras. A primeira delas, que caracteriza o aspecto *perfectivo* ou *oristo*, pode ser encontrada tanto na oração (3) como nos enunciados que seguem:

33 É importante destacar que Comrie (1993a) não parece estar suficientemente seguro se deveria categorizar o aspecto *perfeito* como um terceiro tipo de aspecto básico ou se deveria tratá-lo como uma especificação do aspecto *perfectivo*. Não só por nossa parte, mas também seguindo a abordagem de García Fernández (2008), entre outros, decidimos tratar o *perfeito* separadamente, isto é, considerando-o como uma terceira classe aspectual.

34 “Podríamos imaginar el aspecto como una lente o telescopio que nos permite contemplar de modo diferente una situación. [...] lo que hace el aspecto es proporcionarnos una determinada visión de esta situación. Si la lente nos permite ver toda situación, desde su principio hasta su fin, hablamos de aspecto *Perfectivo* o *Aoristo*. Si la lente, en cambio, sólo nos permite ver una parte interna de la situación y no el principio y el fin, hablamos de aspecto *Imperfectivo*. Si la lente lo que nos muestra son los resultados de un evento, entonces nos encontramos ante el aspecto *Perfeito*.”

5. “Sibien arrancamos [a las] *nueve... perdón, [a las] doce y veinte*” <ROS; Gr3>. ³⁵
 6. “[...] ayer hablé con los periodistas [...]” <COR; Gr1>.

Neles, TF inclui o fim de TS e o início do tempo seguinte a TS ou coincide exatamente com ele, levando-nos a ver os acontecimentos em sua totalidade; ou seja, sabemos, por informação gramatical advinda do morfema flexional, que se trata de situações completas, isto é, com começo, meio e fim (Comrie, 1993a, p.18). Assim, observando a Figura 9, têm-se preenchidas todas as fases que vão até “D”, mostrando-nos, mais uma vez, que a “perfectividade indica o ponto de vista de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases que compõem essa situação”. ³⁶

García Fernández (2008) propõe ainda a divisão do aspecto *aoristo* em *ingressivo* e *terminativo*. Sendo o *ingressivo* uma subclasse aspectual marcada por um complemento temporal que indica o momento em que a situação inicia. Esse é o caso do enunciado (5), em que “*a las doce y veinte*” indica-nos quando o ato de *arrancar* teve seu início. Por sua vez, se o complemento temporal indica um intervalo de tempo dentro do qual uma situação tem lugar, verifica-se o aspecto aoristo *terminativo*, tal como no exemplo (6).

O segundo aspecto observado pela metáfora do telescópio é o *imperfectivo*, verificado em (4) ou nos seguintes enunciados:

7. *A las cinco Juan escribía una carta, pero no sé si la terminó.*
 8. “[...] yo siempre iba de ese lado, para evitar el roce cotidiano que hay entre policía e hincha” <CMR, Gr1>.
 9. *Durante la reunión me miraba con insistencia.*

Neles, o TF está incluído em TS, mostrando-nos, por isso, o processamento do evento, isto é, as fases internas de uma situação. Nas palavras de Comrie (1993a, p.4)

35 Entender como <PROVÍNCIA; NÚMERO DA GRAVAÇÃO>.

36 “[...] *perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation.*”

[...] imperfectivo contempla a situação de dentro, e, como tal, está preocupado fundamentalmente com a estrutura interna da situação, haja vista que pode contempla-la tanto a partir de seu fim em direção a seu início, como de seu começo em direção a seu final, e é igualmente apropriado se a situação dura por todo o tempo, sem um começo ou final.³⁷ (Comrie, 1993a, p. 14)

Diante dessa descrição e pensando no princípio dos subeventos, cremos encontrar essa categoria aspectual retratando exclusivamente a fase “C”, da Figura 9. Não obstante, a ideia de que o *imperfectivo* não nos apresenta o início (fase B) ou o final (fase D) dos acontecimentos poderia ser, aparentemente, negada em (10):

10. “*Mercedes Sosa cantaba con el corazón y con la cabeza*”.

No qual, *pressupomos* pelo conhecimento da fatídica morte da cantora, que a ação já não ocorre. Não obstante, como nos alerta García Fernández (2008, p.20), “qualquer suposição sobre o final de uma situação no Imperfectivo é uma inferência pragmática”, isso porque, a “estrutura gramatical não diz nada a respeito” dela.³⁸

A síntese do contraste dos aspectos *perfectivo* e *imperfectivo* deveria nos mostrar, portanto, a necessidade, ou não, de se informar os limites do acontecimento. Isso porque, “no aspecto *perfectivo*, o falante vê o evento como limitado sem que sua duração ou seu desenvolvimento sejam relevantes” ao passo que “no aspecto *imperfectivo*, o falante se ‘engaja’ na ação, não importando se ela é limitada ou não” (Corôa, 2005, p.64).

O aspecto *perfectivo* encerra a metáfora do telescópio e, apesar de esquecido em muitos trabalhos sobre a aspectualidade, tem aqui especial atenção por se relacionar diretamente ao fenômeno que temos em

37 “[...] the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation, since it can both look backward towards the start of the situation, and look forwards to the end of the situation, and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time, without any beginning and without any end.”

38 “Cualquier suposición sobre el final de una situación en Imperfectivo es una inferencia pragmática. La gramática no dice nada al respecto.”

pauta. Nessa classe aspectual, o foco (TF) volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação (TS), mostrando-nos, por isso, os resultados de TS ou, em outras palavras, a relevância presente de uma situação concluída. Por isso, observando a Figura 9, encontramos o aspecto *perfecto* focalizando o subevento “E”.

É consciente desse valor que Comrie (1993a, p.52) afirma que o *perfecto* “não nos diz nada diretamente sobre a situação em si, mas relata alguns estados de uma situação precedente”.³⁹ O mesmo autor propõe-nos também a subclassificação desse aspecto em quatro: perfeito de resultado, perfeito de experiência, perfeito de situação persistente e perfeito de passado imediato.

O perfeito de resultado, ou resultativo, é o que mais se relaciona à breve descrição que já fizemos sobre essa classe do aspecto gramatical. De modo que lhe atribuímos fundamentalmente a expressão de estados resultantes de uma situação passada, mas ainda relevante. Esse é o caso, dentre outros, de:

11. [...] *estoy feliz porque eh... hemostenido una distinción maravillosa ya que nos eligieron eh... cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA.* <BsAs; 10; Gr3>.⁴⁰

No qual, “*hemos tenido una distinción*” resulta da elaboração de um trabalho de conclusão de curso sobre a obra destacada. Observemos que essa subclasse não se preocupa com o término ou processamento do ato de “*tener una distinción*”, mas enfatiza que esse acontecimento é o resultado, no presente, de uma situação pretérita e relevante (a escolha para tema de monografia).

O perfeito de experiência, por sua vez, “indica que uma determinada situação manteve-se pelo menos uma vez durante algum tempo no passado” (Comrie, 1993a, p.58).⁴¹ De modo que podemos lhe atribuir uma

39 “The perfect [...] tells us nothing directly about the situation in itself but rather relates some states to a preceding situation.”

40 Entenda como <PROVINCIA; NÚMERO DA OCORRÊNCIA NO CORPUS REGIONAL; NÚMERO DA GRAVAÇÃO>.

41 “The experiential perfect indicates that a given situation has held at least once during some time in the past [...]”

extensão temporal caracterizada por não especificar, na linha do tempo, exatamente o momento quando dado evento sucedeu. Esse é o caso de:

12. *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han estado en copa de libertadores.* <MDZ; 04; Gr1>.

Apesar de não especificar quantas vezes, por quanto tempo ou em que momento os três times argentinos estiveram na Copa Libertadores, o exemplo faz-nos saber que eles disputaram o campeonato em, pelo menos, uma ocasião num passado não determinado. E que, por isso, faz-se relevante distingui-los, no momento de fala, dos demais times.

Por outro lado, Comrie (1993a) alerta-nos que é possível limitar o âmbito temporal no qual a situação descrita ocorreu. Para tanto, bastaria estipular uma referência que serviria para marcar o início do fragmento, tal situação poderia ser visualizada com o acréscimo, por exemplo, do marcado temporal “*desde la década pasada*” ao enunciado (12):

13. *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque desde la década pasado Rosario, Newells y Colón han estado en copa de libertadores.*

Mais uma vez, no entanto, podemos perceber que apesar de limitada a um período, o momento exato em que a situação ocorreu não é explicitado, podendo ter ocorrido uma ou mais vezes em qualquer momento durante o intervalo que inicia na década passada e segue em direção ao presente da enunciação.

A próxima subdivisão do *perfeito* é a de persistência. Nela, o aspecto *perfeito* é usado “para descrever uma situação que começou no passado, mas que continua (persiste) no presente” (Comrie, 1993a, p.60),⁴² podendo seguir em direção ao futuro, tal como observamos em:

14. [...] *te cuento, Analía, yo era muy inquieto de chico o sea que... que con los años también me he añejado y sigo siendo inquieto [...]*. <BsAs; 20; Gr4>.

42 “[...] to describe a situation that started in the past but continues (persist) into present [...]”

No exemplo acima, conseguimos vislumbrar um processo (*añejarse*⁴³) que tem início no passado, desenvolve-se até alcançar o presente e, por pressuposição, segue em direção ao futuro. No enunciado, o marcador temporal “con lo años”, evidencia a ideia de continuidade e extensão temporal. Além disso, a oração “*sigo siendo inquieto*” faz-nos ver que, no *tempus presente*, até mesmo o envelhecimento originado no passado não alterou a inquietude do enunciador. É interessante observar novamente que a situação descrita com o aspecto *perfeito* guarda uma relação com o momento de fala, mostrando-nos, por isso, uma relevância presente advinda do avançar de uma situação iniciada no passado (*añejarse*).

Por fim, o sentido de passado imediato mostra-nos como o *perfeito* pode colocar em evidência uma situação passada temporalmente próxima ao momento de fala (MF). Tal é o valor verificado no exemplo (15), em que “*hoy*” relaciona-se a um tempo ainda vigente e próximo ao MF:

15. *Hoy me he despertado tarde.*

Não obstante, há de considerar que um problema presente na análise dessa subclasse deve-se à dificuldade em avaliar o que pode ser considerado próximo a ponto de ser expresso pelo perfeito de passado imediato. Isso porque, além de variar entre as línguas, o grau de proximidade nem sempre é uma relação muito objetiva. Acreditamos que um bom critério seria a consciência do falante de que tanto o momento de evento como o momento de fala estão circunscritos no mesmo âmbito temporal (MR).

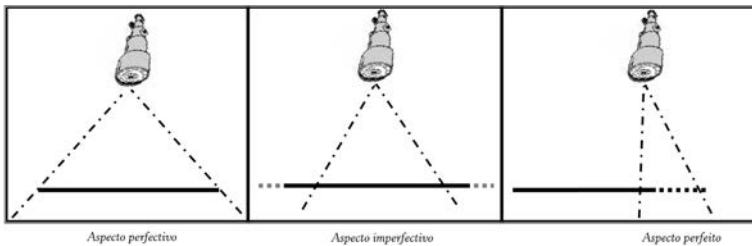
Uma síntese do aspecto *perfeito* indicaria, portanto, que, de um modo ou de outro, o que se reitera em cada uma de suas subclasses é a relevância de uma situação passada no momento imediatamente posterior a sua realização. Avaliando como esse aspecto importa-se com a consequência de uma situação antecedente, Comrie (1993a, p.64) conclui:

43 Conforme o *Diccionario de uso del español actual CLAVE* (2006, p.1942), “*añejarse*”, na enologia, significa “tonar-se velho”. A palavra origina-se de “*añejo*”, que quer dizer “aquilo que tem muito tempo”.

[...] o perfeito contempla a situação tendo em vista suas consequências, e mesmo sendo possível para uma situação incompleta ter consequências, é muito mais provável que as consequências sejam consequências de uma situação que tenha sido levado a cabo [...].⁴⁴

A seguir, dispomos uma representação gráfica, de nossa autoria, das três classes aspectuais considerando a metáfora do telescópio proposta de García Fernández (2008). Com a figura visamos à comparação dos aspectos *perfectivo*, *imperfectivo* e *perfeito*, e, desse modo, esclarecer eventuais dúvidas pendentes. Entendemos a linha preta tracejada como o TF, a linha preta cheia como o TS e a linha tracejada cinza como fases que estejam antes ou depois da situação.

Figura 10 – Da representação gráfica dos aspectos *perfectivo*, *imperfectivo* e *perfeito*



Cotejando as categorias temporais da língua até aqui estudadas – *tempus* e aspecto (gramatical) – podemos, desde já, perceber que na estrutura verbal, elas operam de forma solidária, e não antagônica. Em outras palavras, cada uma delas apresenta uma função peculiar e, por isso, é importante no uso e na diferenciação de cada uma das formas temporais do verbo no sistema da língua. Para concluirmos, essas categorias

44 “[...] the perfect looks at a situation on terms of its consequences, and while it is possible for an incomplete situation to have consequences, it is much more likely that consequences will be consequences of a situation that has been brought to completion [...]”

[...] são duas interpretações apoiadas na noção de tempo: uma associa o evento, como um todo, ao momento em que é enunciado e a um momento de referência; outra leva em consideração o tempo inerente ao evento, o tempo necessário ao seu desenvolvimento, sem implicações com a enunciação. (Corôa, 2005, p.75)

O aspecto flexivo no sistema verbal da língua espanhola

A descrição do aspecto gramatical no sistema espanhol segue, pelo menos, duas vertentes. A primeira, defendida, entre outros, por Rojo (1974) e Gili Gaya (1970), divide o sistema da língua entre formas *perfectivas* e *imperfectivas*, negligenciando o aspecto *perfecto*. Desse modo, propõe-se a divisão binária das formas do indicativo.

Quadro 11 – Do sistema verbal espanhol sob a óptica aspectual binária

Imperfectivo	Perfectivo
Llego	Llegué
Llegaba	He llegado
Llegaré	había llegado
Llegaría	habré llegado
	habría llegado

Uma segunda postura considera também o aspecto *perfecto* e encontra nas figuras de García Fernández (2008) e Cartagena (1999) seus principais expoentes. Para os autores, o sistema verbal da língua espanhola se estruturaria aspectualmente da seguinte maneira.

Quadro 12 – Do sistema verbal espanhol sob a ótica aspectual não bipartida

Aspecto	Forma Verbal	Exemplo
Imperfectivo	Presente Pretérito Imperfecto	<i>Juan estudia biología</i> <i>María estaba ayer en su casa.</i>
Perfectivo o Aoristo	Pretérito Perfecto Simple Todas as formas compostas com <i>Haber</i>	<i>Mi perrillo se murió ayer.</i> <i>El rey había entrado en la sala a las tres, como se tenía previsto.</i>
Perfecto	Todas as formas compostas com <i>haber</i> .	<i>A las tres, los diputados ya habían abandonado el hemiciclo, que se encontraba vacío.</i>
Prospectivo	Futuro simples e Condicional	<i>Juan estará mañana en Madrid.</i>

Fonte: García Fernández (1995; 2008)

Como vemos no Quadro 12, reserva-se um espaço também para o que García Fernández (1995) chama de *aspecto prospectivo*, uma possibilidade aspectual que vislumbra o início de uma situação, isto porque TF é anterior a TS (fase A).

Para entendermos por que se atribuem tanto o *aspecto perfectivo* como o *aspecto perfeito* às formas compostas com *haber*, recorreremos à análise feita por Cartagena (1999) dos tempos compostos do espanhol. Segundo o autor, essas formas verbais apresentam os acontecimentos como já concluídos quando enunciados, indicando-nos, portanto, um caráter terminativo proveniente do *aspecto aoristo*. Com a segunda leitura verificável nas formas compostas, conseguiríamos também inferir um estado resultante de uma ação anterior. Essa dupla abordagem aspectual pode ser verificada nos exemplos (16):

16a. *El sospechoso se ha marchado a las 10 de la noche;*

16b. *En este instante [ya] se ha marchado el sospechoso.*

Em (16a), a expressão “*a las 10 de la noche*” especifica o momento em que a ação sucedeu, isto é, o instante em que “*el sospechoso se ha marchado*”, indicando, assim, que a ação tem seu limite marcado antes do momento de enunciação (*Aoristo*). Por outro lado, em (16b) a expressão “*en este instante*” determina o ponto focalizado (TF), isto

é, “aponta o resultado da ação ocorrida no âmbito do momento de fala e não o momento de *macharse*”.⁴⁵ Desse modo, “*en este instante*” vislumbra-se a consequência de “*ha marchado*”, ou seja, a ausência do “*sospechoso*”.

O valor *resultativo* observado no enunciado (16b) é, como vimos, consequência do aspecto *perfecto*, uma vez que “na leitura ‘perfecta’ o complemento temporal refere-se a um ponto posterior ao processo verbal designado, que é resultado ou consequência deste, devido a que o TF é posterior ao TS”.⁴⁶ Dessa maneira, a diferenciação aspectual entre esses dois enunciados parece envolver, tal como assinala De Miguel (1999), informações muito mais amplas do que as presentes nas marcas morfológicas de aspecto.

A seguir, somaremos o modo de ação (*aktionsart*) ao quadro de análise dos elementos aspectuais que se relacionam diretamente ao nosso fenômeno de análise. Visamos, assim, verificar seus valores, como se estrutura no sistema da língua, como se diferencia das categorias até aqui abordadas e em que medida opera conjuntamente ao *tempus* e ao aspecto flexivo.

Modo de ação: contemplação objetiva das fases do processo verbal

A compreensão do modo de ação (do alemão *Aktionsart*), também chamado de aspecto léxico, pode se dar pelo cotejo com o aspecto gramatical, isto porque, segundo Cohen (1993), essas duas categorias aspectuais manifestam-se em planos distintos. Ou seja, enquanto nas línguas românicas o aspecto flexivo é uma estrutura gramatical que se constrói por meio de sufixos flexionais somados à base verbal, o modo de ação, também conhecido como aspecto lexical, manifesta-se na própria raiz verbal, de modo que, para Klein (1974 apud Corôa, 2005),

45 “[...] apunta al resultado de la acción ocurrida en el marco del momento del habla y no al momento de macharse.” (Cartagena, 1999, p.2940).

46 “[...] en la lectura ‘perfecta’ el complemento temporal se refiere a un punto posterior al proceso verbal designado, que es resultado o consecuencia de este, debido a que el TF es posterior al TS.” (Cartagena, 1999, p.2940).

é uma categoria semântica que variará proporcionalmente conforme a quantidade de categorias descritivas da ação verbal.

Exemplificando seu funcionamento, atribuímos ao modo de ação a responsabilidade de nos informar as diferenças temporais envolvidas nos processos descritos pelos lexemas “*estornudar*” (17a) e “*construir*” (17b) nas orações que seguem:

17a. *Estornudó.*

17b. *Contruyó una casa.*

Observemos que a diferença entre elas não está no *aspecto perfectivo* – presente em ambas por meio do morfema flexional – *ó* –, mas na extensão temporal que pressupomos envolver um *estornudo* (‘espírito’) e a *construção de uma casa*. É essa informação temporal intrínseca ao léxico que encontraremos no estudo do modo de ação.

A fim de diferenciar o aspecto gramatical do modo de ação (aspecto lexical), Garcia Fernández (2008) considera também a liberdade de o falante intervir na seleção de elementos pertencentes a cada uma das categorias. De maneira mais clara, para o autor

[...] o aspecto é uma noção semântica de manifestação morfológica, enquanto que o conceito de modo de ação é eminentemente léxico. Dai que o modo de ação tenha sido relacionado “aspecto objetivo” no sentido de que é intrínseco, enquanto que o aspecto propriamente dito foi denominado “aspecto subjetivo” porque permite ao falante, em termos gerais, adotar um ponto de vista em relação aos predicados.⁴⁷ (Garcia Fernández, 2008, p.10)

47 “[...] *el aspecto es una noción semántica de manifestación morfológica, mientras que el concepto de modo de acción es eminentemente léxico. De aquí que el modo de acción haya sido designado ‘aspecto objetivo’ en el sentido de que es intrínseco, mientras que el aspecto propiamente dicho se ha denominado ‘aspecto subjetivo’ porque permite al hablante, en términos generales, adoptar un punto de vista con respecto a los predicados.*”

Ou seja, o modo de ação é considerado objetivo porque as estruturas pertencentes a essa categoria são intrínsecas à palavra, isto é, o indivíduo não possui a liberdade para alterá-las, já que são construções coletivas armazenadas no sistema da língua. O aspecto gramatical, por outro lado, é considerado subjetivo porque, conforme a percepção do enunciador, associa-se à base verbal um determinado sufixo com valor aspectual próprio.

Ainda observando o estudo feito por Elena de Miguel (1999), verificamos que muitos são os elementos que intervêm na expressão da informação léxica da raiz verbal. Dentre os quais se destacam os afixos derivativos, pronomes reflexivos, complemento verbal, advérbios, locuções adverbiais e verbos modais.

Godoi (1992), revisando a bibliografia existente sobre aspectualidade nas diferentes línguas naturais, atribui a Aristóteles a primeira classificação do modo de ação. Para o filósofo grego, essa categoria se organizaria em estados ou em processos, sendo possível dividir a classe dos processos em movimentos (*kinesis*) e em atualidades (*energeia*). Muitas releituras do postulado inicial foram propostas, no entanto a que aparentemente adquiriu maior prestígio nas sociedades ocidentais foi a criada por Vendler (1967).

Para esse autor, a classificação do modo de ação envolveria não somente a palavra verbal, mas também sua relação com a estrutura de predicação, com o *tempus*, com o aspecto e com outros marcadores temporais. Somente a partir dessa análise complexa seria possível a classificação dos termos em estado, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

As três últimas classes diferenciam-se do estado por serem ações. Assim, a fim de apresentarmos em que consiste cada uma das classificações de Vendler (1967), partimos da oposição estado *vs.* ações. O Quadro 13 resume as características destas duas classes segundo Godoi (1992) e Riemer (2010).

Quadro 13 – Do estado e das ações em Vendler (1967)

Estado	Ações
- Estático;	- Dinâmico;
- Não retrata algo acontecendo;	- Retrata algo que acontece;
- Envolve uma situação imutável enquanto existentes.	- Situação que pode se alterar;
- Apenas existe, sem qualquer sequência de fases internas;	- Pode apresentar fases internas (começo, meio ou fim);
- Ex. desejar, querer, amar, odiar, dominar.	- Ex. morrer, nascer; correr, caminhar, nadar; pintar um quadro, fazer uma cadeira.

Uma vez pertencendo ao grupo das ações, as atividades, os *accomplishments* e os *achievements* vão se caracterizar pelo dinamismo no retrato de um acontecimento possuidor de fases (subeventos). Por outro lado, há características que são peculiares a cada uma destas classes, como podemos verificar no Quadro 14.

Quadro 14 – Das atividades, dos *accomplishments* e dos *achievements* em Vedler (1967)

Ações		
Achievements	Atividades	Accomplishments
- Pontuais	- Durativos	- Durativos
- Não seriam compatíveis com começar/parar/terminar: ?Ele começou a alcançar o topo; ?Ele parou de comprar a maçã;	- São compatíveis com começar/parar/terminar: Ela começou correr.	- São compatíveis com começar/parar/terminar: Ela terminou de construir a parede.
- Referem-se à transição entre dois estados (inicial e final): não conhecer e conhecer a verdade; não possuir e possuir um papel; estar vivo e estar morto, etc.	- Atélicos: não possuem limitação, isto é, ponto final inerente. - Podem continuar indefinitivamente.	- Téllicos: possuem limitação, isto é, um ponto final inerente.

continua

Ações		
Achievements	Atividades	Accomplishments
Ex. Contar a verdade; comprar um papel; morrer, reconhecer/ identificar alguma coisa; perder/ encontrar algo; alcançar o cume; cruzar a fronteira; começar/parar/retomar algo, morrer/nascer.	Ex. Correr, caminhar, nadar, empurrar/puxar algo; assistir; desenhar.	Ex. Correr/caminhar 1 km; pintar um quadro, fazer uma cadeira, construir uma casa, escrever/ler um romance; jogar um jogo de xadrez.
	Não podem ser modificadas por delimitadores temporais como em uma hora. ?Eu andei em uma hora.	Podem ser modificadas por delimitadores temporais como em uma hora. - Ele preparou o prato principal em uma hora.
	Atividades são homogêneas: consistem em si mesmas. Os subeventos que as compõem podem ser descritos exatamente como a própria atividade, em sua totalidade.	Accomplishments não são homogêneos: não consistem em si mesmos. Os subeventos que os compõem não podem ser descritos como a totalidade do evento.

Riemer (2010, p.324) sugere que as classes do modo de ação sejam descritas sinteticamente a partir da observação das três dimensões que se repetem nas quatro classes: a estaticidade – mostra-nos se são estados imutáveis ou acontecimentos alteráveis, a telicidade – corresponde à presença ou não de um ponto final inerente ao acontecimento – e a pontualidade – que se opõe à duração.

Quadro 15 – Da síntese dos modos de ação

<i>Modo de Ação</i>	<i>Estático</i>	<i>Télico</i>	<i>Pontual</i>
<i>Estado</i>	+	-	-
<i>Atividade</i>	-	-	-
<i>Achievement</i>	-	+	+
<i>Accomplishment</i>	-	+	-

Fonte: Riemer (2010, p.324)

Finalmente, comparando o modo de ação com as demais categorias estudadas neste capítulo, concluímos que tanto o *tempus* como o *aspecto* gramatical são categorias gramaticalizadas no espanhol e no português, ao passo que o modo de ser da ação manifesta-se fundamentalmente por recursos léxico-semânticos (Corôa, 2005). Além disso, nessa categoria, a informação relativa à aspectualidade é proporcionada pelo significado léxico do verbo junto a outros elementos que o acompanham, tais como os argumentos do verbo, advérbios e locuções adverbiais, entre outros.

O modo de ação no espanhol: aspectualidade qualitativa e quantitativa

Elena de Miguel (1999) propõe uma análise do modo de ação um tanto diferente da perspectiva de Vendler (1967). Para a autora um evento pode se desenvolver aspectualmente de maneira qualitativa ou de maneira quantitativa. Na primeira abordagem, qualitativa, importa *como* o evento se desenvolve temporalmente, tendo em vista que:

[...] pode implicar uma mudança ou ausência de mudança; pode implicar que o movimento do evento se encaminha em direção a um limite interno ao evento ou que carece de tal limite; pode enfocar uma fase determinada do desenvolvimento do evento: o início, a fase intermediária ou o final.⁴⁸ (De Miguel, 1999, p.3009)

Diante dessas possibilidades, a autora propõe a análise dos vocábulos verbais da língua espanhola considerando os três grupos da aspectualidade qualitativa:

1. Estático (*estar verde*) vs. Dinâmico (*madurar*);
2. Delimitado (*llegar, morir*) vs. Não delimitado (*viajar, vivir*);
3. Ingressivo (*amanecer, lanzar*) vs. Progressivo (*envejecer*) vs.

Terminativo ou resultativo (*destruir, encanecer*).

48 “[...] puede implicar un cambio o ausencia de cambio; puede implicar que el movimiento del evento se encamina hacia un límite interno al evento o que carece de tal límite; puede enfocar una fase determinada del desarrollo del evento: el inicio, la fase intermedia o el final.”

A abordagem quantitativa, por sua vez, preocupa-se com a distribuição do evento no tempo, de modo a avaliar quantas vezes ele acontece, com que duração e com que intensidade. Assim, pode-se também observá-lo tendo em vista três grupos:

1. Durativo (*discurrir, repicar, vivir*) vs. Escassamente durativo⁴⁹ (*disparar, llegar, morir*).

2. Simples ou semelfactivo⁵⁰ (*dar un golpe, dar un beso, disparar un tiro, emitir un grito, morir, cantar*) vs. Múltiplo ou repetido⁵¹ (*cortejar, sesear; tutear*) vs. Iterativo⁵² (*ametrallar, gritar, pestañear, picar cebolla, repicar*).

3. De intensidade normal ou não intensivo (*arrugarse, cantar, comer, dormir, llover, observar, peinar*) vs. De intensidade superior à normal ou intensivo⁵³ (*apergaminarse, devorar, diluviar, escudriñar, repeinar*) vs. De intensidade inferior à normalidade ou atenuativo⁵⁴ (*atusar, chispear, dormitar, lloviznar, ojea, picar, picotear, tararear*).

Juntos, os traços quantitativos e qualitativos compõem o aspecto léxico, fazendo com que o evento não se defina por um traço aspectual apenas.⁵⁵

Para concluirmos, a compreensão da realização da temporalidade e da aspectualidade no sistema da língua espanhola e de como essas categorias operam conjuntamente no uso verbal irá nos servir de base para a compreensão dos valores atribuídos, de modo geral, ao *pretérito perfecto compuesto*. Especificamente nas regiões dialetais da Argentina, essa informação nos possibilitará, entre outros, (1) entender eventuais usos não previstos pela norma padrão; (2) descrever usos que possam

49 Também chamado pontual, momentâneo ou instantâneo.

50 Chamam-se os eventos que ocorrem somente uma vez.

51 Também chamado de frequentativo, quando implica a repetição do evento como um hábito.

52 Quando o evento denotado é complexo no sentido de se constituir por várias realizações.

53 Também chamado de incrementativo ou aumentativo.

54 Também chamado de minorativo.

55 Como verificaremos na análise que faremos no capítulo final deste livro, a tipologia aspectual proposta Vendler (1967) será suficiente para proceder ao estudo do PPC na Argentina. Eventualmente, faremos menção a alguns dos traços qualitativos e quantitativos conforme propõe Elena de Míguel (2004).

não ter sido documentados até o fim deste trabalho; e (3) reavaliar descrições já realizadas sobre as variedades do espanhol no país.

Assim, para procedermos à análise do PPC, refletiremos sobre o *tempus*⁵⁶ conforme os postulados de Reichenbach (2004) e de Rojo (1974, 1990; Rojo; Veiga, 1999) – aquele por ser a proposta inaugural da qual se originam, de alguma maneira, as demais teorias sobre *tempus*, e este, por sua vez, por ser uma perspectiva mais moderna que, como vimos, foi bem aplicada à língua espanhola e tem uma boa aceitabilidade dos usos variáveis não previstos pelas descrições já existentes. Para o estudo da aspectualidade, julgamos imprescindível considerar tanto as noções de *Tempo de Situação* e *Tempo de Foco* (García Fernández, 1995) como a noção de *fases* desenvolvida por Santos (1974). Observaremos mais atentamente os aspectos *perfectivo* e *perfeito* por acreditarmos estarem diretamente relacionados com o fenômeno em pauta. Por fim, a percepção do modo de ação (aspecto léxico), desenvolvida fundamentalmente por Vendler (1967), irá também nos auxiliar na verificação de elementos que estejam funcionando juntamente ao *tempus* e ao aspecto flexional na atribuição dos valores ao *pretérito perfecto compuesto*.

56 Entendido como a manifestação da temporalidade intrínseca à língua, cuja origem e referência são construídas na relação com o momento de enunciação.

4

○ PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO E A ARGENTINA: MARGEANDO ○ FENÔMENO

“Un día, la misma persona me dijo: ‘he subido arriba y no te encontré’ Esta frase me hizo reflexionar bastante. [...] mi desconcierto inicial se debió a que el había empleado un tiempo compuesto. ¿Por qué no dijo, simplemente: ‘Subí arriba y no te encontré’? [...] En realidad, al decir: He subido arriba y no te encontré, prolongaba hasta el presente la acción de subir y no hallarme; [...] Si hubiera dicho: ‘Subí arriba y no te encontré’, la acción habría transcurrido en el pasado, yo podría sentirme libre de mi culpa; ahora, en cambio, el acto flotaba, se prolongaba; era como si todavía él estuviera subiendo y yo no hubiera llegado, no hubiera llegado nunca.”

(Peri Rossi, 1983, p.93)

Dirigindo-nos mais especificamente ao estudo da forma verbal que temos em pauta, é chegado o momento de conhecermos os valores e usos atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* (PPC). Para tanto, resgataremos as descrições feitas por alguns manuais da língua espanhola e

por trabalhos que se atentaram mais demoradamente à questão. Tendo elaborado o estado da arte dos valores e da variação no uso do PPC, seguimos por um âmbito mais metodológico, no qual expomos, justificamos e descrevemos o processo de compilação do *corpus*; relatamos os *softwares* que estiveram presentes no processo de pesquisa e procedemos à seleção de cidades representantes das variedades dialetais. A soma de todas essas informações deve nos auxiliar na análise da forma verbal no capítulo seguinte, além de fomentar uma discussão sobre a relevância desses trabalhos para as variedades argentinas.

Os valores atribuídos ao *Pretérito Perfecto Compuesto*

Da mesma maneira que Quesada Pacheco (2001), encontramos na palavra poética de Peri Rossi (1983) a sensibilidade linguística que, de algum modo, impulsiona toda a reflexão que envolve o estudo do *Pretérito Perfecto Compuesto* (PPC) na língua espanhola. Ao observar a epígrafe, podemos destacar dois comportamentos que frequentemente se associam à análise dessa forma verbal. O primeiro deve-se ao contraste feito com o *Pretérito Perfecto Simple* (PPS), enquanto o segundo, resultante desse confronto, mostra-nos o valor de relevância no presente de uma ação transcorrida antes da enunciação – de modo que, no relato acima, prolongam-se até o momento de fala as consequências do haver subido e não haver encontrado o personagem.

Neste capítulo, interessa-nos, portanto, mostrar como as diferentes perspectivas descritivas da língua avaliam o uso do *pretérito perfecto compuesto*. Com esse fim, exporemos o que já foi revelado sobre o uso do PPC e, por conseguinte, constituiremos um esboço com os possíveis valores que lhe são atribuídos. Também estará entre nossos objetivos a observação de como se constitui cada um dos valores tendo em vista as categorias do *tempus*, do aspecto gramatical e do modo de ação.

Antes de discutirmos propriamente os sentidos atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto*, faz-se necessário identificá-lo morfológicamente. Assim, conforme observa a *Nueva Gramática de la Lengua*

Española (RAE, 2009, p.184), os tempos compostos são formados pela soma do verbo auxiliar *haber* a uma forma de particípio passado, denominado *auxiliado* ou *principal*. Em especial, quando conjugado no *perfecto compuesto*, o verbo auxiliar recebe conjugação do *presente do indicativo*, de modo que encontramos o seguinte paradigma de conjugação para a forma do PPC.

Quadro 16 – Do paradigma de conjugação do *pretérito perfecto compuesto*

Número	Pessoas do discurso	Pronomes pessoais	Verbo auxiliar	+	Particípio
Singular	1 ^a	Yo	HE	+	Cantado; Comido; Partido; (...)
	2 ^a	Tú/Vos	HAS		
		Usted	HA		
3 ^a	Él/ Ella	HEMOS			
Plural	1 ^a	Nosotros; -as	HABÉIS		
	2 ^a	Vosotros; -as	HAN		
		Ustedes			
3 ^a	Ellos, Ellas				

Fonte: RAE (2009).

O estudo morfossemântico das formas compostas mostra-nos que ao verbo auxiliar *haber* corresponde a informação de anterioridade ao *tempus* no qual está conjugado – no caso do PPC, anterioridade ao *presente do indicativo*. Além disso, é-lhe atribuída a informação gramatical de pessoa, número, aspecto e modo, haja vista que é nele que se acoplam os sufixos de número/pessoa e *tempus*/aspecto/modo. Por sua vez, ao *particípio pasado* – portador do valor léxico – cabe a observação da situação, bem como a determinação de uma rede argumental; condicionando, por isso, possíveis sujeitos e complementos associáveis à perífrase (RAE, 2009, p.184).

Direcionando-nos à observação dos valores associados ao *pretérito perfecto compuesto*, levaremos em consideração, neste momento, trabalhos que propuseram uma sistematização de sentidos que são verificados no uso da forma composta. Assim, a título de breve introdução, podemos conferir, no Quadro 17, quais obras descritivas foram consideradas, bem como os valores que elas atribuem ao PPC.

Quadro 17 – Da relação de autores e valores atribuídos ao PPC

Valores		Autores																	
		Bello (1972; Bello; Cuervo, 1954)	Lenz (1935)	Reichenbach (2004)	Garcia de Diego (1951)	Gill Gaya (1979)	Kany (1969)	Rojo (1974; 1990; Rojo e Veiga 1999)	Alarcos Llorach (1972; 2005)	Comrie (1993a)	RAE (1986)	Kovacci (1992)	Guiérrez Arous (1995; 2001)	Ferrer e Sanchez Lanza (2000)	Cartagena (1999)	Quesada Pacheco (2001)	Torrego (2002)	Rodriguez Louro (2008)	RAE (2009; 2010)
1	Relevância Presente	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
2	Ante Presente	+	-	+	+	+	+	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+
3	Passado Imediato	+	-	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	-	-	+	+
4	Resultativo	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
5	Experiência	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+
6	Persistência	+	-	+	+	-	-	+	+	-	+	+	+	+	+	-	-	+	+
7	Passado Absoluto	-	+	-	-	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+	+
8	Ante Pretérito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-
9	Prospectivo	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	+	-	-	+

Feita a devida apresentação, expomos, a seguir, a análise mais atenta dos nove valores¹ atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto*.

Apesar da diversificada e conflituosa quantidade de propostas descritivas da forma verbal em pauta, cremos haver encontrado um ponto de quase comum acordo entre elas. Nele, tal como em nossa epígrafe, observamos que ao utilizar o *pretérito perfecto compuesto* o falante busca, fundamentalmente, indicar que uma situação passada tem alguma “relevância no presente”. Em outras palavras, por meio do PPC enfatiza-se, no presente, um evento de origem anterior ao momento da fala. É bem verdade que frequentemente se afirma que tanto

1 Alertamos que alguns desses traços estão delimitados a algumas variedades do espanhol ou, ainda, podem ser compreendidos como um uso mais específico de um valor mais abrangente.

a origem como o fim da situação já ocorreram quando enunciados; no entanto, observaremos que nem sempre o término dos acontecimentos está claramente marcado antes do momento de enunciação.

Rodriguez Louro (2008) considera que o valor fundamental de *relevância presente* decorre de efeitos que vão além das marcações lexicais e gramaticais de temporalidade. Para a autora, esse sentido corresponderia também a “uma relação um tanto subjetiva e pragmática que une, de acordo com a postura do locutor, uma eventualidade e o momento de fala” (ibidem, p.3).² Por isso seu uso é caracterizado como portador de uma aceção bastante individualizada e, por conseguinte, de difícil definição.

Tendo em vista a complexidade dessa relação, a utilização da forma composta, no enunciado (18), ilustra-nos como um evento pretérito estabelece uma relação de *relevância* no momento da fala:

18. *Si bien le costó [a Vélez Sarsfield] y mucho ganarle a Argentino Junior. Pero también, junto con River, ha ganado sus tres partidos y de esta manera es uno de los punteros que tiene el campeonato apertura de primera división.* <MDZ, 03, Gr1>.

Ou seja, a já ocorrida vitória do time Velez Sarsfield nos três jogos do campeonato argentino de futebol mostra-se relevante no momento presente em que se encontra o enunciador – quem, por isso, diferencia-o dos demais clubes por ser o líder no campeonato.

Não nos preocupando, por ora, com o carácter subjetivo e pragmático que se associa ao uso do PPC, cremos que o valor fundamental da forma composta pode ser melhor esclarecido se consideramos dois âmbitos mais objetivos de análise: o *tempus* e o aspecto gramatical. Para tanto, é interessante recordarmos a descrição que fazem Acero (1990) e Carrasco Gutiérrez (1994)³ do *tempus* observável no *perfecto compuesto*. Segundo os autores, com o PPC a eventualidade pretérita (ME) é vis-

2 “[...] una relación un tanto subjetiva y pragmática que une, de acuerdo con la postura del locutor, esa eventualidad y el momento del habla.”

3 Autores que aplicam a proposta reichebachiana à língua espanhola (ver antes).

lumbrada dentro do mesmo âmbito (MR) que envolve o momento da fala (MF), haja vista que o momento de referência *presente* (MR) é simultâneo ao MF. De modo sintético, expressa-se este valor por meio da notação ME-MF,MR. Por sua vez, Rojo (1974) atribui ao *tempus* do PP Cum caráter relativo, por expressar um acontecimento anterior a um acontecimento simultâneo à origem⁴ e, portanto, dentro de um âmbito de coexistência à enunciação – o que na notação do autor é representado por (0oV)-V. Dessa maneira, no enunciado (18), parece que a extensão temporal do “*campeonato apertura de primera división*” marca-nos o momento de referência presente, isto é, o âmbito temporal de coexistência que envolve tanto as vitórias do time quanto o momento da fala.

Em relação à informação proveniente do *aspecto gramatical*, Comrie (1993a) e García Fernández (1998) comentam que o *perfeito* volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação descrita, mostrando-nos, por isso, as consequências de dada situação. Em outras palavras, a marca aspectual do *pretérito perfecto compuesto* traz à tona alguns estados de uma ação precedente (Comrie, 1993a). Observando esse valor aspectual no exemplo (18), podemos pensar que com o uso do *perfecto compuesto* junto ao verbo “*ganhar*” (“ganhar”) procura-se, na verdade, salientar as consequências advindas da vitória do time, tais como se tornar líder do campeonato, ser um time de referência, entre outras.

Tendo comentado as informações provenientes tanto do *tempus* como do *aspecto gramatical*, torna-se mais perceptível que o valor fundamental de *relevância presente* provém da observação das consequências resultantes (aspecto) de uma eventualidade pretérita, mas envolta pelo mesmo âmbito de referência presente que abarca a enunciação (*tempus*). Como verificaremos adiante, a maior parte dos valores atribuídos ao PPC retomará, de algum modo, o valor advindo do *tempus* presente anterior (ME-MF,MR) e/ou do aspecto perfeito.

4 Em oposição, por exemplo, ao *tempus* pretérito (*canté*), que expressa anterioridade direta à origem, sendo, por isso, um *tempus* absoluto. Os valores de ambos os *tempora* podem ser melhores compreendidos por meio da observação da Figura 7, da aplicação da proposta de Guillermo Rojo ao sistema espanhol.

Conscientes desse princípio, passemos a observar o uso da forma composta expressando *antepresente* – um dos valores tido como mais recorrente entre as propostas descritivas do *pretérito perfecto compuesto*. Para Bello (1972) e Bello e Cuervo (1954), quem pela primeira vez faz uso da terminologia,⁵ o nome indicaria que “o tempo significado pela forma composta é anterior ao tempo auxiliar” (Bello; Cuervo, 1954, p.212),⁶ que, como vimos, conjuga-se no presente do indicativo. No entanto, toda a reflexão desenvolvida pelo autor visa nos mostrar, fundamentalmente, que essa forma “tem, pois relação com algo que ainda existe” (Bello, 1972, p.10),⁷ ou seja, expressa uma relevância presente.

Motivados pelo propósito de diferenciar o *antepresente* dos demais valores, partimos da análise feita por Cartagena (1999), cujo estudo exige que consideremos, em princípio, o *tempus* das formas verbais simples do modo indicativo. Isso porque o autor atribui a essas formas a função de delinear, a partir do ponto zero, segmentos temporais primários.⁸ Assim,

[...] o presente marca a coexistência [âmbito primário de coexistência], o paralelismo do falar com um ponto do tempo real, em relação ao qual as formas do *pretérito perfecto simples* e de *futuro* indicam anterioridade [âmbito primário de retrospectividade] e posterioridade [âmbito primário de prospectividade], respectivamente.⁹ (Cartagena, 1999, p.2937)

Faz-se imprescindível a síntese das formas simples porque, para o autor, os tempos compostos por *haber* + *participio* apresentarão um

5 Apesar de utilizada pela primeira vez por Andrés Bello (1972; Bello; Cuervo, 1954), coube a outros importantes estudos do sistema verbal espanhol a atribuição de traços mais específicos a essa terminologia.

6 “[...] el tiempo significado por la forma compuesta es anterior al tiempo del auxiliar.”

7 “[La forma compuesta] tiene pues relación con algo que todavía existe.”

8 Isso é assim porque as formas simples expressam *temporas* absolutos, isto é, que guardam relação direta com o momento de enunciação.

9 “[...] el presente marca la coexistencia [âmbito primario de coexistencia], el paralelismo del hablar con un punto del tiempo real, respecto del cual las formas de pretérito perfecto simple y de futuro indican anterioridad [âmbito primario de retrospectividad] y posterioridad [âmbito primario de prospectividad], respectivamente.”

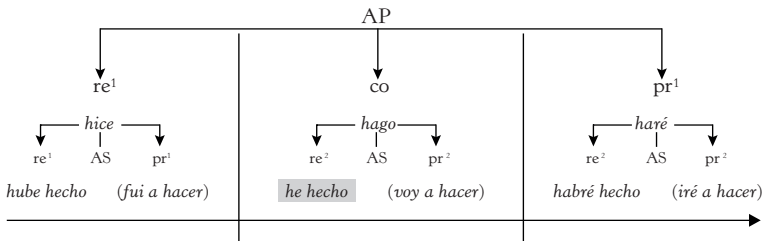
comportamento semelhante, ao criar fragmentos temporais secundários de perspectiva retrospectiva em cada um dos âmbitos primários. Em outros termos, por serem relativas, isto é, não guardarem relação direta com o momento de enunciação, mas com as formas simples, as formas compostas ressegmentam cada parte já dividida primariamente pelos *tempora* simples. Desta maneira, “[...] *He hecho, hube hecho, habré hecho* indicam anterioridade, mas em relação ao ponto central de cada âmbito temporal gerado pelas formas simples, apareçam, ou não, expressamente aludidas nos textos” (ibidem, p.2939).¹⁰

Diante dessa síntese de funcionamento do sistema verbal da língua espanhola, conseguimos verificar como se instaura o *antepresente* na forma do *Pretérito Perfecto Compuesto*: um valor relativo de anterioridade (em um âmbito secundário) ao *tempus presente* que lhe serve de referência dentro do âmbito primário. Reparemos que tanto a expressão de anterioridade quanto a referência no presente estão contidas no âmbito primário de coexistência ao momento de fala.

Esse sentido fica mais bem apreciado por meio da reprodução da Figura 11, na qual se expõe parte das formas verbais do indicativo (Cartagena, 1999, p.2938). Em destaque, o *pretérito perfecto compuesto* representa a expressão de uma anterioridade (no âmbito secundário), que está contida no âmbito primário de coexistência (APco).¹¹

10 “[...] *He hecho, hube hecho, habré hecho* indican [...] anterioridad, pero en relación con el punto central de cada ámbito temporal generado por las formas simples,arezca este o no expresamente aludido en los textos.”

11 Na Figura 11, AP quer dizer Âmbito Primário; AS, Âmbito Secundário e RE, CO e PR, respectivamente, REtrospectividade, COexistência e Prospectividade.

Figura 11 – Do *tempus* nas formas verbais do indicativo

Fonte: Cartagena (1999, p.2938).

Assim, diferentemente da forma do *perfecto simple* (*hice*), que também corresponde a uma ação pretérita, no entanto envolvida por um âmbito primário de anterioridade, com o *perfecto compuesto* (*he hecho*), apresenta-se um evento pretérito envolvido por uma percepção de presente (MR-presente/âmbito primário de coexistência), que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o momento da fala, ou seja, de *antepresente*. Cartagena (1999, p.2941) resume o uso do PPC com esse valor afirmando que sua função é: “[...] indicar que uma ação se realiza antes de um ponto zero que nos serve de referência para medir o tempo, mas dentro do âmbito que tem como centro a coexistência ou a simultaneidade de tal ponto com o momento de fala”.¹²

Resulta-nos ainda dificultoso entender o que, para o falante, pode ser considerado suficientemente próximo ao momento de enunciação a ponto de ser envolvido pelo mesmo âmbito primário de coexistência e, por isso, expresso por meio do *pretérito perfecto compuesto*. A fim de melhor entendermos a possível extensão do distanciamento existente entre o ME e o MF no uso do PPC de *antepresente*, muitos autores valem-se da observação de elementos linguísticos recorrentes no contexto de uso do PPC com esse valor. Esse procedimento deve-se a que:

[...] o conteúdo temporal que, paradigmaticamente, define cada uma das unidades do sistema pode ser completado mediante a adição de deter-

12 “[...] indicar que una acción se realiza antes del punto cero que nos sirve de referencia para medir el tiempo, pero dentro del ámbito que tiene como centro la coexistencia o simultaneidad del dicho punto con el momento del habla.”

minados segmentos linguísticos, cuja função é a de enfatizar, precisar, orientar ou localizar a situação temporal da ação de que se trate.¹³ (Piñero Piñero, 1998, p.109)

Assim, observando alguns marcadores que possuem características temporais que se assemelham ao valor em análise, empregariamos o PPC “com os advérbios que indicam que a ação se deu em um período de tempo no qual se encontra compreendido o momento presente do que fala ou escreve”,¹⁴ tal seria o caso de “*hoy, ahora, estos días, esta semana, esta tarde, esta mañana, este mes, el año en curso, esta temporada, hogaño, todavía no, en mi vida, durante el siglo presente, etc.*” (Alarcos Llorach, 1972, p.24).

Observemos que com qualquer uma dessas expressões conseguimos envolver em um mesmo âmbito temporal (MR) tanto a situação descrita (ME) como o momento de fala (MF). Ou seja, ao dizermos:

19 a. **Ha ganado** hoy el auto de su sueño.

19 b. **Ha ganado** este año el auto de su sueño.

consideramos que tanto o acontecimento *ganar* (ganhar) como o momento da fala estão contidos na mesma envoltura temporal: “*hoy*” (hoje) ou “*este año*” (este ano), respectivamente. Além disso, nas orações (19), o uso do PPC de *antepresente* mostra-nos que não parece ser fundamental que a distância existente entre a situação e o ato de enunciação seja igual ou menor que um dia, mas que é suficiente haver uma relação temporal imbricada entre elas.

De acordo com a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009, p.1722 e 1723), o valor de *antepresente* coincide temporalmente, entre outros, com:

13 “[...] el contenido temporal que, paradigmáticamente, define cada una de las unidades del sistema puede ser completado mediante la adición de determinados segmentos lingüísticos, cuya función es la de enfatizar, precisar, orientar o localizar la situación temporal de la acción de que se trate.”

14 “[...] con los adverbios que indican que la acción se ha efectuado en un período de tiempo en el que se halla comprendido el momento presente del que habla o escribe.”

- a. O demonstrativo *este*: “*En este siglo la ciencia ha experimentado grandes avances*”. Em oposição ao demonstrativo *aquel*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao uso do PPS: “*En aquel siglo la ciencia experimentó grandes avances*”.
- b. O Adjetivo *actual*: “*En su actual situación laboral, ha sufrido no pocos sinsabores*”. Em oposição ao adjetivo *anterior*, que indicaria um âmbito primário de anterioridade e, por isso, associado ao uso do *pretérito perfecto simple*.
- c. O Adjetivo presente: “*La vicetiple ha tenido días mejores en la presente temporada*”.

Alarcos Llorach (1972) explica que mesmo em enunciados de sentido *antepresente* sem uso de marcadores temporais pode-se observar implicitamente a consciência do falante de que os eventos têm como limite o presente gramatical. Nesses casos, infere-se o especificador “neste período de tempo em que falamos”.

Com o valor de *pasado inmediato*, terceiro uso aqui esboçado, continua-se a atribuir à forma do PPC todas as características já examinadas no valor de *antepresente*; no entanto, acresce-se a seu campo semântico o traço imediato, ou seja, o momento de referência (MR) que envolve tanto a situação descrita (ME) como o ato de enunciação (MF) passa a ser muito mais limitado, obrigando, por conseguinte, que dada situação esteja mais próxima ao momento de fala para que seja expressa por meio da forma composta. Tal uso poderia ser verificado em:

20. *Lo he comido hace un rato.*

Oração que nos mostra, graças ao uso do marcador temporal “*hace un rato*” (“há um tempinho”), que a ação *comer* terminou muito recentemente. Não obstante, notamos que a maioria dos estudos segue permeada por uma dificuldade em delimitar a dimensão do âmbito primário de coexistência no valor de *pasado inmediato*. Na tentativa de dar fim à falta de precisão, alguns pesquisadores chamam esse valor de *hodierno* ou *hudiernal*,¹⁵ indicando, dessa maneira, que a delimitação

15 Do latim, *hodiernus*, que quer dizer “do dia de hoje” (RAE, 2009, p.1730).

da distância existente entre o momento da fala e o momento do evento está dentro dos limites de um dia.

Advertimos, no entanto, que essa especificação nem sempre é segura, haja vista que pode sofrer alterações conforme a percepção temporal do falante. Esse é o caso de:

21a. No **ha venido** esta mañana.

21b. No **vino** esta mañana.

Segundo Alarcos Llorach (2005, p.167), a diferença dessas orações reside na possibilidade de se considerar, “*esta mañana*”, em (21a), como parte de *hoje*, portanto, dentro do âmbito primário de coexistência do contexto *hodiernal*. E, por outro lado, em (21b), considerar “*esta mañana*” como oposto a *esta tarde*, quando provavelmente se enuncia. Assim, a situação descrita estaria sendo colocada fora do âmbito primário de coexistência, cuja abrangência envolveria apenas o período vespertino do dia. Em síntese, parece que a distinção, marcada pelo uso de uma forma ou outra, resulta das diferentes percepções de *tempus* que se têm do evento.

Rodriguez Louro (2008) comenta que o valor de *passado imediato* pode ser frequentemente associado à esfera jornalística, pela preocupação que se tem em difundir uma informação dentro do menor tempo possível. A RAE (2009; 2010), por seu turno, faz-nos saber que tanto o *passado imediato* quanto o *antepresente* são valores característicos “das variedades do espanhol em que [...] se registram usos da oposição *CANTÉ/HE CANTADO*” (RAE, 2009, p.1729),¹⁶ no que tange ao *tempus* que possuem as duas formas.

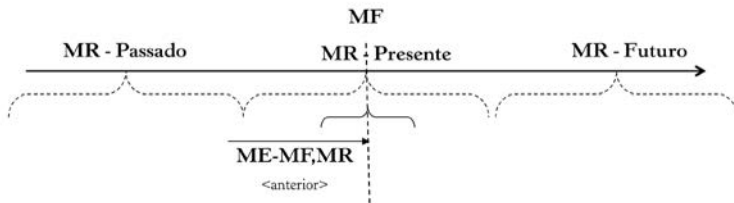
Finalmente, ressaltamos, mais uma vez, que a diferença existente entre o valor de *antepresente* e o de *passado imediato* reside fundamentalmente na extensão do âmbito primário de coexistência (MR). Por isso, parece-nos apropriado tratar o segundo sentido como uma especificação do valor de *antepresente*, cujo âmbito de coexistência pode

16 “[...] es característico de las variedades del español en las que [...] se registran usos de la oposición *CANTÉ/HE CANTADO*.”

se estender mais livremente e, conseqüentemente, envolver situações mais distantes do ato de fala.

Esses dois valores podem ser inferidos da Figura 12. Nela, o colchete menor representa uma menor abrangência do âmbito de coexistência (MR *presente*) e, por conseguinte, a maior proximidade que há entre o momento do evento (ME) e o momento de fala (MF) no valor de *passado imediato*. Já o colchete maior de MR-presente, tracejado, mostra-nos a maior extensão do âmbito de coexistência, facultando, por isso, um maior distanciamento entre o evento (ME) e a enunciação (MF), tal como ocorre no *antepresente*. Observemos também que o valor de *passado imediato* pode ser envolto pelo valor de *antepresente*.

Figura 12 – Dos valores de *antepresente* e *passado imediato*



O quarto valor frequentemente atribuído à forma composta recebe o nome de *resultativo*, pois focaliza, no momento da fala, um estado que existe como consequência de um evento já ocorrido. Assim, a forma composta poderá expressar o resultado de um estado ou ação que lhe são anteriores, mas também poderá exprimir uma situação já ocorrida que deverá ter seus resultados presentes inferidos implícita ou explicitamente no enunciado. Ou seja, de qualquer maneira, com o *pretérito perfecto compuesto de resultado*, “descrevem-se estados que se consideram atuais ou que se comprovam na atualidade” (RAE, 2009, p.1734).¹⁷ As duas possibilidades podem ser melhor observadas pelos enunciados (22) e (23), respectivamente:

¹⁷ “[...] se describen estados que se consideran actuales o que se comprueban en la actualidad.”

22. *Hay como una ponderación especial hacia un personaje que es muy cuestionado después de mucho revisionismo histórico. La verdad es que no ha quedado bien parado. ¿no?* <BsAs, 11, Gr3>.

23. [...] *porque ellos consideran que han plantado bandera en el fondo del mar, entonces a partir de eso ellos pueden explorar eso [...].* <MDZ, 30, Gr 5>.

No primeiro exemplo, o uso do PPC mostra-nos o resultado presente (“*no ha quedado*”, isto é, “não ficou/não permanece”) de uma situação originada antes do momento de fala: o questionamento do personagem depois de revisionismo histórico. Por sua vez, em (23), notamos que a ação já terminada, expressada pela forma composta (*ha plantado*), implicará alguns resultados, tal como a permissão para a exploração do mar.

Rodriguez Louro (2008) acredita que esse valor tende a ser mais produtivo junto a predicados télicos, já que nesse modo de ação há implícito o ponto final da situação. Ainda segundo a autora, o uso dos advérbios *todavía* e *ya*¹⁸ enfatizaria o valor resultativo.

A fim de avaliar como esse valor relaciona-se diretamente ao aspecto que vigora no PPC, Cartagena (1999) lança mão da relação dos conceitos de *Tempo da Situação* (TS) e de *Tempo do Foco* (TF), como já expusemos na discussão sobre o aspecto flexivo no sistema verbal da língua espanhola. Dessa maneira, verifica que, em (24), a expressão: “*en este instante*” determina o TF, isto é, “aponta para o resultado da ação ocorrida no contexto do momento da fala e não ao momento de *macharse*”,¹⁹ de modo que se pode inferir, por exemplo, que o criminoso já não está no local – “*ya se ha marchado*”. O valor *resultativo* é consequência do aspecto *perfeito*, uma vez que “na leitura *perfeita* o complemento temporal se refere a um ponto posterior ao processo verbal designado, que é resultado ou consequência deste, devido a que o *TF* é posterior a *TS*”.²⁰

18 Que, no português, querem dizer, respectivamente, “ainda” e “já”.

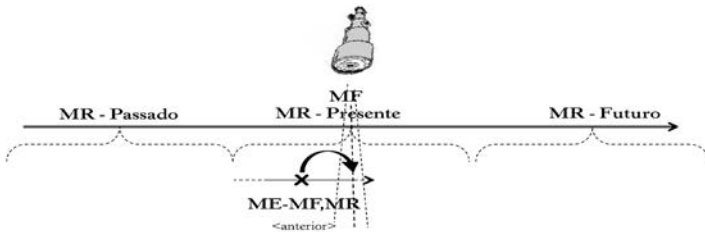
19 “[...] *apunta al resultado de la acción ocurrida en el marco del momento del habla y no al momento de macharse.*” (Cartagena, 1999, p.2940).

20 “[...] *en la lectura ‘perfecta’ el complemento temporal se refiere a un punto posterior al proceso verbal designado, que es resultado o consecuencia de este, debido a que el TF es posterior al TS.*” (Cartagena, 1999, p.2940).

24. *En este instante se ha marchado el sospechoso.*

O valor pode ser observado na Figura 13, na qual a lente e as linhas tracejadas que partem dela representam o tempo de foco, isto é, o momento posterior ao término do evento (representada por x) e quando se vislumbram as conseqüências provenientes dele. Notemos também que o TF envolve o momento de fala (MF), fazendo que as conseqüências observadas sejam concomitantes à enunciação.

Figura 13 – Do valor *resultativo*



O quinto valor abordado recebe o nome de *experencial* e, com esse atributo, o PPC indica-nos que uma situação manteve-se, pelo menos uma vez, durante algum tempo desconhecido e anterior ao momento de fala (MF). De modo que podemos lhe atribuir uma indeterminação temporal, já que não especifica, na linha do tempo, exatamente o momento quando dado evento sucedeu. Isso é o que ocorre em

25. [...] *vamos a hablar ya mismo, precisamente, con Jorge Valentín que ha hecho esa y otras declaraciones para esta nota de la voz del interior.* <CRD; 07; Gr2>.

Apesar de não especificar quantas vezes, por quanto tempo ou em que momento exato Jorge Valentín fez suas declarações, o exemplo faz-nos saber que o apicultor esteve em contato com o jornal “*la voz del interior*” por mais de uma ocasião num passado não determinado exatamente, mas que é envolto pelo mesmo âmbito primário de referência presente (MR) que abrange o MF. Devemos observar, ainda, que ao dizer “*esta nota*”, faz-se exatamente o que Comrie (1993a) comenta

sobre a possibilidade de delimitação do âmbito temporal primário no qual a situação descrita ocorreu. Ou seja, essa quantidade não explicitada de interações com o entrevistado ocorreu durante o tempo que envolveu a preparação da edição do jornal.

Assim, se por um lado a ausência de um delimitador temporal explícito faz-nos considerar que o evento pode ter ocorrido uma ou mais vezes no período que aparentemente envolve a própria vida/existência do observador (RAE, 2009), por outro, com o uso de um especificador (“*esta nota*”), o momento em que o evento ocorreu é diminuído, sem, contudo, determinar exatamente quando se deu dada situação.

A RAE (2010, p.429) afirma que “*últimamente, en estos tiempos, en estos dias*, as fórmulas *a lo largo de* + grupo nominal quantitativo temporal, *en {más ~ menos} de* + grupo nominal quantitativo temporal ou *{desde ~ hasta}* + advérbio ou grupo nominal de sentido temporal” são exemplos de marcadores temporais da língua espanhola que corroboram o valor *experiencial*. Há ainda outros marcadores temporais que não delimitam o âmbito temporal em que uma situação ocorre, mas salientam o sentido prototípico de indeterminação temporal associado a este uso. Esse é o caso dos advérbios “*nunca*” e “*siempre*” (que consideram toda a vida do indivíduo) e das locuções “*alguna vez*” e “*en alguna ocasión*” (as quais se relacionam à quantidade de ocorrências do evento).

A indeterminação do momento passado em que se deu o evento pode estar também associada a perguntas e a enunciados negativos, tal como verificamos em (26) e (27), respectivamente:

26. *¿Qué cosas te han hecho o has hecho cuando tenías desconfianza [...]?*

<TUC; 10; Gr 2>

27. *Hasta el fondo mismo... hasta donde no ha llegado absolutamente nadie.*

<MDZ; 29; Gr 5>

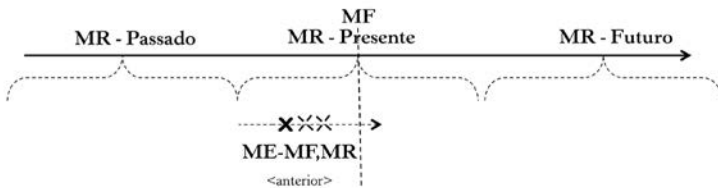
Outras duas características são acrescentadas ao valor *experiencial* por Rodriguez Louro (2008). Para a autora, com esse sentido, o verbo conjugado no PPC pode ser parafraseado por “*ha tenido la experiencia de*”, de modo que o enunciado (12), anteriormente tratado, pode ser interpretado como (28):

28. *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han tenido la experiencia de estar en copa de libertadores.* <MDZ; 04; Gr1>.

Atendo-se ao sujeito que se associa ao *pretérito perfecto compuesto* com valor *experencial*, Rodriguez Louro (2008) verifica a recorrência desse argumento com traço animado; de modo que, no exemplo (28), poderíamos chegar a pensar que ao citar o nome dos times, considera-se, metonimicamente, o grupo de pessoas que compõe cada um dos clubes – jogadores, treinador, administração, entre outros.

O valor *experencial* pode ser contemplado na seguinte figura, na qual, as letras (x) tracejadas mostram-nos o desconhecimento da quantidade de vezes que ocorre o evento descrito. Por sua vez, a linha temporal tracejada acusa-nos a indefinição do momento exato em que se deu a situação. Podemos observar, contudo, que apesar de tamanha imprecisão, parece que a situação continua sendo tratada dentro do âmbito primário de coexistência (MR-presente), de modo que o falante pode estendê-lo a ponto de envolver toda a sua vida:

Figura 14 – Do valor *experencial*



Por meio do valor de *persistência*, sexto sentido atribuído ao PPC, descrevemos situações cuja origem é anterior a MF, mas que continuam se manifestando no presente, podendo, por suposição, seguir em direção ao futuro. Esse é o valor que se verifica em (29), no qual o estado descrito dos hospitais provém do passado e se estende em direção ao futuro:

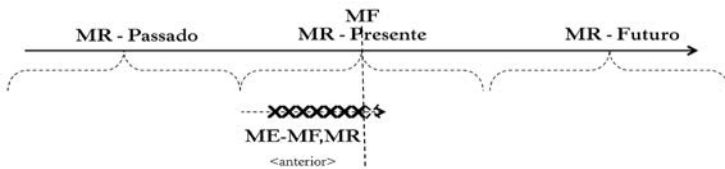
29. [...] *en Tucumán, los hospitales siempre han sido los [portadores] naturales del sistema.* <TUC, 57, Gr 5>.

Esse valor pode associar-se tanto a predicados télicos como a atélicos, expressando, por isso, eventos reiterados continuamente ou estados permanentes – como se nota em (29), (Rodríguez Louro, 2008). A *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009) observa que, em orações negativas, os advérbios “*todavía/aún*” (“ainda”) possibilitam a paráfrase “*hasta el momento*” (“até o momento”), de modo que muitas vezes enfatizam o valor de persistência (de uma ausência).

O contraste com o valor *experiential* mostra-nos que o valor de *persistência* informa o momento em que uma situação descrita inicia, bem como a reiteração dela, pelo menos, até o momento de fala. O valor *experiential*, por sua vez, não nos diz quando inicia ou termina uma situação, sabemos apenas que ocorreu em um pretérito que pode envolver, até mesmo, todo o período de vida do indivíduo. A frequência de uma situação na experiência de vida do sujeito também é uma informação aparentemente marginalizada pelo valor *experiential*, ao passo que no *perfecto compuesto* de *persistência*, é um traço semântico marcado desde seu início até o MF, pelo menos.

Assim, na Figura 15 temos as letras (x) expressando a reiteração da situação até o ato de fala (MF). O uso do (x) tracejado mostra-nos a possível continuidade da situação após MF.

Figura 15 – Do valor de *persistência*



Os últimos valores a serem tratados são alvos de uma desatenção descritiva, o que nos proporciona um conhecimento ainda muito limitado e superficial sobre eles. Esse é o caso, por exemplo, do valor tido como *perfectivo*²¹ – sétimo sentido – que pode ser observado em enunciados como:

21 Comrie (1993a), Harris (1982), Rodríguez Louro (2008), RAE (2009), entre outros autores, verificam, de alguma maneira, um uso semelhante em outras línguas

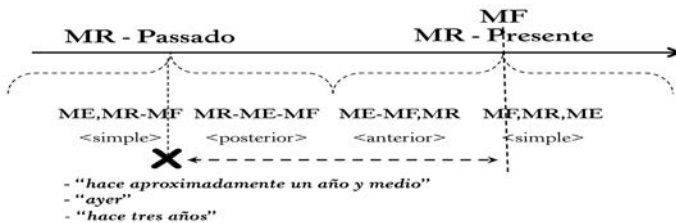
30. [...] *ustedes saben cuando yo me hice cargo del PAMI, hace aproximadamente un año y medio, [...] yo he recibido el padrón de seis mil afiliados y a la fecha tenemos un padrón de ciento treinta mil afiliados [...]* <TUC; 55; Gr 5>.

31. *Ayer he ido al cine* (Araujo, 2009, p.42);

32. *Hace tres años que se ha muerto mi padre* (Torrego, 2002, p.150).

Nos exemplos, os marcadores temporais “*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*” mostram-nos que a situação descrita não ocorreu dentro do âmbito primário de coexistência, mas no âmbito primário de anterioridade. Indicando-nos, por isso, que aparentemente o PPC, quando expressa o valor *perfectivo*, sofre uma mudança no que diz respeito ao *tempus*. Assim, analisando os exemplos sob a perspectiva reichenbachiana, teríamos situações que ocorrem no âmbito de referência passada (“*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*”), expressando, portanto, o valor de pretérito simples (ME,MR-MF), e não mais de presente anterior (ME-MF,MR), tal como observamos na Figura 16.

Figura 16 – Do valor de *pasado absoluto* sob a perspectiva reichenbachiana

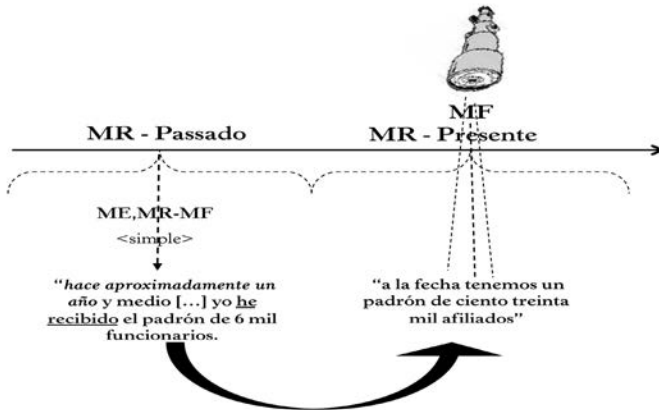


Da mesma maneira, dentro do postulado de Guillermo Rojo (1974, 1990; Rojo; Veiga, 1999), as situações descritas acima não antecederiam acontecimentos concomitantes ao ponto zero, mas estariam em uma

românicas, tal como no francês: “*Nous avons déménagé en 1990*” (“Mudamo-nos em 1990”).

um âmbito primário de anterioridade (MR-*passado*). No caso do uso do PPC em (30), a relevância presente pode ser verificada no resultado decorrente da comparação entre um estado passado e um estado presente, no qual a quantidade de afiliados é muito maior. Com o PPS, por sua vez, a ação teria um sentido aspectual *perfectivo*, atendo-se, por isso, aos limites do próprio acontecimento. Observemos, na Figura 18, como a relevância presente pode se dar também no uso do pretérito com valor de *passado absoluto*, isso porque o tempo de foco (lente) atém-se às consequências da situação passada no momento de fala (MF).

Figura 18 – Do valor de *passado absoluto* com relevância presente



A impossibilidade de fazer o mesmo cotejamento entre a forma composta e a simples, no exemplo (31), leva-nos a indagar se haveria a possibilidade de o PPC também compartilhar com o PPS o aspecto *perfectivo* num contexto de *passado absoluto*. Isso também se deve à dificuldade em avaliar o que poderia ser considerado relevante no presente. Seria o caso de uma aparentemente comum ida ao cinema? – como se observa no uso registrado por Araujo (2009, p.42).

Finalmente, o exemplo (32) resgata a sintética análise que fazem as gramáticas da língua espanhola sobre o valor de *passado absoluto* com relevância presente. Segundo esses manuais, o sentido dessa oração seria justificado fundamentalmente por uma relação psicológica entre o evento (ME) e o momento da enunciação (MF), de modo que “a

morte do pai perdura de alguma forma na afetividade do falante”.²² Ainda segundo os gramáticos, esse valor seria justificado por um alargamento do âmbito primário de coexistência de modo a envolver fatos muito distantes, mas ainda de grande relevância psicológica para o enunciador. Dessa maneira, nada se comenta, por exemplo, sobre a interferência do aspecto perfeito junto a esse valor ou da possibilidade de mudança do *tempus* – tal como se deu no francês.²³

A Cartagena (1999) cabe o único registro feito sobre o oitavo valor atribuído ao PPC. Segundo o autor, esta forma pode expressar *antepretérito*, isto é, designar algo que é objetivamente anterior a um acontecimento ocorrido no passado absoluto. Esse parece ser o caso de:

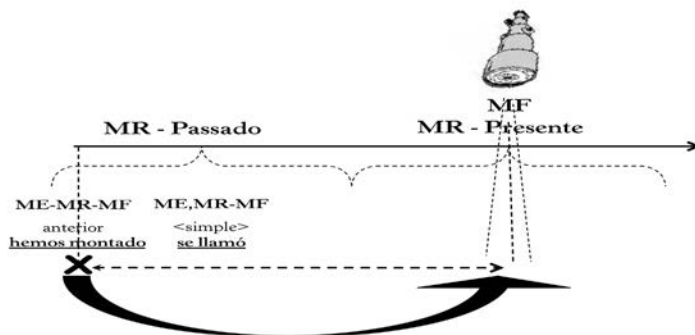
33. [...] *en una oficina que hemos montado [en aquel momento] en la calle córdoba que se llamó de Orientación de Prestaciones Médicas.* <TUC; 64; Gr5>.

No qual, entendemos a ação “*se llamó*” (“se chamou”) como uma referência (MR) passada em relação ao momento da fala (MF), mas posterior ao evento “*hemos montado*” (ME). Tal como verificamos na notação de Reichenbach (2004), o valor ocupado agora pelo *perfecto compuesto* corresponde ao *tempus* passado anterior (E-R-H), prototipicamente associado à forma do *pluscuamperfecto de indicativo*²⁴. *Aparentemente, o uso do pretérito perfecto compuesto* nesse contexto visa, da mesma maneira que no lugar do *passado absoluto*, expressar a relevância presente de um evento passado, mas que dessa vez é anterior ou *antepretérito*, como denomina Guillermo Rojo. Essa relevância presente, como já vimos, só é possível graças ao aspecto *perfeito* que vigora no PPC. Assim, no valor *antepretérito*, as consequências da eventualidade pretérita também são avaliadas a partir do momento de fala (MF), onde se fixa o *tempo de foco* (lente):

22 “[...] *la muerte del padre perdura de alguna forma en la afectividad del hablante.*” (Torrego, 2002, p.150).

23 No último capítulo deste livro, retomaremos e ampliaremos a discussão, apresentando que postura tomaremos neste trabalho.

24 Forma equivalente ao mais-que-perfeito do indicativo do sistema verbal da língua portuguesa.

Figura 19 – Do valor de *antepretérito* com relevância presente

O último valor associado ao uso do *pretérito perfecto compuesto* tem o nome de *prospectivo* e com ele expressam-se fatos em um âmbito primário de prospectividade (cuja referência é de futuro), tal como observamos em (RAE, 2010, p.439):

34. *Mañana a estas horas, ya han terminado ustedes.*

Nesse caso, associa-se ao PPC um valor de *antefuturo* ((0+V)-V) – ou *futuro posterior* (H-E-R) sob a óptica de Reichenbach (2004). Isso se deve a que ao enunciar (34) o indivíduo deveria ter em mente que a ação (“*ha terminado*”) é posterior ao momento de fala, mas anterior à referência futura “*mañana a estas horas*” (MR). O uso da forma do PPC, cujo valor prototipicamente se associa a eventos anteriores à enunciação, mostra-nos, desse modo, uma maior certeza, já no momento de fala, de uma situação que ocorrerá somente no futuro.

Para concluirmos, diante dos nove valores expostos, temos a oportunidade de observar que a forma do *pretérito perfecto compuesto* possui uma diversificada gama de sentidos, cuja compreensão envolve fundamentalmente o estudo do *tempus* e do aspecto gramatical.²⁵ Além

25 Tal como nos mostram alguns estudos (Moreno de Alba, 2000; Company Company, 2002; Jara, 2009) e como devemos observar na análise de nossos dados, parece que conforme o uso realizado da forma, marca-se o valor aspectual ou o valor de *tempus*.

disso, como verificado em seu momento, outros elementos se envolvem na construção de cada um dos sentidos; de modo que a análise dessa forma verbal deve considerar estruturas cotextuais (marcadores discursivos e modo de ação, por exemplo), contextuais (fatores pragmáticos e intenção do falante) e características peculiares a cada uma das variedades da língua espanhola; isso porque, tal como observam os autores consultados, nem todas as variedades do espanhol lançam mão do conjunto total de nove valores. Assim, valemo-nos da reflexão exposta neste capítulo, para, em um momento posterior, avaliarmos os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas sete regiões dialetais da Argentina.

A variação no uso do *pretérito perfecto compuesto*: ponderações sobre o estado da arte

“Detrás de la variación se esconden las estrategias y necesidades comunicativas de los hablantes y su visión de mundo.”

(Álvarez Garriga, 2009, p.2)

O quadro de análise que desejamos alcançar com o avançar deste trabalho deve, de algum modo, reconhecer as pesquisas já realizadas sobre o *pretérito perfecto compuesto* no vasto território onde a língua espanhola é falada. Com essa intenção, estabeleceremos um diálogo com as diferentes abordagens sobre o PPC à medida que verificaremos a pertinência de cada uma delas e sua aplicabilidade ao contexto argentino. Desse modo, esperamos contribuir com uma visão crítica sobre o que já foi dito sobre a forma verbal e, sobretudo, colaborar para o conhecimento deste fenômeno linguístico nas regiões dialetais da Argentina.

Como veremos, grande parte dos estudos existentes sobre *perfecto compuesto* orienta-se pelo eixo dicotômico: espanhol peninsular *versus*

espanhol americano, isto é, ou se faz o cotejamento entre esses dois grandes blocos ou se desenvolve um estudo supostamente aplicável a um deles. Não obstante, diante das tantas propostas de divisão dialetal já apresentadas, parece-nos questionável uma abordagem que trate como uniforme a língua espanhola empregada na larga extensão territorial que envolve ambos os eixos. Em relação à extensão descritiva das análises, verifica-se uma quantidade significativa de trabalhos cuja observação do uso do PPC restringe-se a breves comentários, pouco sistematizados e que apontam, *grosso modo*, o uso ou a ausência da forma em uma macrorregião ou um país.

Por outro lado, devemos reconhecer importantes estudos que, após uma análise mais extensiva, propõem uma descrição aparentemente sustentável do uso e valores atribuídos ao *perfecto compuesto* em algumas regiões específicas. Dentro desse padrão de investigações, destaca-se a maior recorrência de trabalhos vinculados às variedades do México, às Ilhas Canárias, às variedades peninsulares – sobretudo à *Castellana*, tida como norma culta, e à variedade *porteña* (Argentina). Em especial, interessam-nos as pesquisas pertencentes a este último grupo por nos conduzir ao objetivo primordial deste trabalho.

Aprofundando-nos na observação de estudos dedicados à análise do PPC no contexto argentino, além da já comentada recorrência de pesquisas, em âmbito internacional, sobre o espanhol *porteño*, notamos também uma relativa preocupação descritiva com o que diz respeito à zona noroeste do país. Por isso, parece-nos que o estudo do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina tem se reservado, salvas as exceções, ou à variedade bonaerense ou à variedade noroeste; possibilitando, eventualmente, o cotejamento de ambas as variedades. É desse cenário, lembramos, que também decorre nosso interesse pelo conhecimento do uso do PPC nas demais regiões do país, isso porque visamos contribuir para um conhecimento mais abrangente da forma verbal na Argentina.

Finalmente, devemos nos ater à tendência quase que generalizada à análise do uso do *pretérito perfecto compuesto* a partir da comparação com o *pretérito perfecto simple* – tratando, dessa maneira, as duas formas

verbais como variantes de uma variável.²⁶ Em outras palavras, ao assumir tal postura, parece se pressupor que o PPC e o PPS compartilham exatamente o mesmo valor linguístico. Pressuposto que consideramos questionável porque, do mesmo modo como afirma Alvarez Garriga (2009, p.2):

[...] cada forma acrescenta um significado diferente à comunicação e [...] a eleição por uma ou outra forma, longe de ser livre ou ao acaso, é motivada pela intenção comunicativa do falante em sua busca por transmitir uma mensagem coerente, segundo certos fins, em um contexto determinando [...].²⁷

acreditamos que, conforme o dialeto observado, ao *pretérito perfecto compuesto* podem-se associar diferentes valores que nem sempre são expressos pelo *perfecto simple* – assim como que a esse também podem-se associar valores não expressos por aquele. Desse modo, cremos que uma análise que verifique a variação de usos entre o PPS e o PPC – tratando-os como formas variantes – só deve ocorrer quando se tenha claro em que contexto(s) ambas as formas apresentam um mesmo valor semântico. Mais uma vez, justifica-se a importância deste estudo, haja vista que assentará as bases para uma futura comparação entre ambas as formas, bem como para a avaliação das comparações já existentes.

A seguir, iremos nos ater, mais pontualmente, ao conteúdo das pesquisas existentes sobre o *pretérito perfecto compuesto*.

26 Como já discutido no capítulo destinado à abordagem social da linguagem, Weinreich et al. (2006, p.97) observam que uma variável linguística oferece meios alternativos (variantes) de se dizer uma mesma coisa. Na prática, isso significa dizer que “para cada enunciado em A existe um enunciado correspondente em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) [...]”.

27 “[...] cada forma aporta un significado diferente a la comunicación y [...] la elección por una u otra forma, lejos de ser libre o azarosa, es motivada por la intención comunicativa del hablante en su búsqueda por transmitir un mensaje coherente, según ciertos fines, en un contexto determinado [...]”.

O PPC nas Ilhas Canárias

Na observação da forma composta na variedade canária, destacam-se os estudos de Almeida (1987), Herrera Santana e Medina Lopez (1991) e Piñero Piñero (1998) – autores que, em comum, procuraram relacionar os dados do arquipélago à norma castellana. Desse modo, tanto Almeida (1987) como Herrera Santana e Medina Lopez (1991) concordam em igualar ambas as variedades:

[...] os usos da forma composta apresentam, de modo geral, os mesmos valores que os da norma castelhana; assim, quando a ação verbal envolve o momento de fala, prefere-se o *pretérito perfecto compuesto*, sobretudo se vai acompanhado de locuções temporais que incluem o “agora”.²⁸ (Herrera Santana; Medina López, 1991, p.237)

Piñero Piñero (1998), por seu turno, assume uma postura mais cautelosa e relativiza essa aproximação. Segundo o autor, nas Ilhas Canárias o PPC apresenta um comportamento de transição entre as variedades americanas e peninsulares, pois, como também já haviam observado seus antecessores, os “contextos que dispõem de uma unidade de tempo que inclui o presente do discurso [*antepresente*] contam com uma presença significativa da forma simples”.²⁹

O PPC na Península

Dirigindo-nos aos estudos sobre as variedades peninsulares, observamos em manuais “consagrados” sobre a língua espanhola a tendência em opor Galicia e Asturias aos demais condados da Espanha. Esta é a postura, por exemplo, de Gili Gaya (1970), RAE (1986),

28 “[...] los usos de la forma compuesta presentan, en general, los mismos valores que los de la norma castellana; así, cuando la acción verbal abarca el momento de habla se prefiere el pretérito perfecto compuesto, sobre todo si va acompañado de locuciones temporales que incluyen el ‘ahora’.”

29 “Contextos que disponen de una unidad de tiempo que incluye el presente del discurso cuentan con una presencia significativa de la forma simple” (Piñero Piñero, 1998, p 125).

Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) – autores que asseguram, sem qualquer sistematização de dados e em um único parágrafo, o predomínio da forma simples nas regiões citadas e o predomínio da forma composta nas demais. Cartagena (1999; 2001), por seu turno, assume uma postura extremamente generalizadora ao afirmar ser possível observar a oposição PPS/PPC, na mesma proporção, ao longo de toda a Península. Em comum, tais abordagens procedem ao estudo do *pretérito perfecto* desconsiderando os diferentes valores que poderiam se associar às formas.

Há ainda outros trabalhos que seguem a abordagem generalizadora para o território peninsular (Gutiérrez Araus, 1995; Moreno de Alba, 2000; Company Company, 2002; Howe; Schwenter, 2003; Oliveira 2006; 2007); no entanto, contrariando os demais, esses aportam algumas informações relevantes no que diz respeito aos valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto*. Assim, os três primeiros pesquisadores observam o valor estritamente temporal (isto é, de *antepresente*) no uso peninsular da forma composta. Seguindo a mesma tendência, Howe e Schwenter (2003) observam o crescente uso do *pretérito perfecto compuesto* abarcando, inclusive, valores temporais que outrora cabia ao *perfecto simple* expressar (esse é o caso do valor de *passado absoluto*, por exemplo).

Apesar de também tratar de forma generalizada as conclusões provenientes do *corpus* de análise, em dado momento, Oliveira (2006; 2007) explica-nos que suas afirmações são fruto da observação de artigos de jornais *madrileños*. Diante dessa informação, podemos inferir de seu estudo que, ao menos nesse gênero e nessa variedade da Península, ainda é preponderante o uso da forma simples em contextos de concomitância (*antepresente*) e anterioridade (*passado absoluto*) ao momento de enunciação. Em particular, a autora verifica no *corpus* de Madrid dois casos (3,2%) de PPC com valor de passado absoluto.

Entre os mais atentos à variação dialetal dentro da península e evitando conclusões generalizadoras de uso, figuram os trabalhos de Kany (1969), Hurtado González (1998), Santos (2009) e RAE (2009). O primeiro deles aponta a possibilidade de encontrarmos o PPC expressando os valores de antepresente e resultativo em Navarra,

Aragón e parte de Castilla la Vieja, ao passo que na Galicia, notar-se-ia mais correntemente o uso do PPS expressando ambos os significados. Finalmente, o autor também observou em Madrid o uso da forma composta expressando passado absoluto. A RAE (2009) relata, de modo geral, a observação do valor experiencial e resultativo em todas as regiões onde se fala o espanhol e os valores temporais de antepresente e passado imediato em grande parte da península.

Sobre a norma *madrileña*, Hurtado González (1998) analisa a esfera jornalística e aponta um crescente desuso da forma composta em favor da simples. Por outro lado, no “falar popular” diz haver a variação das duas formas quando portadoras de valor temporal. Ainda segundo o autor, o emprego do PPC estaria relacionado a noções de afetividade. Finalmente, também analisando a norma de Madrid, Santos (2009) aponta que a modalidade oral da língua favorece o uso do PPC. Assim, parece haver um significativo contraste entre as modalidades oral e escrita da língua.

O PPC nas variedades da América

A nosso ver, os trabalhos que se ativeram ao uso do *pretérito perfecto compuesto* no continente americano poderiam ser divididos em dois grupos: (a) o daqueles que não sistematizam seus dados e consideram relativamente homogêneo o uso do PPC na América e (b) o daqueles que tem uma maior preocupação em descrever os usos tendo em vista países ou regiões mais específicas.

Inseridos no primeiro conjunto estão, por exemplo, os manuais elaborados por Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005), nos quais se explicitam, em aproximadamente três linhas, *todos* os usos das formas do *pretérito perfecto* na América Hispânica. É nessa breve análise que se assevera, por exemplo, o predomínio do PPS sobre o PPC em grandes zonas do continente. Segundo Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) a sobreposição da forma simples poderia ser causada, inclusive, por uma atitude de hipercorreção.

Cartagena (1999; 2001), reconhece a diversidade de trabalhos sobre a variação dialetal do PPC no continente, no entanto, assume a mesma

perspectiva de generalização encimada quando aplica a toda América as conclusões obtidas por Lope Blanch e Moreno de Alba sobre o uso do PPC no México. Soma-se à descrição do autor a observação da maior frequência da forma simples sobre a composta em *todo* o continente. Moreno de Alba (2000) também aponta a diminuição no uso do PPC em detrimento do PPS na América Hispânica, porém ressalva que isso não significa que o *perfecto compuesto* seja “uma forma em decadência, mas que sua função denotativa é diferente e seu campo de ação mais reduzido” (ibidem, p.187).³⁰ Para o autor, essa diminuição deve-se a que, no continente, se enfraquece a atribuição de valores com traço temporal marcado e se aumenta a atribuição de valores com traço aspectual marcado.

Apesar de também reproduzir a ambição de descrever os usos do PPC em todas as variedades do espanhol na América, apresentando, inclusive, uma generalização pouco sistematizada e insuficientemente comprovável, os trabalhos de Kany (1969) e Howe e Schwenter (2003) destacam-se por indicar, eventualmente, a origem dos dados que lhes serviram de base para a análise. Assim, por mais que proponham uma descrição para o continente, sabemos que suas asseverações são verdadeiras ao menos para o local de origem dos *corpora*.

Desse modo, Kany (1969) também acusa a preponderância da forma simples sobre a composta em contextos de *antepresente*, e verifica esse uso em Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Panamá, Costa Rica, El Salvador, México, Santo Domingo e Cuba. Por sua vez, a atribuição do valor *resultativo* à forma composta foi verificada em Equador – onde também figuraria o PPC com valor de *antefuturo* –, Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru e Colômbia. Finalmente, o autor observa o uso do PPC com valor de *passado absoluto* em Bolívia, Peru, noroeste de Córdoba e província de San Luis (Argentina). Antes de avançarmos um pouco mais, alertamos ao fato de o autor tratar cada um dos países como detentor de uma norma interna homogênea. Como pretendemos mostrar com os resultados finais deste

30 “[...] una forma en decadencia, sino que su función denotativa es diferente y su campo de acción más reducido.”

estudo, pelo menos na Argentina, o pressuposto de homogeneidade no uso do PPC não é consistente.

Howe e Schwenter (2003), por seu turno, generalizam suas conclusões para toda América do Sul, mas nos explicam que observaram, sobretudo, as variedades empregadas em Lima e em La Paz. Assim, concluem que a parte sul do continente tem maior preferência pelo *perfecto simple* quando se trata de expressar temporalidade passada, independentemente da distância existente entre o momento do evento e o momento de fala. Por sua vez, o *pretérito perfecto compuesto* assume uma especificação funcional ao ser empregado mais comumente em enunciados sem marcação temporal explícita, incluindo, muitas vezes, situações prototipicamente expressas pela forma simples (*passado absoluto*).

Dentre os trabalhos inseridos no segundo grupo, isto é, daqueles que procederam ao estudo da variação do *perfecto compuesto* na América de modo mais sistematizado e atentos ao risco de uma falsa homogeneização, destacamos os estudos levados a cabo por Gutiérrez Araus (2001), Oliveira (2006; 2007), RAE (2009) e Jara (2009). A primeira autora sintetiza as pesquisas existentes sobre a situação dos pretéritos em México, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina, e, somando suas observações pessoais, conclui ser possível verificar, no continente, três funções atribuídas ao PPC: a) função de antepresente ou passado de anterioridade imediata, b) função de perfeito resultativo-continuativo e c) função enfatizadora, chamada por nós de passado absoluto com relevância presente.

Oliveira (2007, p.123), por seu turno, observa notícias de jornais impressos de seis países hispano-americanos (Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, México e Peru) e, considerando quantitativamente a expressão do *tempus* das formas composta e simples nesses países, assegura a existência de uma isoglossa única para toda a América, isso porque “no contexto latino-americano, parece não haver diferença significativa na frequência do PS e do PC”. Segundo a autora, no espanhol americano, verifica-se a preponderância do *perfecto simple* nos contextos de *antepresente* e a completa ausência da forma composta em contextos de *passado absoluto*. Por nossa parte, adiantamos que tal afirmação deve ser problematizada, uma vez que tal como já foi

afirmado por outros autores citados (Howe; Schwenter; 2003; Kany, 1969; Gutiérrez Araus, 2001), bem como procuraremos mostrar com o resultado deste estudo, há uma quantidade significativa de regiões que acusam a existência do *pretérito perfecto compuesto* expressando eventos em *pasado absoluto*.

Ao encontro do que comentamos, a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009) explicita a existência do PPC expressando o valor de *pasado absoluto* na costa peruana, na Bolívia, no Paraguai e no noroeste da Argentina. Sobre os sentidos de *antepresente* e *hodiernal*, o manual diz que, além dessas áreas, verificam-se também esses valores em parte da Espanha e da América Central. Por fim, os valores de experiência, continuidade e resultado poderiam ser verificados em todo o território de fala espanhola.

O último estudo desse grupo pertence a Jara (2009), autora que segue a mesma proposta de Gutiérrez Araus (2001) ao apresentar dados dos principais trabalhos sobre os *pretéritos perfectos* na América (percorrendo México, América Central, Antilhas, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e a variedade andina). Ponderando sobre tudo que observou, Jara (2009) conclui que, na América, o PPC é empregado para se referir a eventos com relevância no presente e com significado aspectual perfeito.

Como já alertado desde o início dessa discussão, diante da pretenciosa intenção de descrever o comportamento de uma forma essencialmente polissêmica na imensidão territorial e pluricultural que é a América Hispânica, é previsível que encontremos um tratamento generalizador do PPC. Desse modo, julgamos imprescindível problematizar o reconhecimento da existência de uma isoglossa única.

Por outro lado, acreditamos que uma maneira mais eficaz de proceder ao estudo da forma composta no continente parece ser a análise atenta de um espaço geográfico mais delimitado; tal como fizeram, com muita propriedade, Lope Blanch (1983), Moreno de Alba (1978) e Company Company (2002) para o espanhol do México.³¹ Nesse sentido, propomos melhor assentar as bases de nosso

31 Os trabalhos de Lope Blanch (1983) e Moreno de Alba (1978) são tidos, hoje,

trabalho a partir da análise dos estudos já existentes sobre o uso do *pretérito perfecto* na Argentina.

O PPC nas variedades da Argentina

Como previamente comentado, os estudos de maior repercussão sobre a forma composta na Argentina desenvolveram-se tendo em vista, fundamentalmente, as variedades bonaerense e noroeste, sendo pouco considerados os trabalhos que fogem a esses eixos. Não obstante, atendo-nos aos interesses investigativos que apresentam esses trabalhos, percebemos dois tipos de abordagens: (1) uma preocupada exclusivamente com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas e (2) outra interessada em descrever a manifestação do PPC na América e que, para tanto, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina.³²

Atentando-nos inicialmente a esta última abordagem, observamos que trabalhos como os de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969) e Oliveira (2006; 2007) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predomina a forma do PPS. Tanto é assim que lemos, por exemplo, que: “

[...]apesar de que a segunda forma [PPC] tende a desaparecer em benefício da primeira [PPS], especialmente em falantes de algumas regiões hispano-americanas, como na Argentina.³³ (Lamiquiz Ibañez, 1969, p.261, grifo nosso)

[...]na Argentina há maior disparidade entre o uso das duas formas verbais. Neste país, a forma *he visto* corresponde a 4,7% das 235 ocorrências do pretérito perfecto, e *vi* corresponde a 95,3%. (Oliveira, 2007, p.63, grifos nossos)

Como deveremos observar, a conclusão tida pelos autores sobre o comportamento do *pretérito perfecto* parece decorrer da generali-

como fundamentais para o estudo do *pretérito perfecto*.

32 Esse é o caso de muito dos estudos apresentados no tópico de discussão anterior.

33 “[...] a pesar de que la segunda forma [PPC] tienda a desaparecer en beneficio de la primera [PPS], especialmente en hablantes de algunas regiones hispanoamericanas, como en Argentina” (Lamiquiz Ibañez, 1969, p.261).

zação do uso observado na norma bonaerense às demais variedades geográficas do país. Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do PPC na região norte ao comportamento na região bonaerense, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1969), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara (2009), dentre os quais retiramos, a título de exemplo, as seguintes asseverações:

[...] o panorama de uso das formas *canté/he cantado* neste grande país é variado e aparecem *duas zonas* claramente diferenciadas em relação ao assunto: por um lado, o *norte* do país: Tucumán, Salta, etc. e, por outra parte, *Buenos Aires* e o *Litoral*.³⁴ (Gutiérrez Araus, 2001, s. p., grifos nossos)

[...] os estudos sobre o espanhol argentino mostram *duas tendências*. De um lado, a variedade do *Río da Prata* [...]. De outro lado, a variedade do *noroeste argentino*.³⁵ (Jara, 2009, p.270, grifos nossos)

Soma-se a essa proposta compartilhada de bipartição a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do Río de la Plata. Baseando-se no estudo de Kubarth (1992), Gutiérrez Araus (2001) faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires ainda se trata de uma forma viva dentro dessa zona. Não obstante, há de observar que ela já

[...] não funciona como forma de anterioridade imediata à enunciação ou antepresente, como também não se emprega em momentos culminantes ou emotivos da narração ou com valor enfatizador, no entanto, sim, se emprega como forma resultativo com relevância do presente.³⁶ (Gutiérrez Araus, 2001, s. p.)

34 “[...] *el panorama de uso de las formas canté/he cantado en este gran país es variado y aparecen dos zonas claramente diferenciadas al respecto: por un lado el norte del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, Buenos Aires y el Litoral.*”

35 “[...] *los estudios sobre el español argentino muestran dos tendencias. De un lado, la variedad del Río de la Plata [...]. De otro lado, la variedad del noroeste argentino.*”

36 “[...] *no funciona como forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente.*”

Além disso, o avanço da forma simples estaria relacionado à preferência do grupo etário mais jovem.

Sobre o norte, por outro lado, os quatro autores destacam a maior incidência da PPC expressando, inclusive, o valor temporal de *ante-presente*. Isso é o que também afirma a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2009), manual que assinala ainda o uso da forma composta expressando *pasado absoluto* no noroeste do país. Do mesmo modo, entrevistas realizadas com falantes da Argentina indicaram-nos que o valor de *pasado absoluto* junto ao PPC poderia ser verificado até mesmo em parte da província de Córdoba (Araujo, 2009).

A pesquisa de Vidal de Battini (1964), destinada à descrição da língua espanhola empregada exclusivamente na Argentina, aporta-nos algumas informações não apresentadas nos estudos já expostos. Segundo a autora:

Na fala do país não há diferenças de sentido entre o *pretérito (simple)* e o *perfecto (compuesto)*, mas sim, há preferências regionais. Há preferência marcada pelo uso do *pretérito perfecto* na região Noroeste, particularmente a partir de Tucumán até o limite com a Bolívia [...]. No resto do país, e particularmente na grande zona de influência de Buenos Aires, se preferem as formas do *pretérito (simple)* [...]. Na região central, as duas formas se alternam [...] com maior tendência às formas simples.³⁷ (Vidal de Battini, 1964, p.189)

Em outras palavras, conforme aponta o trabalho levado a cabo nos anos 1960, deveríamos observar no espanhol da Argentina (1) uma igualdade do sentido expresso pelo PPS e pelo PPC, conformando, portanto, uma variável; (2) a preferência regional pelo uso de uma ou outra variante; (3) a existência de três padrões de uso, ou seja, além

37 “En el habla del país no hay diferencias de sentido entre el *pretérito (simple)* y el *perfecto (compuesto)*, pero sí hay preferencias regionales. Hay marcada preferencia por el uso del *pretérito perfecto* en la región Noroeste, particularmente desde Tucumán hacia el límite con Bolívia [...]. En el resto del país, y particularmente en la gran zona de influencia de Buenos Aires, se prefieren las formas del *pretérito (simple)* [...]. En la región central alternan las dos formas [...] con mayor tendencia a las formas simples.”

dos dois já conhecidos, haveria um terceiro verificável na região central – tida como zona de transição. Por outro lado, apesar das novas informações, notamos no trabalho de Vidal de Battini (1964) a carência de um importante dado, a saber: qual é o sentido que ambas as formas promulgam, supostamente, da mesma maneira?

Também procurando estabelecer um panorama de uso do PPC/PPS em toda a Argentina, Múgica (2007) se mostra partidária da tese de que ambas as formas compartilham exatamente o mesmo significado, e que, por isso, deveriam ser tratadas como variantes cujo uso seria determinado pela norma presente em cada uma das regiões dialetais do país, tanto é assim que lemos:

[...] a distinção *perfecto simple/perfecto compuesto* não apresenta diferenças de significado. Se nos falantes particulares alteram, tratar-se-ia verdadeiramente de uma variação já que não aportariam diferenças de significado. Mas com diferenças de região a região, no mapa da Argentina, se escolhe um ou outro.³⁸ (Múgica, 2007, p.19)

Buscando nos aproximar um pouco mais do intento deste capítulo, seguiremos apresentando os trabalhos que se dedicaram especificamente à observação do *pretérito perfecto compuesto* em cada uma das regiões dialetais argentinas. Assim, iniciando com a região bonaerense, além do já tratado nos parágrafos anteriores, destaca-se ainda o estudo de Rodriguez Louro (2008), quem analisa um *corpus* constituído por mais de 10 horas e 44 minutos de conversas espontâneas, 8 horas e 38 minutos de entrevistas sociolinguísticas e 100 questionários escritos. Seus dados mostram a ocorrência de 372 formas do PPC e 3.252 formas do PPS. Em relação ao comportamento do *perfecto compuesto*, a autora nota uma maior recorrência em situações mais formais (266/71,5%) e, sobre os valores que se associam à forma, destaca a maior preponderância dos sentidos de resultado, continuidade e experiência. Por

38 “[...] la distinción *perfecto simple/perfecto compuesto* no arroja diferencias de significado. Si en los hablantes particulares alternaran, se trataría verdaderamente de una variación ya que no aportarian diferencias de significado. Pero con diferencias de región a región, en el mapa de la Argentina, se elige uno u otro.”

outro lado, no contexto de passado perfectivo (passado absoluto) e relevância presente observa-se o uso preponderante da forma simples, sem negar a existência também da forma composta. Soma-se a esse cenário a aparente ausência da forma composta expressando notícias recentes (passado imediato).

Ante esse quadro, Rodriguez Louro (2008, p.20) conclui que, na região bonaerense, “utiliza-se o PPC de forma limitada, mas estatisticamente significativa, e em diferentes contextos de formalidade para expressar experiência, resultado e continuidade”.³⁹ Além disso, “a maior frequência de uso do PPC no registro formal poderia assinalar que esta forma é considerada prestigiosa no espanhol bonaerense” (ibidem).⁴⁰

Avançando em direção à região de Cuyo, destacamos três trabalhos que se dedicaram diretamente à questão. O primeiro, de Moreno de Albagli (1998), após avaliar quase mil e quinhentas horas de entrevistas gravadas na cidade de Mendoza, apresenta 3.758 casos do PPS e 847 do PPC. Considerando as variáveis extralinguísticas, a autora diz que o uso da forma composta tem seu índice aumentado conforme se aumenta a idade do grupo observado, isso seria assim porque “este tempo, que implica relevância no presente de um fato passado, não responde às necessidades comunicativas da primeira geração estudada, na qual o passado é recente e muito breve” (Moreno de Albagli, 1998, p.72).⁴¹ Em relação à variável sexo, parece que essa não é um determinante no uso do *pretérito perfecto*. Os diferentes níveis socioculturais, por sua vez, operam de maneira muito clara na produtividade da forma composta, isso porque conforme aumenta a camada social, aumenta-se também o índice de uso do PPC. Não obstante fica pendente uma análise que cruze as informações advindas da relação do PPC com as

39 “[...] el PP se utiliza en forma limitada, pero estadísticamente significativa, y en diferentes contextos de formalidad para expresar experiencia, resultado y continuidad.”

40 “La mayor frecuencia de uso del PP en el registro formal podría señalar que esta forma es considerada prestigiosa en el ERA [Español Rioplatense Argentino].”

41 “Este tiempo, que implica relevancia en el presente de un hecho pasado, no responde a las necesidades comunicativas de la primera generación estudiada, en la que el pasado es reciente y muy breve.”

variáveis idade e sexo nessa região dialetal.

Sobre a abordagem qualitativa da forma composta, Moreno de Albagli (1998) observa a atribuição de um valor de continuidade (reiteração), de resultado, de experiência, de passado imediato, de ênfase e de atenuação. Após verificar todas as informações levantadas com a análise do PPS e PPC, a pesquisadora se pergunta por que em Mendoza se manteriam vivas as duas formas do *pretérito perfecto*. Procurando responder a indagação, afirma que:

[...] são as necessidade de uso em circunstâncias determinadas as que, em primeiro término, promovem o intercâmbio de formas e, em segundo lugar, a situação específica de comunicação afirma o uso e a interação – relação texto-contexto.⁴² (Moreno de Albagli, 1998, p.87)

Nesse sentido, a autora nega qualquer afirmação que assegure, por exemplo, que a generalização do uso do PPS no contexto do PPC já se consumou na norma mendocina ou que todos os casos de uso do PPC podem ser substituídos pelo PPS. Assim, cremos que a síntese da contribuição do trabalho de Moreno de Albagli (1998) está em mostrar que “as duas formas do perfeito são vitais em Mendoza, já que têm valores pragmáticos diferentes e um uso delimitado” (Moreno de Albagli, 1998, p.72).⁴³

Cubo de Severino (2004), autora do segundo trabalho que apresentamos sobre a abordagem do PPC na região cuyana, reafirma os dados apresentados por Moreno de Albagli (1998) e acrescenta algumas informações sobre San Juan, onde, segundo a autora, nota-se o avanço do PPS sobre o PPC. Finalmente, o estudo levado a cabo por Álvarez Garriga (2010), também sobre o espanhol em San Juan, mostra, de modo muito criativo e convincente,⁴⁴ que a forma composta assume

42 “[...] son las necesidades de uso en circunstancias determinadas las que, en primer término, promueven el intercambio de formas y, en segundo lugar, la situación específica de comunicación afirma el uso y la interacción – relación texto-contexto.”

43 “[...] las dos formas de perfecto son vitales en Mendoza, ya que tienen valores pragmáticos diferentes y un uso delimitado.”

44 A autora opta por gravar uma interação social muito comum na Argentina: as

fundamentalmente a expressão de uma ação passada cuja relevância se observa no presente. Mais especificamente, a autora mostra que os relatos apresentados pela forma composta desenvolvem-se junto a um pano de fundo criado pelo presente do indicativo. O valor resultativo é também observado pela pesquisadora.

Em particular, a pesquisa de Álvarez Garriga (2010) chama a atenção para a ascensão do índice de uso do PPC na norma sanjuanina, comportamento que se deveria ao modo como os falantes se relacionam com o tempo e sua conceitualização – pois, no caso dessa província, o processamento do *tempus* no PPC considera a possibilidade de estabelecer um vínculo entre o passado e o presente, devido, acreditamos, ao traço aspectual *perfeito* mais marcado.

Estendendo nossa revisão bibliográfica para a região noroeste, verificamos nos trabalhos de Rojas Mayer (1985; 2004) uma atenção especial à língua espanhola empregada em Tucumán. Neles, aponta-se o predomínio da forma composta em detrimento da forma simples em provável resposta “à maior afetividade da fala da região” (Rojas Mayer, 2004, p 178).⁴⁵ O índice de ocorrências do PPC tende a ser maior entre as classes médias e baixas, no entanto, nota-se uma significativa ocorrência também nas classes altas, inclusive em situações mais monitoradas. A abordagem qualitativa de Rojas Mayer (1985) mostra que já nos séculos XVIII e XIX podiam se observar os valores de experiência, continuidade, relevância presente e resultado associados ao PPC.

Terlera de Nanni et al. (1981), que também se dedicam à análise do espanhol tucumano, negam que a maior produtividade da forma composta seja perceptível nas camadas sociais mais baixas; em vez disso, mostram que quanto mais alta a classe social, maior é o índice

rodas de *mate* (chimarrão). Nessa situação discursiva, relata-se sobre situações cotidianas ocorridas em um curto, médio e longo prazo de tempo. A essa narrativa, marcada pelo traço temporal de passado, soma-se o caráter vernacular que assume o discurso, pois trata-se de rodas de amigos em que o monitoramento linguístico aproxima-se ao nulo.

45 “[...] a la mayor afectividad del habla de la región [...]”. Por mais impressionista que possa parecer, essa seria uma das hipóteses que a autora apresenta como provável justificativa para a recorrência do PPC na zona.

de uso do PPC. O *cronoleto* constituído pelos mais jovens soma-se às variáveis extralinguísticas que favorecem o uso do *perfecto compuesto*. É em razão da maior relação com o grupo mais jovem e mais alto socialmente que a autora atribui um maior prestígio ao PPC na província observada. Sobre os valores que lhe são atribuídos, Terlera de Nanni et al. (1981) mostram enunciados nos quais figuram o PPC com valor de passado absoluto, continuidade, experiência e passado imediato, sendo esse último valor, conforme observa a autora, mais comum em grupos mais velhos e com baixa escolarização.

Postigo de de Bedia e Díaz de Martínez (1995a; 1995b), por sua vez, atêm-se ao uso da língua espanhola em Jujuy e, assim, mostram que, diferente do que se demonstrou para Tucumán, o uso do PPS é mais recorrente que o do PPC na província em questão. Além dessa particularidade, as autoras asseguram que as formas passaram por um processo de neutralização semântica e que, portanto, compartilhariam o mesmo referente temporal e aspectual. Assim, tratando o PPC como uma variante do PPS, Postigo de de Bedia e Díaz de Martínez (1995a; 1995b) relatam um maior uso da forma composta entre falantes mais velhos e entre a classe média, sendo esses dois grupos os responsáveis por ainda conservarem o PPC ante o aumento do PPS.

Tentando justificar esse comportamento, as autoras dizem haver uma “quase inconsciente imposição de estereótipos linguísticos precedentes de outras regiões do país” (Postigo de de Bedia; Díaz de Martínez, 1995b, p.485) —⁴⁶ para sermos mais exatos, provenientes da norma bonaerense. Finalmente, o que encontramos no trabalho de Martorell de Laconi (1995) é, em parte, uma síntese do que vimos dos trabalhos anteriores, isso porque a autora destaca a preponderância da forma composta somente na região de Tucumán e atribui os mesmos valores às duas formas do *pretérito perfecto*, considerando-as, assim, como uma variável.

Na quarta região abordada, do Litoral, figuram diversos trabalhos levados a cabo exclusivamente por Donni de Mirande (1968; 1980;

46 “[...] casi inconsciente imposición de estereotipos lingüísticos precedentes de otras regiones del país.”

1992; 1997; 2004a; 2004b), pesquisadora que aponta a existência das duas formas na região, mas a evidente preferência pelo *perfecto simples*. Isso se deve, segundo ela, a uma neutralização dos valores que possuía cada uma das formas. Donni de Mirande (1997) também faz-nos saber que desde o século XVI, quando surgem os primeiros documentos oficiais próprios da província de Santa Fe, já se notava a predominância da forma simples, mesmo dentro de um quadro oscilante:

O *pretérito perfecto compuesto* foi usado [...] com menos frequência que o *perfecto simples* desde os primeiros documentos santafesinos, continuando essa tendência ao longo do século XIX, mesmo que com mais ocorrências da forma composta na segunda parte do século, fato que talvez pudesse se atribuir à influência da chegada de numerosos contingentes migratórios do norte da Espanha, onde a forma é mais usada que no sul.⁴⁷ (Donni de Mirande, 1997, p.287-88)

É desse cenário que se conclui que “a preferência pela forma simples do *pretérito perfecto de indicativo* é um dos fatos mais estáveis na evolução linguística da região”.⁴⁸ Sobre os valores atribuídos ao PPC, conforme os exemplos apresentados por Donni de Mirande (1997), podemos observar, no século XIX, a existência do sentido de antepresente, de passado absoluto, de resultado, de experiência e de continuidade. Finalmente, a autora destaca a maior recorrência da forma composta no discurso jornalístico, em enunciados mais formais e pertencentes à classe alta.

Para terminarmos a apresentação de pesquisas sobre o PPC nas regiões dialetais da Argentina, retomamos um único trabalho

47 “El *pretérito perfecto compuesto* fue usado [...] con menos frecuencia que el *perfecto simple* desde los primeros documentos santafesinos, continuando esa tendencia a lo largo del siglo XIX, aunque con algo más de ocurrencias de la forma compuesta en la segunda parte del siglo, cosa que tal vez podría atribuirse a la influencia de la llegada de numerosos contingentes migratorios del norte de España, donde la forma es más usada que en el sur.”

48 “La preferencia por la forma simple del *pretérito perfecto de indicativo* [es] uno de los hechos más estables en la evolución lingüística de la región.” (Donni de Mirande, 2004b, p.100).

encontrado sobre a região patagônica (Virkel, 2000; 2004),⁴⁹ o qual nos assinala, muito brevemente, o predomínio da forma composta em todas as classes sociais da província de Chubut, sendo maior o índice entre o segmento etário composto por maiores de trinta anos. A autora ainda ressalta que, de modo geral, esse aumento do uso do PPC na região patagônica estaria relacionado à interferência da língua Mapuche. Próximos de encerrarmos, é relevante destacarmos a ausência de estudos destinados exclusivamente à análise das regiões nordeste e central, especialmente tendo em vista o alto índice de ocorrências do PPC nesta última zona – conforme observado no *corpus* que compilamos.

Em síntese, o que conferimos na rápida apresentação dos muitos trabalhos que, de alguma maneira, tangenciam a questão do *pretérito perfecto compuesto* no espanhol é o confronto de diferentes conclusões sobre o comportamento da forma verbal. Desse modo, mais do que assinalar a complexidade que envolve o fenômeno, pretendemos começar a pensar na possibilidade de que essas variações no uso, no fundo, respondem às “estratégias e necessidades comunicativas dos falantes e sua visão de mundo” (Álvarez Garriga, 2009, p.2). No entanto, antes de nos dirigirmos à análise efetiva do PPC na Argentina, passemos por uma apresentação do *corpus* que compilamos. Aproveitaremos esse momento para explicar algumas decisões metodológicas tomadas – tais como a escolha do gênero discursivo e cidades representativas das respectivas regiões dialetais.

49 O trabalho de 2004 é, na verdade, a publicação da tese que o antecedeu em 2000.

A elaboração de um *corpus* para análise do pretérito perfecto compuesto na Argentina

“O enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles.”

(Bakhtin, 1976, p.9)

Corpora em espanhol

Se nos dedicamos a uma rápida busca de *corpora* em língua espanhola de acesso disponível na internet, encontraremos materiais que aparentemente poderiam nos servir para consulta e como resposta aos objetivos traçados em nosso trabalho. No entanto, como observaremos, nenhum deles nos oferece a totalidade de informações extralinguísticas que julgamos imprescindíveis para nossa proposta de estudos, isto é, não nos apresentam dados sobre idade, nível de escolaridade, gênero discursivo, sexo e, fundamentalmente, origem geográfica dos enunciantes envolvidos. Como verificaremos, há *corpora* que trazem algumas destas informações, contudo, não se atêm suficientemente a todas.

O levantamento de projetos de compilação de *corpus* em espanhol, feito por Pérez Hernández (2002), mostra que a construção de *corpora* nesse idioma ainda se encontra em desenvolvimento, constituindo, por isso, um cenário longe do ideal. O Quadro 18, de nossa autoria, visa mostrar o panorama dos *corpora* existentes em língua espanhola.

Apesar de mais da metade dos *corpora* ter seu conteúdo divulgado na rede mundial de computadores e ser sustentada por um eficiente sistema de processamento computacional, que viabiliza um manuseio rápido e preciso dos dados,⁵⁰ as bases de dados a que tivemos acesso apresentaram algum tipo de deficiência na descrição de informações extralinguísticas, seja pela ausência desse conteúdo ou por sua sistematização incompleta.

50 Para não mencionar a pressuposta preocupação com a representatividade de seu conteúdo.

Quadro 18 – Do panorama dos *corpora* em língua espanhola

Panorama de corpora em língua espanhola		
Nome	Site	Instituição de origem
1. Word Sketch Engine – SKE	http://www.sketchengine.co.uk/	University of Leeds (Reino Unido)
2. Corpus del Español	http://www.corpusdelespanol.org/x.asp	Brigham Young University (EUA)
3. Corpus de referencia del Español Actual – CREA	http://www.corpusdelespanol.org/x.asp	Real Academia Española – RAE (Espanha)
4. Corpus diacrónico del español – CORDE	http://corpus.rae.es/cordenet.html	Real Academia Española – RAE (Espanha)
5. Corpus oral de referencia del español contemporáneo – CORLEC.	http://www.llf.uam.es/ESP/Info%20Corlec.html	Universidad Autónoma de Madrid (Espanha).
6. Corpus Oral y Sonoro del Español Rural – COSER	http://www.llf.uam.es:8888/coser/	Universidad Autónoma de Madrid (Espanha).
7. Corpus lingüístico del español contemporáneo – CUMBRE	–	SGEI Editorial (Espanha)
8. Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades del mundo hispánico – MC-NLCH	–	Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (Espanha)
9. Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América – PRESEEA	http://www.linguas.net/Default.aspx?alias=www.linguas.net/portalpreseea	–
10. Corpus de conversación coloquial - Grupo Val.Es.Co	http://www.valesco.es/	Universidad de Valencia (Espanha)

Número de palavras	Características
116.900.060	<ul style="list-style-type: none"> - Não apresenta informação extralinguística; - Possui <i>corpora</i> de diferentes línguas: Inglês, Francês, Italiano, Português, Espanhol etc.
101.311.682	<ul style="list-style-type: none"> - Textos desde o séc. XII; - Há uma separação simples em gêneros textuais; - Não há qualquer divisão dialetal ou apresentação de qualquer outra informação do enunciador.
Mais de 160 milhões (dados de 2008)	<ul style="list-style-type: none"> - Processo de composição claro e fácil manuseio; - Apresenta-se o país de onde provêm os dados; - Há informação de gênero textual, temática e modalidade; - Não se informam idade, origem geográfica específica e escolarização do enunciador.
Mais de 250 milhões.	<ul style="list-style-type: none"> - Do início do idioma até o ano 1945; - Há informação de gênero textual, temática e modalidade; - Não se informam idade, origem geográfica e escolarização do enunciador.
1.100.000	<ul style="list-style-type: none"> - Destinado à variedade peninsular; - Modalidade oral somente; - Informam-se dados extralinguísticos; - Diversificam-se os gêneros textuais.
-	<ul style="list-style-type: none"> - 800 horas de gravação; - Gravações e transcrições disponíveis; - Destinado à variedade peninsular; - Modalidade oral somente; - Informam-se dados extralinguísticos; - Grande diversidade de informantes; - Fácil acessibilidade.
Mais de 20 milhões de palavras.	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo disponível somente mediante compra.
-	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo disponível somente mediante compra; - 84 horas de gravação; - Amostra paralela de 12 cidades hispânicas: México, Caracas, Santiago de Chile, Santa fé de Bogotá, Buenos Aires, Lima, San Juan de Porto Rico, La Paz, San José de Costa Rica, Madrid, Sevilla y Las Palmas de Gran Canaria; - Amostras distribuídas por faixa etária e sexo.
-	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo disponível somente mediante compra; - <i>Corpus</i> da modalidade oral, representativo do mundo hispânico em sua variedade geográfica e social.
-	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo disponível somente mediante compra. - 341 horas de gravação.

O interesse pela análise diatópica da língua espanhola falada na Argentina, força impulsionadora do estudo, fez que todos esses *corpora* se tornassem inadequados. Isso porque ou não se oferece a informação dialetal, ou se oferece, com um particular interesse nas variedades peninsulares da língua espanhola. Daqueles a que tivemos acesso integralmente ao conteúdo (1 – 6), somente o CREA (3), o CORLEC (5) e o COSER (6) forneceram-nos essa informação. No entanto, o *Corpus oral de referencia del español contemporáneo* (5) e o *Corpus Oral y Sonoro del Español Rural* (6) restringem-se ao espanhol peninsular. Por sua vez, o *Corpus de referencia del Español Actual* (3) estende seu registro a dados de 22 países hispanofalantes. Apesar de sua maior especificidade, o CREA não nos possibilita o estudo das diferentes regiões dialetais argentinas, pois seus dados são apresentados de modo generalizado para todo o país. Finalmente, lamentamos a restrição do acesso aos quatro últimos bancos de dados, já que sua disponibilização só é feita mediante pagamento.

Ante a inadequação dos *corpora* existentes em língua espanhola para o cumprimento dos fins estabelecidos neste trabalho, fez-se necessária a compilação de um *corpus* que nos conduzisse ao conhecimento do uso efetivo da língua castelhana por argentinos das regiões dialetais do país e que, ademais, possibilitasse o conhecimento do informante (escolarização, idade, procedência geográfica, sexo) e de sua situação de enunciação (modalidade da língua e gênero textual). Somam-se a essas especificidades, as limitações espacial e econômica do pesquisador, que obrigam coletar os enunciados e a obter as informações extralinguísticas a partir do Brasil.

Como verificaremos, a opção pelo trabalho com entrevistas radiofônicas provém da certeza de encontrarmos, nelas, situação que satisfaça as exigências acima relatadas, além, é claro, de nos permitir observar o uso efetivo e prestigiado da língua espanhola nas suas variedades nacional e regional, como bem observa Lipski (1994, p.162):

Na América hispânica, a rádio apoia-se nas normas de prestígio nacionais e regionais. A rádio permite o acesso instantâneo às vozes e às ideias de todos os membros da sociedade, como ouvintes ou como participantes

ocasionais. O exame da língua dos programas de rádio é um bom índice das atitudes linguísticas, assim como do uso real.⁵¹

A seguir, o estudo da teoria dos gêneros do discurso contribuirá para a compreensão dos textos que compõem o *corpus* e dos benefícios de trabalharmos com ele.

A entrevista radiofônica

Gêneros discursivos: revisão teórica

Como comenta Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais não é recente na sociedade ocidental. Sabemos que há 25 séculos Platão já havia se dedicado a descrevê-los dentro da esfera literária. Anos mais tarde, Aristóteles (1990), na *Retórica*, estende a análise dos gêneros a outras esferas de interação humana, elaborando uma teoria mais sistematizada e fundamentada na análise da natureza do discurso. Desse modo, o filósofo nota que o discurso compõe-se de três elementos (Marcuschi, 2008, p.147):

Aquele que Fala.

Aquilo sobre o que se fala.

Aquele a quem se fala.

Aplicando esse conhecimento às situações sociais que visavam ao uso da arte retórica, Aristóteles percebe que um orador poderia deparar com três auditórios (compostos por juízes, assembleia ou por espectadores). Por sua vez, tendo em vista a finalidade do seu discurso, esse orador faria uso da língua para acusar/defender; aconselhar/desaconselhar ou louvar/censurar. Nesse processo, valia-se,

51 “*En Hispanoamérica, la radio se apoya en las normas de prestigio, nacionales y regionales. La radio permite el acceso instantáneo a las voces y a las ideas de todos los miembros de la sociedad, como oyentes o como participantes ocasionales. El examen de la lengua de los programas de radio es un buen índice de las actitudes lingüísticas, así como del uso real.*”

respectivamente, dos valores de justiça, de utilidade ou de nobreza. A perspectiva temporal de cada gênero voltava-se ao passado, ao futuro ou ao presente, conforme as intenções discursivas presentes nos textos.

Tomando nota dos aspectos discursivos (auditório, tempo, ato, valores, argumentos) verificadas em todas as situações de interação humana que envolviam o uso da retórica, Aristóteles chega à definição de três gêneros: Judiciário, Deliberativo e Epidítico. O Quadro 19, de gêneros do discurso segundo Aristóteles (Reboul, 1998, p.47), esboça os valores de cada um dos aspectos discursivos e como eles se estruturam dentro de cada gênero.

Quadro 19 – Dos gêneros do discurso segundo Aristóteles

Gênero	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado	Acusar/ Defender	Justo/ Injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembleia	Futuro	Aconselhar/ Desaconselhar	Útil/ Nocivo	Exemplo
Epidítico	Espectador	Presente	Louvar/ Censurar	Nobre/ Vil	Amplificação

Fonte: Reboul (1998, p.47)

Uma das grandes contribuições de Aristóteles para os estudos do gênero foi “mostrar que os discursos podem ser classificados segundo o auditório e segundo a finalidade” (Reboul, 1998, p.47), isto é, há de levar em conta o contexto de enunciação quando se deseja avaliar as formas por meio das quais a linguagem se estrutura. As modernas abordagens teóricas do gênero textual vêm ampliando seu horizonte de análise e intensificando a preocupação com a relação existente entre língua e interação social.

Nesse sentido, Bakhtin (1997, p.279) estabelece seu postulado teórico a partir do princípio de que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essa relação pode ser evidenciada pela infinidade de usos linguísticos existentes, reflexo das variadas formas de interagir nas diferentes esferas de atividade humana.

Isso acontece porque em nossa prática humana de interação mediada pela língua, assumimos naturalmente “o diálogo, por sua cla-

reza e simplicidade, [como] a forma clássica da comunicação verbal” (ibidem, p.294). Assim, baseando-nos na estruturação dialógica, ao constituirmos nossos enunciados,⁵² agregamos-lhes um caráter responsivo, configurando, por isso, um cenário comunicativo onde todos os enunciados em circulação nas diferentes esferas de ação humana respondem a enunciados anteriores e, ao mesmo tempo, provocam respostas (em enunciados) posteriores.

Ou seja, dentro dos pressupostos teóricos do círculo de Bakhtin, o conceito de diálogo expande-se para além da ideia de comunicação sincrônica, na qual se verifica, simultaneamente, uma troca constante de respostas. Numa dimensão ampliada, a resposta buscada por um enunciado pode ser dada assincronicamente, numa “temporalidade mais extensa”. Isso porque os enunciados pertencem a um “diálogo social mais amplo” (Marchezan, 2006, p.117).

Em síntese, pode-se entender o *diálogo* bakhtiniano no sentido *stricto* ou *lato*:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin; Volochínov, 2006, p.125)

Nessa abordagem teórica, enfatiza-se o diálogo porque somente por meio do uso efetivo da língua, isto é, através de enunciados trançados em relação dialógica, é que as formas linguísticas passam a possuir valor.

52 Enunciado é a “[...] unidade real da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p.293), ou seja, é a realização da língua no processo de interação linguística entre os seres humanos.

Avançando na conceitualização dos gêneros do discurso,⁵³ o autor ressalta que os enunciados são caracterizados pelas especificidades da esfera de comunicação à qual pertence e, nesse sentido, afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 1997, p.279).

As características, condições, necessidades e finalidades provenientes de cada esfera discursiva são refletidas nos gêneros e podem ser percebidas em três elementos constitutivos do enunciado: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Nas palavras do autor:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (Bakhtin, 1997, p.280)

Bakhtin (1997) não nega a dificuldade em lidar com a vasta gama de gêneros existentes em nossa sociedade e tampouco com a mutabilidade a que está sujeito cada um deles. Esse quadro heterogêneo, como vimos, deve-se à direta relação existente entre o homem e a língua, pois, à medida que compomos nossos enunciados, imprimimos-lhes traços peculiares à nossa individualidade e à situação de enunciação em que nos encontramos. Assim, é natural esperar que as muitas condições de se relacionar em uma sociedade complexa favoreçam a contínua ampliação dos gêneros discursivos.

A fim de propor uma classificação dos gêneros sem minimizar a extrema heterogeneidade recém-comentada, o filósofo da linguagem

53 Não estamos, neste estudo, preocupados com a diferenciação teórica entre os termos gêneros discursivos, gêneros do discurso ou gêneros textuais. Assumiremos as expressões como sinônimas e a opção por uma ou outra estará relacionada ao uso feito pelo teórico em discussão.

recorre à diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário, denominado simples, e o gênero de discurso secundário, denominado complexo:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]. (Bakhtin, 1997, p.281)

A simplicidade dos gêneros primários parece estar relacionada à espontaneidade verificável na interação verbal cotidiana, que se iguala ou se aproxima ao diálogo *stricto*. Por sua vez, o que observamos nos gêneros secundários é uma espécie de apropriação dos gêneros primários. Essa assimilação é seguida por uma reelaboração que distancia os enunciados secundários do diálogo cotidiano. O processo de reformulação, por sua vez, culmina na constituição de gêneros mais “elaborados”, cuja “relação imediata com a realidade” dialógica do enunciado, presente nos gêneros primários, não é colocada em evidência. Dessa maneira, a categorização dos gêneros em primários e secundários leva em consideração o conceito de diálogo, *stricto* ou *lato*:

[...] A distinção entre gênero primário e gênero secundário [...] retoma, respectivamente, as duas maneiras de se considerar o diálogo, a que já fizemos menção: em *stricto sensu*, o diálogo cotidiano, espontâneo e, com, base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado. (Marchezan, 2006, p.119)

Afastando-nos de qualquer mal-entendido que a frase “comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída”

possa gerar, ao proferi-la para caracterizar os gêneros secundários, Bakhtin (1997) tinha em mente que as evoluções tecnológicas presenciadas em algumas comunidades poderiam servir como um agente catalisador da criação de novos gêneros. Isso porque, os gêneros secundários, tidos como mais complexos, “inspiram-se nos gêneros primários e aparecem na sociedade quando esta atinge um certo grau de sofisticação cultural, permitido, principalmente pelo letramento” (Silveira, 2005, p.63).

Nesse sentido, Marcuschi (2002, p.19) propõe quatro fases que se relacionam ao desenvolvimento tecnológico humano e que teriam servido para a proliferação dos gêneros textuais. Em um primeiro momento, vivíamos sob o domínio único de uma cultura essencialmente oral. Por volta do século VII a.C. vivenciamos a multiplicação dos gêneros com a criação da escrita. A terceira fase é marcada pela expansão da cultura impressa. E, finalmente, na quarta fase, graças à cultura eletrônica (rádio, televisão, internet etc.), presenciemos a “explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação”.

A visão de gênero tida por este último autor aproxima-se muito da perspectiva bakhtiniana. Para ele, os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida sociocultural, ou seja, não são entidades naturais, mas construções coletivas determinadas por circunstâncias históricas. Por isso, “surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas nas quais se desenvolvem” (Marcuschi, 2002, p.20). Seu caráter sociodiscursivo decorre da imprescindível necessidade que temos deles para nos comunicar em sociedade. Isso porque “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (Marcuschi, 2008, p.11), como já havia observado Bakhtin (1997).

Resumidamente, o autor define os gêneros como entidades: “a) dinâmicas, b) históricas, c) sociais, d) situadas, e) comunicativas, f) orientadas para fins específicos; g) ligadas a determinadas comunidades discursivas, h) ligadas a domínios discursivos, i) recorrentes, j) estabilizadas em formatos mais ou menos claros” (Marcuschi, 2002, p.159). Traços que nos indicam que o estudo atento dos gêneros textuais possibilita verificar como o contexto extralinguístico opera na estruturação e uso da língua.

Dentro desse marco teórico, a definição dos gêneros textuais baseada unicamente na estrutura formal e linguística não seria a forma mais adequada de descrevê-los. Isso porque os gêneros não são “uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (Marcuschi, 2008, p.154). Ou seja, a apreensão da funcionalidade desempenhada pelo gênero dentro do domínio discursivo a que pertence deve ser levada em consideração quando se quer defini-lo. Como exemplo, Marcuschi (2008) demonstra que ao produzir uma propaganda publicitária, o enunciador tem o interesse de promover a venda de um produto. Na receita culinária, por sua vez, visa-se à orientação na confecção de um prato. Daí, conclui-se que “[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (ibidem, p.153).

Sintetizando a definição de gênero que defende, o autor mostra-nos que se trata de “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos; propriedades funcionais, estilo e composição característica” (Marcuschi, 2002, p.22-3). Notemos, mais uma vez, que além de conteúdo temático, estilo e construção composicional, já apresentados por Bakhtin, Marcuschi acrescenta as propriedades funcionais ao conjunto de elementos que constituem os gêneros. Juntos, os quatro elementos serão determinados pelo que chama domínio discursivo, conceito equiparável à esfera da atividade humana, presente em Bakhtin (1997):

[...] os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. (Marcuschi, 2008, p.294)

Alguns domínios são mais flexíveis à criação de novos gêneros, outros menos; assim como há esferas que abrigam uma quantidade maior de formas de enunciados relativamente estáveis e outras, uma

quantidade menor. São considerados domínios discursivos os âmbitos instrumentais (científico, acadêmico e educacional), jornalístico, religioso, da saúde, comercial, industrial, jurídico, publicitário, de lazer, interpessoal, militar, ficcional entre outros (ibidem, p.196).

Marcuschi faz ainda importantes colocações sobre a diferença entre gêneros textuais e tipos de texto. Enquanto aqueles não são “uma forma linguística, mas uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (ibidem, p.154), estes são “sequências teoricamente definidas pela natureza linguística de sua composição” (Marcuschi, 2002, p.6).

Assim, diferentemente dos gêneros textuais, os *tipos* formam um grupo escasso com cinco, conhecidos como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção; sem tendência ao aumento (Marcuschi, 2008, p.154). Eles são utilizados pelos gêneros no seu processo de composição, de modo que um único gênero pode se valer de mais de um deles. A carta pessoal, por exemplo, pode facilmente ser estruturada apoiando-se nos cinco tipos. No entanto, serão as formas que costumeiramente preponderam, as que caracterizarão o gênero. No caso das cartas pessoais, destacam-se os tipos descritivo e expositivo (Marcuschi, 2002, p.27).

Disponemos o Quadro 20 com a caracterização dos tipos textuais segundo Werlich (1975 apud Marcuschi, 2002, p.28).

Quadro 20 – Dos tipos textuais segundo Werlich (1973)

Tipos textuais segundo Werlich (1975)		
Bases temáticas	Exemplos	Traços linguísticos
1. Descritiva	“Sobre a mesa havia milhares de vidros.”	Esse tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples com um verbo estático no presente ou imperfeito, um complemento e uma indicação circunstancial de lugar.
2. Narrativa	“Os passageiros aterrissaram em Nova York no meio da noite.”	Esse tipo de enunciado textual tem um verbo de mudança no passado, um circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação.
3. Expositiva	“Uma parte do cérebro é o córtex.” “O cérebro tem 10 milhões de neurônios.”	Em (a) temos uma base textual denominada de exposição sintética pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos. Em (b) temos uma base textual denominada de exposição analítica pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo <i>ter</i> (ou verbos como: “contém”, “consiste”, “compreende”) e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. Trata-se de um enunciado de ligação de fenômenos.
4. Argumentativo	“A obsessão com a durabilidade nas Artes não é permanente.”	Tem-se aqui uma forma verbal com o verbo <i>ser</i> no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade.
5. Injuntiva	“pare!” “seja razoável!”	Vem representada por um verbo no imperativo. Estes são os enunciados incitadores à ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um “deve”. Por exemplo, “Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistarem-se.”

Há ainda um conceito pertencente a essa cadeia de interação linguística que deve ser explorado: o suporte, imprescindível para viabilizar a circulação dos gêneros na sociedade. Contrariamente do que se possa pensar, ele não é neutro. Ou seja, apesar de não interferir no conteúdo, irá auxiliar na determinação do gênero. Vejamos o exemplo dado por Marcuschi (2008, p.174):

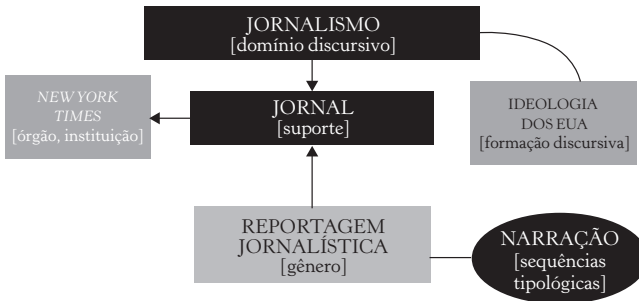
Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.

Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.

Se o enunciado acima estiver reproduzido em um papel colocado na mesa do destinatário, o entenderemos como um bilhete; no entanto, se estiver na secretária eletrônica, será um recado. Se em um formulário próprio dos correios, um telegrama. Desse modo, o suporte de um gênero, será “um *locus físico* ou *virtual* com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (Marcuschi, 2008, p.174). Os suportes podem ser divididos em duas categorias: convencionais e incidentais. Os primeiros são produzidos com a finalidade de abrigar gêneros (livro, revista, rádio, *outdoor*, encarte, televisão, telefone, entre outros), os incidentais são suportes que podem trazer textos, mas não foram concebidos com esse fim, esse é o caso da embalagem, da roupa, do corpo humano, da parede, entre outros.

A fim de compreendermos como todos esses elementos presentes na interação humana (gêneros textuais, domínio discursivo, tipos textuais, suporte) interagem, retomamos o organograma feito por Marcuschi (2008, p.178), em que se apresenta o modo pelo qual se dá a produção textual (Figura 20).

Figura 20 – Da produção textual



Fonte: Marcuschi (2008, p.178).

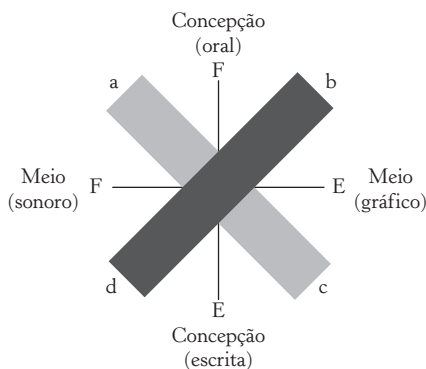
No esboço acima, verificamos que:

[...] os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade. (Marcuschi, 2008, p.176)

Voltando-se para a discussão referente à produção textual nas modalidades oral e escrita da língua, Marcuschi (2007) comenta que lidamos constantemente com diferentes práticas sociais que são mediadas ora, preferencialmente, pela tradição oral, ora, preferencialmente, pela tradição escrita. O autor critica qualquer postura dicotômica no estudo das duas modalidades, pois tanto a oralidade como a escrita fazem parte do mesmo sistema linguístico e, por isso, são realizações de uma mesma gramática.

O organograma das relações mistas dos gêneros (Marcuschi, 2008, p.192), da Figura 21, mostra-nos como essas duas modalidades podem se misturar no processo de constituição de um gênero. Nele, são consideradas as condições orais e escritas de produção (concepção) e recepção (meio).

Figura 21 – Das relações mistas dos gêneros



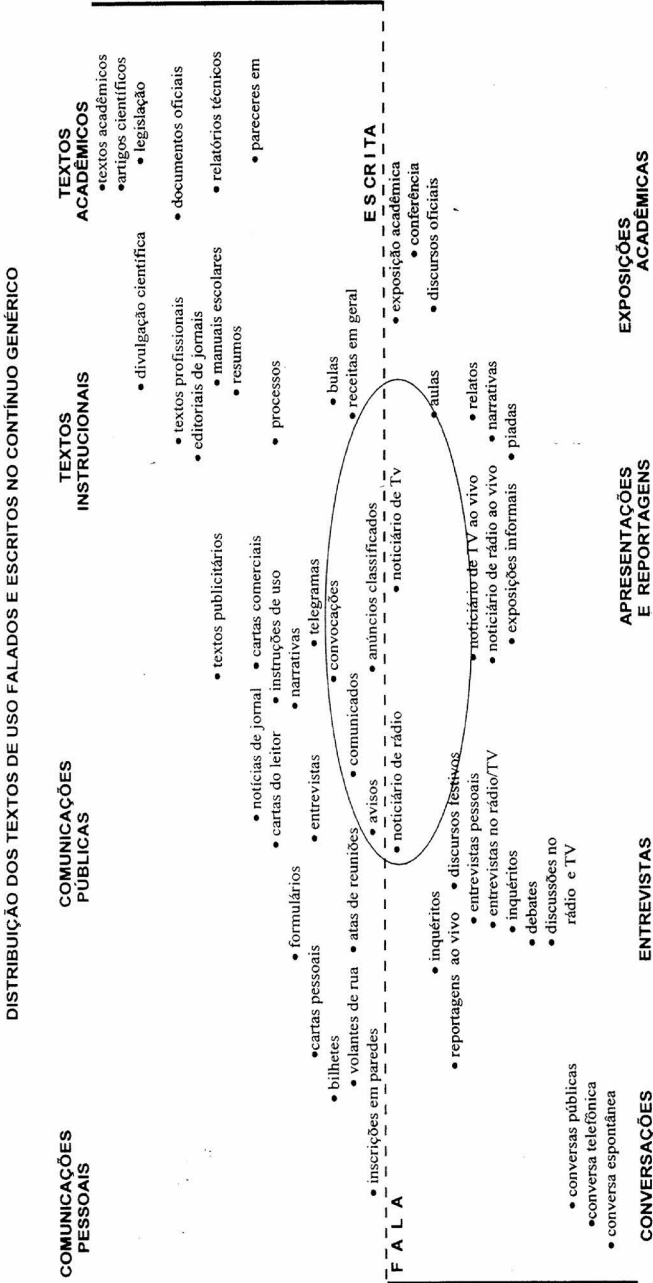
Fonte: Marcuschi (2008, p.192).

Em (a) temos o domínio tipicamente falado, por ser oral tanto na concepção quanto no meio de recepção. Paralelamente, (c) é considerado o domínio tipicamente escrito por possuir uma concepção escrita aliada a um meio gráfico. Por sua vez, os domínios (b) e (d) se diferenciam por mesclarem as duas modalidades. Os gêneros: conversação espontânea, entrevista publicada na *Veja*, artigo científico, notícias de TV são formas que ilustram, respectivamente, os domínios (a), (b), (c) e (d).

Para o autor, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois *polos opostos*” (Marcuschi, 2008, p.37). Ou seja, há uma ordem não dicotômica, motivada pelas práticas sociais, que determina as modalidades da língua presentes tanto na concepção, quanto no meio de recepção de cada gênero.

Da Figura 21 passamos à Figura 22. Percebamos que sua extremidade inferior esquerda traz o domínio absoluto da fala – isto é, tanto a concepção como meio de recepção são orais. A ideia do *continuum* pode ser comprovada por meio da observação da linha central tracejada, na qual verificamos um percurso que vai desde o menos formal (à esquerda, onde há preponderância do domínio da fala) até o mais formal (à direita, onde se espera encontrar maior monitoramento linguístico e

Figura 22 – Da distribuição dos géneros no *continuum* da relação fala-escrita



Fonte: Marcuschi (2008, p.197).

preponderância do domínio da escrita). Notemos que o domínio da escrita expande-se à medida que segue em direção à maior formalidade. Assim, se acompanharmos o trajeto nesta direção, poderemos observar como progressivamente os gêneros vão mudando sua relação com as modalidades da língua, alcançando, na extremidade superior direita uma determinação preponderante do domínio da escrita.

É importante reparar que os gêneros presentes na fase intermediária – dentro do círculo – da Figura 22 estão sob o domínio dos dois campos, ou seja, a concepção e o meio de recepção variam entre oral e escrito. Em uma leitura dicotômica, como a que criticamos, somente as extremidades seriam consideradas, deixando de lado todo o processo de mudança de domínios das modalidades e sua relação com as necessidades das esferas discursivas.

Em suma, desde Aristóteles verificamos que toda proposta de estudo dos gêneros textuais preocupou-se em relacionar língua à interação verbal humana, isto é, ao uso linguístico. Isso porque é nessa prática interacional que construímos estruturas textuais relativamente estáveis que nos servem de base para alcançarmos, por meio da língua, determinados objetivos. Por ter um contexto específico de uso, esses gêneros respondem e se caracterizam pelas necessidades e especificidades dos âmbitos sociais a que pertencem; em outras palavras, por meio da análise dos gêneros conseguimos entender como o contexto extralinguístico determina e caracteriza o uso linguístico.

A entrevista radiofônica: apresentação do gênero discursivo

O estudo do gênero entrevista radiofônica é fundamental dentro deste trabalho, pois assumimos enunciados desse gênero como base do *corpus* de análise. A apresentação teórica dos gêneros do discurso, anteriormente desenvolvida, serve-nos, agora, como orientação para a análise e compreensão do modo como se estruturam os enunciados da entrevista radiofônica.

A fim de refazer o percurso epistemológico da conceitualização do gênero entrevista radiofônica, Pérez Cotten e Tello (2004, p.28) dizem haver “[...] um formato ou gênero que se denomina entrevista

jornalística”,⁵⁴ e acrescentam que “conforme sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos a entrevista jornalística é escrita, televisiva ou radiofônica” (ibidem).⁵⁵ Em outras palavras, verificamos nessas duas asserções a definição do domínio discursivo a que pertence o gênero em questão, bem como o suporte de sua circulação social. Isto é, podemos entender que dentro da esfera jornalística há um modo de ação comunicativa estável que se chama entrevista, o qual, como sabemos, define-se pelas especificidades, exigências e necessidades do jornalismo.⁵⁶

A característica que aporta o suporte (rádio) ao gênero (entrevista jornalística) resgata uma discussão apresentada no tópico anterior, na qual verificamos que o suporte não altera o valor dos textos que divulga, mas define o gênero. No caso da rádio, um suporte virtual convencional, a ausência da imagem (presente na televisão) ou da possibilidade de releituras (possível no jornal impresso), entre outros traços que veremos mais adiante, fazem que a entrevista radiofônica se diferencie das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Como salienta Marcuschi (2008), a funcionalidade do gênero é um elemento que deve ser levado em consideração quando queremos descrevê-lo. Visando encontrá-la, verificamos novamente nas palavras de Pérez Cotten e Tello (2004, p.29), o possível propósito da entrevista radiofônica:

Serve para a construção discursiva de diferentes relatos jornalísticos [...] e, também, para escutar diretamente a voz do entrevistado [...] em ambos os casos, o objetivo inicial (e certamente, final) é de produzir conhecimento [...].⁵⁷

54 “[...] un formato o género que se denomina entrevista periodística.”

55 “[...] según se difunda en soporte papel o por medios electrónicos, la entrevista periodística es escrita, televisiva o radial.”

56 São exemplos de outros gêneros presentes no domínio discursivo jornalístico: os editoriais, as notícias, as reportagens, a nota social, os artigos de opinião, a história em quadrinhos, a crônica policial, a crônica esportiva, os anúncios, os classificados, as cartas do/ao leitor, as entrevistas televisivas e radiofônicas, as notícias de TV/rádio; as reportagens ao vivo, as discussões, debates etc. (Marcuschi, 2008, p.195).

57 “Sirve para la construcción discursiva de diferentes relatos periodísticos [...] y, también, para escuchar directamente la voz del entrevistado [...] en ambos casos, el objetivo inicial (y por cierto, final) es el de producir conocimiento [...].”

A entrevista, portanto, é o principal recurso jornalístico para aceder à informação, ampliar uma notícia, obter a voz de algum personagem.⁵⁸ (ibidem, p.34)

A estruturação do gênero relaciona-se, portanto, à reconstrução de um evento por meio do discurso, à apreensão e à avaliação de opiniões envolvidas com acontecimentos das mais diversas esferas da sociedade. Ou seja, a entrevista radiofônica se organiza em razão do informar, fazendo da informação, notícia.⁵⁹

O curioso, no entanto, é que, se nos detemos somente nessa característica, não avançamos muito no conhecimento das particularidades desse gênero, isso porque difundir informações pertence, supomos, à essência do domínio discursivo em questão e, portanto, é de esperar que também verifiquemos essa finalidade em outros gêneros do discurso pertencentes à esfera jornalística.

É por isso que a diferenciação da entrevista radiofônica vai se dando, de fato, pela identificação de novas características. Assim, como se lê nos dois fragmentos acima, o aporte de novas informações se dá, nesse gênero, pela recepção da “voz” direta do entrevistado (“voz de algum personagem”). Voz que, por sua vez, responde outra, geralmente indagadora. A atitude responsiva verificada nesse embate resgata um caráter dialógico, que na entrevista é visto como:

[...] um encontro de absoluta formalidade,⁶⁰ onde os papéis estão bem definidos. Há um ator que propicia o desenvolvimento do conhecimento de um tema através de outro ator. Mas este ator conhece algo sobre o tema, tem algumas ideias. Este, através de perguntas, facilita que se

58 “*La entrevista, por lo tanto, es el principal recurso periodístico para acceder a la información, ampliar una noticia, obtener la voz de algún personaje.*”

59 Pérez Cotten e Tello (2004, p.29) diferenciam informação de notícia. A primeira seria somente o relato de um evento ocorrido ou que está por acontecer, por sua vez, a notícia é a informação que se tornou difundida pelo interesse despertado em seu espectador. Logo, toda notícia implica necessariamente uma informação, o contrário não é verdadeiro.

60 Formalidade, aqui, não é entendida como nível de monitoramento linguístico, mas como estruturação (forma) bem definida, marcada.

produza conhecimento novo sobre determinado tema.⁶¹ (Pérez Cotten; Tello, 2004, p.25)

Ou seja, o diálogo, além de possuir uma forma bem definida e conhecida por seus participantes, é instaurado por dois atores, cujos papéis estão bem estabelecidos: um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista, e outro que, a partir do conhecimento superficial que adquiriu sobre o tema, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o assunto.

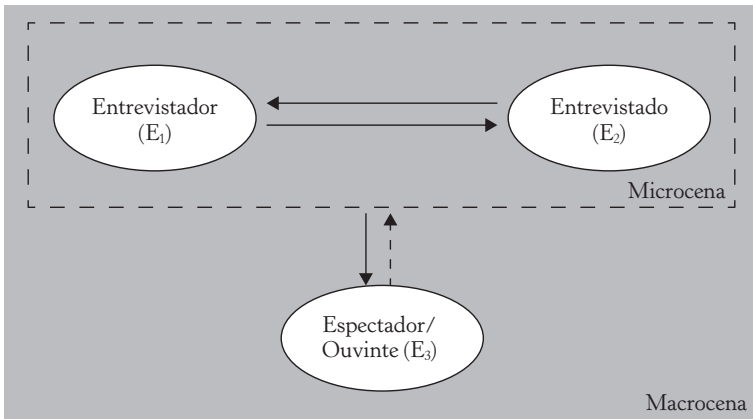
Na entrevista radiofônica, esse diálogo formalizado com fins informativos assume um caráter eminentemente público, pois se constrói fundamentalmente para difundir uma informação (transformando-a em notícia) e, logo, satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto. Não é por acaso que caracterizamos a entrevista nesse domínio discursivo como “a mais pública das conversações privadas” (Pérez Cotten; Tello, 2004. p.24).⁶²

A cena constituída por entrevistador e entrevistado ($Eu \leftrightarrow Tu$) debatendo um tema (Ele) comportaria, aparentemente, uma situação suficiente para a concretização de enunciados. No entanto, isso não é assim no diálogo da entrevista jornalística. Graças ao traço público, há na entrevista, imprescindivelmente, a exigência de mais um personagem, o telespectador/ouvinte, quem motiva e, por fim, recebe toda a mensagem. A seguir, a Figura 23 auxilia na compreensão desse gênero sob o ponto de vista do diálogo (bakhtiniano).

61 “[...] un encuentro de absoluta formalidad donde los roles están bien definidos. Hay un actor que propicia el desarrollo del conocimiento de un tema a través de otro actor. Pero este actor conoce algo sobre el tema, tiene algunas ideas. Éste, a través de preguntas facilita que se produzca conocimiento nuevo sobre determinado tema.”

62 “[...] la más pública de las conversaciones privadas.”

Figura 23 – Do diálogo na entrevista radiofônica



Nele, percebemos uma microcena, na qual se instaura um diálogo entre entrevistador (E_1) e entrevistado (E_2) para satisfazer, unicamente, a necessidade informativa que tem o espectador/ouvinte (E_3), na macrocena.⁶³ Por seu turno, a resposta do ouvinte (E_3) ao enunciado composto por E_1 e E_2 não é necessariamente imediata, isso porque pode ser dada de diferentes formas: desde modos mais perceptíveis (como em comentários por chamadas telefônicas à rádio) até de maneiras menos conexas (por exemplo, com um diálogo traçado entre E_3 e um outro interlocutor (E_n) com quem possa interagir, até mesmo, assincronicamente). Por isso, escolhemos representar essa interação por meio de uma flecha pontilhada.

Ante tal cenário, parece propício considerarmos secundário o gênero entrevista radiofônica, pois por se valer da esfera jornalística e do rádio⁶⁴ (“circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída” (Bakhtin, 1997, p.281)), esse gênero apoia-se em uma rebuscada estruturação do diálogo, que, como vimos,

63 Não entender macro e micro, como sentidos *stricto e lato* do diálogo, verificados em Bakhtin.

64 Como verificamos em Marcuschi (2002, p.19), a rádio se localiza na quarta fase do desenvolvimento tecnológico humano. Possível somente graças ao avanço da cultura eletrônica.

vai além da simplicidade verificada no diálogo cotidiano (*stricto sensu*). Assim, em um primeiro plano (microcena), constrói-se um diálogo (entre E_1 e E_2) mais próximo do cotidiano, no qual as relações são sincrônicas, mais espontâneas e onde, aparentemente, se configura a entrevista. No entanto, como vimos, essa microcena não tem valor por si mesma; sua finalidade será informar E_3 (macrocena) e, portanto, estabelecer uma relação dialógica (*lato sensu*) com ele. Tanto é assim, que os integrantes do primeiro plano têm consciência de que estão ali por causa do interlocutor (E_3), o ouvinte da rádio. As interações nessa macrocena ($[E_1 \leftrightarrow E_2] \leftrightarrow E_3$) são viabilizadas pelo entrevistador (E_1)⁶⁵ e já não são necessariamente tão evidentes, isto é, sincrônicas.

Em outras palavras, o que aparentemente poderia configurar um gênero primário ($E_1 \leftrightarrow E_2$) torna-se componente do gênero secundário ($[E_1 \leftrightarrow E_2] \leftrightarrow E_3$), isto é, “[...] transforma-se dentro deste e adquire uma característica particular: perde sua relação imediata com a realidade existente [...]” (Bakhtin, 1997, p.281), à medida que se estrutura para satisfazer as necessidades presentes na realidade que envolve o ouvinte (E_3). Encontramos nas palavras de Farneda (2007, p.2) a definição sintética do que tratamos nos parágrafos anteriores:

A entrevista radiofônica é um gênero jornalístico que diz respeito ao encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o expert a respeito dos diferentes aspectos de uma questão e, dessa forma, levar as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros. Sendo contrária a uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário.

O entrevistador deve buscar não só a simpatia de seu espectador, mas também a de seu entrevistado, que lhe poderá conceder maior informação à medida que se estabeleça um vínculo de maior confiabilidade. Daí que se infere que: “[...] a entrevista é um ato de sedução mútua. O entrevistador seduz para obter mais e melhores respostas.

65 Graças a seu interesse de transformar informações em notícias.

O entrevistado procura convencer seu entrevistador, leva-lo a seu jogo, dizer o que quer dizer e evitar dizer o que não quer dizer” (Pérez Cotten; Tello, 2004, p.37).⁶⁶

Para que o entrevistador tenha controle da entrevista, sugere-se que ele não seja muito jovem, mas no caso de o ser, deve deixar claro que é um profissional competente. Outras estratégias sugeridas são: ter clara a finalidade da entrevista proposta, conhecer o perfil do programa que a receberá, escolher o entrevistado adequado e manter contato prévio, reunir informações sobre ele e verificar antecedentes sobre seu desempenho em outras entrevistas realizadas (ibidem, p.88). Portugal e Yudchak (2008, p.76) sugerem, ainda, que o entrevistador esteja armado de uma pauta de questões, mas alerta para o perigo de ficar limitado a ela,⁶⁷ perdendo a possibilidade de seguir por caminhos abertos pelo entrevistado na prática discursiva, os quais até então eram inimagináveis.

Outro aspecto da entrevista radiofônica que merece especial atenção é a, já citada, presença da voz do entrevistado. O uso do discurso direto nesse gênero (1) aproxima o ouvinte do entrevistado, já que aquele sabe que esse fala para ele; (2) elimina a intermediação direta de um terceiro (jornalista), criando uma (3) aparente objetividade; (4) permite que o ouvinte tire suas próprias conclusões, protegendo, assim, o jornalista de eventuais asserções comprometedoras; (5) cria empatia ou antipatia entre ouvinte e entrevistado; além, é claro, de (6) permitir o conhecimento imediato da voz e os testemunhos envolvidos nos episódios noticiados (Pérez Cotten; Tello, 2004, p.33).

Haja vista que a presença direta de pelo menos duas vozes (entrevistador e entrevistado) é imprescindível nesse gênero, o estudo de sua

66 “[...] *la entrevista es un acto de seducción mutua. El entrevistador seduce para obtener más y mejores respuestas. El entrevistado busca convencer a su entrevistador, llevarlo a su juego, decir lo que quiere decir y evitar decir lo que no quiere decir.*”

67 Comentando esse tipo de preparo prévio, Szymanski (2002) diz que essa ferramenta pode inibir o desenvolvimento da entrevista, ocasionando a não divulgação de importantes informações que poderiam ser dadas pelo informante em um diálogo fluido. A autora sugere que esse instrumental seja usado somente como apoio, em momentos em que o diálogo, por algum motivo, torna-se escasso.

construção composicional deverá considerar o modo como, formalmente, organiza-se o diálogo nessa interação verbal. Nesse sentido, Farneda (2007, p.2) mostra que o “entrevistador e o entrevistado ocupam posições assimétricas”, mas que este “deve respeitar a agenda de perguntas prevista pelo jornalista. Os turnos de pergunta devem sempre terminar com uma interrogativa” e por sua vez, os turnos do entrevistado revestem-se unicamente de respostas. Ao entrevistador cabe a abertura e o fechamento da entrevista e não lhe compete “formular expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstenendo-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado”.

A fim de transmitir uma neutralidade, o entrevistador controlará os turnos por meio de falas mais breves. O entrevistado, por sua vez, terá falas mais longas a fim de transmitir a informação que detém. A estas características composicionais, somam-se as instruções dadas por Portugal e Yudchak (2008, p.76) para a condução da entrevista radiofônica. Para os autores, deve-se fazer uma pergunta de cada vez, de modo claro, curto e concreto.

Na Quadro 21 verificamos como essas características composicionais se realizam em uma das entrevistas que compõem *corpus*.

Quadro 21 – Do exemplo da composição estrutural da entrevista radiofônica

KAR 0'00"	Diez de la mañana treinta y seis minutos. Como todos los lunes a la mañana, está con nosotros el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas Presidente Nicolás Avellaneda. Le damos la [bienvenida] ¿Cómo le va, doctor?	E1 inicia o diálogo e apresenta E2
ALO 0' 14"	Bien bien.	
KAR 0'14"	Bien venido.	
ALO 0'15"	Muchísimas gracias.	
KAR 0'16"	Bueno, hoy un tema, todo el mundo tiene... se hace esta pregunta. Eh... Sobre el te... sobre el tabaquismo, ¿la acupuntura ayuda a superarlo?	Turnos menores e interrogativos
ALO 0'30"	Bien, sí. Hay hay numerosos pacientes que concurren a nuestro servicio. No vamos a decir que todos tienen éxito, pero un porcentaje importante, sí, lo tienen. Eh... Porque muchas veces tienen la convicción de dejar de fumar. Eh... muchas veces co... conocen obviamente cuales son los efectos deletéreo que está haciendo sobre su organismo, sobre la parte respiratoria e sobre el resto de su organismo, conocen las limitaciones... sí sí, claro claro, hay que [###], a la está llegando por su problema de tabaquismo, pero, a pesar de eso y a pesar de su bueno propósito ellos no pueden dejar de fumar. Entonces, buscan esta ayuda.	Entrevistado domina turnos maiores
KAR 1'04"	¿Y cuáles serían los mecanismos a los que abunda la acupuntura?	Turnos menores e interrogativos
ALO 1'07"	Bien, en primer lugar, eh por vía refleja, o sea, con las agujas, lo que logramos, por un lado, disminuir el grado de ansiedad porque, de alguna manera, quien fuma tiene un beneficio de [###]. Un beneficio entre comillas, o sea, el cigarrillo le ayuda en este momento a a disminuir la ansiedad. Obviamente que después viene el conflicto: "¿Por qué he fumado ?", " he sido débil ", "no... no he tenido convicciones", "no he tenido voluntad" y eso le genera de nuevo... le genera de nuevo la ansiedad y paradójicamente le hace fumar de nuevo mucho más. O sea que, por un lado, le disminuimos el tenor de la ansiedad a a esta persona. Por otra parte, el fumador tiene bloqueado el gus... el gusto y el olfato. O sea, se recuerdan los que fuman que los primeros cigarrillos eran duros, rígidos, fuertes, raspaban... y que después uno va logrando que todos sus... esas malas sensaciones se desaparezcan y hace una filtración de lo que pretende del cigarrillo y nada más. [...] Obviamente que... algunos pacientes necesitan más tiempo, otros menos tiempo, pero hay un porcentaje importante de paciente que lo logra.	Entrevistado domina turnos maiores

continua

KAR 3'15''	Perfecto. Doctor, ¿cómo se lo... se encuentra? ¿Todavía sin teléfono?	→ Turnos menores e interrogativos
ALO 2'20'	Antes teníamos... tenía la comunidad, los los pacientes ya conocidos como los nuevos me llamaban por teléfono para pedir asesoramiento o turno. Hoy tienen que molestarse tanto a los nuevos como los que ya tienen eh... su historia clínica de servicio, hasta el servicio en el hospital Avellaneda, en los horarios que ustedes conocen, que es de siete y media a doce, porque lamentablemente todavía no tenemos teléfonos, como [todo un nada de este lugar] donde está a servicio de cirugía. Que [[Javier] ha hecho una obra muy importante, se ha llevado por adelante el cabrero [### ##] nuevamente	Entrevistado domina turnos maiores
KAR 3'50''	O sea que la gente tiene que ir y pedir contacto.	
ALO 3'53''	Exactamente	
KAR 3'53'	Perfecto. Con nosotros, como todos los lunes, el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas presidente Nicolás Avellaneda. Gracias, doctor, hasta lunes.	E1 retoma o turno para terminar o diálogo
ALO 4'03''	Gracias a usted	

Portugal e Yudchak (2008, p.84) destacam ainda a preferência por uma linguagem simples e, a partir de relatos de importantes jornalistas, mostram o estilo mais empregado nesse gênero. Assim, Alfredo Leuco, jornalista cordobês, diz utilizar “uma linguagem mais simples, frases curtas, [apelar] à sabedoria popular, à linguagem da rua, à linguagem coloquial, [...] com o que se ganha maior familiaridade e proximidade” (Portugal; Yudchak, 2008, p.84).⁶⁸ Notemos como o uso de uma linguagem menos erudita possibilita a aproximação entre jornalista e sua audiência.

Da mesma maneira, Graciela Manscusio diz que “hoje a linguagem foi liberada, fala-se como na vida” (Portugal; Yudchak, 2008, p.85)⁶⁹ e Chiche Gelblung afirma que “a rádio tem que falar como o ouvinte” (ibidem).⁷⁰ Essa jornalista destaca ainda o caráter espontâneo que tem a linguagem nesta interação discursiva: “em realidade, a rádio tem que falar como você quer, nada substitui o pessoal” (ibidem).⁷¹

É evidente que diante de uma mídia de ampla difusão e expressividade, não podemos acreditar que, de fato, seu uso linguístico é exatamente igual ao uso comum, rotineiro e casual,⁷² no qual não se observa preocupação com a fala. Diante dessa situação de enunciação, o falante tende a monitorar, ainda que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é a rádio.

Por outro lado, a existência de uma maior espontaneidade nesse gênero pode estar relacionada, em partes, à modalidade de concepção e transmissão dos enunciados, isto é, por pertencer ao domínio da oralidade. A impossibilidade de fazer releituras corretivas é outra característi-

68 “[...] un lenguaje sencillo, frases cortas, [...] apelo a la sabiduría popular, al lenguaje de la calle, al lenguaje coloquial, [...] con lo que se gana familiaridad, cercanía.”

69 “Hoy se ha liberado el lenguaje, se habla como en la vida.”

70 “La radio tiene que hablar como el oyente.”

71 “[...] en realidad la radio tiene que hablar como vos lo sientas, nada reemplaza a lo personal.”

72 Segundo Labov (2008, p.111) “por fala casual, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem”.

ca que a modalidade atribui ao gênero, isso porque uma vez enunciada, a mensagem não pode ser apagada. Por ser do domínio da fala, encontramos a entrevista radiofônica, na Figura 22, abaixo da linha tracejada.

O fato de estar mais ao lado esquerdo desse organograma, onde o monitoramento é mais baixo, mostra-nos mais uma vantagem da utilização, nos *corpus* de análise, de textos pertencentes a este gênero textual. Isso porque, o pouco monitoramento, reflexo da baixa formalidade e da intenção discursiva, aproxima o uso linguístico neste gênero ao uso das situações mais simples e cotidianas, isto é, do uso vernacular.

Cabe-nos, por fim, comentar a relevância de considerarmos os tipos textuais presentes neste gênero. Sabemos que a entrevista radiofônica pode agregar quase que a totalidade deles e, por isso, beneficia-nos com uma situação propícia para o uso da forma verbal analisada neste estudo. Isso porque, para descrever eventos (descrição), ordená-los temporalmente (narração), explicar e analisar determinadas situações ou ideias (exposição), bem como para contrapor ideias (argumentação), parece ser necessário, entre outras, formas verbais que estejam vinculadas à fração temporal que engloba desde o pretérito ao presente – segmento temporal em que, a princípio, o *pretérito perfectocompuesto* acomoda-se.

Nosso próximo passo será explorar o *corpus* de análise, isto é, descrever os enunciados coletados e verificar como as características do gênero discursivo em foco realizam-se neles. Antes, porém, vamos nos ater a um rápido esclarecimento dos critérios de seleção das cidades representantes das regiões dialetais. Comentário que será seguido pela apresentação de dois *softwares* que nos auxiliaram na montagem do *corpus* e que viabilizarão, de forma mais rápida e precisa, o processamento e compreensão de seus dados.

Corpus diatópico da Argentina

A variável diatópica

Como observamos no capítulo destinado à dialetologia hispânica, não parece haver um acordo comum para a divisão dialetal da Argentina; conjuntura que nos coloca em uma situação um pouco incerta

sobre que proposta de fragmentação das áreas dialetais assumir a fim de realizarmos a coleta de enunciados e, finalmente, a análise do PPC nas diferentes regiões dialetais do país. Em razão da ausência desse acordo, decidimos partir da proposta de divisão dialetal feita por Fontanella de Weinberg (2004), quem, como vimos, divide o país em sete regiões dialetais: bonaerense, de Cuyo, noroeste, central, nordeste, do litoral e patagônica.

Nossa decisão se deve a que encontramos, no postulado da autora, (a) maior atenção ao estudo dialetal na Argentina; (b) uma abordagem que dialoga diretamente com Vidal de Battini (1964) – precursora da dialetologia argentina; (c) a utilização de dados linguísticos mais apurados e atualizados; (d) uma divisão mais exaustiva das regiões do país; e (e) por ser a mais moderna proposta existente sobre a questão. Observemos, ainda, que em razão da maior quantidade de regiões verificáveis nesse postulado, poderemos, eventualmente, dialogar com as demais propostas; negando ou reafirmando, no que tange ao uso dialetal do PPC, tanto Fontanella de Weinberg (2004) quanto os demais dialetólogos abordados.

Diante da impossibilidade de observarmos falantes de todas as cidades pertencentes a cada uma das sete regiões dialetais, procuramos nos orientar pelo princípio de irradiação linguística (Cosieriu, 1977). O qual, como vimos na discussão suscitada no capítulo destinado à dialetologia hispânica, aponta os centros políticos, administrativos, culturais, comerciais e de comunicação como os principais centros propagadores de um padrão linguístico. É consciente disso que Moreno de Alba (2000, p.138) critica os atlas linguísticos que ignoraram a fala das grandes cidades e afirma que “são precisamente as grandes urbes, focos de irradiação linguística, que merecem especial atenção se o que se persegue é o conhecimento do estado que guarda a língua em um espaço dado”.⁷³

73 “*Son precisamente las grandes urbes focos de irradiación lingüística que merecen especial atención si lo que se persigue es el conocimiento del estado que guarda la lengua en un espacio dado.*”

Tendo em vista esse princípio e nos orientando pelos dados fornecidos pelo censo argentino de 2010,⁷⁴ buscamos, em cada uma das sete regiões dialetais argentinas, a cidade de maior índice populacional – isso porque pressupomos que cidades detentoras dos principais serviços de ordem política, administrativa, comercial e cultural são as que tendem a atrair mais habitantes. O Quadro 21 mostra o percurso feito desde a divisão das regiões, passando pela seleção das províncias mais habitadas e culminando na escolha das cidades mais povoadas por região.

Em síntese, tal qual observado no Quadro 21, assumiremos a Capital Federal e as cidades de Rosario, Posadas, São Miguel de Tucumán, Córdoba, da Região Metropolitana de Mendoza e Comodoro Rivadavia como representantes das sete regiões dialetais da Argentina. Esclarecemos que, com exceção de Comodoro Rivadavia e Rosario, todos os municípios desfrutaram o *status* de capitais das respectivas províncias. Por sua vez, apesar não serem os centros administrativos, Comodoro Rivadavia e Rosario são considerados os principais centros econômicos e culturais de Chubut e Santa Fe, respectivamente. Finalmente, sobre a região cuyana, optamos por analisar a região metropolitana de Mendoza – que se constitui pela capital Mendoza e os municípios de Guaymallén, Godoy Cruz e Las Heras. Essa decisão se deveu à dificuldade de determinar os limites das quatro cidades, uma vez que estão unidas geograficamente e os habitantes mantêm uma relação muito estreita que envolve uma constante movimentação.

Feita a devida apresentação das cidades representantes de cada umas das regiões, passemos à apresentação das ferramentas tecnológicas que nos auxiliaram no estudo.

74 Para mais informações, <<http://www.censo2010.indec.gov.ar/>>.

Quadro 21 – Da seleção de cidades tendo em vista dados do censo argentino 2010

Região	hab./reg ¹	% ² hab./reg.	Províncias mais povoadas nas regiões	hab./prov. ³	% ⁴ hab./prov. X total hab. reg.	Cidades representantes	hab./cid. ⁵	% habit./prov.
Bonaerense	18.802.450	47%				<i>Capital Federal</i>	2.891.082	15,5%
Litoral	4.437.036	11 %	Santa Fe	3.200.736	72%	<i>Rosario</i>	1.198.528	37,5%
Nordeste	3.672.528	9 %	Misiones	1.097.829	30%	<i>Posadas</i>	323.739	29,5%
Noroeste	4.931.795	12 %	Tucumán	1.448.200	29,5%	<i>S. M. de Tucumán</i>	549.163	38%
Central	3.736.413	9,5 %	Córdoba	3.304.825	88,5%	<i>Córdoba</i>	1.330.023	40%
Cuyana	2.972.381	7,5%	Mendoza	1.741.610	58,5%	<i>Región Metropolitana</i>	788.787	45%
Patagônica	1.538.756	4%	Chubut	506.668	33%	<i>Comodoro Rivadavia</i>	188.890	37%
Total	40.091.359	100%						

1. Apresentação da quantidade de habitantes por região do país.

2. Proporção da quantidade de habitantes por região em relação à quantidade total de habitantes do país.

3. Apresentação da quantidade de habitantes por província selecionada.

4. Proporção da quantidade de habitantes de cada província em relação à quantidade total de habitante da região.

5. Apresentação da quantidade de habitantes por cidade escolhida como representante.

6. Proporção da quantidade de habitantes das cidades em relação à quantidade total de habitantes por província.

Ferramentas tecnológicas para estudos da linguagem

Audacity 1.3

Trata-se de um *freeware* de gravação e edição de áudio em formato WAV, AIFF, MP3 e OGG. Por sua facilidade de manuseio, serviu-nos para a gravação das entrevistas radiofônicas transmitidas por internet, sua edição, além de nos auxiliar na transcrição dos enunciados. Algumas ferramentas, como desaceleração do áudio, seleção de fragmentos, entre outras, viabilizaram a realização desta última função. A informação do tempo de gravação é também um dado fornecido pelo programa por meio da linha do tempo (indicada pela flecha). Na Figura 25, expomos uma imagem da interface de entrada do Audacity 1.3.



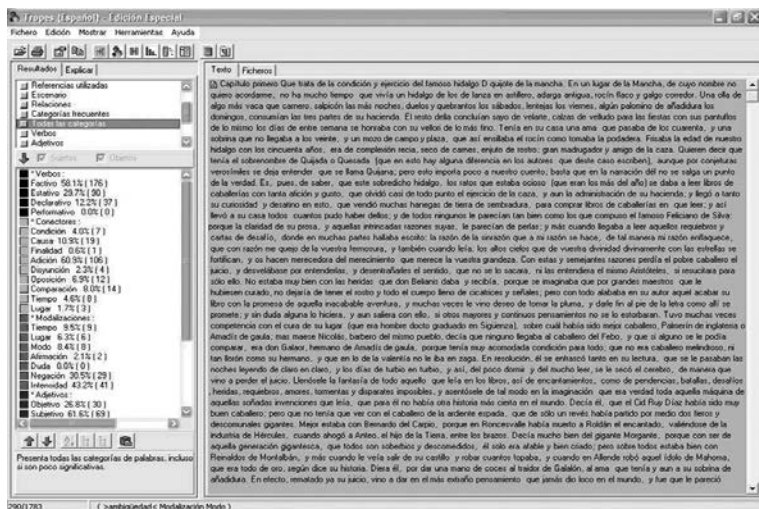
Tropes 7.2.3

O segundo *software* destaca-se pelo processamento semântico de textos em línguas naturais. Para descrever as características dos enunciados em análise, o *tropes* vale-se de critérios linguísticos pré-programados e os associa às estruturas linguísticas encontradas nos textos processados. Frente à desenvoltura metodológica tida pelo

programa e nosso objeto de estudos, faz-se imprescindível a adoção da versão em língua espanhola.⁷⁵

Como se observa na Figura 26, a interface do programa apresenta duas colunas, uma de Resultados (à esquerda), na qual verificamos as características textuais e suas proporções, e uma de Texto (à direita), na qual são apresentadas seqüências textuais que ilustram os resultados da esquerda.

Figura 26 – Da interface do Tropes 7.2.3



Como veremos mais adiante, as análises oferecidas pelo *Tropes* irão nos auxiliar na descrição das entrevistas radiofônicas, oferecendo-nos, mais especificamente, informações sobre o estilo e o conteúdo temático do gênero. Passemos, então, para a exploração, de fato, do *corpus* compilado por nós.

75 Outras versões possíveis são inglês, francês, português europeu e português brasileiro.

Composição do *corpus*

Pérez Hernández (2002) explica que a revolução tecnológica vivenciada pela humanidade nas últimas décadas viabilizou, entre tantas outras coisas, o estudo linguístico baseado na análise conjunta de enunciados pertencentes às múltiplas situações de interação discursiva, afastando-nos, desse modo, de análises baseadas unicamente em intuições linguísticas do pesquisador.

Com auxílio desses avanços, constituiremos o *corpus* de análise a partir de materiais linguísticos que registram “a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais” (Berber Sardinha, 2000, p.352). Mas quais as características que um *corpus* deverá apresentar para que seja considerado como tal?

Conforme a definição de Sanchez (1995, p.8-9) será *corpus* o:

[...] conjunto de *datos lingüísticos* (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, *suficientemente extensos* em amplitude e profundidade, de maneira que sejam *representativos* da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos e dispostos de tal modo que possam ser *processados por meio de computador*, com o fim de obter resultados vários e úteis para a descrição e a análise.⁷⁶ (grifos nossos)

Em sua asseveração, percebemos que um *corpus*, além de constituir-se por enunciados, ou seja, por textos realizados em língua natural, deverá seguir critérios que lhe assegurem representatividade de, pelo menos, algum âmbito do idioma. Estes critérios, por sua vez, se relacionam a condições de naturalidade, de autenticidade, de diversidade, de dimensões e a outros padrões que possam estar vinculados aos propósitos do investigador. A disponibilidade para o processamento digital é também uma das características que deve possuir o *corpus*,

76 “[...] conjunto de *datos lingüísticos* (pertenecientes al uso oral o escrito de la lengua, o a ambos), sistematizados según determinados criterios, *suficientemente extensos en amplitud y profundidad de manera que sean representativos del total del uso lingüístico o de alguno de sus ámbitos y dispuestos de tal modo que puedan ser procesados mediante ordenador con el fin de obtener resultados varios útiles para la descripción y el análisis.*”

haja vista que com o auxílio da tecnologia podemos analisar, de forma muito mais precisa e ágil, uma grande quantidade de textos.

Tendo em vista nossas limitações espaciais e temporais,⁷⁷ sem deixar de lado algumas dessas características, acreditamos haver encontrado condição que satisfaça as exigências propostas por Sánchez (1995) em um *corpus* composto por *entrevistas radiofônicas*. Isto porque, além da possibilidade de obtermos estes enunciados por meio da internet – em rádios das sete regiões dialetais que disponibilizam sua transmissão *on-line* –, esse gênero, como já mencionamos, resgata uma variedade linguística não muito distante do vernáculo.

Conscientes de que enunciados pertencentes a um só gênero e de uma única modalidade da língua (falada), não podem constituir um *corpus* representativo da totalidade de usos linguísticos de uma comunidade de fala, limitaremos nossas considerações a um importante âmbito do uso do castelhano na Argentina, no qual se observa o domínio da oralidade, com pouco monitoramento, logo, mais espontâneo. Além disso, o recurso a esse gênero nos garante a observação da fala de uma quantidade significativa de informantes das sete regiões dialetais do país, tornando viável um estudo diatópico.

Por assumirmos os pressupostos da Sociolinguística e da Dialectologia, torna-se imprescindível a obtenção de informações que nos descrevam os indivíduos e seu entorno de enunciação, especialmente no que diz respeito a seu local de origem. Mais uma vez, a opção por esse gênero e o apoio da internet possibilitaram o acesso a esses dados ora por inferência na própria entrevista, ora por contato direto com as rádios (e-mail) ou, até mesmo, por meio de rede de relacionamentos (*facebook*).

Sobre a obtenção dos textos, o uso do *software Audacity 1.3*, como já mencionado, serviu-nos para gravação das entrevistas – as quais compartilham preponderantemente a característica de serem ao vivo. O trabalho de gravação e transcrição teve início em março de 2010 e terminou em dezembro do mesmo ano. Dispomos o Quadro 22 que relaciona as regiões dialetais da Argentina com informações das entrevistas.

77 Haja vista que nossa proposta visa à observação de sete regiões dialetais argentinas dentro de um prazo predeterminado.

Quadro 22 – Da descrição das entrevistas radiofônicas que compõem o corpus

Região	Rádio	Site	Programa	Nº Entrev.	Tempo de gravação total	Nº de palavras	Nº de PPC	Nº de Inform.	Idade (anos)	Sexo
1. Bonaerense (Buenos Aires)	Continental	www.continental.com.ar	La mañana	4	00:46'58"	7.770	20	6	37 - 70	2
		www.radiopalermo.com.ar	Comunas en Plural Entre nosotras							
2. Cuyana (Mendoza)	LV10	www.lv10.com.ar	La deportiva	6	00:47'14"	8.104	45	13	33 - 51	4
			Tiempos Modernos							
3. Noroeste (S.M. de Tucumán)	LV 12 (Indep.) LV7	www.lv12.com.ar www.lv7.com.ar	Manyines en la radio	5	00:47'56"	8.467	76	8	37 - 59	2
			Tarde							
4. Central (Córdoba)	Cadena 3	www.cadena3.com	Carrusel	5	00:50'56"	9.088	86	11	21 - 67	0
			Sucesos deportivos Meda de café							
5. Nordeste (Posadas e outras)	Antena Uno República Misiones	www.antenamisiones.com	Dijo la radio	5	00:48'40"	7.995	29	13	31 - 66	3
		www.republica99.com.ar	Estamos en vuelta							
		www.noticiasde16.com	La mañana Jorge Kurrle XXX							
6. Litoral (Rosario/M. Juana)	Meridiano María Juana La deportiva	www.fmmeridiano.com.ar	Zona de noticias	4	00:48'32"	8.441	30	7	24 - 60	1
		www.radiomariajuana.com	Comunicándonos							
		www.ladeportiva.com.ar	Punta pie inicial							
7. Patagonia (Com. Rivadavia)	Vision Plus 10	www.fmradiovision.com	La mañana de hoy	4	00:46'34"	7.204	23	9	37 - 55	0
		www.plus10.com.ar	Café comodoro La revista							
TOTAL	14 rádios		22 programas	33	05:37'15"	57.069	309	67	21 - 70	12

Como podemos observar, as 5h37min15seg, referentes à gravação de 33 entrevistas radiofônicas (Nº Entrev.), forneceram-nos mais de 57 mil palavras,⁷⁸ sendo, em média, mais de oito mil a quantidade de palavras provenientes de cada região. Em relação a nosso objeto de análise, foram encontradas 309 ocorrências (Nº de PPC), havendo algumas regiões com notável diferenciação enquanto à produtividade da forma. Essa diferença era prevista e será a motivadora de nossas discussões no capítulo posterior.

Vale a pena repararmos que dentro do grupo de 67 falantes (Nº de Inform.) encontramos indivíduos que possuem desde 21 anos até 70 anos. No entanto, os dois extremos não formam parte do grupo etário preponderante nesse gênero. Se realizarmos a média aritmética da idade dos 67 indivíduos, encontraremos que a idade mediana dos falantes é de 44 anos. Em relação ao sexo dos informantes, nota-se claramente a preponderância de homens, número que chega aos 82%. Esses dois dados (idade e sexo) fazem-nos refletir, mais uma vez, sobre o gênero discursivo em questão. Seria a entrevista radiofônica marcada pela presença de uma população masculina e adulta?

Seguindo a tipologia proposta pela Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2000), nosso material de análise se identifica com o modo falado, pois tanto em sua concepção como em sua propagação faz uso da oralidade. Enquanto ao tempo, trata-se de um *corpus* sincrônico e contemporâneo, por abordar um único período: o corrente. É dialetal e especializado, por apresentar, respectivamente, um conteúdo que visa satisfazer um estudo dialetológico e por decorrer de um único domínio discursivo: o jornalístico. Por fim, é um *corpus* de língua nativa, já que seus autores também são nativos.

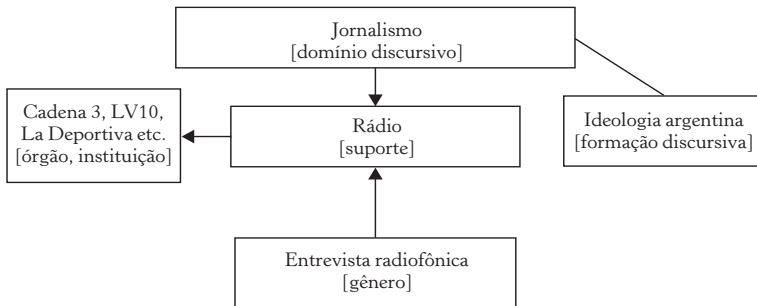
Em relação ao tamanho do *corpus* elaborado e sua relativa representatividade, é pertinente observarmos que, como propõe Berber Sardinha (2000, p.346), lidamos com um *corpus* pequeno, por possuir menos de 80 mil palavras. No entanto, o autor adverte que “a quanti-

78 As informações de tempo de gravação e quantidade de palavras foram obtidas, respectivamente, por meio da linha do tempo exposta no *Audacity* 1.3 e pela ferramenta contar palavras, do editor de texto *Microsoft Office Word* 2003.

dade mínima de dados necessários para a formação de um *corpus* nunca foi estimada [...], sendo o critério de tamanho empregado subjetivamente na definição de *corpus*” (ibidem, p.345). Enquanto a nosso objetivo maior, pela quantidade de ocorrências do PPC, julgamos que o *corpus* é suficientemente significativa para o estudo da forma verbal.

Aplicando a discussão feita sobre gêneros do discurso aos enunciados do *corpus*, chegamos à confecção da Figura 27, na qual nos é mostrado como cada categoria teórica vinculada à noção de gênero do discurso se organiza na produção da entrevista radiofônica:

Figura 27 – Da relação do *corpus* com as categorias teóricas envolvidas no estudo do gênero discursivo



Para tratarmos algumas características relacionadas ao estilo, ao tema e à composição dos enunciados, recorreremos, como havíamos comentado, ao auxílio do *tropes*, *software* de processamento semântico. Segundo sua análise, o tipo textual preponderante na composição dos enunciados do *corpus* é o argumentativo, ainda que os demais tipos sejam encontrados com bastante frequência.

Sobre o tema, foi-nos apontada a preponderância de debates sobre questões sociais. No entanto, também estiveram presentes temas ligados à geografia e urbanismo, arte e cultura, política, ciências e tecnologia, economia e finanças, jogos e esportes, animais, alimentação, empresarial, saúde e doenças, direito e justiça, emprego e trabalho,⁷⁹

79 Apropriamo-nos da terminologia empregada pelo próprio *software*.

Juntos, os tipos de verbo e a modalização temporal delineiam uma situação satisfatória para o estudo da realização do *pretérito perfecto compuesto*, isso porque há a recorrência de modos de ação (dinâmicos e estáticos) e concepções temporais (concomitância com o momento de enunciação, iteratividade, anterioridade e posterioridade) diversificadas. Os quais, em interação com o *pretérito perfecto compuesto*, irão nos auxiliar na compreensão do fenômeno linguístico a que se volta esse trabalho.

Salientamos ainda a preponderância de formas pronominais de primeira e de segunda pessoas do singular – reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero, na qual duas pessoas estão em diálogo direto –, e a tendência da variedade linguística usada nesse gênero aproximar-se do uso menos monitorado e espontâneo da língua; isto é, do uso vernacular. Podemos citar, como exemplo, os seguintes fragmentos:

34. “*Hola, Víctor Hugo, Tanto tiempo, ¡qué placer! me estaba riendo con los chistes de tu compañero.*” <BsAs, Gr 02>.

35. “*Para hablamos de Libertad, como siempre, Rodrigo Carrizo, a quien saludamos. ¿Cómo Estás? Rodrigo, Buenas Tardes*”. <MDZ, Gr 02>.

36. CAR: 2007, *ahora sí, ahora sí, ahora sí. Acomodaditos.*

MAR: *Ya estamos todos acomodados.*

CAR: *Impresionante este feriado.*

MAR: *¿Qué onda?* <TUC, Gr 01>.

Nos enunciados apresentados, além de expressões que indicam uma situação de aproximação e espontaneidade (“*¡qué placer!*”, “*me estaba riendo*” e “*chistes*”), encontramos conjugação verbal (*estás*) e paradigma pronominal (*tu compañero*) referente à segunda pessoa do singular *vos*, cujo uso, na Argentina, também está relacionado a circunstâncias de menor formalidade e maior familiaridade. Destacam-se também repetições com efeito cômico (“*ahora sí, ahora sí, ahora sí*”), uso de diminutivos (“*Acomodaditos*”), expressões de gosto pessoal (“*¡qué placer!*”, “*Impresionante*”), formas de questionamento e cumprimentos menos formais (“*Hola*”, “*¿Cómo estás?*”, “*¿Qué onda?*”), entre tantos outros exemplos verificáveis na totalidade do *corpus*.

Não obstante, em dada ocasião, havíamos advertido que eventualmente se poderiam encontrar marcas que apontavam para um monitoramento linguístico. Assim, entre outras, são evidências de monitoramento os seguintes grupos de marcadores conversacionais:

- **repetições de palavras ou grupo de palavras:** “[...] *hemos progresado bastante en lo... en lo grupal y en en en lo técnico, en lo táctico. Así que estamos... estamos bien* (MAR, masc.; 33 anos, tesoureiro do clube 9 de julio, 3. COR).

- **pausas na fala:** [...] *Eh... la cifra era monstruosa, ha bajado Eh... bueno Eh... [...]* (FAR; masc.; 51 anos; administrador, 4. ROS).

- **repetição de unidades lexicais ou paralexicais:** como uso excessivo de “*eh*”, “*este*” e “*bueno*”: “*Eh... bueno, una Eh... una sesión muy emotiva*”; “[...] *un romance que que se mantiene y, bueno, eh... [...]*”; “*Este... de estas personas que [avalaron] la desaparición de personas, la detención de hijos de desaparecido, la apertura, este... yo digo que este... nadie puede dormir con esta sensibilidad [...]* (TOR, masc.; 58 anos, senador, 4. POS).

Ou seja, não negamos a importante aproximação entre o uso vernacular e a variedade linguística usada no gênero entrevista radiofônica, no entanto, há de levar em consideração que o falante é sensível à realidade linguística instaurada neste gênero e tende a se ater um pouco mais ao modo como fala. De maneira que não podemos considerar as conclusões provenientes da análise deste material como válidas, necessariamente, para um contexto casual de monitoramento quase nulo, como se espera, por exemplo, da conversa cotidiana entre amigos.

Em síntese, o estudo do gênero discursivo permitiu-nos conhecer o material linguístico que nos servirá de base para aferirmos nossas conclusões sobre os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas sete regiões dialetais da Argentina. Consideramos essa abordagem teórica fundamental, pois nos fornece o entorno enunciativo destes “enunciados relativamente estáveis” (Bakhtin, 1997). Por conseguinte, somos levados a conhecer fatores linguísticos e extralinguísticos que, de algum modo, possam estar relacionados ao uso do PPC.

Uma vez exposto e justificado o material que nos servirá de base para o conhecimento dos usos e valores do *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais argentinas e somadas as já apresentadas orientações teóricas sobre temporalidade e aspectualidade verbais, passemos, no capítulo seguinte, à análise efetiva da forma verbal no contexto geográfico alvo de nosso interesse.

5

OS VALORES ATRIBUÍDOS AO PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO NAS REGIÕES DIALETAIS DA ARGENTINA

A fim de iniciarmos a análise do uso do *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais da Argentina, observemos o Quadro 23. Nele, procuramos expor, fundamentalmente, a quantidade de casos do PPC encontrada no *corpus* e sua relação com os valores atribuídos à forma verbal. Assim, as sete primeiras colunas formadas por dados numéricos destinam-se à descrição mais atenta do PPC nas sete regiões dialetais argentinas. Por sua vez, a última coluna totaliza os casos encontrados no país.¹ Chamamos atenção aos dados destacados em azul por indicarem o valor mais recorrente tanto em cada uma das regiões como no país, de modo geral. De maneira semelhante, os grifos amarelo e vermelho assinalam, respectivamente, o segundo e terceiro valores mais verificados no *corpus*.

1 O símbolo “#” faz menção à quantidade de casos de PPC encontrados com cada sentido nos respectivos *subcorpora* e “%” faz referência ao peso proporcional que guarda cada sentido em relação à quantidade total de ocorrências em cada região.

Quadro 23 – Da distribuição das ocorrências do PPC conforme seus valores e regiões

Região Valores	Bonaerense		Patagônica		Nordeste		Litoral		Cuyana		Noroeste		Central		Total	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
Antepresente	0	0,0	0	0,0	7	24,1	0	0,0	2	4,4	7	9,2	7	8,1	23	7,4
Passado imediato	0	0,0	5	21,7	2	6,9	0	0,0	1	2,2	12	15,8	1	1,2	21	6,8
Resultado	11	55,0	8	34,8	13	44,8	14	46,7	29	64,4	14	18,4	40	46,5	129	41,7
Experiencial	5	25,0	3	13,0	2	6,9	6	20,0	9	20,0	9	11,8	22	25,6	60	19,4
Persistência	1	5,0	2	8,7	4	13,8	5	16,7	3	6,7	9	11,8	11	12,8	35	11,3
Passado absoluto	3	15,0	4	17,4	1	3,4	5	16,7	0	0,0	19	25,0	4	4,7	36	11,7
Antepretérito	0	0,0	1	4,3	0	0,0	0	0,0	1	2,2	2	2,6	1	1,2	5	1,6
Prospectivo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	20	100,0	23	100,0	29	100,0	30	100,0	45	100,0	76	100,0	86	100,0	309	100,0
		6,5		7,4		9,4		9,7		14,6		24,6		27,8		

TOTAL DE USOS DO PPC

Aproximando-nos dos dados expostos sob uma perspectiva quantitativa, chama-nos a atenção a preponderante ocorrência do valor de *resultado* nas regiões dialetais do país – com exceção à região noroeste, onde ocupa a segunda posição dentre os valores mais recorrentes. Em consequência, esse é também o valor mais recorrente na análise geral do *corpus* elaborado para este trabalho. Aliado a esse cenário global, destacam-se também os valores *experiencial*, de *passado absoluto* e de *persistência*. Aquele, com 19,4% dos casos totais, mostra-se como o segundo valor mais recorrente no *corpus* e estes dois últimos ocupam a terceira posição por representarem, cada um, pouco mais de 11% das ocorrências totais.

É relevante destacar que esse panorama de valores mais recorrentes do PPC pode variar conforme nos dirigimos mais pontualmente a algumas das regiões argentinas. Tanto é assim que as regiões patagônica e nordeste inserem, respectivamente, os valores de *passado imediato* (21,7%) e *antepresente* (24,1%) na segunda posição dos valores mais recorrentes dentro dos *subcorpora* analisados. Aproveitando o ensejo, especificamente sobre esses dois sentidos, é válido observarmos que os *subcorpora* das regiões patagônica, bonaerense e do litoral não apresentam qualquer caso do PPC com valor de *antepresente*, assim como o valor de *passado imediato* não figura nessas duas últimas regiões citadas. Não deixemos de observar que, apesar desses valores figurarem nas regiões cuyana, noroeste e central, há, nelas, outros usos que ocorrem com frequência proporcionalmente maior.

Margeando outras particularidades na distribuição dos valores mais usuais nas regiões, observemos que tanto em Buenos Aires (bonaerense) como em San Miguel de Tucumán (noroeste) figuram mais recorrentemente os sentidos de *resultado*, *experiencial* e *passado absoluto*, diferenciando-se, no entanto, pela ordem em que aparecem, isso porque, em Buenos Aires, o valor de *resultado* figura em primeiro lugar, sendo seguido pelo valor *experiencial* e pelo valor de *passado absoluto*. Em San Miguel de Tucumán, por sua vez, o valor de *passado absoluto* assume a posição de maior produtividade, passando o sentido de *resultado* e *experiencial* para a segunda e terceira posições, respectivamente.

A região central e a região cuyana diferenciam-se das duas regiões anteriores por apresentarem o valor de *persistência* na terceira posição, sendo este antecedido pelos valores de *resultado* (primeiro) e *experien- cial* (segundo). De maneira muito semelhante, na região do litoral a ocorrência dos valores segue a mesma ordem dos dados apresentados anteriormente, no entanto, nota-se o valor de *passado absoluto* ocorren- do na mesma proporção que o valor de *persistência* – ambos na terceira posição. Sobre o valor *prospectivo*, nenhum caso foi encontrado em todo o *corpus* que compilamos.

Atendo-nos à quantidade total de ocorrências do PPC por área, conferimos que as regiões noroeste e central apresentam a maior quantidade de uso do PPC, sendo, respectivamente, 76 (24,6%) e 86 (27,8%) casos verificados em cada um dos *subcorpora*. Assim, juntas, as duas zonas são responsáveis por mais de 50% dos casos verificados no *corpus* (52,4%). Por sua vez, as regiões bonaerense (20/ 6,5%), patagônica (23/ 7,4%), nordeste (29/ 9,4%) e do litoral (30/ 9,7%) apresentam um uso mais tímido do PPC, o qual não alcança os 10% – em cada uma delas – do total geral no *corpus*. Desse modo, somadas as quatro regiões, encontramos 33% dos casos totais do PPC encontrados no *corpus* compilado para nossos propósitos de análise. Finalmente, parece que a região metropolitana de Mendoza – região cuyana – possui uma recorrência intermediária do PPC, isso porque notamos 45 casos, que correspondem a pouco menos de 15% do total.

Antes de desenvolvermos uma discussão que relacione os dados apresentados aos apontamentos teóricos referentes à dialetologia hispânica que fizemos no desenvolvimento deste trabalho, passemos para um tratamento qualitativo dos dados coletados. Com esse en- foque, esperamos melhor abalizar a definição dos valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas sete regiões dialetais Argentinas.

Antepresente

O primeiro valor tomado do Quadro 23 é o de *antepresente*, e como previamente comentado, foi encontrado nos *subcorpora* das cidades de

Posadas (nordeste), da região metropolitana de Mendoza (Cuyo), de San Miguel de Tucumán (noroeste) e de Córdoba (central). De modo geral, observam-se 23 (7,4%) casos do PPC com esse valor. A seguir, expomos alguns enunciados retirados do *corpus* e que exemplificam o valor em discussão:

37. <NORDESTE> [en este año] **hemos tenido** *eh... mucha eh suerte en esta eh instancia de la me... mediatización de muchos problemas, incluso el de hambre cero [...].* <POS, 26, Gr 02>.

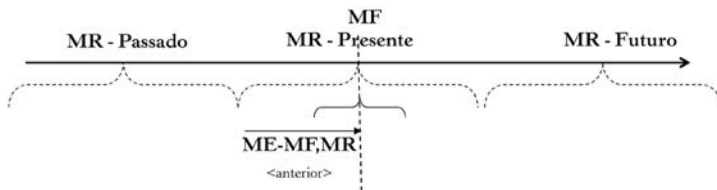
38. <CUYO> *Se está, en este momento, capacitando a toda la estructura censal. Ya se **ha capacitado** a lo jefes de departamento, a los jefes de fracción y hora sigue, en la próxima etapa, la capacitación a jefes de radio.* <MDZ, 32, Gr 05>.

39. <NOROESTE> *Lo que **hemos hecho** en este primer tramo de nuestra gestión es sentar las bases de trabajo.* <TUC, 45, Gr 03>.

40. <CENTRAL> [...] este año se han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos en esta sola campaña. <COR, 17, Gr 02>.

Desde o Capítulo 4 deste livro, temos verificado que o valor de *antepresente* relaciona-se mais intimamente com o traço do *tempus*, uma vez que se constitui na relação do momento do evento (ME) com o momento de fala (MF). Para sermos mais claros, a partir da Figura 29, podemos conferir que, nesse valor, tanto o ME como o MF são envoltos por um mesmo âmbito primário, o qual recebe o nome de momento de referência presente (MR-presente) por possibilitar a visualização de uma ação pretérita a partir de uma perspectiva de presente.

Figura 29 – Dos valores de *antepresente* e *pasado inmediato*



Como sabemos, a presença de marcadores temporais que expressam um tempo suficientemente amplo para envolver tanto o evento (ME) como o ato de fala (MF) pode evidenciar esse valor (Piñero Piñero, 1998). Tanto é assim que a observação dos dados oferecidos pelo *corpus* mostrou-nos que a maior parte dos enunciados portadores desse valor possui um marcador temporal explícito que salienta o valor de *antepresente*. Conscientes dessa característica e atentando-nos, a título de exemplo, ao fragmento da região cuyana, observamos que enquanto o advérbio “*ya*” enfatiza o término da ação descrita, o marcador temporal “*en este momento*” assinala-nos justamente que, apesar de pretérito, o evento (ME) é envolto pelo mesmo momento de referência que abarca o MF.

A importância de um marcador temporal para esse uso parece ser tamanha que, na ausência de um deles, o contexto discursivo possibilita-nos a sua fácil inferência, tanto é assim que recuperamos facilmente a locução adverbial elíptica *en este año* no enunciado 37 (nordeste).² Ainda descrevendo os marcadores que circundam o PPC quando portador desse valor, a RAE (2009) explica-nos ser muito comum a construção de locuções adverbiais temporais a partir do pronome demonstrativo *este*. De fato, com exceção a “*en el último año*”, todos os outros marcadores temporais encontrados junto ao uso do PPC com o valor de *antepresente* trouxeram o demonstrativo explícito em sua estrutura composicional. Vejamos os casos encontrados no *corpus*: “*esta semana*”, “*en este momento*” (38. <Cuyo>), “*en este año y medio*”, “*en este primer tramo de nuestra gestión*” (39. <nordeste>), “*este año*” (40. <central>).

A partir da observação do modo de ação vigente nos enunciados encontrados, podemos concluir que esse tipo de informação parece não ser determinante na atribuição do valor de *antepresente* à forma verbal, haja vista que encontramos os quatro tipos de modo de ação

2 A melhor inferência desse marcador temporal se dá mais facilmente se consideramos um contexto discursivo maior, no qual observamos outras referências à concepção temporal expressa pelo marcador elíptico.

descritos por Vendler (1967)³ associando-se ao PPC quando detentor desse sentido: estado (“*tener mucha suerte*”, 37. <nordeste>), atividade, *achievement* (“*capacitar a los jefes*”, 38. <nordeste>) e *accomplishment* (“*hacer eso*”, 39. <noroeste>).

Passado imediato

De comportamento muito semelhante ao sentido anteriormente estudado, o valor de *passado inmediato* também compartilha a aparente sobrepujança do traço de *tempus* na determinação de seu valor. No entanto, específico a ele seria o fato do âmbito primário de perspectiva presente (MR) – que envolve o momento do evento (ME) e o momento de fala (MF) – ter uma abrangência menor, alcançando, no máximo, a envoltura temporal de um dia (Alarcos Llorach, 2005). Logo, a distância temporal entre o evento e o ato de fala é encurtada a, no máximo, 24 horas.

Conforme nos acusam os dados expostos no Quadro 23, o valor de *passado inmediato* é o terceiro valor menos recorrente na totalidade do *corpus* de análise (23 casos, 6,8%) e figura em apenas cinco dos sete *subcorpora* observados: patagônia, nordeste, Cuyo, noroeste e central. Observemos os enunciados exemplificadores do valor:

41. <PATAGONIA> [...] *venís a decir lo tuyo. Seguramente, después de todo lo que **has escuchado** en este comienzo del programa.* <CMR, 01, Gr 01>.

42. <NORDESTE> *Tienen que ver la foto, tienen tienen que ver la la foto... **le he sacado** [hace poco] un par de fotos que seguramente después eh van a salir replicadas en triple doble ve antena misiones punto con.* <POS, 08, Gr 01>.

43. <CUYO> [...] *algo que **ha sorprendido** en las últimas horas tiene que ver con la...eh... el crecimiento de algunos proyectos que vienen desde China directamente.* <MDZ, 27, Gr 05>.

3 Para mais informações sobre os modos de ação, ver Capítulo 3.

44. <NOROESTE> [...] *mirá la sonrisa que me echa paz cuando ha dicho [recién] “a elección”*. <TUC, 14, Gr 02>.

45. <CENTRAL> *Diez y media de la noche estaba todo cerrado, salvo una pizzería que se llama La Romana y un lugar que... adonde hemos almorzado hoy que se llama Ocean Baquer, que es de pescado*. <MDZ, 03, Gr 01>.

Observando os marcadores temporais que podem salientar o valor de *passado imediato*, encontramos no *corpus* de análise as seguintes expressões: “*en este comienzo de programa*” (41. <patagônia>), “*en las últimas horas*” (43. <cuyo>), “*hoy*” (45. <central>), “*recién*”, “*ahora*”. Outra característica importante observada no *corpus* deve-se a que esses marcadores temporais são preponderantemente explícitos em enunciados portadores desse sentido. Não obstante, quando ausentes, facilmente detectamos os marcadores temporais implícitos que identificam a aproximação existente entre o ME e o MF – esse foi o procedimento adotado nos enunciados 42 (nordeste) e 44 (noroeste), nos quais inferimos, respectivamente, *hace poco* e *recién*. Evidentemente, o processo de inferência desse marcador temporal dá-se a partir de um contexto discursivo maior; de modo que se observamos o fragmento 44, por exemplo, verificaremos um outro integrante do contexto de enunciação lendo uma mensagem de celular segundos antes de se enunciar o trecho presente.

Além do traço do *tempus* e da presença do marcador discursivo enfatizando o tipo de relação temporal existente entre o ME e o MR, uma terceira característica foi possível ser identificada a partir da observação do *corpus*. Conforme os dados observados, parece haver uma maior preponderância de enunciados em *achievement* (“*algo que ha sorprendido*”, 43. <cuyo>) e *accomplishment* (“*le he sacado un par de fotos*”, 42. <nordeste>), modos de ação que se caracterizam por apresentar ações terminativas, ou seja, com ponto final inerente. Por consequência, essa informação parece também reforçar a ideia de completude do evento descrito.

Resultado

O próximo valor contemplado pelo Quadro 23 é o de *resultado*, o qual, pelo seu alto índice de ocorrência (129 casos, 41,7%), pode ser verificado facilmente em todos os *subcorpora* analisados. Se nos lembrarmos da característica básica desse valor, saberemos que o PPC de *resultado* procura apresentar, no momento de enunciação, a relevância de uma eventualidade já concluída. Em outras palavras, esse uso da forma composta promove a apreciação de estados atuais e resultantes de uma situação pretérita. A fim de melhor observarmos essas e outras características, atentemo-nos ao uso do PPC em alguns exemplos retirados do *corpus* de análise:

46. <BONAERENSE> [...] *yo prácticamente me he criado este... en en el teatro avenida, este... luego dirigí espectáculo de café con sed y de niños, pero nunca me atreví a un texto así...tan importante.* <BsAs, 16, Gr 04>

47. <PATAGONIA> *No, cada cual hizo su propuesta [...], pero... los tres tenían... coinciden en algo fundamental que era el objetivo. [...] se ha empezado a transitar que es que Bussi sea el próximo gobernador [...].* <CMR, 14, Gr 03>.

48. <NORDESTE> [...] *la motoniveladora eh tratando de de de trabajar la tierra seguramente para que la mancha de petróleo no siga avanzando sobre las costas, en este caso ya ha llegado a las costas de Florida ¿no?* <POS, 02, Gr 01>.

49. <LITORAL> [...] *se hizo con tanta rapidez éxito y con tanta rapidez fracaso que creo que les hemos sacado valor y significado a las palabras [...].* <ROS, 19, Gr 04>.

50. <CUYO> [...] *el muy mal comienzo de tigre y la irregularidad demostrada por Gimnasia y River de la Plata le han permitido al equipo de Ángel Capa [...] quedar al gordo de salir de la promoción [...].* <MDZ, 01, Gr 01>

51. <NOROESTE> [...] *me gustaría que nos confirme usted: ¿[ya] ha presentado finalmente la renuncia a la obra social del PAMI filial Tucumán?* <TUC, 53, Gr 05>.

52. <CENTRAL> *Las fuertes multas y la fuerte clausura se... han estado cuarenta y cinco días, negocios clausurados, por el expendio de alcohol [...].* <MDZ, 63, Gr 05>.

Tal como nos mostram os enunciados elucidadores, o uso do PPC permite que a relação entre uma situação inicial e uma situação final dê-se de três formas:

1. com o PPC expressando o resultado final de uma situação anterior já terminada. Esse é o caso do fragmento da região litorânea (49), no qual entendemos que “*les hemos sacado valor y significado a las palabras*” resulta da forma rápida como se fez “*éxito*” e “*fracaso*”. Da mesma maneira, podemos encontrar essa relação causal nos fragmentos das regiões patagônica (47), cuyana (50) e central (52).
2. com o PPC expressando a causa de um resultado expresso na continuação do enunciado. Verificamos essa situação no fragmento retirado no *subcorpus* da região bonaerense (46), no qual o fato de ter se criado no teatro permitiu ao enunciador dirigir diferentes espetáculos.⁴
3. com o PPC expressando a causa de um resultado não expresso na continuação do enunciado, mas implícito na realidade discursiva instaurada. Esse é o caso, por exemplo, do fragmento oriundo da região noroeste (51), em que ao fazer uso do PPC para perguntar se o secretário de governo já “**ha presentado finalmente la renuncia**”, o enunciador deixa implícita a possibilidade de haver, na atualidade, alguma mudança na gerência do PAMI.

Quando demos início às discussões sobre o valor de *resultado*, vimos que o traço aspectual *perfecto*, presente no PPC, é o principal agente constituidor desse sentido, pois é essa informação aspectual a

4 Apesar de não veicular propriamente o resultado de um estado ou ação anteriores, nesse contexto de uso, o PPC ainda se relaciona com o valor de *resultado* por apresentar uma cena inicial terminada que demonstrará as consequências resultantes de seu término – na continuação do enunciado – por ser ainda relevante para o enunciador.

responsável por marcar no presente a relevância de uma ação passada (Comrie, 1993a; García Fernández, 1995; 2008; Cartagena, 1999).

Ainda de acordo com nossa análise do *corpus*, notamos a preponderância de predicados em *achievement* e *accomplishment* na expressão desse valor. Acreditamos que isso se deve a que os dois modos de ação apresentam acontecimentos cujo limite é inerente; e que, por isso, possibilitam a expressão (ou impressão da existência) de um estado resultante da situação antes descrita. Essa característica vai diretamente ao encontro das palavras de Rodriguez Louro (2008), quem já afirmara a maior recorrência desse valor junto a enunciados téticos.

Em particular, o modo de ação *achievement* – significativamente mais recorrente que o *accomplishment* – recebe um especial destaque junto ao valor de *resultado* porque, por si só, implica a transição entre dois estados: um inicial e outro resultante deste. Este é o caso, por exemplo, de *permitir quedar al gordo*, no fragmento da região cuyana, haja vista que se trata de uma oração que opõe uma situação inicial, em que não existe dada permissão, de uma situação final, na qual passa a vigorar a autorização. Não obstante, temos de considerar que a observação do *corpus* indicou-nos também a existência de enunciados veiculadores de outros modos de ação, tanto é assim que o fragmento da região central apresenta um exemplo do modo de ação de estado (*estar cuarenta y cinco días*).

Sobre a associação de marcadores temporais a enunciados portadores do valor *resultativo*, os dados acusam uma maior ocorrência de casos em que não figura nenhum marcador temporal explícito. No entanto, quando eventualmente se verifica a presença explícita de marcadores, observamos que eles não aportam um valor temporal especificador, mas, ao contrário, expressam um âmbito temporal suficientemente amplo para não determinar o momento quando se deu o evento, legando à situação descrita certo grau de inexatidão temporal. São esses os marcadores temporais associados aos enunciados portadores do valor de *resultado* que foram encontrados no *corpus*: “*todo este momento*”, “*siempre*”, “*en los últimos tres partidos*”, “*nunca*”, “*en la vida*”, “*en los últimos años*”, “*durante el mundial*”, “*quince años*”, “*algunas veces*”, “*en esta carrera*”. Aliado a essas expressões temporais, devemos destacar

a recorrente presença, explícita ou implicitamente, do advérbio “ya”, o qual enfatiza que a eventualidade retratada já está concluída – observemos seu uso nos fragmentos retirados das regiões nordeste (48) e noroeste (51).

Outro comportamento importante inferido a partir da observação do *corpus* está relacionado ao recorrente uso de estruturas que colaboraram para a construção da relação lógica de causalidade existente entre uma situação inicial e uma situação final. Esse é o caso, por exemplo, de “*luego*”, no enunciado oriundo do *subcorpus* da região *bonaerense* – conjunção que introduz o resultado de “*haber se criado no teatro*”. São outros exemplos de expressões enfatizadoras de tal relação: “*ya que*”, “*y de esta manera*”, “*así que*”, “*porque*”, “*entonces*”, “*por eso*”, “*a partir de eso*”, “*por eso*”, “*por lo tanto*”, “*y*”, “*por eso mismo*”, “*sino*”.

Experiential

Em quarto lugar no Quadro 23 figura o valor *experiential* (60 casos, 19,4%), sentido responsável por expressar eventos cujo momento de acontecimento e cuja iteratividade são indefinidos – daí decorre outro nome frequentemente associável ao uso. Apesar do desconhecimento dessas informações, sabemos que se trata de uma situação passada e já terminada. Observemos o uso do PPC com esse valor nos seguintes enunciados retirados do *corpus*:

53. <BONAERENSE> *Sí, bueno, mirá... este... en mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores...* <BsAs, 15, Gr 04>.

54. <PATAGONIA> *Este... eh... pero hay básicamente Norma, mi señora, que es quien más me ha seguido en en cientos de aventuras, este... políticas [...].* <CMR, 05, Gr 03>.

55. <NORDESTE> [...] *las ventas en lo que es eh indumentaria oficial de la Argentina sube... Eh pelotas. Como que la gente manifiesta muchísimo las ansias por el mundial. En definitiva ¿qué es lo que más has vendido en este [copa]...?* <POS, 04, Gr 01>

56. <LITORAL> *Algunas veces los socios **han presentado** reclamos [...]*
<ROS, 16, Gr 04>
57. <CUYO> O [algunas veces] *lo **hemos contemplado** viendo cada vez que alguien **ha asistido** de que los ingresos a los lugares bailables, eh... digamos no haya gente que que ingrese con una arma blanca o arma de fuego.*
<MDZ, 16 e 17, Gr 04>
58. <NOROESTE> [...] *veintitrés presidentes, exactamente. Hemos conducido la casa los cincuenta y siete años de vida. Eh... ah... muchos de los cuales **han dedicado** grandes esfuerzos [...].* <TUC, 36, Gr 03>.
59. <CENTRAL> [...] *vamos a hablar ya mismo, precisamente, con Jorge Valenti que **ha hecho esa y otras declaraciones** para esta nota de la voz del interior.* <COR, 07, Gr 02>

Os fragmentos anteriores mostram-nos, mais uma vez, que há ocorrência do valor *experiencial* associado ao uso do PPC em todas as regiões dialetais argentinas. Em relação à construção do sentido que promulga, os enunciados das regiões patagônica (54), litorânea (56) e cuyana (57) mostram-nos que a ausência de um delimitador temporal abre precedentes para uma interpretação muito ampla do âmbito temporal em que dado evento aconteceu. Assim, a situação descrita pode haver sucedido em qualquer momento durante um extenso momento, que pode envolver até mesmo toda a vida do enunciador ou de quem se está falando. De fato, a observação do *corpus* mostrou-nos que os enunciados portadores deste valor são preponderantemente constituídos sem a presença dessa estrutura temporal especificadora. Assim, a título de exemplo, a observação do enunciado 57 indica-nos que a “contemplação” pode ter ocorrido diversas vezes em uma abrangência temporal suficientemente extensa para envolver toda a vida política do enunciador.

Por outro lado, é possível observar também o uso de alguns marcadores temporais que especificam um pouco mais o momento em que o(s) evento(s) sucedeu(ram) – este é o caso dos fragmentos das regiões bonaerense (53. “*en mi larga carrera*”), nordeste (55. “*en este [copa]*”), noroeste (58. “*los cincuenta y siete años de vida*”) e central (59. “*esta nota de la voz del interior*”). Entretanto-

to, mesmo usando o marcador temporal, não se sabe exatamente quando e nem com que frequência se deram os eventos descritos.

Ainda observando as estruturas periféricas ao PPC que operam na construção do valor *experiencial*, chamamos a atenção aos elementos que podem auxiliar no aporte do traço de iteratividade. Dentre eles, destacamos:

- **complemento verbal plural:** Como no fragmento das regiões bonaerense (53. “[...] *he dirigido espectáculos musicales*”), litorânea (56. “*han presentado reclamos*”), noroeste (58. “*han dedicado grandes esfuerzos*”) e central (59. “[...] *ha hecho esas y otras declaraciones*”).

- **sujeito plural:** Como nos fragmentos das regiões litorânea (56), cuyana (57) e noroeste (58), nas quais figuram, respectivamente, “*los socios*”, *nosotros* – oculto – e “*muchos de los cuales*”.

- **locuções de valor iterativo:** expressões como *varias veces*, *muchas veces*, “*algunas veces*” – esta é a que observamos, por exemplo, nos fragmentos 56 e 57.

- **outras estruturas adjuntas ao verbo:** Como no fragmento extraído do *subcorpus* da região *patagônica* (54), no qual se lê “[...] *me ha seguido en tantas de aventuras*”.

Como se visualiza nos enunciados exemplificadores, o favorecimento do traço de iteratividade não depende da ocorrência simultânea de todas as estruturas elencadas acima, mas basta haver uma única delas aliada ao traço de indefinição temporal. Em comum, observa-se também que todos estes indicadores trazem a marcação de pluralidade.

Finalmente, a observação do uso do PPC com esse valor no *corpus* possibilitou-nos comprovar que, do mesmo modo como já havia descrito Rodriguez Louro (2008), o sujeito das orações de valor *experiencial* possui o traço animado, tanto é assim que encontramos nos fragmentos acima expostos os seguintes sujeitos oracionais: *yo*, “*Norma, mi señora*”, *tú*, “*los socios*”, *nosotros*, “*alguién*”, “*muchos [presidentes]*”, “*Jorge Valenti*”.⁵ Essa característica implica reconhecermos que as situações descritas pelos enunciados foram experi-

5 Todos os pronomes pessoais sujeito estão elípticos.

mentadas por um alguém e que, por isso, podemos parafrasear o uso do PPC nesse contexto por “*ha tenido la experiencia de*” + *infinitivo* (sendo o *infinitivo* a forma do verbo anteriormente conjugado em PPC) (Rodríguez Louro, 2008).

Aplicando esse procedimento aos fragmentos expostos, observamos, por exemplo, que o enunciado 53 poderia ser lido como:

60. <BONAERENSE> *Sí, bueno, mirá... este... en mi larga carrera de actor he tenido la experiencia de dirigir espectáculos musicales, como los del Carmen Flores...* <BsAs, 15, Gr 04>.

Por fim, sobre o modo de ação presente nas orações, a análise dos casos encontrados mostrou-nos que o uso do PPC com esse valor pode estar associado a qualquer um dos quatro tipos apresentados por Vendler (1967).

Persistência

Outro valor que também figura entre os usos mais frequentes é o de *persistência* – quinto sentido exposto no Quadro 23, com 35 casos (11,3%). Como também observamos nos enunciados a seguir, trata-se de um uso verificado nos *subcorpora* de todas as regiões dialetais da Argentina.

61. <BONAERENSE> [...] *te cuento, Analía, yo era muy inquieto de chico o sea que... que con los años también me he añejado y sigo siendo inquieto* [...]. <BsAs, 20, Gr 04>.

62. <PATAGONIA> *No. La verdad, que el peronismo [siempre] me ha tratado de maravilla. No no nunca... nunca tenía planteado nada [...].* <CMR, 05, Gr 03>.

63. <NORDESTE> [...] *entre toda esta situación que hemos vivido [en estos últimos días] – la la la desaparición física de Néstor Kirchner, eh no tiene que hacer este...he reflexionado sobre lo que significa la palabra compromiso ¿no?* <POS, 17, Gr 04>.

64. <LITORAL> *Eh... Antes que nada, bueno... eh de alguna manera transmitirte... este... qué se yo, esta sensación que tenemos todos los hinchas, por lo bien que **ha actuado** Cultura Canalla, que le ha puesto un poco de sentido común a todo este momento [...]* <ROS, 01, Gr 01>.

65. <CUYO> *En este marco, eh... **se ha estado capacitando** [hasta ahora] aquellas personas que van a ser instructores, entonces, el cierre de esta capacitación consistía en esta práctica para que ellos pudieran aplicar el cuestionario.* <MDZ, 33, Gr 05>

66. <NOROESTE> [...] *confederación general económica en la República Argentina una entidad que... durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional.* <TUC, 34, Gr 03>.

67. <CENTRAL> [...] *cada uno de ellos tiene libertad de construir su candidatura eh... en el medio se van a ir buscando las alianzas que tradicionalmente ha tenido el peronismo con otros partidos, partidos provinciales u otras fuerzas políticas.* <COR, 45, Gr 04>.

Como vimos na apresentação feita em discussões anteriores sobre a construção dos sentidos atribuídos ao PPC, o valor de *persistência* é responsável por expressar eventos cujo início dá-se antes do momento de fala, mas que duram (persistem) até – ou após – a enunciação. Observando os traços que contribuem para a construção desse sentido, cremos que é relevante considerar a sobrepujante presença de orações em modo de ação estativo ou de atividade. Isso porque ambos os modos de ação expressam situações cujo término não está marcado; possibilitando, portanto, a impressão da manutenção de dado evento.

Essa característica pode ser observada em grande parte dos fragmentos expostos acima. Dentre eles, destacamos, a título de exemplo, os enunciados da região nordeste (63) e do litoral (64), nos quais, figuram, respectivamente, os verbos *vivir* – de modo de ação estativo – e *actuar* – de modo de ação de atividade. Haja vista que apresentam situações imutáveis que podem continuar ocorrendo indefinitivamente (Vendler, 1967; Riemer 2010), ao dizer “*hemos vivido* [en los estos últimos días]*la desaparición física de Néstor Kirchner*”, tem-se, desde um momento passado, um estado decorrente da morte do mandatário que persiste ininterruptamente até o presente. De modo muito

semelhante, ao dizer “[...] *lo bien que ha actuado Cultura Canalla*”, permite-se inferir que a “atuação” do grupo de torcedores também se estende desde o passado até o presente.

Por outro lado, não podem passar despercebidas outras estruturas linguísticas que também operam na construção do sentido de persistência, esse é o caso da informação de *tempus*, a qual nos permite ver, a partir de uma perspectiva de presente (MR-presente), uma situação cujo início se dá no passado. A informação do aspecto *perfeito* é também relevante, pois procura relacionar, de algum modo, o evento iniciado no passado com o momento de enunciação (MF). Dessa maneira, toda a cena durativa criada resulta da integração desses e outros elementos que verificaremos a seguir.

Antes, porém, ressaltamos que, apesar da expressiva ocorrência dos modos de ação citados, semelhante a Rodriguez Louro (2008), não negamos a possibilidade de verificarmos tipos de modos de ação cujo término do evento descrito é inerente – *achievement* e *accomplishment*. Esse é o caso, por exemplo, do enunciado da região patagônica, em que “*tratarme*” é uma ação que possui um término previsto. No entanto, ao associá-lo ao marcador temporal *siempre* – que aporta um valor reiterativo e de duração – propicia-se a interpretação de *persistência*. Assim sendo, parece-nos importante ater-nos também a alguns marcadores temporais que corroboram o sentido em pauta.

Desse modo, observamos no corpus o uso dos seguintes marcadores: “*con los años*” (61. <bonaerense>), *en los últimos días* (63. <nordeste>), “*a todo este momento*” (64. <litoral>), *hasta ahora* (65. <Cuyo>), *desde entonces*, “*durante muchos años*” (66. <noroeste>), “*tradicionalmente*” (67. <central>), “*los cincuenta y siete años [que estamos completando hoy]*”, [*toda la vida*], “*en los últimos veinticinco años*”, “*siempre*”, “*por tantos años*”, “*en los últimos años*”, “*a través de los años*”, [*desde entonces*], “*en estos tres años*”.

Por fim, a observação dos fragmentos 61 e 64 – da região bonaerense e litorânea, respectivamente – indica-nos que o uso de uma oração em *tempus presente* adjunta à oração cujo verbo está na forma do PPC pode servir também para salientar o sentido de *persistência*. Isso porque aproxima o evento iniciado no passado (PPC) da situação concomitante ao

MF (*presente de indicativo*) e nos mostra que consequências essa ação em marcha causa no momento concomitante à enunciação. Assim, ao se dizer, no enunciado 64, que “*esta es la sensación que tenemos los hinchas*”, mostra-se o cenário presente resultante do “*bien que ha actuado*” continuamente o grupo “*Cultura Canalla*”.

Para concluirmos, ressaltamos que a constituição do sentido de *persistência* dá-se pela união dos diferentes elementos linguísticos observados, não sendo necessário verificar a co-ocorrência de todos em um único enunciado.

Passado absoluto

O penúltimo valor contemplado pelo Quadro 23 é o de *passado absoluto* e, apesar de não ser considerado um uso canônico por diversos manuais de referência da língua espanhola, a observação de sua ocorrência no *corpus* indicou-nos que parece se tratar de um uso produtivo para a Argentina (36 casos, 11,7%). Tanto e assim que figura em seis dos sete *subcorpora* e se insere entre os usos mais recorrentes em cinco das regiões.

Antes de nos atermos um pouco mais em como se constitui, observemos alguns enunciados retirados do *corpus* que elaboramos.

68. <BONAERENSE> [...] *Mi labor específica y la labor de mi grupo es eh... llevar dignidad, por ejemplo, como lo hemos hecho el domingo pasado en el anfiteatro del parque Centenario.* <BsAs, 05, Gr 02>.

69. <PATAGONIA>: *El concejal [...] quien nos ha brindado [ahora] eh... su perspectiva de acuerdo con lo que ha sido una sesión muy particular el último jueves.* <CMR, 21, Gr 04>.

70. <NORDESTE> [...] *justamente terminamos ayer. Yo terminé [#####] hacer el homenaje a Néstor Kirchner. Eh... bueno, una eh... una sesión muy emotiva. [...] A la par, digamos, con las con las cámaras, en este caso, ha sido este homenaje ¿no?* <POS, 15, Gr 04>.

71. <LITORAL> [...] *bueno hace ya diez años, del dos mil [...] que estamos con este género, y bueno hay gente que ya del noventa y tres, noventa y cuatro ha estado cuando han hecho drácula acá [...]* <ROS, 10, Gr 03>.

72. <NOROESTE> [Yo creo] que ustedes mismo **han sido** el termómetro de lo que ha ocurrido con el cambio prestacional en aquel momento. <TUC, 66, Gr 05>.

73. <CENTRAL> Ayer **ha habido** algo diferente en la escena política argentina. Diferente, digo, eh... porque se **han reunido** una sorprendente cantidad de dirigentes del partido justicialista. <COR, 42, Gr 04>.

Observando, em princípio, o traço do *tempus*, os enunciados mostram-nos que, quando portador desse valor, o PPC não expressa somente situações (ME) anteriores ao momento de fala (MF), mas também vistas a partir de uma perspectiva de passado (MR). Em outras palavras, a forma verbal deixa de ser um *tempus* relativo de anterioridade em relação a uma situação presente ((0oV)-V) – como quando portadora do valor de *antepresente* –, e passa a ser um *tempus absoluto* que expressa uma situação direta de anterioridade ao momento de fala (0-V).⁶

Quando detentora desse valor, a oração costuma apresentar algum marcador temporal que evidencia o sentido que descrevemos. Tanto é assim que nos fragmentos expostos encontramos “*el domingo pasado*” (68. <bonaerense>), “*el último jueves*” (69. <patagônia>), “*ayer*” (70. <nordeste> e 73 <central>, “*del noventa y tres, noventa y cuatro*” (71. <litoral>) e “*en aquel momento*” (72. <noroeste>). Além desses marcadores, notamos os usos de “*hace unos días atrás*”, “*en su momento*”, “*el sábado [pasado]*”, “*hace aproximadamente un año y medio*”, “*unos días atrás*”, “*un fin de semana largo [el pasado]*”, “*en el curso de la semana de esa sesión [ya pasada]*”. Como vemos, todos os marcadores encontrados acusam uma separação temporal entre o momento do evento descrito e o momento de fala; em outras palavras, o ME deixa de ser visto a partir de uma perspectiva (MR) de concomitância ao MF e passa a ser observado a partir de uma perspectiva de anterioridade ao âmbito temporal que abarca a enunciação.

6 “(0oV)-V” corresponde a uma situação relativa, isso é, anterior (-V) a um evento que é concomitante (oV) ao ponto central (0). Por sua vez, “0-V” faz referência a um evento absoluto, pois traça uma relação de anterioridade (-V) diretamente em relação ao ponto central (0). Para tornar mais claro o que significa essas relações temporais, observe as Figuras 16 e 17, expostas no Capítulo 4.

A observação do comportamento do modo de ação, do sujeito e dos complementos verbais – relevantes para a análise de alguns dos valores anteriores – mostrou-nos que, aparentemente, tratam-se de estruturas que não operam de forma determinante na construção do sentido de *passado absoluto*. Essa conclusão deveu-se ao fato de esse valor associar-se aos diferentes tipos existentes em cada uma dessas categorias. Por outro lado, julgamos imprescindível nos atermos cautelosamente na contribuição aportada pelo aspecto *perfeito* ao sentido em questão. Isso porque, se compartilhamos da ideia de que há nessa forma verbal a manifestação deste traço aspectual (Comrie, 1993a; García Fernández, 1995 e 2008; Cartagena, 1999), passamos a visualizar as situações já terminadas como ainda relevantes no momento de fala.

Assim, poderíamos justificar o uso paralelo das formas simples (“*terminamos*”, “*terminé*”) e composta (“*ha sido*”) do *pretérito perfecto* no fragmento retirado do *subcorpus* da região nordeste (70). Isso porque, enquanto na observação do traço do *tempus* verificamos uma aproximação semântica do PPC com o PPS, na observação do traço aspectual, verificamos uma diferenciação no sentido das formas. Isso se deve a que ao dizer “*terminé*” – forma do PPS que possui o valor de *perfectivo*⁷ – não há preocupação em marcar qualquer consequência que possa advir do fim da ação; no entanto, ao dizer “*ha sido*”, descreve-se um estado já terminado, mas que, de alguma maneira, traça alguma relação com o momento de fala – mostrando-nos, por exemplo, a ainda atual presença do sentimento de luto.

Por outro lado, se desconsideramos a informação aportada pelo traço aspectual do *perfeito* e, com isso, atemo-nos unicamente à informação dada pelo traço do *tempus pasado absoluto* (ME, MR–MF; 0–V), podemos chegar a pensar que a forma composta (PPC) e a forma simples (PPS) encontram-se em variação nesse contexto de uso, haja vista que compartilhariam exatamente o mesmo valor e, portanto, comporiam uma variável linguística.

7 Como vimos, o aspecto *perfectivo*, presente na forma do *pretérito perfecto simple*, retrata a fase final da situação apresentada sem se preocupar com o que vem após seu término.

Antepretérito

Finalmente o último valor vislumbrado pelo Quadro 23 é o de *antepretérito*. Conforme acusa-nos o *corpus*, trata-se de um uso bastante escasso (5 casos, 1,6%) e observável em somente quatro dos sete *subcorpora* totais. Vejamos, a seguir, alguns casos encontrados:

74. <PATAGONIA> *Evidentemente, la Justicia ya le hizo pagar, cumplió su condena, o sea que ya pagó lo que **ha cometido** y ahora, seguramente, lo va a juzgar en el día de mañana.* <CMR, 02, Gr. 02>.

75. <CUYO> [...] *este ensayo, en realidad, fue como la culminación de una instrucción que se les **ha dado** a las personas que van a ser instructores de los jefes de radio y de los censistas.* <MDZ, 31, Gr 05>

76. <NOROESTE> *Yo creo que en el fondo se sintieron molestos por que **se han detectado** algunas irregularidades o presuntas irregularidades en un área del PAMI que se llama relación con beneficiario [...].* <TUC, 68, Gr. 05>.

77. <CENTRAL> *Se colapsó en un momento dado, porque, claro, el personal de la telefónica no **han previsto** esta concentración tan grande y que todos los chicos hoy le damos un celular para comunicarlos.* <COR, 83, Gr. 05>.

Atentando-nos aos traços que compõem o valor de *antepretérito*, verificamos no *tempus* um comportamento que se assemelha ao do *pretérito pluscuamperfecto de indicativo* (pretérito mais que perfeito do indicativo), isso porque também expressa um evento (ME) anterior a uma situação/referência (MR) que, por sua vez, antecede o momento de fala (MF). Assim sendo, tomando a notação de Reichenbach, representa-se este *tempus* como ME-MR-MF e, na notação de Rojo, como (0-V)-V.⁸

Conforme observado nos quatro enunciados encimados, os verbos conjugados no *pretérito perfecto simple* (ME, MR-MF) servem de referência passada para o PPC, haja vista que os eventos descritos pelo *perfecto compuesto* são anteriores aos expressos pela forma simples

8 Para retomar a discussão e deixar mais claro o que significam essas notações, retomar Figuras 4 e 7 no Capítulo 3.

(ME-MR-MF). Dessa maneira, ao dizer “*pagó*”, no enunciado 74, narra-se um evento que ocorre após a ação descrita pela forma composta, “*ha cometido*”. Em outras palavras, a forma composta expressa uma anterioridade à forma simples.

Acrescentando o traço aspectual à análise desse valor, perceberemos que, semelhantemente ao que ocorre no uso do PPC com valor de *passado absoluto*, ao se utilizar o PPC no contexto semântico prototipicamente associado à forma do *pluscuamperfecto de indicativo*, marca-se, graças ao traço do aspecto *perfeito*, a relevância presente de um evento *antepretérito*. Assim, no fragmento 75, a ação *antepretérita* apresentada pelo PPC (“*ha dado*”) implicaria não só a “culminação da instrução dos censistas”, mas também a constituição, no MF, de um quadro de funcionários preparados para realizar o censo argentino. Em poucas palavras, conclui-se, mais uma vez, a importância de considerarmos o aspecto *perfeito* na análise do *pretérito perfecto compuesto*.

Em relação aos outros elementos que ocorrem conjuntamente ao uso do PPC portador deste valor, os dados mostram que o tipo de sujeito não parece ser uma informação determinante na constituição do valor. Sobre o modo de ação, no entanto, nota-se unicamente o uso de orações de término inerente, tanto em accomplishment (fragmento da região cuyana, por exemplo) como em achievement (fragmento da região patagônica, por exemplo). Não obstante, devido à escassa quantidade de casos do PPC com o valor de *antepretérito*, não podemos assegurar essa característica, do mesmo modo que não podemos afirmar muito sobre o uso de marcadores temporais junto a este valor⁹.

Contribuições para o estado da arte

Dirigindo-nos a uma abordagem comparativa entre os dados descritos neste capítulo com as informações aportadas pelas pesquisas já existentes sobre o *pretérito perfecto compuesto* na Argentina, comprova-

9 Na prática, nenhum marcador foi encontrado nos enunciados veiculadores desse sentido.

mos a impossibilidade de assumirmos que o país apresenta uma única norma de uso do PPC (como sustentaram, explícita ou implicitamente, Gili Gaya (1970), RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969) e Oliveira (2006)) ou, ainda, duas únicas normas (como defendem Kany (1969), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara (2009)). Contrariando esses posicionamentos, a observação do Quadro 23 deve nos assinalar a complexidade que envolve a questão e que para proceder ao estudo da forma composta é necessário, primeiro, um estudo que considere a maior quantidade possível de áreas dialetais.

Sob essa perspectiva de contraste, observamos, na região bonaerense, um considerável grau de concordância com o que diz Gutiérrez Araus (2001), Kubarth (1992) e Rodriguez Louro (2008). Pois, conforme acusam os três autores, em dita região, a forma composta mantém-se viva em contextos específicos de uso, isto é, em situações em que se verifica o traço aspectual de *perfecto* marcado, tanto é assim que se destaca o uso preponderante do valor *resultativo*, seguido pelos sentidos de *persistência*, *experencial* e de *passado absoluto*. Em complemento, Gutiérrez Araus (2001) lembra-nos que, na região bonaerense, o PPC “não funciona como forma de *anterioridade imediata* a enunciação ou *antepresente*”.¹⁰ É desse modo que somos levados a concluir que parece haver um elevado grau de compatibilidade entre os estudos levados a cabo anteriormente e a descrição que apresentamos.

Sobre a região patagônica, por sua vez, não foi encontrado nenhum material que informe algo consistente sobre os valores atribuídos ao PPC; houve somente um trabalho que muito sucintamente afirma o predomínio da forma composta sobre a simples (Virkel, 2000; 2004). Como o interesse em sistematizar o uso do *pretérito perfecto simples* na Argentina não compôs o objetivo fundamental de nosso estudo, não podemos confirmar a afirmação da autora. No entanto, por nossa parte, parece-nos que por mais que a forma composta seja mais recorrente que a simples na região patagônica, seu uso ainda parece ser mais tímido que em quase todas as demais regiões.

10 “[...] no funciona como forma de *anterioridade imediata* a la enunciaci3n o *antepresente* [...]” (Gutiérrez Araus, 2001).

Encontramos na figura de Donni de Mirande (1968; 1980; 1992; 1997; 2004a e 2004b) a principal expoente da descrição do *pretérito perfecto* na região do *litoral*. Conforme a autora, tanto o PPS como o PPC podem apresentar o mesmo valor e, devido a essa neutralização, a forma composta tende a ser menos recorrente. Apesar de não descrever sistematicamente os valores atribuídos às formas do *pretérito perfecto*, seus dados mostram o uso do PPC com valor de *antepresente*, de *passado absoluto*, de *resultado*, de *experiência* e de *persistência*.

Curiosamente, esses quatro últimos valores são observados no *subcorpus* da região, ao passo que não se registra o uso do primeiro deles. Diante de um cenário que contraste as informações advindas dos estudos de Donni de Mirande e da observação do *corpus* que compilamos, poderíamos até mesmo pensar na possibilidade de haver uma mudança no uso do PPC na região – a qual restringiria o uso da forma composta a valores cujo traço aspectual é mais marcado. Entretanto, devido à brevidade de nosso estudo, não podemos assegurar a existência deste processo na norma *litorânea* – fundamentalmente no que tange ao valor de *antepresente*. Por nossa parte, no entanto, estranha-nos o fato de não encontrarmos uma única ocorrência no *corpus* do valor que mais costumemente opera em variação com o PPS.¹¹ É em razão dessa ausência que nos questionamos se já não haveria uma sobreposição do PPS no contexto de *antepresente*, ao passo que com outros valores, nos quais se marca o traço aspectual de *perfeito*, mantém-se o uso da forma composta.¹²

Os trabalhos sobre a região de Cuyo apresentam um posicionamento diferente do defendido por Donni de Mirande e mais próximos à postura dos trabalhos levado a cabo na zona bonaerense. Na prática,

11 Há estudos (Cartagena, 1999) que afirmam a existência de variedades do espanhol em que o PPS avança em direção ao âmbito temporal reservado prototipicamente ao PPC (*antepresente*). Uma vez que, com o valor de *antepresente*, deixa-se-ia de marcar o traço aspectual da forma composta e as duas formas passam a expressar o mesmo *tempus*, poderia se pensar em uma variável do valor de *antepresente* constituída pelas duas variantes: PPS e PPC.

12 Mais uma vez, lembramos que essas indagações não podem ser respondidas com toda a certeza devido a que nossos objetivos nos conduziram ao encontro de outros dados. Não obstante, com o avançar dos estudos, esperamos que um trabalho posterior possa encontrar uma resposta para o questionamento.

isso implica conceber o uso da forma composta como um fato linguístico real e recorrente, cujo uso dá-se em situações próprias, isso é, quando se quer expressar que uma situação terminada exerce alguma relevância no momento de fala. Semelhantemente aos dados fornecidos por nossa análise do *corpus*, os trabalhos que nos antecederam acusam o uso do PPC com valor de *antepresente*, *passado imediato*, *resultado* e *persistência*. Por nossa parte, encontramos também um uso da forma composta expressando *antepretérito* – como já comentamos previamente.

Finalmente, o confronto com os estudos sobre o uso do *pretérito perfecto compuesto* na região noroeste¹³ também nos mostra uma aproximação muito significativa com os dados do Quadro 23. Desse modo, além do alto índice de ocorrências da forma composta, observaram-se também os valores de *antepresente*, *passado imediato*, *resultado*, *experencial*, *persistência* e *passado absoluto*. Novamente, ficou a nosso cargo a primeira referência, dentre os trabalhos analisados, ao uso do PPC com valor de *antepretérito* na região noroeste.

Não foi possível realizar o mesmo procedimento contrastivo com os dados das regiões nordeste e central por não encontramos estudos que se dedicaram às zonas em questão. Por outro lado, essa carência reforça ainda mais a relevância deste trabalho, haja vista que contribuirá para uma primeira aproximação ao estudo do uso do *perfecto compuesto* nas respectivas regiões da Argentina. Desse modo, esperamos ter contribuído com dados tão fidedignos que, tal qual realizamos com as demais regiões, possam ser referendados em estudos posteriores.

Sobre a forma como as pesquisas procedem ao estudo do *pretérito perfecto compuesto*, verificamos, de modo geral, uma predileção pelo confronto com a forma simples. No entanto, verificam-se dois modos de conceber essa relação com o PPS. Enquanto uma perspectiva defende que ambas as formas são variantes – isso é, possuem o mesmo valor e, por isso, constituem uma variável na expressão de qualquer eventualidade pretérita –, outra postura assegura-nos que elas não compõem uma variável, haja vista que cada uma das formas tem um

13 Fundamentalmente aqueles que se ativeram à província de San Miguel de Tucumán, de onde obtivemos os enunciados do *corpus* que elaboramos.

valor e contexto linguístico próprios de uso. A partir da observação das formas verbais nos enunciados abaixo, vejamos como essas duas abordagens entendem o uso do *pretérito perfecto compuesto*.

78. <ANTEPRESENTE> [...] *hacia mucho que el conjunto del parque no empezaba tan bien una temporada. Y se recordamos este partido, que esta semana ha sido demasiada tranquila, de cara el partido con Gimnasia Esgrima y Jujuy. La última vez que enfrentó Independiente a Gimnasia de Grima en su cancha... eh.... fue el último partido de... de Claudio Úgueda.* <MDZ, 07, Gr 02>.

79. <PASSADO ABSOLUTO> *Sí, sí, la verdad que hay mucha expectativa, es decir, con alegría hemos jugado ya dos partidos del [superseis] que se realizó allí en en nueve de Julio, en Río Tercero, y un amistoso eh... unos días atrás en en... en Oncativo [...].* <COR, 36, Gr 03>.

A primeira postura – de neutralização dos valores – é defendida, entre outros, por Gili Gaya (1970), RAE (1986), Donni de Mirande (1992), Torrego (2002), Alarcos Llorach (2005). Conforme o modo de ver desse grupo de autores, tanto o PPC (“*ha sido*”) como o PPS (“*enfrentó*”), no fragmento 78, apresentariam uma equivalência nas informações aportadas pelo traço de *tempus* e pelo traço de aspecto, de modo que, no que diz respeito estritamente a seu valor semântico, ambas formas verbo-temporais poderiam ser intercambiadas sem que houvesse prejuízo do sentido original do enunciado. Inseridos na mesma perspectiva de abordagem do PPC, há trabalhos (Vidal de Battini, 1964; Lamiquiz Ibañez, 1969; Donni de Mirande, 1997; Oliveira, 2007) que, além da equivalência semântica, acusam uma preferência pelo uso da forma simples em detrimento da composta na Argentina. Comportamento que nos levaria a pensar que a expressão do sentido veiculado pela forma composta “*ha sido*”, seria mais recorrentemente verificada por meio do uso da forma simples (*fue*).

Por outro lado, Moreno de Albagli (1998), Company Company (2002), Jara (2009) e Álvarez Garriga (2009; 2010), entre outros, defendem uma postura mais cautelosa em relação à asseveração de que as duas formas são equivalentes semanticamente. De modo prático,

a opção pelo emprego de uma ou outra forma do *pretérito perfecto* no fragmento 78, implicaria, sob a perspectiva dessas autoras, uma evidente alteração no sentido do enunciado.

Isso porque a conjugação do verbo *ser* na forma do PPC expressa que tanto o ME como o MF ocorrem em uma mesma envoltura temporal (“*esta semana*”) – ou seja, veicula o sentido de *antepresente*. Além do mais, por se preocupar com aquilo que resulta do término de uma situação pretérita, o aspecto *perfecto* – existente no PPC – enfatiza a relevância presente do estado descrito (“*ha sido*”). Assim, contempla-se, no momento de fala, um estado resultante da tranquilidade da semana, o qual permite afirmar que “[...] *hacía mucho que el conjunto del parque no empezaba tan bien una temporada*”.

Por outro lado, o uso da forma simples, na continuação do fragmento 78, distancia o evento descrito (“*enfrentó*”) da enunciação (MF), já que o envolve em um âmbito anterior à perspectiva que abarca o ato de fala. Trata-se, portanto, da expressão do *tempus pasado absoluto* (0-V/ ME,MR-MF). Em síntese, ao considerar os diferentes valores expressos pelas duas formas, conseguimos visualizar um contraste entre duas situações pretéritas: uma (“*enfrentó*”) que é anterior e que não determina a situação vigente no momento de fala e outra (“*he sido*”) que se relaciona diretamente com a situação atual, colaborando, inclusive, para que se afirme a esperança de uma boa temporada.

Direcionando nossa atenção ao enunciado 79 e aplicando-lhe as duas perspectivas de análise, observaremos, primeiramente, que tanto a forma composta (“*hemos jugado*”) como a simples (“*realizó*”) parece apresentar uma mesma concepção do *tempus*, isso é, ambas descrevem uma situação (ME) que ocorreu em um âmbito temporal anterior (“*unos días atrás*”) ao âmbito temporal que envolve a enunciação (MF). De modo mais objetivo, tanto o PPS como o PPC possuem o valor de *passado absoluto* (0-V/ME,MR-ME). Aparentemente, fundamenta-se nesse compartilhamento do traço de *tempus* a afirmação de que as formas do *pretérito perfecto* também são variantes de uma variável nesse contexto – desta vez porque a forma composta amplia sua concepção de *tempus* de modo a envolver também o âmbito antes reservado unicamente à forma simples.

Não obstante, uma abordagem que avalie a possibilidade de essas formas não serem variantes encontrará, mais uma vez, no aspecto o ponto *chave* para a diferenciação das formas. Isso é assim porque o aspecto *perfeito*, presente em “*hemos jugado*”, diferencia a forma composta da simples (“*realizó*”). Mais especificamente, com o uso da forma composta marca-se a relevância presente de uma ação pretérita (*jugar*), criando, no momento de enunciação do fragmento 79, uma atmosfera de “*mucha expectativa*”. Por outro lado, a forma simples “*realizó*” pouco contribui para essa realidade descrita no MF do enunciado 79. Isso porque o aspecto *perfectivo*, presente no PPS, fixa-se na observação do momento final do evento pretérito (*realizar*), despreocupando-se em apresentar a relação direta que essa situação guarda com o ato de fala.

Feita a apresentação das maneiras de proceder ao estudo da forma composta, alertamos que não visamos, por ora, tornar-nos partidário de uma ou outra perspectiva. Nossa intenção é, portanto, traçar caminhos para futuras investigações. Não obstante, apressando-nos numa reflexão que deverá se consolidar futuramente, questionamo-nos se a abordagem que verifica a neutralização da diferença de significado existente entre o PPC e o PPS orienta-se, de fato, pelo conceito de variável linguística¹⁴ postulado pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Labov, 2008; Weinreich et al., 2006). Nossa dúvida se deve fundamentalmente à opção metodológica adotada por alguns trabalhos que observamos. Isso porque, neles, se estabelece uma comparação direta entre as duas formas do *pretérito perfecto*, como se elas apresentassem exatamente o(s) mesmo(s) valor(es).

O que a observação do uso efetivo nos demonstra, no entanto, é um comportamento polissêmico da forma composta, expressando inclusive valores não previstos para a forma simples.¹⁵ Assim, se, de fato, há diferenças nos valores veiculados por essas formas, cremos ser

14 Conforme já discutimos no Capítulo 1, por *variável* entendemos um conjunto de diferentes formas (variantes) que compartilham um mesmo valor semântico.

15 Fundamentalmente no que tange à expressão da relevância presente de uma ação pretérita.

fundamental, antes de qualquer comparação entre o PPC e o PPS, proporcionar uma sistematização criteriosa dos valores que elas possuem. Uma vez concluída essa etapa, deveremos nos deparar com um nível de informação indispensável para dar início à busca de situações em que tanto o PPS como o PPC apresentam o mesmo valor linguístico e que, por isso, podem estar em variação.

Em síntese, o questionamento que fazemos da postura que considera as duas formas do *pretérito perfecto* como uma variável decorre da aparente falta de rigor metodológico em associar, de modo aleatório, todos os valores que compõem os usos do PPC¹⁶ aos valores do PPS.¹⁷ A nosso ver, uma avaliação que procure comprovar a existência de variação entre essas formas deverá se operar somente entre as situações de uso que expressam o mesmo valor. Ademais, uma vez conhecidos os valores atribuídos ao *pretérito perfecto*, podemos perceber que a forma composta apresenta traços verificáveis também em outras formas verbais, tal como no *pretérito pluscuamperfecto* (Gutiérrez Araus, 1995; 2001; Ferrer; Sánchez Lanza, 2000) e no *presente* do indicativo (Kany, 1969). Podendo, portanto, estabelecer, eventualmente, uma relação de variação também com estas formas verbais.

Tendo em vista essas indagações, justifica-se, mais uma vez, a importância de um trabalho como o que levamos a cabo, isso porque somente a partir do conhecimento dos valores, de fato, atribuídos à forma composta será possível estabelecer padrões de comparação com outras formas verbais.

Retomando o segundo modo de proceder ao estudo do PPC, a observação dos dados fornecidos pelo *corpus* que compilamos (Quadro 23) e as descrições feitas por Company Company (2002), Moreno de Alba (2000) e Jara (2009) sobre o uso do PPC em algumas variedades do espanhol americano mostram-nos um importante dado que pode

16 Que, conforme nosso estudo, apresenta pelo menos oito valores possíveis.

17 Como percebemos no desenvolvimento do estudo, não alcançamos a sistematização efetiva do uso da forma simples, em grande parte, porque sua descrição não constituía nosso objetivo de estudo. Além disso, tendo em vista o que afirma Rodríguez Louro (2008), consideramos que o PPS não se trata de uma forma tão polissêmica e variante como é o PPC.

ser usado em favor da postura que defende um uso próprio do *perfecto compuesto*. Para citarmos somente um desses autores, Company Company (2002) explica-nos que no espanhol mexicano, dentre os muitos valores previstos para o PPC, nota-se uma preferência pelos “valores de tipo aspectivo, isso é, não de *tempus*”.¹⁸

Nessa mesma direção, a observação de nossos dados revela-nos que o valor *resultativo* – cujo traço aspectual de *perfecto* é marcado – corresponde a mais de 41% do total de casos observado em todo o país, estando presente entre os usos mais recorrentes em todas as regiões. Além disso, outros valores que possuem uma melhor compreensão a partir da análise do aspecto *perfecto* compõem também a lista dos usos mais recorrentes, esse é o caso, por exemplo, do valor de *persistência* e de *passado absoluto*. Desse modo, parece-nos que, igualmente para a Argentina, a observação do traço aspectual mostra-se não só relevante, mas também determinante para o estudo do PPC.

Contribuições à dialetologia argentina

A fim de alcançarmos o término do capítulo destinado à exposição de nossa análise do PPC no contexto argentino, falta-nos ainda refletir sobre a contribuição deste estudo para a dialetologia argentina. Para tanto, precisamos recuperar as informações descritas no início deste capítulo, segundo as quais, verificamos, *grosso modo*, três comportamentos da forma composta sob o ponto de vista quantitativo:

(I) mais de 52% das ocorrências dão-se nas regiões noroeste e central (76 (24,6%) e 86 (27,8%) casos, respectivamente);

(II) juntas, as regiões bonaerense (20/ 6,4%), patagônica (23/ 7,4%), nordeste (29/ 9,3%) e do litoral (30/ 9,7%) apresentam somente 33% do total de casos encontrados. Em outros termos, o uso do PPC em cada região não alcança os 10% da totalidade dos dados encontrados no país;

(III) os dados da zona metropolitana de Mendoza – região cuyana

18 “[...] valores de tipo aspectivo, es decir no temporales” (Company Company, 2002, p.60).

– correspondem a quase 15% do total de casos. Assim, pareceu-nos haver uma recorrência intermediária em relação à produtividade acusada pelos dois contextos anteriores.

Aliado ao comportamento quantitativo, uma análise qualitativa mostra-nos que esses três blocos também compartilham algumas características no que diz respeito à distribuição dos valores atribuídos ao PPC. Tanto é assim que verificamos:

(I) nas regiões central e noroeste a ocorrência de todos os valores observados alguma vez no país¹⁹;

(II) nas regiões bonaerense, patagônica, nordeste e do litoral a ausência de pelo menos um dos sete valores observáveis em outras regiões. Em especial, nota-se uma maior afinidade entre as regiões bonaerense e litorânea, já que os *subcorpora* de ambas as áreas coincidem em não apresentar os valores de *antepresente*, *passado imediato* e *antepretérito*. Sobre os valores mais recorrentes, figura em todas as regiões o valor de *resultado* na primeira posição. Além disso, encontramos novamente um ponto de equivalência entre a zona bonaerense e litorânea, pois alocam o valor de *passado absoluto* na terceira posição dentre os usos mais recorrentes. Há de destacar também que a região patagônica aproxima-se do comportamento verificado nas regiões bonaerense e do litoral quando observamos os valores de *antepresente* e *passado absoluto*;

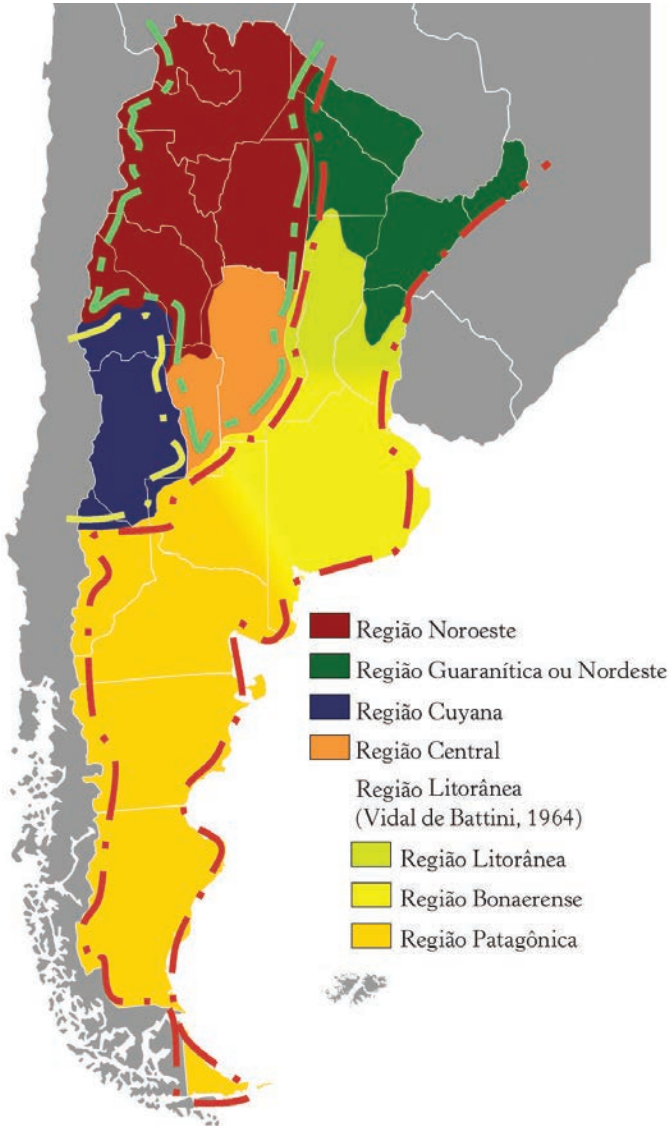
(III) no *subcorpora* da região cuyana a ausência do valor de *passado absoluto* – verificado em todas as demais regiões. Por outro lado, o índice dos valores mais recorrentes segue a mesma tendência da ordem observada na totalidade do *corpus* de análise. Isso significa que verificam-se os valores de *resultado*, *experiência* e *persistência* ocupando, respectivamente, o primeiro, segundo e terceiro lugares entre os casos mais recorrentes.

19 Uma vez que não encontramos qualquer ocorrência do valor *prospectivo*, não o consideramos nas asseverações que fizemos a seguir.

Antes de associarmos essas informações ao estudo da dialetologia argentina, precisamos nos recordar do conceito de isoglossa e sua relevância para a delimitação das regiões dialetais. Conforme vimos no segundo capítulo, *isoglossa* é uma linha imaginária que marca a abrangência territorial de um traço linguístico e de seu comportamento. Quando aliadas a outras isoglossas, formam um feixe e viabilizam uma delimitação dialetal fundamentada em aspectos linguísticos. Desse modo, se assumirmos que o estudo que fizemos sobre o *pretérito perfecto compuesto* possibilitou-nos demarcar a isoglossa que nos explicita a abrangência espacial do comportamento do PPC, aceitaremos que, eventualmente, essa informação poderá contribuir para reforçar ou reavaliar as propostas de delimitação das regiões dialetais no país.

Com esse objetivo, o Mapa 3 mostra a extensão territorial dos três grupos que se mostraram detentores de uma norma semelhante de uso do PPC. A isoglossa em cor verde mostra a abrangência territorial do comportamento I, a de cor vermelha do comportamento II e, finalmente, o comportamento III está representado pela isoglossa amarela.²⁰

20 Não podemos desconsiderar que o perímetro das regiões que figuram no Mapa 3 apresenta algum grau de generalização. Isso porque, ao nos orientarmos pela proposta de divisão dialetal feita por Fontanella de Weinberg (2004), pressupomos a existência de uma norma linguística relativamente comum empregada em cada uma das sete regiões dialetais postuladas, de modo que generalizamos os dados coletados em uma única cidade de cada região aos demais municípios envolvidos pelo perímetro total da zona. Não obstante, recordamos também que a escolha da cidade representante não foi aleatória, mas respeitou o princípio da irradiação linguística (Coseriu, 1977), segundo o qual uma cidade de maior importância social, cultural, política, econômica e administrativa serve, muitas vezes, de modelo linguístico para as demais comunidades circundantes.

Mapa 3 – Da isoglossa do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dialectos_del_idioma_español_en_Argentina.png>

Procurando associar as informações suscitadas em nosso estudo (sintetizadas no Mapa 3) com toda a apresentação que fizemos das principais propostas de divisão dialetal para América e a Argentina, verificamos que a observação do PPC mostra, por si só, a impossibilidade de sustentar a hipótese de homogeneidade linguística para Argentina – tal qual defendem Henríquez Ureña (1976) e Cahuzac (1980). Por outro lado, as abordagens mais atentas – como as que sustentam Rona (1964), Vidal de Battini (1964) e Fontanella de Weinberg (2004), com 6, 5 e 7 regiões dialetais, respectivamente – mostram-se igualmente injustificáveis diante da observação dos três comportamentos do *pre-térito perfecto compuesto* no país.

Na mesma direção, nossos dados também não se mostram plenamente de acordo com a bipartição postulada por Zamora e Guitart (1988) e Montes Giraldo (1987) – de algum modo, veiculadores da questionável dicotomização²¹ da análise do uso do PPC no país. No entanto, fixando-nos mais atentamente à proposta de bipartição dialetal de Montes Giraldo (1987), observamos uma preocupação em considerar *todo* espaço onde se fala o espanhol, identificando-o ora à variedade empregada na macrorregião mediterrânea,²² ora na macrorregião litorânea.²³

Como observamos em dado momento, Fontanella de Weinberg (2004) insere as regiões argentinas chamadas por ela de noroeste, central e cuyo na macrorregião mediterrânea e as regiões bonaerense, litorânea e patagônica na macrorregião litorânea. Ainda segundo essa autora, a região nordeste do país deveria ser considerada à parte. No entanto, nossa análise do *corpus* parece indicar que, quando se trata da análise do PPC, as sete regiões propostas por Fontanella de Weinberg (2004) devem ser associadas à proposta de Montes Giraldo (1987) de modo diferente. Isso porque, tal como conferimos no Mapa 3, a macrorregião litorânea – representada pela isoglossa vermelha – abar-

21 Dicotomização que envolve colocar Buenos Aires em oposição à região noroeste, desprezando tudo que vá além disso.

22 Segundo o autor, corresponde às terras altas e interioranas.

23 Segundo o autor, corresponde às terras baixas, costeiras e ribeirinhas.

caria quatro regiões: bonaerense, patagônica, nordeste e do litoral, ao passo que a macrorregião mediterrânea – representada pela isoglossa verde – envolveria duas regiões: noroeste e central. Desse modo, ainda haveria a necessidade de considerarmos uma região separadamente; porém, quando se trata do PPC, essa região seria a cuyana – e não mais a nordeste.

Antes de prosseguirmos em nossas considerações, vale a pena reafirmarmos que não esperamos com esse rápido estudo propor uma nova divisão dialetal para o país – já que isso exigiria considerar um estudo que fornecesse um feixe de isoglossas. Nosso interesse consistiu somente em avaliar se o padrão de uso dialetal apontado pelo estudo do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina corrobora alguma proposta vigente ou se, ao menos, assemelha-se a alguma delas. Quando muito, este estudo servirá também para o tracejado de uma isoglossa útil na eventual delimitação futura do país.

Seguindo na exploração do Mapa 3, seus dados, curiosamente, possibilitam-nos dialogar também com os processos de colonização da Argentina. Segundo Vidal de Battini (1964) e Lipski (1994), “a colonização da Argentina foi levada a cabo a partir de três pontos diferentes, dos quais cada um pressupôs diferentes formas de contato e posterior evolução linguística” (Lipski, 1994, p.184).²⁴

A primeira delas decorre de expedições vindas diretas da Espanha e que, em 1536, chegam à zona que mais tarde seria conhecida como Buenos Aires. Por razões de conflitos com nativos, esses primeiros colonizadores são expulsos e vão em direção ao nordeste do país, fixando-se em Asunción (Paraguai). Anos mais tarde, regressam ao delta del plata e, em 1580, dá-se por fundada Buenos Aires. Nesse ir e vir, traça-se uma primeira rota entre o que hoje chamamos regiões noroeste, litorânea e bonaerense. Se adiantarmos a história, contemplaremos, no século XVIII, uma suntuosa cidade próxima a se tornar sede do *virreinato del Río de la Plata* (1776) devido à nova rota criada entre Europa e o cone sul da América. Foi esse desenvolvimento econômico

24 “[...] la colonización de Argentina se llevó a cabo desde tres puntos distintos, cada uno de los cuales supuso diferentes formas de contacto y posterior evolución lingüística.”

e administrativo local que motivou o envio – a partir de Buenos Aires – de expedições de colonização aos Pampas e à Patagônia argentina. Assim, anexa-se à zona de influência social e linguística de Buenos Aires a atualmente conhecida região patagônica.

A comparação entre a história do país e as informações do Mapa 3 mostra-nos, portanto, uma possível justificativa para o comportamento II²⁵ do *pretérito perfecto compuesto*, no qual verificamos a macrorregião litorânea envolvendo quatro regiões²⁶ sob forte interferência política, econômica, social e linguística de Buenos Aires. Em outras palavras, a observação do comportamento do PPC parece mostrar que, desde sua instituição, Buenos Aires vem servindo de referencial linguístico, senão para todo o país, como afirma Rojas Mayer (2001), ao menos para a macrorregião litorânea da Argentina.

Ainda segundo Vidal de Battini (1964) e Lipski (1994), uma segunda corrente migratória da Argentina teria sido constituída entre zonas de exploração do minério de prata (Peru e Bolívia) e áreas que possibilitassem a escoação do produto de maneira clandestina. Desse modo, os traficantes do minério deixavam as rotas oficiais, e passavam a enviar o produto para um mercado paralelo via zona que mais tarde seria oficializada e conhecida como Buenos Aires. Como consequência, nota-se, nesse período, um crescimento demográfico das áreas mais a noroeste do país e a fundação das primeiras cidades argentinas (Santiago del Estero, 1553; San Miguel de Tucumán, 1565; Córdoba, 1573; Salta, 1582; San Salvador de Jujuy, 1593). Conforme explica-nos Lipski (1994), a colonização dessa área foi realizada por pequenos camponeses e comerciantes espanhóis, o que contribuiu para a constituição de uma variedade do espanhol considerada, desde o início, rústica e menos elitizada. Soma-se às características desse processo migratório a forte presença da cultura quéchua. Em confronto com os dados suscitados com a análise do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina, verificamos, no Mapa 3, que o comportamento I (em verde) coincide com

25 Isoglossa em vermelho.

26 São as regiões bonaerense, litorânea, noroeste e patagônica as que compõem o comportamento II, da macrorregião litorânea.

esse processo de colonização. É pertinente observarmos que estudos sobre o PPC nas regiões andinas do Peru e Bolívia (Howe; Schwenter, 2003; Kany, 1969; Gutiérrez Araus, 2001; Jara, 2009) indicam uma semelhança com o comportamento que encontramos para o PPC na macrorregião mediterrânea da Argentina, haja vista que também mostram uma maior recorrência da forma composta, inclusive com o valor de *passado absoluto*.

Finalmente, o terceiro processo de colonização no país originase no Chile e envolve a região de Cuyo. Fundadas em 1561 e 1562, Mendoza e San Juan, respectivamente, pertenceram ao país vizinho até que se instaurasse o *virreinato del Río de la Plata*, em 1776. Devido à aproximação da capital chilena, Lipski (1994) explica-nos que essa região vive ainda hoje sob forte influência da variedade empregada em Santiago, sem deixar de sofrer, por outro lado, forte interferência de Buenos Aires, centro irradiador da norma mais prestigiada na Argentina. Como acusam os dados do Quadro 23 e do Mapa 3, a atual região cuyana coincide com esse terceiro processo de colonização e apresenta um uso do PPC com algumas diferenças dos demais usos na Argentina; no entanto, como nos faltam informação precisas sobre o uso do PPC no Chile, não podemos afirmar qualquer aproximação com o país vizinho.

Antes de passarmos às considerações finais deste livro, não podemos deixar de salientar que a associação que fazemos entre os comportamentos do PPC e o processo de colonização da Argentina não pretende, por hora, justificar o cenário do uso do PPC que encontramos no país. Mas, visamos apenas indicar uma aparente coincidência que, somente após comprovação sob uma análise diacrônica, poderia justificar, de fato, as razões para o atual uso da forma temporal que temos discutido. Finalmente, devemos ter muito claro que todas as informações aqui apresentadas são relativas à observação de um *corpus* constituído por entrevistas radiofônicas que envolveram falantes cuja origem e permanência está firmada em uma importante cidade de cada uma das sete regiões dialetais que consideramos no início desse trabalho. Por isso, qualquer afirmação que vá além desse âmbito metodológico, corre o risco de estar equivocada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretização deste estudo possibilitou-nos conferir, a partir da análise do uso efetivo da língua espanhola na Argentina, que a forma composta do *pretérito perfecto* possui um comportamento polissêmico, tanto é assim que a observação de sua manifestação no *corpus* compilado mostrou-nos ser possível encontrar, pelo menos, sete valores associando-se a ela. Além de descrever os valores que lhe são atribuídos, nosso estudo procurou analisar os trabalhos já existentes sobre o *pretérito perfecto compuesto*, a fim de identificar em que medida eles dialogam com a realidade que é encontrada no contexto argentino – corroborando ou refutando, deste modo, nossos dados. A preocupação com o caráter dialetal que possuem os dados foi também outra marca que caracterizou nosso estudo, tanto é assim que buscamos apoio na Dialectologia para descrevermos o comportamento do PPC tendo em vista sua distribuição no território Argentino.

Até que chegássemos à situação presente, fez-se necessário passar por discussões sobre diferentes temas cuja contribuição julgamos singular. Assim, no Capítulo 1 – “O homem e a língua: uma coexistência em permanente construção” –, esboçamos a visão de linguagem que permeou nosso estudo. Segundo essa perspectiva, a língua deve ser concebida numa intrínseca e necessária relação com o homem e sua comunidade de fala, de modo a evidenciar e justificar o porquê de

considerá-la como um fato heterogêneo. Ainda dentro desse cenário, apresentamos as noções de variação, mudança e norma linguísticas, a fim de, mais tarde, descrevermos a situação de uso do PPC nas regiões dialetais Argentinas.

No Capítulo 2, “A dialetologia hispânica: o âmbito espacial da variação linguística”, dirigimos nossa atenção à preocupação que a análise linguística tem com o aspecto espacial, o qual, segundo explicou-nos Caravedo (1998; 2004), é tido com um dos âmbitos mais evidentes da heterogeneidade linguística. Relacionando o espaço geográfico à visão social da linguagem, o autor mostrou-nos também que uma língua, graças a seu caráter social, está localizada em um espaço determinado da mesma maneira que seus falantes, de modo que quando fazemos referência a uma manifestação da língua, necessariamente pressupomos o assentamento geográfico do enunciador e de seu entorno social. Dessa maneira, o espaço passa a ser compreendido também como uma variável no estudo da heterogeneidade linguística, tanto é assim que, como nos mostrou o comportamento do PPC na Argentina, há zonas do país que apresentam características de uso diferentes de outras.

A fim de nos aprofundarmos um pouco mais nessa percepção integradora entre a língua e o espaço, buscamos uma maior fundamentação teórica nos pressupostos da Dialetologia. Disciplina que nos explicou que o conceito de dialeto deve ser entendido como um subsistema funcional de caráter mais concreto que, por sua vez, aloca-se em um sistema maior e mais abstrato que é a própria língua histórica. Dessa maneira, afastamo-nos da concepção de dialeto frequentemente difundida pelo senso comum, segundo a qual se atribui uma carga negativa ao termo, tratando-o como uma alusão pejorativa a uma língua menor, que, de tão desprestigiada socialmente, sequer desfrutaria do *status* de língua histórica.

Finalmente, verificamos como a Dialetologia hispano-americana e a argentina, mais especificamente, descrevem a manifestação da língua espanhola no país. A partir desse estudo, assentamos as bases para a seleção das regiões e as respectivas cidades que nos forneceram os enunciados que compuseram o *corpus* de análise. Aliado a essa função, a exposição das propostas de divisão dialetal serviu-nos tam-

bém para refletir sobre como as conclusões advindas da observação do PPC poderiam refutar ou corroborar cada um dos sete postulados apresentados. Nessa análise final, consideramos que o estudo do PPC possibilitou-nos traçar uma isoglossa – isto é, uma linha imaginária que indica-nos o perímetro da área onde dado fenômeno ocorre – que, mediante o estudo de outros fenômenos no país, poderá eventualmente auxiliar na elaboração de uma nova proposta de divisão dialetal para a Argentina.

Por sua vez, o Capítulo 3 “Temporalidade e aspectualidade: um olhar atento ao sistema da língua espanhola” facultou-nos a compreensão de algumas das principais categorias que se associam à forma verbal na expressão do seu valor. Assim, verificamos como a língua concebe a temporalidade a partir da observação do *tempus* – cuja manifestação temporal surge e se orienta tendo em vista o momento da enunciação. Os postulados de Reichenbach (2004) e de Rojo (1974; 1990; Rojo; Veiga, 1999) auxiliaram-nos na compreensão dessa primeira categoria e de como ela se realiza na língua espanhola. Sobre a aspectualidade, a partir de Elena de Miguel, pudemos observar que se trata de uma categoria composicional, isso é, constituída a partir da interação de diferentes unidades da língua (advérbios, base verbal, morfema flexional, sujeito, complemento verbal, entre outros). Procurando proceder ao estudo de algumas dessas unidades, exploramos mais atentamente o aspecto gramatical e o modo de ação (aspecto lexical), avaliando como se compõem na língua espanhola e que valor aportam aos enunciados.

A partir do Capítulo 4, “O *pretérito perfecto compuesto* e a Argentina: margeando o fenômeno”, aproximamos efetivamente o estudo ao objetivo fundamental deste trabalho. Desse modo, iniciamos pela apresentação e sistematização – tendo em vista as reflexões desenvolvidas no capítulo anterior – dos valores atribuídos ao PPC pelos estudos mais consagrados sobre o assunto. A segunda parte desse capítulo foi destinado a relatar o estado da arte dos estudos destinados ao *pretérito perfecto compuesto* no mundo hispânico, com fundamental preocupação com os estudos destinados à observação do fenômeno na Argentina. As informações oriundas dessa discussão foram-nos úteis para confirmar grande parte dos dados qualitativos que obtivemos, ao mesmo tempo

em que demonstraram a carência de estudos consistentes sobre as regiões central, noroeste e nordeste do país. Por fim, dedicamos ainda um espaço para apresentar e justificar as escolhas metodológicas que fizemos no processo de compilação do *corpus*.

O último capítulo desse livro concentrou a resposta para o anseio apresentado desde o início de nossos trabalhos, “Os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais da Argentina”. Dessa maneira, a discussão sustentada mostrou-nos que, no país, há um uso relativamente heterogêneo da forma composta, isso é, dentre os oito valores aferidos no capítulo anterior, sete foram verificados na Argentina, havendo uma recorrência de uso diferente conforme as regiões observadas. Além de descrever os valores do PPC, a forma como conduzimos os estudos possibilitou-nos observar que os resultados apontados por nossa análise estão relativamente de acordo com as pesquisas sobre o PPC levadas a cabo na Argentina. Em especial, seguindo a postura de Company Company (2002), Moreno de Alba (2000) e Jara (2009), verificamos na Argentina, de modo geral, o uso do *perfecto compuesto* com o traço aspectual de *perfecto* marcado.

Tendo em vista as contribuições da Dialectologia e dos postulados de divisão dialetal da Argentina, verificamos que o estudo do PPC no país possibilitou-nos o tracejado de uma isoglossa que avalia a pertinência destes postulados, pelo menos, para a observação da forma composta. Isso é assim porque, conforme observamos na discussão realizada nesse capítulo, os padrões de uso do PPC podem ser associados a três macrorregiões – nas quais se verifica um comportamento do PPC relativamente semelhante. Esses dados indicam-nos, por conseguinte, a existência de três normas de uso dialetais do PPC, que não equivalem a nenhum dos sete estudos que fragmentam dialetalmente o país.

Finalmente, essas três macrorregiões mostraram-nos, curiosamente, uma relação direta com o processo de colonização da Argentina – o qual ocorreu em três eixos: (1) Buenos Aires (região bonaerense) em contato com as regiões litorânea, noroeste e patagônica; (2) Regiões nordeste e central em interação com Peru e Bolívia; e (3) a região de Cuyo, sob forte interferência do Chile desde o início de sua colonização.

Com a conclusão dos estudos, conseguimos não só (1) descrever os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* nas regiões dialetais argentinas, mas também (2) romper com as posturas de análise já existentes – segundo as quais haveria uma homogeneização ou uma dicotomização (Buenos Aires *vs.* todo o demais) linguística no uso do PPC; (3) introduzir a observação do uso do PPC nas regiões central, patagônica e noroeste no estado da arte de estudos desse fenômeno; e (4) reavaliar as pesquisas já desenvolvidas sobre o assunto. Além de tudo isso, abrimos (5) precedentes para novas pesquisas sobre a forma verbal, fundamentalmente no que tangencia o (5a) tratamento do PPC e de seu comportamento no ensino de ELE; (5b) a análise contrastiva entre a forma do PPS e do PPC, tendo em vista seus valores particulares; (5c) como a evolução da forma no país justifica a situação atual de uso; (5d) como historicamente os diferentes processos de colonização da Argentina colaboraram para o estado atual do uso do PPC, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ACERO, J. J. Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal. In: BOSQUE, I. (Org.) *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, 1990. p.44-75.
- ALARCOS LLORACH, E. Perfecto simple y compuesto. In: ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1972. p.13-49.
- _____. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2005.
- ALÉONG, S. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.) *Norma Linguística*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2011. p.141-70.
- ALKMIM, T. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. 2v. p.21-4.
- ALMEIDA, M. Perfecto simple y perfecto compuesto en el español de Canarias. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, La Laguna, n.6 e 7, p.69-77, 1987.
- ÁLVAREZ GARRIGA, D. Perfecto Simple y Perfecto Compuesto: Un análisis de su variación en los discursos de asunción a la Presidencia de Néstor Kirchner y Evo Morales. In: COLOQUIO ARGENTINO DE LA IADA: “DIÁLOGO Y DIÁLOGOS”, 4, 2009, La Plata. Universidad Nacional de la Plata, 2009.
- _____. El tiempo de la anécdota, del mate y del perfecto compuesto en la variedad sanjuanina. In: CONGRESO REGIONAL DE LA CÁTEDRA UNESCO EN LECTURA Y ESCRITURA: “CULTURA ESCRITA Y

- POLÍTICAS PEDAGÓGICAS EN LAS SOCIEDADES LATINOAMERICANAS ACTUALES”, 1, 2010, Buenos Aires. Los Polvorines: Universidad Nacional General Sarmiento, 2010.
- ARAUJO, L. S. “*La gramática lo propuso, pero he escuchado...*”: um estudo comparativo sobre o uso dos pretêritos indefinido e perfecto segundo a perspectiva da gramática normativa e a impressão de uso efetivo de hispanofalantes. 2009. 70f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2009.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Madrid: Gredos, 1990.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, M. *Discurso na vida e discurso na arte* (1926). Trad. inédita de Cristovão Tezza do artigo “Discourse in Life and Discourse in Art”, publicado como apêndice in: VOLOSHINOV, V. N. *Freudianism: a marxist critique*. New York: Academic Press, 1976.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, J. B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português*. 2008. 277f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2008.
- BELINE, R. A Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à linguística: objetivos teóricos*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007. 1v. p.121-40.
- BELLO, A. *Análisis ideológico de la conjugación castellana*. Caracas: Plan Cultural Caracas, 1972.
- BELLO, A.; CUERVO R. J. *Gramática de la lengua castellana*. 4.ed. Buenos Aires: ESA, 1954.
- BENNASSAR, B. *La España del siglo de oro*. Barcelona: Crítica, 2004.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006. 2v.
- BERBER SARDINHA, A. P. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. D.E.L.T.A., São Paulo, v.16, p.323-67, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- BORREGO NIETO, J. Norma y normas. In: CASTAÑER, R. M.; ENGUITA, J. M. (Org.) *Archivo de filología aragonesa: in memoriam Manuel Alvar*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2004. 2v., p.1105-18.

- BUSTOS GISBERT, E. Dialectología, sociolingüística y español de América. *DICENCA: Cuadernos de Filología Hispánica*, Madrid, n.13, p.39-64, 2004.
- CAHUZAC, P. La división del español de América en zonas dialectales: solución etnolingüística o semántico-dialectal. *Lingüística Española Actual*, Madrid, v.2, 1980.
- CALLOU, D.; BARBOSA, A.; LOPES, C. O português do Brasil: polarização sociolingüística. In: CARDOSO, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.) *Quinhentos anos de história do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p.259-92.
- CALVET, L. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolingüística: Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. 2v., p.21-47.
- CARAVEDO, R. Dialectología y sociolingüística: propuesta integradora. *La Torre*, Puerto Rico, v 7-8, p.75-87, 1998.
- _____. El espacio en la lingüística de la variación. In: CASTAÑER, R. M.; ENGUITA, J. M. (Org.) *Archivo de filología aragonesa: in memoriam Manuel Alvar*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico. 2004. 2v., p.1119-29.
- CARDOSO, S. A. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARRASCO GUTIÉRREZ, A. Reichenbach y los tiempos verbales del español. *DICENCA Cuadernos de Filología Hispánica*, Madrid, n.12, p.69-86, 1994.
- CARTAGENA, N. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2v. p.2933-75.
- _____. Conservación y variación como factores de divergencia del verbo español en América: Posibilidades y límites de convergencias normativas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/cartagena_n.htm>. Acesso em: 30 out. 2011.
- CHAGAS, P. A mudança linguística In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. 1v. p.141-64.
- CHAMBERS, J. K. Correlations. In: _____. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CLAVE. *Diccionario de uso del español actual*. 8.ed. Madrid: SM, 2006.

- COHEN, D. *El aspecto verbal*. Madrid: Visor libros, 1993.
- COMPANY COMPANY, C. Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español. *DICENDA Cuadernos de Filología Hispánica*. Madrid, v.20, p.39-71, 2002. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo_busqueda=EJEMPLAR&revista_busqueda=417&clave_busqueda=60535>. Acesso em: 28 out. 2011.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993a.
- _____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993b.
- CÓRDOVA ABUNDIS, P. Estudios de la variación en Español. *Revista Función*, Guadalajara, n.25-26, p.211-52, 2002.
- CORÓA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1962.
- _____. Geografía lingüística. In: _____. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977. p.103-58.
- _____. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- _____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Alfal, 1982.
- _____. El español de américa y la unidad del idioma. In: SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1, 1990, Sevilla. Separata del I Simposio de filología iberoamericana. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990. p.43-75.
- CUBO DE SEVERINO, L. El español Cuyano. In: FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (Coord.) *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2.ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. p.207-40.
- DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2v. p.2977-3060.
- DONNI DE MIRANDE, N. E. *El español hablado en Rosario*. Rosario: Universidad del Litoral, 1968.
- _____. Aspectos del español hablado en el la Argentina. *Lingüística Española Actual*, Madrid, v.2, n.2, p.299-346, 1980.
- _____. El sistema verbal en el español de la Argentina: Rasgos de unidad y de diferenciación dialectal. *RFE*, v.72, 1992.
- _____. Acerca de la historia del espanhol en Santa Fe (Argentina). *Anuario de Lingüística Hispánica*, Valladolid, v.12-13, p.269-88, 1997.
- _____. *História del español en Santa Fe del Siglo XVI al siglo XIX*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2004a.
- _____. El español en el Litoral. In: FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (Coord.) *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2.ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004b. p.75-120.

- DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARNEDA, E. S. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*, São Paulo, v.6, p.1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERRER, M. C.; SANCHEZ LANZA, C. *Discurso coloquial: el verbo*. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2000.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. Tempo e temporalização. In: CAGLIARI, L. C. (Org.) *O tempo e a linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p.9-39.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. *El Español de América*. Madrid: Mapfre, 1992.
- _____. (Coord.) *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2.ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004.
- GALEANO, E. *El libro de los abrazos*. 12.ed. Buenos Aires: Catálogo, 2003.
- GARCIA DE DIEGO, V. *Gramática histórica española*. Madrid: Gredos, 1951.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, L. La interpretación temporal de los tiempos compuestos. *Verba: Anuário Gallego de Filología*, Santiago de Compostela, v.22, p.363-96, 1995.
- _____. *El aspecto gramatical en la conjugación*. 2.ed. Madrid: Arco Libros, 2008.
- GILIGAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 9.ed. Barcelona: Bibliograf, 1970.
- GODOI, E. *Aspectos do Aspecto*. 1992. 294f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.
- GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. *Formas temporales del pasado de indicativo*. Madrid: Arco Libros, 1995.
- _____. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdela.lengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/gutierrez_m.htm>. Acesso em: 23 nov. 2008.
- HARRIS, M. The 'past simple' and the present perfect' in Romance. In: HARRIS, M.; NIGEL, V. (Org.) *Studies in the Romance Verb*. Londres: Croom Helm. 1982. p.42-70.

- HENRÍQUEZ UREÑA, P. *Observaciones sobre el español en América y otros estudios filológicos*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1976.
- HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M. La geolingüística: consideraciones sobre la dimensión espacial del lenguaje. *ELUA: Estudios de Lingüística*, Alicante, n.13, p.65-88, 1999.
- HERNÁNDEZ MONTOYA, R. La división del español de América en zonas dialectales, 1995. Disponível em: <http://www.analitica.com/bitbiblio/roberto/zonas_dialectales_america.asp>. Acesso em: 14 mar. 2011.
- HERRERA SANTANA, J.; MEDINA LÓPEZ, J. Perfecto simple/perfecto compuesto: análisis sociolingüístico. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, La Laguna, n.10, p.227-39, 1991.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 1.0. São Paulo: Objetiva, 2000.
- HOWE, C.; SCHWENTER, S. A. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects. *Penn Working Papers in Linguistics*. Pennsylvania, v.9, n.2, p.61-75, 2003.
- HURTADO GONZÁLEZ, S. El perfecto simple y el perfecto compuesto en el español actual: estado de la cuestión. *EPOS*, n.15, p.51-67, 1998.
- JARA, M. El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano. *Signo e Señal*. Buenos Aires, n.20, p.255-81, 2009.
- KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1969.
- KLEIN, H. *Tempus, Aspekt, Aktionsart*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1974.
- KOVACCI, O. *El comentario gramatical: teoría y práctica*. Madrid: Arco Libros, 1992. 2v.
- KUBARTH, H. El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado en Buenos Aires. *Scripta Philologica in Honorem Juan M. Lope Blanch*, Ciudad de México, v.2, p.553-66, 1992.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAMIQUIZ IBAÑEZ, V. El sistema verbal del español actual. *Revista de la Universidad de Madrid: Homenaje a Menéndez Pidal*, Madrid, v.18, p.242-67, 1969.
- LAVANDERA, B. R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- LÁZARO CARRETER, F. *Diccionario de términos filológicos*. 3.ed. Madrid: Gredos, 1968.
- LENZ, R. *La oración y sus partes*. 3.ed. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1935.

- LIPSKI, J. M. *El español de América*. Madrid: Cátedra, 1994.
- LOPE BLANCH, J. M. Sobre el uso del pretérito en el español de México. In: _____. *Estudios sobre el español de México*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p.131-59.
- _____. Lengua y Dialecto/ Gramática y Dialectología. *La Torre: Revista de la Universidad de Puerto Rico*, Puerto Rico, n.7-8, p.41-7, 1998.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B (Org.) *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto. 2006. p.115-31.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade: In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTORELL DE LACONI, S. L. *Estudios sobre el español de la ciudad de Salta*. Salta: Universidad Católica de Salta, 1995. 2v.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003a. p.9-14.
- _____. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003b. p.27-32.
- MONTES GIRALDO, J. J. *Dialectología general e hispanoamericana*. Orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2.ed. Bogotá: ICC, 1987.
- MORENO DE ALBA, J. G. *Valores de las formas verbales en el español de México*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1978.
- _____. *El español en América*. Ciudad de México: FCE, 2000.
- MORENO DE ALBAGLI, N. El español hablado en Mendoza. Alternancia perfecto simple/ perfecto compuesto. In: *Anales del Instituto de Lingüística*. Mendoza, v.18-21, p.41-108, 1998.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros, 2000.
- MÚGICA, N. Acerca de la tensión norma – variación lingüística. Sintaxis, morfología, léxico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v.5, n.9, 2007. Disponível em: <www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=101&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- OLIVEIRA, L. C. A variação diatópica no uso do pretérito perfeito simples e composto na língua espanhola: análise de corpus. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRASE LINGÜÍSTICA, 11º, 2006, Uberlândia. XI Simpósio Nacio-

- nal de Letras e Linguística / I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlm/comet/artigos/Leandra_artigo_SILEL2006.pdf>. Acesso em: 30 out. 2011.
- _____. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- PÉREZ COTTEN, M.; TELLO, N. *La entrevista radial*. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- PÉREZ HERNÁNDEZ, M. C. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. *Estudios de Lingüística del Español*, Barcelona, v.18, p.1-75, 2002. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies18/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- PERI ROSSI, C. *El museo de los esfuerzos inútiles*. Barcelona: Seix Barral, 1983.
- PIETROFORTE, A. V. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p.75-94.
- PIÑERO PIÑERO, G. El uso del perfecto simple y compuesto en combinación con unidades de tiempo que incluyen el *ahora* de la enunciación en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria. *Lingüística Española Actual*, Madrid, v.20, p.109-27, 1998.
- PONTE, A. S. A variação linguística na sala de aula. In: BARROS, C. S. de (Org.) *Espanhol: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. p.157-74.
- PORTUGAL, M.; YUDCHAK, H. *Hacer radio: guía integral*. Buenos Aires: Galerna, 2008.
- POSTIGO DE DE BEDIA, A. M.; DÍAZ DE MARTINEZ, L. C. *Pretéritos perfectos en interacción verbal*. San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 1995a.
- _____. Pretérito perfecto simple y pretérito perfecto compuesto en el español hablado en Jujuy: variación y frecuencia. In: CONGRESO ARGENTINO DE HISPANISTAS, 4, 1995, Mar del Plata. Actas del IV Congreso Argentino de Hispanistas. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 1995b. p.482-5.
- QUESADA PACHECO, M. A. El sistema verbal del español de América: de la temporalidad a la espectralidad. *Español Actual*, Madrid, n.75, p.5-26, 2001.
- RAE. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1986.
- _____. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2009. v.1.
- _____. *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2010.

- _____. *Breve história*. s. d. Disponível em <<http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/voTodosporId/CEDF300E8D943D3FC12571360037CC94?OpenDocument&i=0>>. Acesso em: 5 jan. 2012.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REICHENBACH, H. The tenses of verbs. In: STEVEN, D. (Org.) *Semantics: a reader*. New York: Oxford University Press, 2004. p.526-33.
- RIEMER, N. *Introducing semantics*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- RODRIGUEZ LOURO, C. Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15, 2008, Montevideo. Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL. Montevideo: Alfal, 2008. Disponível em: <http://alfal.easyplanners.info/programa/programaExtendido.php?casillero=612083000&sala_=Sala%20404&dia_=Jueves%2021%20de%20agosto#>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- ROJAS MAYER, E. M. *Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1985.
- _____. La norma hispánica: prejuicios y actitudes de los argentinos en el siglo XX. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/1_la_norma_hispanica/rojas_e.htm>. Acesso em: 9 dez. 2011.
- _____. El español en el Noroeste. In: FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (Coord.) *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2.ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. p.161-87.
- ROJO, G. La temporalidad verbal en español. *Verba: Anuário Gallego de Filología*, Santiago de Compostela, v.1, p.69-149, 1974.
- _____. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I. (Org.) *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, 1990. p.17-43.
- ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal: los tiempos simples. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2v. p.2867-934.
- RONA, J. P. El Problema de la división del español americano en zonas dialectales. In: CONGRESO DE INSTITUCIONES HISPÁNICAS, 1, 1963, Madrid. Presente y futuro de la lengua Española: Actas de la asamblea de filología del I congreso de instituciones hispánicas. Madrid: Instituciones Hispánicas: 1964. p.215-26.

- ROUSSEAU, J. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- SANCHEZ, A. et al. (Org.) *CUMBRE – Corpus Linguístico del Español Contemporáneo – Fundamentos, Metodología, y Aplicaciones*. Madrid: SGEL, 1995.
- SÁNCHEZ LOBATO, J. Una mirada al hablar en el *español* actual (la nivelación del idioma). In: CASTÑER, R. M.; ENGUITA, J. M. (Org.) *Archivo de filología aragonesa: in memoriam Manuel Alvar*. Zaragoza: Intitución Fernando el Católico, 2004. 2v. p.1647-67.
- SANTOS, A. J. O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português. *Littera*, n.10, p.55-74, 1974.
- SANTOS, C. F. *Varição e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires*. 2009. 259f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- SARALEGUI, C. *El español americano: teoría y textos*. Pamplona: Eunsa, 1997.
- SILVEIRA, M. I. M. *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: Edufal, 2005.
- SMITH, C. S. *The parameter of aspect*. 2ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2007.
- _____. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997
- SOSA, M. Todo cambia. J. Numhauser (Compositor). In: _____. *Oro*. S. I.: Universal, 1995.
- SZYMANSKI, H. (Org.) *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.
- TERLERA DE NANNI, I. et al. *El verbo y el adverbio: su uso en Tucumán*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1981.
- TORREGO, L. *Gramática didáctica del español*. 8.ed. Madrid: SM, 2002.
- VELOSO, C. (Compositor). Oração ao tempo. In: _____. *Cinema transcendental*. Rio de Janeiro: Universal, 1979. LP.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Nova York: Cornell University Press, 1967.
- VET, C. The descriptive inadequacy of Reichenbach's tense system: A new proposal. In: SAUSSURE, L.; MOESCHLER, J. et al. *Tense, mood and aspect: theoretical and descriptive issues*. New York: Rodopi, 2007. p.7-26.
- VIDAL DE BATTINI, B. E. *El español de la Argentina: estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias*. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.

- VIRKEL, A. E. *Español hablado en Chubut: Aportes para la definición de un perfil sociolingüístico*. 2000. 280f. Tese (Doutorado em Letras) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid. Valladolid, 2000.
- _____. *Español de la Patagonia: aportes para la definición de un perfil sociolingüístico*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2004.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- WERLICH, E. *Typologie der texte*. München: Fink, 1973.
- ZAMORA, J. C.; GUITART, J. M. *Dialectología hispanoamericana*. Teoría, descripción, historia. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1988.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 42,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

Papel: Offset 75 g/m² (miolo)

Cartão Supremo 250 g/m² (capa)

1ª edição: 2013

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Marcos Keith Takahashi

ISBN 978-85-7983-457-8



CULTURA
ACADÊMICA 
Editora